UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ RALL DARÓ

A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo
avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular

São Paulo

2018

BEATRIZ RALL DARÓ

A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular

Versão corrigida

(Versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-Graduação)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Área de concentração:
Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a Titular Isabel Cristina Gomes

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Daró, Beatriz Rall

A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular / Beatriz Rall Daró; orientador Isabel Cristina Gomes. – São Paulo, 2018.
196 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Avós. 2. Netos. 3. Vínculo. 4. TICs. 5. Psicanálise vincular. I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: Daró, Beatriz Rall

Título: A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof^a Dr^a _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À querida professora e orientadora Isabel, por tudo o que pude aprender durante meu caminho no mestrado, por sua orientação, disponibilidade e parceria ao longo desse caminho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP (processo nº 2016/13849-2), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), também pelo suporte financeiro oferecido para a realização desta pesquisa.

Às queridas professoras Maíra, Sílvia e Beth, que me apresentaram o universo da pesquisa na graduação.

À Maíra e Danielly, pelas valiosas contribuições para a minha pesquisa no Exame de Qualificação. Também à Déa, que pôde oferecer o seu tempo para contribuir.

Ao grupo de orientação do mestrado, pela ajuda pontual quando foi preciso.

À Universidade de São Paulo (USP), por todo o suporte oferecido para a realização desta pesquisa.

Aos velhos amigos Letícia, Taci, Geovanna, Thaís, Julia, Amanda, Paulo, Junior, Renan, Pedro, Maria Fernanda, Mariane, Susan, Laís, Maria Clara, pela companhia, que sempre guardarei no coração.

Aos novos amigos Ana Paula, Letícia, Lala, Marcela, Michelle, Nathi, Anali, Betânia, Bartholomeu, Flávia, Marjorie, Brunella, Tainá e Raquel, que tive a oportunidade de conhecer durante o mestrado e que me proporcionaram enriquecimento e momentos de felicidade.

À querida professora Sandra, sem a qual não teria chegado até aqui, que sempre teve uma abertura incondicional para nós e que é um modelo de inspiração de vida para mim.

À minha terapeuta Ana Bruder, pela companhia neste percurso, ainda que pelos “bastidores”, e pela paciência e apoio desde a minha chegada em São Paulo.

Ao meu tio Fábio e colegas Maria Luiza e Simone, pelo apoio e incentivo à busca pelo conhecimento.

Aos meus pais, Mauro e Vânia, que me ensinaram tanto e por darem “o melhor de si” para nós.
Ao meu irmão André, que sempre me ajudou a encarar a vida com humor.

À toda a minha família, pelo amor e continência que sempre ofereceram.

À Lena e Marcos, meus “segundos pais”, por todo o carinho que cultivaram por mim desde sempre. Aos seus filhos, Agatha e Nicolás, por quem tenho muito carinho também.

Ao Lucas, meu grande e eterno amor, parceiro de pesquisa e companheiro de todas as horas. Também a toda sua família, que sempre me acolheu como parte dela e pela qual tenho grande consideração.

A todos os participantes desta pesquisa, que doaram parte de seu tempo e de suas histórias, permitindo a realização dela.

Por fim, aos meus amados avós, Otto, Lourdes, Lena e Checco, que tive a honra de poder conhecer e conviver até hoje. Também ao vô Osvaldo, avô de coração, com quem infelizmente não tenho mais a alegria de poder estar junto.

O novo sempre despertou perplexidade e resistência.

Sigmund S. Freud (1905[1901]/2006, p. 22)

RESUMO

Daró, B. R. (2018). *A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A contemporaneidade tem como uma de suas principais marcas o excesso de individualismo ou narcisismo. Além disso, traz consigo uma série de transformações nos níveis subjetivo, intersubjetivo, familiar e social, dentre os quais destacamos aqueles sentidos na esfera familiar. O atual avanço tecnocientífico é apontado como um fator de peso nessas transformações, desde o surgimento da televisão até o das mais recentes tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Apesar de haver divergências na literatura, frequentemente a população idosa é apontada como prejudicada por esse avanço tecnológico e considerada excluída digital. Ao mesmo tempo, vivenciamos um aumento dessa população e da expectativa de vida, o que levou também a mudanças na função dos avós na família, numa diversidade de possibilidades. Diferentemente da psicanálise tradicional, que teve como foco as dinâmicas envolvidas entre pais e filhos, a psicanálise vincular, referencial aqui elegido, enfatiza aquelas implicadas na dimensão do “entre”, o que significa uma compreensão sobre a família mais ampla. Investigar se e como a TIC poderia estar influenciando sobre o vínculo avós-netos na atualidade, partindo do pressuposto da transmissão psíquica geracional, foi o objetivo desta pesquisa. Para tanto, foi adotado o método clínico-qualitativo e realizadas entrevistas semidirigidas com quatro duplas de avós idosos e netos adolescentes que apresentassem algum contato virtual entre si, totalizando oito participantes; a forma de análise dos dados seguiu o método de estudo de caso. Os resultados encontrados mostraram que cada dupla fazia um determinado uso da TIC entre si, ainda que tenha havido aspectos em comum entre todas ou algumas delas. A inversão geracional e certa desconfiança na comunicação virtual foram duas constantes; bem como a constatação de que o uso que era feito da tecnologia se relacionava com determinadas características da dinâmica de funcionamento psíquico dos sujeitos, do vínculo entre eles ou mesmo da família. Em três duplas observou-se a geração de um “efeito paradoxal” causado pela interferência da tecnologia, qual seja, o fato de ela propiciar a aproximação entre as partes quando estavam distantes, mas seu afastamento quando estavam juntas, devido ao uso excessivo dela feito pelos netos, que então passavam a dispensar menos atenção aos respectivos avós. Nas duplas entrevistadas, a presença da tecnologia não pareceu comprometer o papel dos avós, uma vez que eles tinham uma posição bastante importante para os seus netos. Para alguns destes últimos, o papel dos avós ainda era visto relativamente a um lugar de saber e de superioridade. Em suma, pôde-se perceber que, em algumas situações, a TIC facilitava o vínculo das duplas e em outras o subtraía, e em outras ainda ela não passava de um mero complemento. Mesmo assim, observou-se que sua influência não tinha mais poder do que o vínculo em si mesmo, este, sim, fator suficiente e determinante para ditar a qualidade da relação da dupla, pelo menos no que se referiu a avós e netos.

Palavras-chave: Avós. Netos. Vínculo. TICs. Psicanálise vincular. Contemporaneidade.

ABSTRACT

Daró, B. R. (2018). *The influence of information and communication technology on the bond grandparents and grandchildren, in the contemporary: a contribution of links psychoanalysis*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Contemporaneity has as one of its main brands the excess of individualism or narcissism. In addition, it brought several transformations on the subjective, intersubjective, family and social levels, among which we highlight those taking place in the family sphere. The current technoscientific progress is key in these transformations, from the beginning of television to the recent information and communication technologies (ICTs). Although literature may differ, often the elderly population is seen as precluded by this technological advance and considered digitally excluded. On the same token, we experienced an increase in this population and a rise in life expectancy, leading to changes in the role of grandparents in the family, in a diversity of possibilities. Unlike traditional psychoanalysis, which focused on the dynamics between parents and children, the links psychoanalysis, referential chosen for this work, emphasizes the dynamics involved in the "between" dimension, implying a broader understanding about the family. The objective of this research was to investigate whether and how ICT could be influencing the link between grandparents and grandchildren in the current generation, based on the theory of the generational psychic transmission. For this purpose, the clinical-qualitative method was applied and semi-structured interviews were done with eight participants, consisting of four pairs of elderly grandparents and their adolescent grandchildren, both having virtual contact between them; the form of data analysis followed the case study method. The results showed that each pair made a particular use of ICT among themselves, although there have been aspects in common among all or some of them. The inversion of generations and a lack of trust in virtual communication were two constants, as well as the finding that the use of technology was related to certain characteristics of the subjects' psychic dynamics, the relation between themselves or even the family. In three of the pairs a "paradoxical effect" was observed, being caused by the interference of technology, as it would bring the parties closer when they were distant, but set them apart when they were together, due to the excessive use of it by the grandchildren, who then paid less attention to their grandparents. For the interviewed pairs, the presence of technology did not seem to jeopardize the role of grandparents, since they held a very important position for their grandchildren. For some of the latter, the role of the grandparents was still seen as one of knowledge and superiority. In short, it was possible to perceive that in some situations ICT facilitated the bonding process between the pairs, while for others it would prejudice it, and even for some it was only a mere complement. Even so, it was noted that their influence had no more power than the bond in itself, factor sufficient and determinant to dictate the quality of the relationship between the pairs, at least when it comes to grandparents and grandchildren.

Keywords: Grandparents. Grandchildren. Bonds. ICTs. Links psychoanalysis. Contemporaneity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	DA PSICANÁLISE TRADICIONAL À PSICANÁLISE VINCULAR: BASES PARA O ENTENDIMENTO RELACIONAL ENTRE AVÓS E NETOS.....	16
2.1	Contribuições para o entendimento da dinâmica entre avós e netos a partir da psicanálise tradicional	17
2.2	Vínculo, família e transmissão: aportes da psicanálise vincular.....	22
3	A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS E A FUNÇÃO DOS AVÓS NA FAMÍLIA A PARTIR DA PSICOLOGIA GERAL E ÁREAS AFINS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	44
4	O QUE OS NOVOS TEMPOS TRAZEM? AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA, GERAÇÃO E OS EFEITOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS SOBRE A SUBJETIVIDADE, SOBRE OS VÍNCULOS E SOBRE AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	56
4.1	Transformações na família ao longo do tempo e o conceito de geração	56
4.2	As novas tecnologias de informação e de comunicação, sua influência sobre a subjetividade e a intersubjetividade humanas e os desdobramentos para as relações intergeracionais ...	64
5	MÉTODO	80
5.1	Objetivos	80
5.2	Hipótese	80
5.3	Justificativa	81
5.4	Fundamentação metodológica.....	82
5.5	Participantes	84
5.6	Procedimento	86
5.7	Materiais e instrumentos	87
5.8	Forma de análise dos resultados.....	87
5.9	Análise dos aspectos éticos	88
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	90
6.1	Carlos e Carol: medo de <i>hackers</i>	90
6.2	Ibrahim e Tobias: “ <i>um paradoxo</i> ”	110
6.3	Laura e Brenda: quantidade ou qualidade?	123
6.4	Estela e Sabrina: “A hora da estrela”	138

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICES	186
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com a dupla.....	187
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos avós	188
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais do adolescente.....	189
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos adolescentes (com 18 anos).....	190
APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aos adolescentes (com menos de 18 anos).....	191
ANEXOS.....	192
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos	193

1 INTRODUÇÃO

Em levantamento realizado pela Anatel, no Brasil já existem mais aparelhos celulares do que habitantes (Época, 2011). Atualmente, 70% do acesso à internet no mundo todo é feito a partir de aparelhos celulares ou *smartphones* (TecMundo, 2017). O termo “*nomofobia*” (do inglês “*no mobile phobia*”, ou “*nomophobia*”) vem sendo utilizado para descrever crises de ansiedade ou pânico derivadas da ausência ou impossibilidade de se comunicar pelo celular ou pela internet (King et al., 2014). Tornou-se uma problemática atual a enorme profusão de informações, que acaba por confundir os indivíduos sobre a sua veracidade, dado que veio a ser denominado “pós-verdade” (Nexo Jornal, 2016). Recentemente, Sophia, “uma” robô com inteligência artificial e autonomia de pensamento foi a primeira a ter cidadania reconhecida em um país, no caso a Arábia Saudita (Correio 24 Horas, 2017). Elon Musk, dono da empresa Tesla, anuncia projeto de fundir a inteligência artificial com a consciência humana (Nexo Jornal, 2017). Novos termos começam a nascer, como “*Homo Zappiens*” (Veen & Vrakking, 2009), “*detox digital*” (Estadão, 2017), “nativo digital” e “imigrante digital” (Prensky, 2001), bem como novas ferramentas e formas de conceber a realidade, a exemplo da questão em torno das moedas virtuais, como o *bitcoin* (Nexo Jornal, 2017).

Em declaração realizada durante o fórum da Escola de Negócios de Stanford, Palihapitiya, ex-alto executivo do “*Facebook*”, afirmou que “os ciclos de retroalimentação de curto prazo impulsionados pela dopamina que criamos estão destruindo o funcionamento da sociedade. Sem discursos civis, sem cooperação, com desinformação, com falsidade”. Ele também problematizou que nosso comportamento está sendo programado sem que nos demos conta (El País, 2017). Ainda sobre essa rede social, chegou-se a colocar que ela teria conseguido a difícil façanha de associar o amortecimento e a alienação, de *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1932/2014), com o controle e a vigilância, de *1984*, de George Orwell (1949/2009) (Taylor, 2018).

Esses são alguns exemplos das repercussões que a tecnologia vem causando para o ser humano nos últimos tempos. Tais exemplos mostram consequências de grande escala, que começam a estremecer os parâmetros e valores que tínhamos estabelecido até então. Mas como pensar seus efeitos em um nível mais micro, ou seja, sobre a subjetividade humana e sobre os vínculos interpessoais?

Passamos por um momento sócio-histórico marcado por valores como beleza, juventude, ordem, racionalidade e individualismo (Bauman, 1998), bem como por uma busca

frenética pelo prazer e perfeição física e psicológica (P. M. R. de Lima, Viana, & Lazzarini, 2011). Ao compasso dessa busca, técnicas e tecnologias surgem na tentativa de suprir essa demanda. Produtos, cosméticos, medicamentos e serviços diversos são vendidos junto com a ilusão de se alcançar a felicidade plena e incondicional.

A sociedade contemporânea se configurou a partir da mudança de pensamentos e valores ao longo do século XX (Hintz, 2001), caracterizada pela emergência do capitalismo, da globalização e da Revolução das Tecnologias de Informação (Nicolaci-da-Costa, 2001). É consenso na literatura a constatação de que o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação¹ causaram e continuam causando impactos para o mundo contemporâneo, em maior grau, para alguns (Maldonado, 2012; Nicolaci-da-Costa, 2002; 2003), e em menor para outros (Alves & Mancebo, 2006). O grande avanço tecnológico fez com que se originasse até mesmo uma área do conhecimento própria para investigar suas consequências sobre o humano: a cibercultura (Rüdiger, 2013).

Diversas pesquisas costumam apontar para a população idosa como a principal prejudicada pelo desenvolvimento tecnológico, por ser considerada inábil e despreparada para o seu uso (Loges & Jung, 2001; Sourbati, 2004; Olphert et al., 2006). Ao mesmo tempo, como parte dos fenômenos contemporâneos, a população de idosos vem aumentando nos últimos anos no Brasil, de acordo com estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2013. Não só o número de idosos vem aumentando, como a população vem ficando mais velha também, o que significa maior expectativa de vida (IBGE, 2010).

Esse fenômeno demográfico traz consequências sociais, econômicas, políticas, afetivas e de saúde pública. A diminuição da população economicamente ativa, o maior dispêndio econômico com aposentadoria para idosos, o aumento do número de idosos institucionalizados, os cuidados médicos exigidos e gastos em saúde pública são apenas alguns exemplos das implicações desta mudança demográfica. Além dessas problemáticas sociais, o aumento dessa população também ocasionou transformações no papel dos avós na família, aumentando sua importância e diversificando as possibilidades do seu exercício hoje em dia (Harper, 2006).

O aumento da longevidade das últimas gerações foi propiciado pelo desenvolvimento cada vez maior das tecnologias nas últimas décadas, ao lado também de implementações médicas e mudanças no estilo de vida (S. S. dos Santos & Carlos, 2011). Mas, para além disso, a tecnologia vem se inserindo cada vez mais na vida das pessoas e nas relações, seja num

---

¹ Nesta dissertação, será adotada a sigla TIC, ou TICs, no plural, para se referir à tecnologia da informação e da comunicação.

contexto mais amplo, da sociedade, seja num contexto mais restrito, o da família e dos vínculos pessoais (Nicolaci-da-Costa, 2002).

Sendo assim, tanto as dinâmicas familiares envolvendo avós, quanto a emergência das tecnologias e sua inserção nos vínculos, se apresentam como temas atuais, de interesse científico e social.

Pelo levantamento bibliográfico realizado, observa-se que este tema, dada a sua atualidade e relevância, vem despertando o interesse e mobilizando investigações na área das Ciências Humanas. Dentre as mais atuais, julgamos importante citar os trabalhos de Marques (2012) e de S. M. D. do A. Guimarães (2014), que se aproximam desta pesquisa e que, portanto, não poderiam deixar de influenciá-la.

O trabalho de Marques (2012), intitulado *“Adolescentes e idosos: uma leitura psicanalítica do encontro geracional no Oldnet”*, teve por objetivo compreender como poderia se dar o encontro entre idosos e jovens por meio da tecnologia, nos moldes de um curso em que estes eram os professores e aqueles os alunos. Já a pesquisa de S. M. D. do A. Guimarães (2014), *“De geração em geração: as relações entre avós e netos em face ao avanço tecnológico”*, partiu de diferentes referenciais teóricos, como a Antropologia, a Neuropsicologia e a Linguística, e visou depreender se a tecnologia poderia promover a satisfatória interação entre diferentes gerações, no caso, avós e netos, de forma a propiciar a transmissão da herança cultural entre elas.

Se por um lado a pesquisa de Marques (2012) enfoca as relações entre idosos e jovens que não têm uma ligação de parentesco, a de S. M. D. do A. Guimarães (2014) se circunscreve aos idosos do gênero masculino e enfatiza o papel cultural do idoso e não tanto o familiar. Desta forma, a presente pesquisa, partindo das supracitadas, considerou as relações familiares entre avós e netos e abrangeu uma amostra diversificada, incluindo ambos os gêneros; tomando como referencial teórico a psicanálise de casal e família, ou vincular. Assim procedendo, considera-se que este trabalho tem potencial para contribuir com a ampliação do campo de estudo em questão.

Se considerarmos que as TICs têm forte influência no atual momento sócio-histórico, e se considerarmos também que essas tecnologias hoje podem segregar o idoso e, por consequência, os avós em uma família, então compreender de que forma elas se inserem nos vínculos pessoais se mostra bastante relevante, permitindo pensar em estratégias de inclusão dessa população na família, por exemplo. Investigar como avós vêm se relacionando com seus netos por meio das novas tecnologias seria um caminho para verificar essa influência.

Refletindo sobre a família e mais especificamente sobre a função dos avós na família, pode-se pensar como as TICs têm contribuído ou subtraído os vínculos intrafamiliares, principalmente considerando a transmissão geracional da herança psíquica, a partir da teoria psicanalítica de casal e família, ou psicanálise vincular.

Em um momento cultural em que os fenômenos mudam tão velozmente, haveria hoje espaço para o velho, para o obsoleto e para o ultrapassado?

As tecnologias de informação e de comunicação subvertem a ideia de que o velho é melhor. De acordo com S. M. D. do A. Guimarães (2014), atualmente os filhos sabem mais do que seus pais e do que seus avós, ainda que seja um tipo diferente de conhecimento. Isso fica evidenciado por Marques (2012) também, uma vez que são os mais jovens que ensinam os mais velhos, pelo menos no que se refere ao tema da tecnologia. Esse fato destituiria os papéis tradicionalmente associados ao idoso, de forma que seria preciso encontrar novas formas de inserção social desta faixa etária (R. G. da C. Lopes, 2009).

Ao mesmo tempo, outras pesquisas, ligadas ao tema de avós e netos ou idosos e jovens e as TICs, têm apontado os novos recursos como meios de interação importantes entre os tipos de vínculo citados e apresentado resultados positivos (Torres & Dias, 2016).

Tendo tudo isso em vista, refletimos: em que medida as novas tecnologias poderiam facilitar, prejudicar ou não afetar o vínculo entre avós e netos? Poderiam elas comprometer a transmissão psíquica entre essas gerações? Seria possível falar em um vínculo virtual e até que ponto ele poderia substituir o presencial? E, finalmente, o que a psicanálise, e mais especificamente a psicanálise vincular, teria a dizer a respeito?

Também considerando o aporte psicanalítico, como (re)pensar seus conceitos, que revelam os mecanismos por detrás da subjetividade humana, frente às novas tecnologias? Como fica a pulsão de saber em uma era da informação? E o sentimento de incompletude, essencial para impulsionar o desejo, quando os *gadgets*² se oferecem como objetos perfeitos, ou seja, plenos? O vínculo, quando uma tela sacia mais do que o outro? O princípio de realidade e a capacidade de fantasia, quando diversos cenários prontos já são oferecidos pela internet? Narcisismo e exibicionismo diante do excesso de exposição?

---

² “*Gadget*” é uma palavra que pode se referir a qualquer tipo de dispositivo eletrônico ou digital. *Tablets*, *smartphones*, leitores de *MP3*, etc, são exemplos de *gadgets*. Além de sua aplicação na área tecnológica, na psicanálise o termo já fora apropriado por Lacan (1974/1980) para descrever os objetos ativadores do desejo pela lógica capitalista, bem como aqueles sujeitos que se oferecem como mercadorias ou bens de consumo para o outro, os “sujeitos-mercadoria”, da mesma forma que concebem e tratam esse outro como tal. Para o autor, esse tipo de sujeito, em verdade, não poderia ser considerado um sujeito de fato. Desde sua concepção por Lacan na segunda metade do século XX, o termo “*gadget*” parece ter perdido força no campo psicanalítico, tendo sido retomado recentemente por alguns autores adeptos da linha francesa, como Mena (2017), por exemplo, quando o campo passa a se voltar mais detidamente para o tema da tecnologia propriamente e para os seus efeitos sobre o sujeito.

Com base nessas diretrizes, a presente pesquisa objetivou investigar se e de que modo a TIC pode interferir no vínculo entre avós e netos, ou seja, primeira e terceira gerações, na contemporaneidade, à luz da psicanálise vincular e das configurações vinculares.

2 DA PSICANÁLISE TRADICIONAL À PSICANÁLISE VINCULAR: BASES PARA O ENTENDIMENTO RELACIONAL ENTRE AVÓS E NETOS

Tratar de avós e netos a partir de um olhar psicanalítico é um tanto desafiador na medida em que a psicanálise tradicional, partindo de Freud, sempre enfocou a dinâmica envolvida entre as duas gerações mais imediatas, ou seja, pais e filhos, o que veio a ser condensado sob o conceito do complexo de Édipo. Mais recentemente, não apenas esse conceito vem sendo questionado (Deleuze & Gatarri, 2011), como também vem se ressaltando o papel dos principais cuidadores da criança, para além dos pais apenas (Laplanche, 2015). Ainda assim, a questão fica restrita ao vínculo entre as duas gerações mais próximas. A psicanálise vincular e das configurações vinculares trouxe como contribuição destacar a influência de uma experiência vincular mais ampla sobre a criança, que transcende a geração subsequente simplesmente e diz respeito essencialmente à história psíquica do sujeito que o funda e da qual será eterno portador. Nesta perspectiva, a figura dos avós, sejam eles participativos ou não, é central nessa articulação; eles seriam o elo de ligação entre seus próprios antepassados, pais e avós, possivelmente já mortos, e seus sucessores, filhos e netos, teoricamente vivos, encadeando cinco gerações (M. L. Barros, 1987).

A psicanálise vincular difere da psicanálise clássica por extrapolar o plano intrapsíquico e se debruçar sobre as dinâmicas psíquicas envolvidas no plano intersubjetivo. Conceber o sujeito como sujeito do grupo (Kaës, 2001a) acarreta diversas consequências teóricas e práticas se considerarmos o processo de constituição subjetiva e a clínica.

Na perspectiva deste referencial, há um hiato entre os espaços intrapsíquico e o intersubjetivo, ainda que se esteja considerando os indivíduos constituintes de um mesmo grupo. Aqui, o sujeito não pode ser compreendido de forma isolada, mas sim como proveniente do grupo, cujo berço é o grupo familiar. Da mesma forma, o inconsciente deve ser compreendido sob esta luz, pois carrega consigo o inconsciente de um outro, ou melhor, de vários outros (Kaës, 2001a).

Ao enfatizar as dinâmicas envolvidas entre pais e filhos apenas, esquece-se de que os avós representam inevitavelmente a retaguarda nestas dinâmicas. Ao se tornarem pais, eles criarão seus filhos com base no modelo que apreenderam de seus próprios pais, ainda que o façam às avessas, de forma que os avós sempre figurarão, mesmo que não mais presentes, como um contraponto que também influenciará direta ou indiretamente a constituição subjetiva de seus netos. Isso nos faz considerar que, assim como os pais dos avós, também os seus próprios avós devem ser levados em conta, e assim sucessivamente. Em última análise, todos são

herdeiros e transmissores, pelo menos até que algum indivíduo decida por interromper a cadeia. Claro está que seria inviável alcançar toda a linhagem de ancestrais de uma dada família – algo muitas vezes irredutível por ela própria –, entretanto, quanto mais longe se puder chegar, maior será a compreensão da totalidade do grupo familiar. Logo, o que se pretende dizer com isso é que em uma leitura psicanalítica vincular, não é possível relegar a figura dos avós e ancestrais na compreensão da família.

A seguir, iniciaremos com uma exposição teórica sobre avós e netos a partir da psicanálise tradicional. Em seguida, partimos para uma abordagem do tema com base na psicanálise vincular, referencial aqui adotado, passando pelos conceitos de “vínculo”, “família” e “transmissão psíquica”.

2.1 Contribuições para o entendimento da dinâmica entre avós e netos a partir da psicanálise tradicional

No que se refere à temática de avós e netos, no campo psicanalítico, alguns poucos trabalhos espaçados ao longo das décadas podem ser pinçados. As pesquisas mais recentes a tratarem do assunto foram localizadas entre as décadas de 1980 e 1990, nomeadamente os trabalhos dos italianos Battistelle e Farneti, que se afiguram como interessantes contribuições e que por isso serão mencionados mais detidamente.

Muito embora Freud não tenha se dedicado ao tema dos avós e netos especificamente, ainda assim em alguns pontos de sua obra já podemos observar os primórdios para a compreensão do funcionamento desse tipo de dupla, que envolve uma dinâmica em que duas gerações são atravessadas por uma intermediária.

No caso do Pequeno Hans (1909/2006), vemos que o garoto oferece uma solução para o seu complexo edípico ao propor ficar com sua mãe enquanto seu pai poderia ficar com a mãe dele, de forma que aparece implícita a importância dos avós como possibilidade de resolução de um conflito entre pais e filhos.

Em outra passagem do caso, Freud (1909/2006) observa que havia o desejo por parte do menino em ter filhos com sua mãe. Posteriormente, discorre sobre o desejo infantil da menina em ter um filho com o próprio pai – que neste caso seria teoricamente um filho-neto deste – como compensação de sua castração (Freud, 1924/2006).

Apesar de não se tratarem de avós, Freud ainda chegou a fazer algumas considerações a respeito de idosos. Em “*Análise terminável e interminável*”, de 1937, Freud postulou a ideia

de inércia psíquica, segundo a qual a psique encontraria o limite de sua plasticidade, o que por sua vez dificultaria o trabalho analítico. Para ele, este seria o caso, por exemplo, de pessoas muito idosas. Também aqui seria o caso do fenômeno denominado por ele como entropia psíquica, processo pelo qual a libido é desinvestida do mundo externo e retornada ao ego, fenômeno característico do próprio narcisismo (Freud, 1937/2006). Observa-se que, para o autor, assim como os idosos, os adolescentes também não seriam analisáveis (Freud, 1913/2006). Vale destacar que a visão que Freud tinha sobre os idosos se modificou fortemente ao longo do último século.

Retomando, as primeiras publicações psicanalíticas a abordarem o tema pesquisado pertencem a K. Abraham, Jones e a Ferenczi, todas de 1913, que se restringiam, entretanto, às dinâmicas entre avôs, geralmente paternos, e netos também do gênero masculino apenas, isto é, uma linhagem que incluía apenas avôs, pais homens e filhos homens. De um modo geral, eles concebiam que o avô seria visto pelo neto como uma figura paterna envelhecida, que poderia ser usada por ele de diferentes formas para a resolução do seu conflito edípico. Além disso, ressaltavam o caráter ambivalente do avô, que poderia tanto ser encarado como um velho homem onipotente e respeitado quanto um homem velho combalido, que logo encontraria o seu fim (K. Abraham, 1913/1961; Jones, 1913/1938; Ferenczi, 1913/1992).

Em Jones (1913/1938), damos ênfase para o conceito de fantasia de inversão das gerações, em que a criança apostaria que, enquanto ela crescesse, o oposto ocorreria com seus pais ou com as pessoas mais velhas, de modo que eles decresceriam. O filme “O curioso caso de Benjamin Button”, cujo protagonista nasce velho e vai se tornando adulto, criança, então bebê, até morrer, pareceria ser uma ótima alegoria para essa fantasia.

Na fantasia de inversão de gerações, ao se imaginar trocando de lugar com seu avô, o neto poderia experimentar a inversão também da situação edípica, colocando-se em posição de controle sobre seu pai (Jones, 1913/1938).

Já K. Abraham (1913/1961) observou que a ligação intensa de certos pacientes aos seus avós era proporcional ao conflito que tinham com suas figuras parentais. Além disso, verificou que nas fantasias de algumas crianças elas apareciam como príncipes, enquanto seus pais ocupavam o lugar de reis e os avós um posto divinal. Note-se que essa fantasia se alinha à imagem do idoso como um sábio ancião, portador de conhecimento.

Entretanto, haveria o outro lado da moeda, já que os avós também poderiam ser encarados como frágeis, combalidos pelo tempo e pelas doenças da idade e já próximos da morte, como foi evidenciado por Ferenczi (1913/1992). Eles seriam como pais já derrotados, o que suscitaria rechaço por parte dos netos e culminaria num sentimento ambivalente também

para com os avós, cuja representação ficaria entre a força e a fraqueza (Ferenczi, 1913/1992). Como exemplo, citamos o caso relatado por K. Abraham (1913/1961), sobre um paciente cuja esperança se depositava no fato de que a fraqueza do avô representava a fraqueza e a derrota futuras do próprio pai, momento a partir do qual poderia ser ele mesmo reinante. Ainda para Ferenczi (1913/1992), o avô poderia servir também como alvo das fantasias agressivas do neto originalmente dirigidas ao pai, por meio de um deslocamento.

Se o complexo de Édipo implica a triangulação entre pai, mãe e criança, ao se considerar os avós, pode-se pensar em um outro tipo de configuração triangular: entre avós, filhos e netos. Como a presença dos pais sempre evoca os aspectos infantis do filho, mesmo que já seja adulto, o neto pode assistir a uma relativização do poder parental diante dos seus próprios pais, desde que estes estão acima de seus filhos. Isso faria emergir uma forte aliança entre avós e netos, uma vez que a segunda geração seria a receptora dos conflitos de ambas as direções, em relação aos seus pais e em relação aos seus filhos (Marques, 2012).

Retrocedendo no tempo, Deutsch, em 1945, discorre sobre a avó, em uma interpretação maniqueísta, em que ela poderia ser uma “fada” ou uma “bruxa” para os netos, condição que dependeria de sua história pregressa e de sua capacidade de lidar com o envelhecimento. No entendimento da autora, a “boa” avó teria sido igualmente uma “boa” mãe, o que a permitiria ser uma facilitadora da relação de sua filha com sua própria prole e, por consequência, passaria para seus netos uma imagem positiva e gratificadora.

Na concepção de Rapaport (1957), a identificação com o avô adviria de fases pré-edípicas do desenvolvimento da criança e permitiria amenizar a identificação e a introjeção com relação aos pais. Mais especificamente sobre relativizar o poder dos pais, tornando-os como uma espécie de irmãos mais velhos para a criança, e então objetos que podem ser mais facilmente assimilados pela rivalidade dela, o que ajudaria também a esvaziar fantasias destrutivas suas dirigidas aos pais.

Para Richter (1963), alguns pais veriam a reprodução de seus próprios pais em seus filhos, colocando-os como equivalentes e, logo, agindo com relação a eles de forma invertida, em que os filhos assumem o lugar de pais de seus pais. Deste modo, a terceira geração seria convocada a resolver conflitos do passado entre seus pais e seus avós, bem como receberia demandas inconscientes de seus pais que eram originalmente destinadas a seus pais. Observa-se que aqui parece ocorrer também uma espécie de fantasia de inversão de gerações, mas partida da geração intermediária e não da terceira, quer dizer, dos netos.

Seguindo uma linha de raciocínio semelhante a autores anteriores, Kohut (1971) propôs que os avós atuariam como “objetos-*self*”, servindo como suporte ao investimento narcísico dos

netos. Isso possibilitaria à criança expressar suas fantasias de onipotência, fusionais ou de idealização do próprio *self*, que de outra forma seriam intoleráveis para seus pais.

Baseados nessas teorias psicanalíticas, Battistelli e Farneti (1991) concebem como sua principal hipótese, ainda que um tanto ampla, o fato de os avós serem uma parte importante na resolução do complexo de Édipo dos netos, diminuindo sua importância na vida destes após essa fase e enfraquecendo sua ligação com o complexo edípico, por conseguinte. Para sustentar essa hipótese, eles conduziram três interessantes estudos.

No primeiro deles, 200 crianças de ambos os sexos, com idades entre 4 a 7 anos, tinham como tarefa ligar 40 fotos de objetos ou situações cotidianas, como um sorvete, remédios, brinquedos, por exemplo, a fotos ou de seus pais ou de seus avós. Como resultado, obtiveram um crescente, preciso e constante: na idade pré-escolar, apenas uma quantidade um pouco menor de fotos fora associada aos avós, em comparação aos pais; já com 6 anos, e mais ainda com 7, esse dado caiu consideravelmente, de forma que agora havia uma diferença considerável no número de fotos atribuído aos pais em relação aos avós. Do ponto de vista qualitativo, eles ainda desvelaram que a maioria dos objetos associados aos avós tinha conotação oral, como alimentação, bebidas, doces, etc, ou então relativas ao brincar, como parque e brinquedos. Eles concluíram que, quando os netos são mais novos, os avós têm grande importância para eles, praticamente se equiparando aos pais, mas a partir de então, passam a perder sua significação, tornando-se figuras mais empobrecidas. Logo, interpretaram que, uma vez elaborado “normalmente” o conflito edípico, os netos diminuem seu investimento sobre os avós e também quando estão entrando na escola e em contato com o meio social mais amplo, momento em que é mais difícil a separação com relação aos pais (Farneti & Battistelle, 1985).

No segundo estudo, partiu-se do pressuposto que, da análise dos sonhos de netos, seria possível obter mais indicações a respeito dos seus sentimentos sobre os avós. Foram então analisados os conteúdos de 150 sonhos relatados por crianças de 5 e de 6 anos, a partir de uma adaptação da Escala de Hall e Van de Castle³ (1966), em que apareciam tanto as figuras parentais quanto dos avós. Nos resultados, constatou-se que nos sonhos das primeiras, ou seja, das crianças de 5 anos, a maior parte das ações amigáveis advinha dos avós, enquanto nos sonhos das segundas, esse tipo de ação provinha mais frequentemente dos pais. Ainda, observou-se que nos sonhos, quando a ação partia das crianças, em ambas as idades essa ação

---

³ A Escala de Hall e Van de Castle obtém índices para o “Sistema de Codificação e Análise Quantitativa do Conteúdo dos Sonhos de Hall e Van de Castle”, que por sua vez visa, essencialmente, analisar o número de vezes que uma determinada característica aparece nos sonhos de uma pessoa, codificada em função de certos atributos, como, por exemplo, idade, gênero e identidade dos personagens presentes no sonho.

geralmente tinha uma conotação amistosa em relação aos avós e agressiva em relação aos pais. Os autores chegaram à conclusão de que os avós assemblariam para os netos como a faceta “boa”, em contraste com seus pais, que, por representarem o princípio de realidade, alternavam gratificação com frustração. Isso demonstraria também a necessidade da criança em conter um objeto “bom” interno, que, além de funcionar como investimento narcísico, poderia também ajudar a lidar com a ambivalência, que ainda não fora completamente incorporada e elaborada. Finalmente, em um momento de transição comumente considerado importante pela literatura psicanalítica, quer dizer, a passagem dos 5 para os 6 anos, os avós se afigurariam como uma outra “cena” do palco do complexo de Édipo comparativamente aos pais da criança, oferecendo-se inconscientemente para seus netos como auxílio desse conflito (Battistelle & Constantini, 1984).

No terceiro dos estudos, também quantitativo, envolvendo 475 netos de ambos os sexos, divididos em três grupos etários (crianças de 8 e 9 anos; pré-adolescentes de 12 e 13 anos; e adolescentes de 16 e 17 anos), os autores puderam perceber que a ligação com a avó materna cresce com o passar do tempo, aparentemente ancorada pelas experiências infantis iniciais. Enquanto para as crianças seria difícil separar o afeto que sentem pelos seus avós de um julgamento sobre eles pautado na realidade, no caso dos adolescentes essa forte ligação não os impediria de distinguir entre o afeto que sentem do julgamento que fazem das avós, que, aliás, também sofreram mudanças com o passar dos anos. Motivados por um desejo de independência e separação, os netos mais velhos vivenciariam uma inversão com relação a seus avós: eles podem se sentir mais adultos ao cuidarem destes, que se tornam cada vez mais fracos, mesmo que disponíveis. Por outro lado, como esse processo de individuação do jovem é frequentemente sentido por seus pais de forma ambivalente, os avós teriam um papel de “objetos transicionais” na adolescência dos netos, de acordo com a visão dos autores, neutralizando os conflitos entre a segunda e terceira gerações (Battistelle & Farneti, 1991).

Assim, Battistelle e Farneti (1991) sintetizam que a relação entre avós e netos passa por diferentes fases, conforme a etapa de desenvolvimento emocional e cognitiva destes últimos. Eles esquematizaram essa evolução em quatro estágios: primeiro, até a idade de cinco anos, os avós se colocam como alternativa aos pais, quase em pé de igualdade com eles, por serem mais agradáveis, simbióticos e manipuláveis, satisfazendo as necessidades de onipotência e egocêntricas da criança. Em segundo lugar, com a entrada dos netos na escola e contato com pessoas além do círculo familiar, incluindo professores, por exemplo, bem como por causa do aumento das identificações com os pais, os avós perdem sua relevância para os netos, que agora direcionam boa parte de seu investimento para a sociedade e realidade extrafamiliar. Depois,

ao longo da puberdade, que traz a rejeição dos valores pertencentes ao mundo adulto, os avós, por representarem parte desse mundo também, poderiam ser mais facilmente desprezados do que os pais, sem que isso represente uma punição. Para os autores, pelo fato de o amor pelos avós não ser algo dado, sua presença ou ausência não teria tanto peso. No quarto tempo, no fim da juventude, em que os netos se preparam para a separação real de seus pais, o processo edípico é revivido, com a diferença de que agora essa separação é desejada pelo jovem, diferentemente da criança que é levada a isso e cria mecanismos de defesa para se proteger. Com sua própria concepção de mundo, mais próxima da de seus pares, o jovem adulto experimenta insegurança e ansiedade, causadas por sentimentos ambivalentes em relação aos pais. Aqui, os avós seriam novamente figuras importantes, pois por representarem uma estampa envelhecida e fraca, podem oferecer aos seus netos um plano de segurança afetiva isenta de uma significação intrusiva ou competitiva.

Procedemos da psicanálise tradicional por representar o ponto de partida e os primeiros precedentes para o entendimento da dinâmica entre avós e netos. Vemos que os trabalhos foram se complementando ao longo das décadas e que apresentam conexões entre si, basicamente versando sobre o papel dos avós na dissolução do complexo edípico. Apesar da importante contribuição que tais estudos representam, observamos que mesmo assim são poucos os trabalhos, sobretudo no Brasil, e, além disso, reconhecemos que o entendimento sobre esse tipo de vínculo pode ter maior alcance a partir de outra perspectiva, ainda que possam compartilhar alguns pontos de vista: a da psicanálise vincular, perspectiva essa adotada nesta pesquisa.

2.2 Vínculo, família e transmissão: aportes da psicanálise vincular

Vínculo

O conceito de vínculo é central para se compreender a família dentro do aporte teórico em questão, bem como qualquer tipo de relação, na verdade. Para a psicanálise vincular, o conceito de vínculo não apenas é central, como passa a ter uma conotação própria, ainda que tenha passado por transformações ao longo do tempo e ainda que cada autor o conceba com alguma diferença. Etimologicamente, a palavra deriva do latim “*vinculum*” e designa “atar”, “unir”, e sua compreensão passa necessariamente pelas ideias de contrato, pacto ou aliança. Como contrato, pressupõe-se que cada parte envolvida se compromete com algo em troca de

algum benefício, consciente e inconscientemente (Correa, 2002), o que pode também ser entendido como uma troca em que cada parte visa obter algo e por isso mantém o contrato.

Desta forma, o vínculo se refere ao desejo de seus integrantes de estarem inscritos em uma ordem e ao plano comum de continuidade dessa mesma ordem sob a proteção do vínculo. Disso decorre que um vínculo se mantém enquanto se sustentarem objetivos e interesses em comum e, se é verdade que parte desses projetos pode ser consciente, é certo assumir que também haja alianças inconscientes que se prestam a proteger o vínculo (Correa, 2002).

Com base em Kaës (1993), o vínculo pode ser entendido como um terceiro elemento entre uma relação de duas partes. Ele diz respeito ao espaço intersubjetivo fundado a partir de um contrato entre os membros vinculados, que é uma intersecção entre cada um deles.

Ainda para Kaës (2014), falar em vínculo implica falar em alianças inconscientes. Se, por um lado, a aliança inclui os que nela se inscrevem, por outro, ela exclui aqueles que estão fora dela. Além disso, ela exclui também certos conteúdos que de outra forma levariam ao conflito e ameaçariam a permanência do vínculo, sendo assim condição para sua existência a rejeição de tais conteúdos. Este seria o pacto denegativo, assim denominado pelo autor. Logo, o destino desse material que não pode vir à tona é o recalque, a partir do qual passa a ser inconsciente (Kaës, 2014).

Já no entendimento de Puget (2015) e de Berenstein (2011), o conceito de vínculo vem principalmente romper com o de relação de objeto. Ele seria um campo em que fracassam as identificações, uma vez que representa um espaço potencial de algo sempre novo que está por vir. Segundo Puget (2015), essa nova noção se alinha à teoria da complexidade, de forma que ela o define como um “espaço virtual dotado de uma potencialidade que surge do efeito de alteração em virtude do efeito das presenças mútuas” (Puget, 2001, p. 74).

De acordo com Berenstein (2011), o vínculo tem por função ligar, colocar e conter. Ele pode ser entendido como um campo de forças em que um eu se impõe ao outro com sua presença ao mesmo tempo em que opõe resistência à imposição deste e vice-versa. Desta forma, nem eles se coincidem totalmente, nem se diferenciam totalmente um em relação ao outro, havendo sempre pelo menos algum ponto de ligação entre as duas partes, o que é condição para que haja o vínculo (Berenstein, 2011).

Para que exista, o vínculo requer a presença e o encontro entre as duas partes, sem o qual há apenas relação de objeto, que se resume à representação (do objeto) no plano intrapsíquico do sujeito. Em contraposição à presença, a ausência dá margem ao surgimento da representação e do investimento nela (Berenstein, 2011). Em outras palavras, quando se fala

em um apenas, há representação, mas, quando se trata de dois, há representação *e* apresentação (Puget, 2015).

Da mesma forma que a ausência do outro diz respeito também à possibilidade da emergência da representação, a sua presença não alude apenas à percepção consciente dela, mas também convoca uma atuação por parte do sujeito, atuação esta ligada aos aspectos inconscientes suscitados por essa presença (Berenstein, 2011). Assim, podemos entender então que o vínculo faz emanar em cada parte envolvida tanto aspectos conscientes, ligados à percepção deste outro que é percebido, quanto inconscientes, relativos ao modo como o sujeito atua e se coloca perante este outro.

A relação de objeto diz respeito a um interior que avança sobre o exterior e a ele dá um colorido particular. Já o vínculo remete ao exterior que se infiltra em um interior que é por ele transformado (Berenstein, 2011).

A representação (de objeto), porque não é mais a apresentação, nos remete ao passado, ao registro na memória da vivência vincular. Ela leva apenas à reprodução, ainda que não seja necessariamente repetição sintomática. A apresentação do outro, ao contrário, é presente e por isso tem potencial transformador (Berenstein, 2011). Enfim, o futuro é devir (Puget, 2015).

O vínculo convoca um compromisso entre dois ou mais no sentido de fazer algo que antes ali não existia, sendo assim um espaço potencial de construção (Berenstein, 2011), tanto é que Berenstein (2011) aposta em uma nova concepção de sujeito, entendida a partir dessa postulação do vincular: “Desde a ideia de que um é o que *é* (identidade), passaremos a outra que postula que um é o que *faz* daí que um é o que *faz com outros*” (Berenstein, 2011, p. 140, grifos do autor).

O vínculo transforma e, na verdade, é o que permite fazer emergir subjetividade em um sujeito que anteriormente era apenas corpo biológico. Logo, ele preexiste ao sujeito, que apenas pode sê-lo a partir do contato com o outro e a partir de sua inscrição e pertença ao grupo de origem, familiar, social e histórico. O vínculo não apenas é inconsciente, como causa o inconsciente (Berenstein, 2011).

Cada vínculo vivido pelo sujeito possibilita transformá-lo em direção à construção de sua constituição subjetiva que, neste sentido, é contínua. É isso o que gera sua históriação e que resulta no sentimento de ser quem se é (Berenstein, 2011).

As mais variadas formas de relação podem ser promovidas pelo espaço do vínculo, que serão calcadas inconscientemente em cada um, sejam essas formas saudáveis ou adoecidas, adoecimento que só poderá ser compreendido à luz deste espaço. Além disso, o vínculo fornece a sensação de se ser independente do outro na ausência deste, na medida em que sua ausência

faz desaparecer o vínculo e, por contraste, sem a influência do outro é possível perceber a si mesmo (Berenstein, 2011).

À diferença do funcionamento individual, cuja memória ou trauma se concebe como o registro de uma marca no aparelho psíquico (Freud, 1926[1925]/2006), no plano vincular a memória, traumática ou não, deve ser entendida como uma inscrição em um espaço extraterritorial virtual ou potencial, que apenas pode ser ativada pelo vínculo. Ou seja, tal memória não pertence a alguém em específico, mas é revivescida quando ocorre o encontro de pelo menos dois sujeitos implicados naquela inscrição (Puget, 2001).

A presença do outro, segundo Berenstein (2011), impede a continuação de ser espontânea do sujeito. Se é verdade que o vínculo transforma, também o é que há sempre uma parte do sujeito que não é sensível à presença do outro e por isso não se modifica. A essa parte o autor denomina “alienidade”.

Uma parcela de “estrangeiridade” sempre está presente no vínculo, que se revela na surpresa diante do próximo encontro, em que a representação que se formou no período de ausência do outro não mais coincide com sua nova apresentação. Há sempre algum aspecto que está por vir na relação. É a diferença no outro que faz emergir a pulsão no sujeito, que então insiste em investir naquele como objeto, derramando sobre ele sua própria representação objetal a fim de anular a diferença. Ser capaz de manter o vínculo apesar das diferenças é o que o autor chama de trabalho do vínculo (Berenstein, 2011). Adicionalmente, Puget (2015) coloca que esse trabalho exige um deslocamento na contramão da posição narcisista e é neste sentido que ele acarreta um custo aos envolvidos.

Eiguer (1995) oferece uma abordagem complementar a dos autores acima, ao fazer uma análise do conceito de vínculo desde Freud, passando por Winnicott, Bion, Meltzer e Bleger. Ele destaca duas formas de se relacionar: a narcísica e a libidinal. Ambas sempre estão presentes no vínculo, em maior ou menor proporção, e contribuem para a coesão grupal. A relação narcísica busca a semelhança e tende à fusão; já a libidinal pressupõe o reconhecimento da diferença e, por isso mesmo, leva à erotização e ao investimento no objeto na tentativa de incorporá-lo e torná-lo parte de si (Eiguer, 1995).

Agora, pensando no vínculo de avós e netos, como processar as diferenças, dadas pela diferença de épocas, de gerações, ainda mais levando em conta o surgimento das TICs, que supostamente as tornariam mais dissidentes? Se considerarmos que em alguns casos o vínculo entre avós e netos pode carregar mais qualidade e proximidade do que entre alguns pais e filhos, mesmo sendo gerações mais distantes no tempo e teoricamente com mais diferenças entre si,

então cabe refletir: o que poderia sustentar tal qualidade do vínculo? E mais, o que possibilitaria a identificação entre ambas as partes?

No que diz respeito à esfera familiar, assim como a conjugal, os vínculos carregam consigo a fantasia de uma permanência contínua apesar do tempo e do espaço. Da mesma forma, assim como acontece com o casal, a família pressupõe a construção de uma cotidianidade, que não se resume à simples manutenção da presença das partes envolvidas (Berenstein, 2011). No caso de avós e netos, pelo menos entre aqueles que não convivem juntos, poder-se-ia investigar como se construiria essa cotidianidade.

Para Eiguer (1995), os vínculos familiares implicam dois aspectos: um inconsciente e outro convencional, o que lhes confere um caráter de complexidade. Este último diz respeito aos lugares de parentesco e aos preceitos que os acompanham, explícita ou implicitamente, enquanto aquele remete à própria dinâmica relacional entre os membros.

O contrato narcisista (Aulagnier, 1975) e as alianças inconscientes (Kaës, 2014), mencionadas acima, formam os alicerces dos vínculos familiares. O primeiro diz respeito ao acordo inconsciente travado entre a família e a criança recém-chegada, de que esta última deve seguir os valores, determinações e fantasias do grupo familiar, respeitando a linhagem de seus antepassados e mantendo a essência daquela. Já as alianças inconscientes remetem a todos os conteúdos que devem ser recalcados pelas partes envolvidas, a fim de preservar o vínculo, que só se sustentará sob esta condição (Correa, 2002).

Assim, observa-se que o inconsciente não existe apenas no plano individual, como descobriu Freud, mas ele também existe *entre* qualquer relação, ou seja, entre um sujeito mais um, pelo menos, bem como nos grupos, nas instituições e nas sociedades (Kaës, 2014). Desta forma, a aliança inconsciente poderia ser compreendida como o termo que designa o recalque ocorrido no “entre”, diferentemente do que ocorre no plano intrapsíquico, em que o recalque ocorreria “dentro” do indivíduo.

Família

A família é objeto de estudo comum de diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Psicologia ou a Sociologia. Embora sobre ela se possa lançar diferentes olhares, para o referencial da psicanálise vincular interessam a dimensão psíquica e as dinâmicas envolvidas nesse grupo (Correa, 2002).

De acordo com Eiguer (1998), a família pode ser definida como um grupo formado por laços de parentesco, filiação e consanguinidade, que se funda a partir da união do casal e

culmina no nascimento da criança. Hoje, entretanto, assume-se maior flexibilidade nessa definição, lembrando que se encontram diferentes configurações familiares na contemporaneidade (Sei, 2009).

Assim, pode-se descrevê-la como um grupo, mas com características especiais ou específicas, que assegura a provisão das necessidades materiais e afetivas do sujeito diante do seu desamparo original. Em seu seio, funda-se um espaço psíquico, para além do grupo real ou da sua existência concreta. Nesse espaço acontecem tanto as trocas geracionais quanto uma espécie de reservatório das fantasias e fantasmas que dizem respeito a uma determinada família (Correa, 2002). Granjon (2001) denomina aparelho psíquico grupal, ou aparelho psíquico familiar, esse espaço psíquico complexo e composto por que se processam os conteúdos em comum do grupo e que delimita um envelope continente.

Pensar que existe um espaço psíquico familiar implica considerar a existência de um aparelho psíquico familiar que processa seus conteúdos. Assim, ao mesmo tempo em que cada membro é atravessado pelos elementos coletivos que se referem à família a qual pertence, o aparelho psíquico familiar é justamente composto pelos conteúdos individuais de cada um de seus membros (Correa, 2002).

Segundo Granjon (2001), a finalidade da família é a de se perpetuar, sendo uma de suas principais características, e a que a distingue de outros grupos, o cultivo dos vínculos entre os seus membros ao longo do tempo. Ela contém um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que cada membro precisa se diferenciar, não pode fazê-lo a um nível tão grande que chegue a perder sua identidade com relação ao restante do grupo familiar (Correa, 2002).

Cada família é estruturada em torno de uma fantasia originária particular, que possibilita a ilusão de nos preencher e provoca o movimento em busca de um objeto que lhe corresponda (Eiguer, 1995).

A família deve assegurar tanto formas de vinculação sexualizantes, ligada à dimensão biológica e pulsional, que permitem não apenas a vazão da genitalidade como também dos afetos, quanto dessexualizantes, alinhadas aos objetivos da cultura (Eiguer, 1995). A partir dessa constatação, Eiguer (1995) sugere um alinhamento entre a oposição natureza-cultura, de um lado, com o movimento narcísico e objetal, de outro, sendo o primeiro mais próximo do princípio do prazer e o segundo do de realidade.

A família se apresenta como um grupo organizado que ordena determinados fatores, como a lei, a linguagem, os valores e ideais, ao mesmo tempo em que proíbe outros, como o incesto e o assassinato, afastando seus membros da ameaça do caos, da loucura e do esfacelamento (Carreteiro, 2001). Conforme Kaës (1993), a família tem função de articular e

demarcar três diferenças: a diferença dos sexos, das gerações e das culturas. Ela se estrutura em lugares, os laços de parentesco, que por sua vez determinam funções a cada um dos membros e os organizam uns em relação aos outros. Essas posições podem ir se alterando ou somando-se ao longo da vida do sujeito (Berenstein, 2011).

A genealogia engendra a formação de processos de classificação e de nominação familiar, o primeiro designando os lugares familiares e o segundo inscrevendo os sujeitos pertencentes a uma dada família (Gaujelac, 1999).

Em uma reflexão sobre a atribuição de nomes para os descendentes da família, Gaujelac (1987) dispõe que a escolha pelo prenome é o primeiro projeto designado para o sujeito que chega ao grupo familiar, cujo significado carrega aspectos conscientes e inconscientes dos pais, que podem estar tanto em harmonia quanto em conflito e isso já instaurará uma primeira marca. O nome de família, por outro lado, não se trata de uma escolha e muitas vezes nem é possível rastrear suas origens. Com base nessa consideração, podemos pensar que o prenome demarca o desejo dos pais, enquanto o sobrenome conecta a criança aos antepassados, que, assim como ela, não puderam escolher pertencer ou não ao grupo.

A atribuição do prenome individual e do nome da família é um exemplo que demonstra essa fina linha entre o pertencer a um grupo e com ele se identificar, mas também dele se diferenciar o suficiente para que seja possível a formação de uma subjetividade individuada (Carreteiro, 2001).

Verifica-se na família a existência de laços de aliança (afiliação), de filiação e fraternos que se combinam de forma complexa, determinando diversas formas de vinculação entre seus componentes (Correa, 2002).

Já para Benghozi e Féres-Carneiro (2001), é possível conceber a existência de laços de filiação e de afiliação. Os primeiros dizem respeito a uma linhagem familiar vertical que abrange a sucessão de gerações: pais, avós, bisavós e ancestrais de um lado e, de outro, filhos, netos e futuros descendentes, mesmo que ainda não tenham sido concebidos. Já o segundo remete a um vínculo não genealógico e que não envolve uma transmissão geracional, portanto. Aqui se incluem o casal, que se une em função do pacto de aliança conjugal e divide elementos identificatórios em comum, e as alianças referentes a qualquer tipo de grupo, como uma instituição, uma comunidade e mesmo uma sociedade (Benghozi & Féres-Carneiro, 2001).

A diferenciação oferecida por Benghozi e Féres-Carneiro (2001) entre laço e relação nos parece útil para explicitar um ponto que deve estar claro neste trabalho. Segundo eles, laço é uma ligação familiar que já está dada e se refere à posição de cada membro em relação aos outros. Podem acontecer distúrbios no laço em casos de segredos, como um filho adotivo que

desconhece o fato de ter sido adotado, ou mistura de lugares, como alguém que é filho e irmão de sua mãe simultaneamente, por exemplo. Já a relação se refere às características do vínculo que se estabelece entre os membros, que pode ser boa ou ruim, distante ou próxima, etc. Assim, para esta pesquisa, consideramos importante observar que o laço entre avós e netos, nesta perspectiva, já é dado, podendo a qualidade dessa relação variar, donde a questão de como a tecnologia poderia afetá-la.

Ao reconhecer a influência dos antecessores e antepassados sobre o sujeito, a psicanálise vincular também reconhece implicitamente a atuação dos avós sobre os netos, no caso. Entretanto, a maior parte de suas contribuições específicas sobre esse tipo de vínculo são relativas à patologia, familiar e da transmissão psíquica.

Mas em uma realidade heterogênea como o Brasil, somada às mudanças demográficas atuais, como desconsiderar o tipo de vínculo em questão, ainda mais se se levar em conta aqueles avós que têm participação ativa no cuidado dos netos? E, se falamos em transmissão psíquica, não deveríamos considerar uma diferença entre ancestrais já mortos, que foram, sim, canais de uma dada transmissão, e antecedentes ainda vivos, como os avós e bisavós – e às vezes até tataravós –, em uma transmissão ativa sobre a criança que chega à família, ou seja, seu neto, bisneto ou tataraneto? A partir do material revisado, esperamos lançar algumas reflexões para se começar a pensar o vínculo avós-netos.

Embora esta pesquisa não se inscreva no campo da patologia *a priori* – posto que ela possa aparecer nos estudos de caso – compreendemos ser importante apresentar essa parte da teoria, que será abordada no próximo subitem, pois contém as principais contribuições relativas a avós e netos dentro do aporte teórico em questão. Ainda assim, gostaríamos de ressaltar a importância de se pensar a relação entre avós e netos fora desse campo adoecido, e considerar sua dinâmica a partir de uma situação cotidiana e saudável.

Para Vianna (2006), o nascimento de uma criança

É o momento em que as gerações se ‘confrontam’, possibilitando o retorno das experiências vivenciadas pelos pais (agora avós) nos nascimentos de seus próprios filhos. Os avós tentam se adequar ao seu novo papel oferecendo uma resposta de seu antepassado diante da nova experiência do nascimento de uma criança. O que se percebe é um movimento de reatualização de um passado de experiências quando se veem diante do novo. Diante do novo a resposta é antiga (p. 231-232).

Apoiados nessa consideração e na citação de Freud (1914/2006), “Sua Majestade o Bebê” (p. 98), podemos compreender que a criança é o receptáculo dos desejos e projeções parentais e que assim representa a esperança do cumprimento de uma promessa (Freud, 1914/2006). O nascimento do bebê reposiciona os lugares de parentesco e as funções familiares

devem se reacomodar. Os avós, até então apenas pais, devem se resguardar do impulso de inculcar no neto suas próprias expectativas, deixando essa tarefa aos seus próprios filhos. Como afirma Hurstel (2015):

Todo nascimento é um entrelaçamento entre a vida e a morte, inscrevendo cada um num novo lugar genealógico na sucessão das filiações. Cada nascimento desvela o tempo que passa e o fato de que toda vida inelutavelmente dirige-se para a morte: o filho torna-se pai e o pai, avô (p. 15).

Isso faz pensar que os netos não participam de uma boa parte da vida dos avós e devem aceitar que não compartilharão tanto tempo com eles quanto passarão com os pais, a princípio. O inverso também é verdadeiro, de forma que os avós precisam aceitar o fato de que não poderão acompanhar os netos por tanto tempo quanto seus filhos provavelmente o farão.

Sobre a questão do desejo na criação de descendentes, Legendre (1985) alega que “a satisfação do desejo não faz parte do programa de reprodução da humanidade, mas sem o desejo a reprodução não existiria. Logo, é impossível superar esta contradição” (p. 101). Isso faz supor que quando se escolhe ter um filho, sempre haverá uma parte desse desejo que não diz respeito ao desejo de tê-lo.

Refletimos então que, à diferença do vínculo pais-filhos, o vínculo avós-netos não é necessariamente marcado pelo desejo dos avós, e mesmo que ele esteja presente, não há um controle direto sobre a possibilidade de vir a tê-lo: ser avô(ó) é involuntário. Esse desejo apenas poderia ser exercido indiretamente, por meio da influência sobre seus próprios filhos.

Ainda assim, a despeito do desejo dos avós, o neto é por vezes encarado pelos seus pais como uma espécie de presente dado aos avós da criança em retribuição à dádiva da vida que lhes foi concedida por eles (Portugal, 2007).

Se o narcisismo dos pais inunda a criança, como Freud (1914/2006) já dispusera, seria possível pensar em um narcisismo dos avós, e, em caso afirmativo, até que ponto este narcisismo poderia atingir o neto?

Toda família tem um mito familiar próprio, que é nuclear à sua estrutura. O mito familiar, tanto quanto as representações transgeracionais associadas a ele, são edificantes da família, ainda que possam ser desestruturantes também (Eiguer, 1995). Para Eiguer (1995), é possível acontecer rompimentos com relação às expectativas do ideal de família em diferentes níveis, de forma, por exemplo, que o ideal da família nuclear entre em conflito com o da família ampliada, incluindo os avós, os tios e primos, ou entre a família nuclear e a dos antepassados. São casos em que a disfunção pode irromper.

A partir de Eiguer (1995), podemos pensar que os avós, desde que ainda não falecidos, seriam o sustentáculo do mito familiar e representariam o elo vivente entre o passado da família, atrelado aos antepassados, e os seus sucessores, que continuarão o processo de transmissão.

Segundo Eiguer (1995), a família é o espaço privilegiado e privado da sexualidade humana. Os papéis familiares se definem em torno da genitalidade que, na cultura ocidental, se organiza no complexo de Édipo. Se uma mãe se relaciona com seu filho com base na relação que tinha com seu pai, ou se um pai se relaciona com sua filha com base na relação que tinha com sua mãe, por exemplo, então os avós, nesse sentido, podem ser entendidos não apenas como um modelo importante de identificação, mas também como agentes ativos, ainda que no imaginário dos pais apenas, para uma dada forma de organização e dinâmica relacional.

Freud (1924/2006) já colocara que normalmente os filhos se identificam com seus genitores, mas talvez seja possível pensar também que haja diferentes níveis de identificação com uma figura ancestral ou anterior aos pais, como os avós. Isso fica evidenciado não apenas pela repetição de uma patologia, como também em situações saudáveis em que é possível perceber mimetismos com relação a tais antecessores. Desta forma, um neto poderia carregar e personificar a imago de um avô ou de um ancestral, por exemplo (Eiguer, 1995).

Na visão de Berenstein (2011), a família cria um limite familiar, que delimita quem está dentro e quem está fora. Ela se associa ao vínculo de sangue, o que gera a “curiosa situação de que os filhos dos filhos são considerados semelhantes, enquanto seus pais ou mães, os casados com as filhas e os filhos próprios, são considerados estranhos” (p. 71). Ou seja, isso faz pensar que mesmo que sogros e noras ou genros sejam mais próximos geracionalmente, o laço avós-netos ainda assim seria mais forte, a princípio, pois carregaria a garantia de uma linearidade biológica.

Os lugares de parentesco definem certas atribuições que se esperam do sujeito ao mesmo tempo que impedem outros aspectos que se referem à espontaneidade subjetiva e outros modos de vinculação possíveis (Berenstein, 2011). Assim, dos avós se espera que cumpram determinadas funções, cuja negativa é interpretada como seu descumprimento. Da mesma forma, aos netos também caberia precisamente esta função: a de ser neto.

A diversidade subjetiva, que tem ligação direta com a variedade das formas de se vincular e com os vários papéis que cada sujeito pode ocupar em sua vida, como neto, filho, pai, avô, chefe, marido, etc, é possível graças à sucessão das vivências relacionais de cada um, cujas intervenções criam novas possibilidades (Berenstein, 2011).

Assim, um avô ou uma avó não podem sê-lo sem terem sido pai ou mãe, previamente, e filho e filha, primeiramente. Ou seja, em contraposição a lugares de parentesco “simples”,

como o de filho, por exemplo, há outros que requerem uma sobreposição ou acúmulo de funções, o que não significa sua soma simplesmente, mas a transformação em uma nova função. Podemos pensar ainda que um aspecto que tanto o neto quanto o pai e o avô guardam em comum é o fato de todos serem filhos e a diferença entre o neto e o avô, e que aproxima este do pai, é que aquele não é necessariamente pai ainda.

Ao discorrer sobre o lugar do quarto termo em uma triangulação familiar, Berenstein (2011) traz uma contribuição interessante sobre a função do irmão ou do pai da mãe, que nos parece útil para pensar sobre o lugar dos avós na família, ainda que ele esteja partindo de um modelo tradicional, em que a mulher precisava de uma autorização advinda de figuras masculinas para o casamento. Observamos então que, ao se tornarem avós, eles têm como tarefa processar uma série de abstenções: devem renunciar à relação de pais de seus filhos, que agora serão pais, o que significa renunciar, por sua vez, ao que restava da sexualidade infantil em relação a eles; devem renunciar também à função de serem os principais indicadores dos valores, mitos, proibições e preceitos familiares; finalmente, devem aceitar o lugar de exclusão relativamente à nova família que seu filho ou filha formou, em outras palavras, quer dizer que os avós serão os terceiros excluídos em relação ao vínculo pais-filhos.

Se pensarmos nas famílias disfuncionais em que ocorre abuso sexual intrafamiliar e incesto, e que um pai, por exemplo, pode ter um filho com sua filha, tornando-se avô-pai de seu neto-filho (Reis, 2012), podemos conjecturar que ser avô(ó) é também se resguardar do desejo de ter um filho com o próprio filho, o que adulteraria o lugar de parentesco de avô(ó) puramente e o tornaria uma espécie de híbrido pai/mãe-avô(ó). Isso abalaria a diferença de gerações e arruinaria uma das missões da família, que é a de demarcar tal diferença (Kaës, 1993).

Assim, os avós parecem ficar em uma espécie de limbo, em que são parte da família, mas não totalmente. Isso em si pode ser uma evidência do lugar que os avós ocupam na dinâmica familiar, ou seja, de um equilíbrio delicado entre ação e participação, de um lado, e renúncia e afastamento, de outro.

Transmissão psíquica geracional

O tema da transmissão sempre esteve presente desde a Antiguidade, mas foi a partir de Freud e da psicanálise que as investigações tomaram novo fôlego. A transmissão põe em questão a articulação do sujeito individual no grupo, ou seja, sua relação com o outro (Granjon, 2001).

Embora a psicanálise sempre tenha tido como principal objeto de estudo o inconsciente no plano intrapsíquico, desde Freud já é possível observar alguns elementos que começam a extrapolar este plano para o interpessoal. Em “Totem e Tabu”, discorrendo sobre o primeiro organizador da lei humano, o tabu, o autor lança as primeiras bases para se pensar em uma transmissão entre gerações, a partir de um episódio mítico original, ainda que ele atribuisse um peso maior à carga filogenética (Freud, 1913/2006).

Já no estudo do fenômeno do narcisismo, Freud (1914/2006) traz à luz a compreensão de que a criança será irresistivelmente afetada pelas projeções de seus pais sob a forma de sonhos, desejos e expectativas, na esperança de que ela realize tudo quanto eles não puderam realizar, o que desembocará no seu ideal do ego.

Finalmente, em “Psicologia das massas e análise do ego”, Freud (1921/2006) mostra como os indivíduos se organizam em um grupo por meio de um objeto identificador em comum, sendo o mecanismo de identificação o elemento propiciador dessa coesão grupal, por meio do qual se daria um contágio emocional. Para a psicanálise vincular, a identificação ocupa lugar bastante relevante porquanto representa o principal veículo pelo qual ocorre a transmissão psíquica (Kaës, 2001b).

Com base na frase de Goethe, citada por Freud (1913/2006), “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”, a psicanálise vincular reconhece que todo sujeito nasce portador de uma herança prévia, que não depende de si; ela traz a matriz de sua vida psíquica e se processa na trama familiar (Correa, 2002). Nas palavras de Correa (2002, p. 76, grifos da autora): “o *eu* emerge de um *nós* que o precede”. O sujeito provém de mais de um outro, ou seja, vem do grupo, e se constitui por meio de mais de um grupo, ainda que seja concebido no seio de um primeiro, que é o familiar (Kaës, 2001a).

A partir da psicanálise vincular, compreende-se que o sujeito é determinado não apenas por seu inconsciente e pulsões, mas, além disso, também pela herança psíquica geracional que lhe é transmitida na família, ou seja, nos vínculos, de acordo com Kaës (2005). Isso significa que a transmissão entre gerações não é apenas biológica ou genética, mas também psíquica, o que asseguraria a pré-história subjetiva do sujeito (Granjon, 2001).

Mesmo uma criança que ainda não foi concebida pelo casal já está presente na esfera do eu-conjugal como alvo inescapável da herança que cada um dos pais tem como portador (Benghozi & Féres-Carneiro, 2001). Ainda que não se considere a família formada a partir do modelo tradicional apenas, pelo fato de uma criança provir de dois genitores, soma-se a ela a herança de duas pessoas diferentes, que por sua vez carregam, cada uma, uma herança de outras

duas e assim sucessivamente. Logo, a criança neste contexto carregará uma herança que é o resultado de um somatório de conteúdos de inúmeros antecessores e ancestrais.

Há uma lealdade genealógica, responsável por veicular o mito familiar e garantir o narcisismo do grupo (Benghozi & Féres-Carneiro, 2001). Desta forma, é possível conceber que cada novo membro que chega à família deve cumprir com a missão que lhe é inculcada.

Segundo Granjon (2001), a transmissão diz respeito à inscrição do sujeito em uma cadeia de gerações, constituindo ele um de seus elos. Ao mesmo tempo em que o sujeito é beneficiário forçado de uma herança da qual não pode escapar, ele tem a potência de poder transformá-la, apropriando-se dela e utilizando-a de forma criativa.

Como estabelecer a medida e o ritmo dessa tensão entre o que é da ordem do dentro dividido, e por isso constitutivo da realidade psíquica, e o que se manifesta na produção intersubjetiva da psique como uma condição decisiva de sua formação? Como conceber e tratar o sujeito como sendo ‘um fim para si mesmo’, segundo a formulação de Freud, e herdeiro? (Kaës, 2001a, p. 9).

Esse é então o paradoxo vivido por todo sujeito, que diz respeito à própria essência de seu ser, uma vez que ele só é quem ele é a partir de outros e a sensação de identidade própria, na verdade, não pode ser desatrelada de uma história prévia que assim o esculpiu. Em outras palavras, o passado do sujeito não lhe diz respeito, mas seu presente é o resultado desse passado, e mesmo seu futuro não poderá ser totalmente isento de sua história e pré-história. De acordo com Kaës (2001a), haverá sempre uma parte contida no sujeito que lhe é estranha, parte esta justamente herdada dos outros, que lhe precedem.

De nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos tornará contemporâneos, mas só passaremos a ser seus pensadores pelos efeitos a posteriori. Essa pré-história em que se constitui o originário, a de um começo do sujeito antes de seu advento, se escreve na intersubjetividade. Arrisquei formular que o sujeito é primeiro um “intersujeito” (Kaës, 2001a, p. 13).

Neste sentido, o tempo presente corresponde ao momento em que é possível ao sujeito fazer uma negociação entre passado, que representa a missão proposta pela família (o outro), e o futuro, que é seu desejo, sendo assim o momento de escolha, em que o sujeito pode tanto permanecer refém de sua herança, como romper com ela e desenhar um novo caminho (Muxel, 1996).

Para Kaës (2001a), o grupo familiar, que precede o sujeito individual, funciona como seu receptáculo e nele incutirá seus conteúdos, via transmissão psíquica. Por meio da transmissão interpsíquica é que passam, de uma geração à outra, conteúdos referentes aos interditos fundamentais, às identificações, ao complexo edípico e às formas de estruturação vinculares.

O autor fala em uma certa violência da transmissão, desde que determinados conteúdos são inculcados no sujeito a despeito de sua vontade e o enlaçam em uma condição de existência que não necessariamente coincide com seu desejo próprio (Kaës, 2001a).

Segundo Granjon (2001), haveria uma “obrigação em transmitir” (p. 24). Isso suscita a ideia de que a transmissão psíquica seja talvez uma força inevitável: seria um conteúdo que não poderia ser contido, já que não há continente, e por isso transborda para as gerações seguintes. Em outras palavras, talvez esses conteúdos não possam ser refreados pela geração transmissora, de um lado, e, de outro, não possam ser passados despercebidos pela geração receptora.

Kaës (2001a) recorda que assim como há uma urgência em transmitir, há também uma urgência em descontinuar uma transmissão. Ele ainda questiona o quanto seria possível falar em transmissão justamente nas famílias disfuncionais em que não há a discriminação eu-outro ou quando um conteúdo fica retido em uma geração na forma de um segredo e não consegue ser passado para a geração seguinte (Kaës, 2001a).

Entre a história objetiva e a narrativa subjetiva existe um lapso, lapso este que é atravessado por lembranças, esquecimentos, omissões, adições, fantasmas e realidade, cujo resultado será o produto final assimilado pela geração seguinte (Carreteiro, 2001). A psicanálise vincular vem mostrar então que não é apenas a partir do narcisismo dos pais que o sujeito se constitui (Freud, 1914/2006), mas também da pura ausência, do que não pôde ser passado (Kaës, 2001a).

O sujeito é inscrito no grupo a partir de uma memória que o precede. Mas como seria possível fundar e carregar uma memória que não passou previamente pela sua experiência própria, mas sim pela de outros?

Neste sentido, os avós talvez poderiam ser entendidos como duplamente agentes da transmissão: ao mesmo tempo que suas vivências e experiências, como a de seus antepassados e a dos seus filhos, conformam uma linhagem genealógica que desembocará no neto, também teriam uma participação ativa por meio do contato direto com ele, da mesma forma que os pais ou cuidadores da criança. Assim, poderíamos pensar em uma transmissão do passado e uma transmissão do presente, respectivamente.

Além disso, é curioso pensar nos avós que exercem o cuidado integral pelos seus netos e como se daria a transmissão nestes casos, em que a criança fica privada da transmissão da geração intermediária, os pais. Receberia ela a mesma herança que seus pais receberam, como se fossem irmãos? Ou seria um material diferente, agora modificado pela passagem do tempo?

A transmissão psíquica, que se passa entre as gerações, por sua vez conectadas através do tempo, não segue uma linearidade necessariamente. Ela pode ocorrer em diferentes

temporalidades: circular, com lacunas ou intermitente (Kaës, 2001a). Mas, afinal, de que transmissão se está tratando?

Nas palavras de Piva (2009):

Podemos dizer que se transmitem afetos, representações, fantasias, sistemas de relação de objeto, sistemas de ideais e valores, sistemas identificatórios, mecanismos de defesa, culpas, dívidas, mitos e também, o vazio, o significante em bruto, o negativo. Nada escapa à transmissão (p. 78).

Não são conteúdos concretos ou literais que são passados para as gerações seguintes, mas sim fragmentos dispersos de uma experiência vivencial, que são captados na forma de um clima emocional. O modo de encarar uma dada realidade tende a inundar o outro, o que pode gerar um certo mal-estar (Puget, 2015). Para Puget (2015), pais e avós, na esperança de transmitir seu olhar sobre a vida para filhos e netos, esquecem-se de ouvi-los, mas se deparam com o fato de que estes sabem mais do que eles próprios e, mais ainda, o que sabem não provém do meio familiar. Ou seja, talvez isso possa apontar para novas formas de transmissão e para uma possível influência sentida pelas TICs.

No limite, o que se transmite é apenas coisa, e o seu preenchimento por conteúdos seria o próprio processo de elaboração (Kaës, 2001a). Em outras palavras, o que é transmitido é conteúdo vazio, em estado bruto, e o seu preenchimento por conteúdos simbólicos constitui o próprio processo elaborativo. O que se transmite, “[...] essencialmente, são as *configurações de objetos psíquicos* (afetos, representações, fantasias), isto é, *objetos munidos de seus vínculos, incluindo sistemas de relação de objeto*” (Kaës, 1998, p. 8-9, grifos do autor).

Ainda para Kaës (1998), a transferência também pode ser concebida como transmissão. Por isso, seja na clínica ou em outros contextos, ela pode ser um recurso útil para compreender a dinâmica de uma determinada família ou a inserção de um determinado sujeito na sua família.

Kaës (2005) sistematiza duas categorias da transmissão psíquica: *transmissão sem transformação*, ou *transgeracional* (Granjon, 2001), e *transmissão com transformação*, ou *intergeracional* (Granjon, 2001). Na primeira delas ocorre uma transferência direta de conteúdos psíquicos de um sujeito para outro sem que haja qualquer transformação. Nesse tipo de transmissão, o conteúdo transmitido diz respeito, sobretudo, às “rupturas, as falhas, os hiatos não pensados e impensáveis, o nivelamento dos objetos do pensamento, os efeitos da pulsão de morte” (Kaës, 2005, p. 129). E o autor prossegue:

As características desse tipo de transmissão são de duas espécies: o enquistamento, no inconsciente de um sujeito, de uma parte das formações inconscientes de um outro, que vem, então, assombrá-lo como um fantasma; a hipoteca de um mandato imperativo que o ancestral faria pesar sobre sua descendência (Kaës, 2005, p. 134).

Já na segunda categoria, o conteúdo que é transferido passa por transformações, de forma que já foi possível sua elaboração (Kaës, 2005). Esse trabalho de elaboração implica não apenas o grupo, como também o sujeito do grupo, “favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, a uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado” (Trachtenberg, 2005, p. 121).

Desta forma, a diferença essencial entre as duas formas de transmissão se refere à possibilidade de serem transformadas ou não, no processo de sua transmissão, o que depende de haver por sua vez uma capacidade de simbolização e de introjeção. Assim, “a patologia da transmissão psíquica qualifica-se pelos distúrbios do pré-consciente ou pelos defeitos de constituição do pré-consciente, isto é, pelos distúrbios do aparelho de ‘significar/interpretar’” (Kaës, 2005, p. 136). Esse tipo de distúrbio pode levar à repetição e a patologias específicas da transmissão, incluindo sintomas psicossomáticos, quando o corpo é o último recurso para algo que não pôde ser simbolizado ou manifestado (Correa, 2002).

No entanto, se há trocas de conteúdos psíquicos entre as gerações, há também trocas disruptivas, ou seja, há patologias próprias da transmissão psíquica geracional, que por sua vez se associam intimamente a perturbações do funcionamento familiar.

De acordo com a categorização de Eiguer (1995) sobre os tipos de família, edipiana, anaclítico-depressiva e narcísica, este último seria o mais propenso a apresentar confusões entre gerações e entre sexos. Nesse caso, os papéis são frequentemente trocados e os limites eu-outro pouco claros; um filho, pode ocupar o lugar do pai ou mesmo do avô, por exemplo.

Enquanto na família edipiana há um reconhecimento das origens predecessoras sem que se perca a coesão interna nuclear, na anaclítica e em alguns casos nas narcísicas, figuras antepassadas, como os avós, ocupam um lugar de imponência e autoridade que se estende aos vínculos libidinais de objeto, dificultando a coesão grupal da família nuclear (Eiguer, 1995). Por contraste, refletimos que na família edípica, os limites são bem traçados, incluindo os que separam os avós, de um lado, dos filhos e netos, de outro, constituintes de uma nova família.

Algumas famílias vivem à sombra de uma figura imagética de um antepassado já morto, que faz sentir sua influência apesar de sua ausência (Eiguer, 1995). Os avós, neste caso, representariam os membros mais próximos ligados a essa figura ancestral.

Nesse caso, prevalece a impressão de uma dívida para com os antepassados. Tanto a família como o indivíduo sentem-se obrigados a suportar aquilo que pode ser experienciado como um legado autopunitivo ou desestruturador. A esse respeito a delegação, conceito desenvolvido essencialmente por Stierlin (1977), consiste no sentimento profundo (com frequência inconsciente) de ser forçado a realizar um ato, chamado missão, para resolver um conflito vivenciado pelos pais, avós ou antepassados. Outras vezes, trata-se de realizar uma necessidade insaciada. Tanto para a delegação como para o mérito, é sua lealdade diante da

geração anterior que levará o indivíduo (ou a família) a realizar o que vive como necessidade compulsiva (Eiguer, 1995, p. 120).

Por parte dos netos, se é verdade que há a dívida neurótica dos filhos para com os pais (Freud, 1913/2006), esses casos fazem pensar que é como se essa dívida fosse tão grande que se estenderia para os avós e até mesmo para além deles, os antepassados. De acordo com Eiguer (1995), em situações como essas os descendentes costumam experimentar sentimento de culpa e ambivalência.

Para salvaguardar o funcionamento do grupo, é preciso que a família mantenha um equilíbrio homeostático entre seus membros, nem que seja pela via da patologia. Neste último caso, é comum que a doença recaia sobre um determinado componente do grupo familiar, o paciente identificado (M. Ramos, 2006) ou bode expiatório (Pichon-Rivière, 2005), que acaba assumindo os traumas que não puderam ser elaborados pelas gerações antecessoras e que assombram a família como se fossem fantasmas. Isso pode ser verificado pelo fato de que quando o sujeito identificado passa a melhorar seu estado, é frequente que outro acabe caindo no adoecimento psíquico (Almeida Prado & Giovannini, 2001).

Se o grupo, familiar no caso, é continente o suficiente para seus próprios elementos, então ele é capaz de funcionar sem maiores problemas, do contrário, o sintoma irrompe em um ou mais de seus membros como uma tentativa de implodir angústias primitivas (Benghozi & Féres-Carneiro, 2001). Benghozi e Féres-Carneiro (2001) alertam, entretanto, que o sintoma não representa o rompimento dos laços familiares, mas precisamente uma tentativa de mantê-los, ainda que à custa de formas disruptivas de funcionamento.

Ademais, é preciso destacar que não é possível atribuir à família a responsabilidade total pela patologia de um de seus membros, como lembra Berenstein (2011), e nem ela deve ser confundida com períodos de crise por que passa a família em determinados momentos, como a adolescência de um membro, que costuma desencadear conflitos geracionais (Passos, 2001).

Embora o adoecimento psíquico não seja sempre causado unicamente pela influência da esfera familiar, inevitavelmente os elementos familiares farão uma inscrição em seus membros, por meio de mitos específicos de cada grupo, somados às fantasias individuais, cujo resultado se atualiza na vivência de cada sujeito (Almeida Prado & Giovannini, 2001).

A patologia geracional é verificada quando os elementos históricos da vida do sujeito adoecido, simplesmente, não bastam para explicá-la e, logo, sua etiologia deve ser buscada na sua pré-história, ou seja, nas vivências de seus antecessores. Tais vivências se infiltram em sua psique, mesmo não lhe dizendo respeito, como um corpo estranho (Almeida Prado &

Giovannini, 2001). Neste sentido, vemos então que a patologia é a própria expressão da interação entre as gerações e só ocorre a partir do contato com o outro.

No caso das patologias da transmissão, é possível observar quadros que se dão em função de uma mentira fundamental, como denominam Almeida Prado e Giovannini (2001), que se refere a uma verdade que é ofuscada por uma ficção que compromete a própria organização subjetiva do sujeito por embaralhar sua origem constitutiva. Ainda de acordo com as autoras, o mito familiar seria um dos fatores responsáveis pela formação de mal-entendidos, sintomas e tabus no processo de transmissão psíquica pelo fato de encobrir certas partes da realidade (Almeida Prado & Giovannini, 2001).

Na concepção de N. Abraham e Torok (1995), se não houver capacidade de suportar um determinado conteúdo traumático, devido ao sofrimento que provoca, ele pode ser perdido e uma lacuna ficará em seu lugar. Isso leva à formação de um encapsulamento do conteúdo traumático, que precisa ser isolado do restante da vida psíquica do sujeito. Seria como uma cripta em meio ao ego que o fecha diante da experiência traumática e da possibilidade de elaboração. Assim, justamente por essa incapacidade de elaboração, ele acabará sendo passado às gerações seguintes, que poderão ou não transformá-lo e, em caso negativo, passarão para as seguintes também.

Em outros casos de patologias transgeracionais, o que Eiguer (1995) chama de representações ocas, o genitor, preso a representações do passado, de seus pais ou dos seus ancestrais, não é capaz de oferecer ao filho o investimento narcísico necessário para sua constituição subjetiva satisfatória. O resultado é uma identificação da criança com o vazio. Aqui, é como se os ancestrais monopolizassem a história familiar e usurpassem o investimento libidinal de um ou dos dois genitores, o que acaba por levar à desvinculação dos membros da linhagem, bem como à psicose na criança (Eiguer, 1995). Dito de outra forma, parece haver uma inversão da lógica esperada e o investimento libidinal aconteceria na “contramão”: do sucessor para o antecessor. Assim, o filho investiria em seus pais, netos em seus avós, bisnetos em seus bisavós, e assim por diante. O vínculo entre avós e netos ficaria comprometido: os avós “sugando” de seus filhos o investimento que deveria ser destinado aos seus netos.

Essas ideias trabalhadas por Eiguer (1995) parecem se aproximar do conceito de “telescopagem” das gerações desenvolvido por Faimberg (2001a), segundo o qual histórias diferentes são aglutinadas em três gerações, gerando a alienação do sujeito em relação aos próprios conteúdos internos em função de um outro, estranho a ele.

A “telescopagem” das gerações se relaciona com o que Faimberg (2001b) denominou “identificação narcisista inconsciente alienante”, em que o filho introjeta os conflitos

intrapsíquicos de seus pais exatamente como os recebeu, sem nenhum trabalho de elaboração, e acaba por reviver a vida deles. Devido aos processos de intrusão e apropriação envolvidos, os limites entre o eu e o outro ficam abalados, impedindo uma diferenciação clara do sujeito. Desta forma, não há espaço para a criação de uma subjetividade própria pelo sujeito, que fica propenso a uma morte psíquica, caso não consiga elaborar tais conteúdos.

A esse respeito, Trachtenberg et al. (2005) dispõem que

O representante dessa geração, receptora de um ato psíquico que não é seu, termina por se alienar de seu próprio psiquismo; de receptor passivo, porém, se identifica solidariamente com essa parte da história de seus antepassados para cumprir uma finalidade narcisista própria. Referimo-nos, aqui, ao uso resistencial (na vida e na clínica) desse tipo de identificação para negar a diferença de gerações e, assim, negar a ferida narcisista que essa diferença representa na conflitiva edípica, pois identificar-se com um avô, e ser pai de seu pai, e não filho, por exemplo, é a negação da dolorosa exclusão da cena primária, assim como das ansiedades de castração (p. 51-52).

Isso talvez poderia refletir uma patologia da *geração* propriamente, em que se nega o tempo atual e se verifica uma nostalgia em relação aos tempos de seus antepassados, mesmo que o sujeito nem os tenha vivido ele mesmo e, por isso, nem poderia saber como era esse passado idealizado. Seria como se fosse preciso negar algo da realidade atual que não pode ser reconhecido.

Seguindo essa linha de raciocínio, Kaës (2001a) avalia que, para além de todas as patologias possíveis referentes aos conteúdos transmitidos ou deixados de serem transmitidos, vivemos nos tempos atuais uma patologia da própria transmissão psíquica entre as gerações:

No limite, o conceito de modernidade é aquele pelo qual cada geração se desliga da precedente e se coloca em posição de herdeira. Talvez, no entanto, algumas delas vivam uma crise mais profunda quando à conjunção de uma dupla incerteza nas relações entre as gerações, tanto pelo lado de Pais e Mães como pelo lado de Filhos e Filhas, soma-se uma desconexão entre movimentos de vida e de morte. Nesse sentido, nossa modernidade não é apenas a crise da transmissão, de seus objetos e de seus processos: é também a crise do próprio conceito de transmissão (Kaës, 2001a, p. 25).

Rozenbaum de Schvartzman (1998), baseada na concepção de identificação alienante de Kaës (1989), enuncia que, por fidelidade narcísica à geração antecedente, os pais apresentariam o desejo de identificar seus sucessores, os filhos, com os avós destes. Em outras palavras, os filhos teriam uma identificação com a identificação de seus pais com relação aos seus próprios pais. Esse quadro talvez possa ser exemplificado em alguns casos em que os pais dão aos seus filhos o mesmo prenome dos avós destes.

A transmissão psíquica, é verdade, não se reduz à patologia; ela ajuda a explicá-la, mas também se refere aos elementos criativos que são igualmente transmitidos no seio familiar e

estabelecem formas saudáveis de adaptação do sujeito que os herda (Almeida Prado & Giovannini, 2001).

A partir do conceito de pacto sobre o negativo, proposto por Kaës (1989), em que algum aspecto da realidade é negado pelos membros do grupo por meio de um mecanismo defensivo, como a idealização, de forma que até mesmo o vínculo pode se esvaziar, reduzindo-se a um fetiche, Almeida Prado e Giovannini (2001) trabalham a ideia de vínculo em relíquia, que aqui damos destaque. A relíquia teria função de fazer sobreviver algo apesar de sua morte, por meio de um luto mistificado que se dá por identificações alienantes. Do ponto de vista do vínculo, seria conceber que há um esforço das partes envolvidas em mantê-lo, apesar de não existir mais. Em suas palavras:

A relíquia representa algo que se retém, salvo da perda completa e definitiva, e apresenta-se como um artifício pelo qual a revelação da nossa própria finitude é evitada, fazendo crer que alguma coisa subsiste, apesar de um saber sobre a separação (Almeida Prado & Giovannini, 2001, p. 102).

As autoras dão o exemplo do objeto relíquia, que não apresenta uma utilidade prática como outros objetos domésticos de uso, mas representa um objeto de culto privado, que fortalece a crença em uma indestrutividade apesar do tempo e das mudanças. Por meio do pensamento onipotente, ele é capaz de alterar a percepção da realidade e visa, justamente, aplacar a dor da morte e da separação e do rompimento (Almeida Prado & Giovannini, 2001).

Isso faz pensar no caso de netos que já perderam seus avós, por exemplo, e podem, por meio de um objeto relíquia que é por eles herdado, preservar algo do vínculo que tinham com eles. Um objeto que é dado de herança teria uma conotação de fazer lembrar e de fazer presente ou atualizar a estampa do doador, não apenas para a geração que a recebe, mas para que se perpetue *ad infinitum*, já que o bem pode ser passado para as gerações seguintes sucessivamente. O objeto relíquia, neste sentido, seria a materialização da herança entre gerações e da esperança da eternização da família.

Se tratar da transmissão psíquica implica necessariamente abordar a diferença de gerações e de tempos que sucedem uns aos outros, cabe salientar que, para Granjon (2001), entretanto, passado ou pré-história seriam praticamente sinônimos de presente, uma vez que no inconsciente os três tempos se misturam, sendo mais correto condensá-los sob a ideia de um presente composto.

Evocando Santo Agostinho, Granjon (2001) faz uma interessante articulação entre o seu conceito de tempo, que se aproximaria da atemporalidade do inconsciente, e da transmissão psíquica. Para Santo Agostinho, haveria “um presente de coisas passadas, um presente de coisas presentes e um presente de coisas futuras” (apud Granjon, 2001, p. 18); o primeiro tempo

coincidiria com a memória, o segundo corresponderia à percepção e o terceiro à espera. A autora reflete que, tal qual a característica atemporal do inconsciente, os três tempos na genealogia podem se misturar: “Mas nossa pré-história nem sempre é passado, e a genealogia, às vezes, mistura os tempos e os espaços, engana-se de geração, repete-se, confunde os sujeitos. E alguns ancestrais, como se sabe, perturbam a vida de seus descendentes” (Granjon, 2001, p. 18).

A memória tem que ver com um tempo pregresso e, conseqüentemente, se relaciona com o sentimento de pertença a um determinado grupo, familiar ou social. Ela seria uma função, que pode tanto pender para o lado da patologia, a memória traumática, que é a fixação e a repetição da situação traumática, quanto o da elaboração, o que a autora chama de memória ativa, e que leva à produção simbólica criativa (Puget, 2001).

A questão da memória, posta no contexto do vincular, conserva a função de registrar, reter e reproduzir feitos e acontecimentos passados tanto próprios ao sujeito como estranhos a ele e à sua história singular. A inscrição daquele estranho se fará em um espaço virtual. As diversas funções da memória poderiam ser enumeradas como atinentes a congelar um estado ou, ao contrário, ativar funções evocativas, elaborativas ou criativas que deem acesso a novas formas de esquecimento e recordação. O esquecimento e a recordação exigem ações públicas de parte da comunidade ou do grupo familiar (Puget, 2001, p. 76-77).

Mecanismos de recordação e de esquecimento se fazem presentes em toda família. O somatório das inscrições de memória e esquecimento produz uma história (Puget, 2001), a história familiar, no caso.

Tomando o conceito de presente das coisas passadas de Santo Agostinho, trazido por Granjon (2001), podemos refletir que a memória, que se aproxima da história e do passado, remete ao velho. Neste sentido, pensamos que os avós na família cumpririam função de preservar sua história, como um reservatório dos conteúdos que serão perpetuados. Assim, não só aquilo que os avós conservam na memória diz respeito ao grupo familiar, mas igualmente aquilo que eles esquecem, o que fornece, possivelmente, o modelo de esquecimento desse grupo também.

Se um trabalho de ligação e de transformação pelo grupo familiar, funcionando como um aparelho único, se faz necessário para metabolizar seus conteúdos circulantes (Correa, 2002), poderíamos pensar que os avós teriam uma importante função de metabolização, uma vez que representariam a matriz viva da transmissão.

Posto isso, caberia refletir ainda como seria possível conciliar a atemporalidade do inconsciente e a mistura dos três tempos psíquicos com a velocidade cronométrica e a aceleração trazidas pela tecnologia.

A partir desta breve descrição, que reflete sobre a importância da transmissão da vida psíquica, ressalta-se o fato de que quando um conteúdo não pode ser transmitido via consciente,

ocorre pela via inconsciente. Desta forma, pensamos que os avós em uma família cumpririam com uma função saudável de trazer à tona, para a consciência, histórias cujos filhos e netos precisam se apropriar para torná-las suas, de maneira que interfiram positivamente na construção dos seus caminhos. Do contrário, quando a herança é transmitida de forma inconsciente, poderá não ser apropriada e o sujeito termina por se assujeitar a um destino pouco conhecido, já que um dos modos dessa transmissão se manifestar é pela via da repetição.

Diante de todo o exposto, tomando uma das funções dos avós na família como uma importante via de transmissão psíquica inconsciente e consciente, a inserção da tecnologia entre os vínculos interpessoais desperta algumas questões: em que medida as novas tecnologias poderiam facilitar, prejudicar ou não afetar o vínculo entre avós e netos? Poderiam elas comprometer a transmissão psíquica entre essas gerações? Seria possível falar em um vínculo virtual e até que ponto ele poderia substituir o presencial? E, finalmente, em que a psicanálise, e mais especificamente a psicanálise vincular, poderia contribuir a esse respeito?

3 A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS E A FUNÇÃO DOS AVÓS NA FAMÍLIA A PARTIR DA PSICOLOGIA GERAL E ÁREAS AFINS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O aumento da esperança de vida e a queda da natalidade são fenômenos que vêm ocorrendo em todo o mundo desenvolvido e têm levado ao envelhecimento das sociedades. Não apenas a isso, mas têm causado também outras mudanças importantes no plano familiar e nos papéis de parentesco (Harper, 2006): há uma dilatação intergeracional, ou seja, mais gerações convivendo paralelamente, e uma contração intrageracional, quer dizer, uma diminuição do número de membros em uma geração de uma família (Bengtson, Rosenthal & Burton, 1990). Assim, as famílias de hoje tendem a ser cada vez menos numerosas, mas conter mais gerações (Hagestad, 1988), ou seja, como afirma Harper (2006), ter mais ligações verticais do que horizontais.

O aumento da longevidade tende a elevar a probabilidade de um indivíduo passar mais tempo exercendo uma mesma função familiar, o que significa maior tempo no exercício de uma dada função intergeracional, como a de avós (Harper, 2003), além de aumentar a probabilidade de que o indivíduo acumule mais funções familiares ao longo de sua vida, tendo a oportunidade de ser bisavô ou tataravô. Além disso, já na década de 1990, Jerrome (1993) apontou que os indivíduos têm se tornado avós cada vez mais precocemente, o que também faz com que passem mais tempo nesta condição (Harper, 2006).

Há também uma diminuição da proporção de netos em relação a avós no mundo ocidental, dada a menor fertilidade (Harper, 2006). Ao mesmo tempo, se se considerar a não mais obrigatoriedade do casal em ter filhos que a família pós-moderna permitiu (Badinter, 1985), podemos pensar que se antes tornar-se avô ou avó era praticamente destino, desde que se vivesse tempo o suficiente para tanto, agora é possível que nas futuras gerações se assista a um aumento na quantidade de pessoas em idade avançada sem serem avós, ou seja, uma diminuição na quantidade de avós.

Para Aratangy e Posternack (2005), anteriormente, com a menor expectativa de vida, não fazia muito sentido cultivar o vínculo entre netos e avós visto que era quase certo que teriam pouco tempo de convívio, com os avós se restringindo a assumir apenas os cuidados iniciais da criança. Mas com a expansão da longevidade, não apenas o papel dos idosos e avós se diversificou (Marangoni & M. C. S. L. Oliveira, 2010), como também esses fenômenos todos fazem aumentar a importância do papel dos avós na família contemporânea ocidental e vêm

mostrar a relevância de se debruçar sobre as dinâmicas envolvidas entre as gerações, como alerta Harper (2003).

Segundo Arrais, Brasil, Cárdenas e Lara (2012), essas mudanças também fizeram com que o envelhecimento não fosse mais visto apenas como uma ponte para o fim da vida, mas agora como sinônimo de atividade, autonomia e independência. Para A. L. Oliveira (2017), o fato de a população idosa aumentar implicará um fortalecimento e um ganho de poder por parte dessa população, fenômeno que vem sendo chamado de revolução gerontológica.

De toda forma, os avós são costumeiramente a primeira retaguarda no cuidado dos netos e apoio aos filhos e genros/noras, oferecendo ajuda emocional ou instrumental. Eles são os protagonistas na assunção dos cuidados da criança, depois dos pais, mas antes de outros parentes, como tios, irmãos, etc (Dessen & Braz, 2000). Em momentos de crise familiar, Dias e D. V. da Silva (1999) constataram que os avós são geralmente acionados para dar apoio.

Desde estudos anteriores, os avós são figuras importantes na construção da subjetividade dos netos como referências para além dos pais (M. L. Barros, 1987). Todavia, observa-se que há ainda uma escassez de estudos que tratam dessa temática relacional (Dias, 2017) e mais ainda especificamente no que se refere a netos adolescentes, conforme alertara Dias e D. V. da Silva (2001). Entretanto, Dias (2016) ressalta que se trata de um vasto campo, que está em franca expansão. Dentre os principais motivos que levaram ao aumento do interesse por essa área de estudo, estão a elevação da expectativa de vida, a entrada da mulher no mercado de trabalho e as novas configurações familiares (Dias, 2002).

Os avós guardam importância também no âmbito social, como destacam alguns autores. O fim da fase reprodutiva nas mulheres, no caso, pode ser trocado pelo maior dispêndio de tempo e energia nos cuidados dos filhos dos filhos, o que acaba por se refletir em uma vantagem evolutiva no nível social (H. Kaplan, 1997). Para Carey e Gruenfelder (1997), há uma relação direta entre o aumento da longevidade e a formação de estruturas sociais complexas.

Nota-se que antes o estereótipo dos avôs era a imagem de um idoso sério e autoritário e a das avós como velhinhas encurvadas, com coque nos cabelos, sorridentes e fazedoras de bolos. Entretanto, com a passagem do tempo, o paradigma dos avós mudou, pois passaram a ser pessoas ainda dispostas, em plena atividade, muitas vezes trabalhando, e engajadas na relação com seus netos (Johnson, 1983). Outra mudança observada diz respeito à imagem e à atuação dos avós, de mais distantes e rígidos para avós mais calorosos e afetuosos (Dias, Costa & Rangel, 2009).

Em pesquisa realizada por Paula, M. J. da Silva, Bessa, Morais & Marques (2011), por exemplo, com 12 idosos avós por meio de entrevista semidirigida, sobre as diferenças que

constatavam entre a relação que tinham com seus avós e a que têm atualmente com seus netos, ficou demonstrado que, segundo opinião dos participantes, há diferenças percebidas entre as gerações. Para eles, perdeu-se a autoridade, que viam de forma positiva, uma vez que ajudava a tornar as regras e os papéis claros dentro da família. Por causa disso, mesmo que todos os membros participassem da educação das crianças, não havia confusão de funções. Pensam ainda que perderam poder de mando sobre os netos, pois não haveria mais o sentimento de temor presente, e que as relações entre avós e netos hoje é marcada pela falta de respeito e por conflitos, provocados pelo excesso de liberdade existente na “criação moderna”. Deste modo, o estudo evidencia que anteriormente tais relações eram caracterizadas pela autoridade e forte demarcação de hierarquia. Ainda assim, isso não significa que essas relações não fossem positivas, ou que excluíssem aspectos mais associados às relações atuais entre avós e netos, como carinho e afeto.

Não obstante, nas classes baixas da população, ainda hoje costuma ser mais frequente um papel de autoridade por parte dos avós, devido ao fato de os pais dos netos nem sempre poderem se responsabilizar pela educação de seus filhos (I. E. Santos & Dias, 2008). Já nas classes média e alta, é mais frequente que os avós assumam papéis de amizade e aconselhamento, menos marcadas pela rigidez (Dias & M. A. S. Silva, 2003).

O termo “avosidade”, derivado do inglês *grandparenthood*, vem sendo utilizado por alguns autores (Goldfarb & R. G. da C. Lopes, 2006; A. R. V. Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010) para nomear a função de avô e avó exercida por eles em relação a seus netos, tal qual o termo parentalidade se refere às funções exercidas pelos pais para com seus filhos, por exemplo. Ao se apropriar do termo inglês e fazer uso dele, no espanhol *abuelidad*, Redler (1986) tinha intenção de destacar as características deste tipo de laço de parentesco em detrimento da idade cronológica simplesmente (Pedrosa, 2006). Ou seja, é preciso separar a fase de desenvolvimento em que se encontra o indivíduo normalmente confundido com o(a) avô(ó), no caso o “idoso”, da função ou papel social “avô(ó)”, de forma que não necessariamente eles coincidem, como é lembrado por Dias (2016).

Assim, podemos refletir que um(a) avô(avó) só poderá existir com um neto, condição sem a qual se limitará apenas a uma pessoa em idade mais avançada ou idosa e a papéis de filho(a) e neto(a), e talvez pai ou mãe. Sendo avô(ó), agrega-se uma função familiar e social a mais do que ser apenas idoso, por exemplo. Ainda assim, Dias e D. V. da Silva (2001) observam que uma pessoa pode ser avô(ó), quer dizer, ela pode ocupar esse lugar de parentesco, mas não estar tão comprometida com essa função. Da mesma forma, há netos que não se mostram satisfeitos com seus avós (Einsenberg, 1988), o que poderia indicar uma busca menor por eles,

bem como menos interação com eles, de forma que nestes casos também não exerceriam o “papel” de netos.

Para Dias (2002), os avós não são valorizados, nem bem assimilados pela sociedade, de uma forma geral. Ainda para a autora, algumas atividades de grupo envolvendo os avós poderiam beneficiá-los para uma melhor apropriação de sua função, além de favorecer também as outras pessoas ligadas a eles.

Os avós que priorizam uma relação de companheirismo com seus netos e que dispõem de tempo livre para isso têm maior chance de assumir satisfatoriamente seu papel de avós (Szinovacz, 1998). Entretanto, como atualmente se encontram tanto avós jovens quanto avós mais idosos (E. S. L. Lopes, Neri & Park, 2005), Cardoso e Brito (2014) lembram que muitos dos primeiros ainda estão em plena atividade e trabalhando, o que dificulta sua atuação junto aos netos. Caberia refletir então como ficaria a relação entre avós e neto futuramente, na medida em que os primeiros tendem a ser cada vez mais ativos por mais tempo, ainda mais na realidade brasileira, em que se avista a possibilidade de uma crise na Previdência Social proximamente (Jornal do Commercio *on-line*, 2017, 27 de janeiro).

O vínculo entre avós e netos acontece por meio das atividades que fazem juntos e pode ser influenciado por diversos fatores, como: gênero, idade, condição de saúde, distância geográfica, estado civil, qualidade da relação com filhos e com genros e noras, nível socioeconômico, a configuração familiar, a cultura em que estão inseridos, e mesmo a personalidade individual de cada um (Dias & D. V. da Silva, 2001). Para Dias (2017), normalmente a relação entre avós e netos se mostra positiva.

Alguns estudos mostram que a relação entre avós e netos passa por mudanças em função da fase de desenvolvimento em que estes últimos se encontram, sofrendo um distanciamento progressivo por parte dos netos (B. Kahana & E. Kahana, 1970). Já para outros autores a relação não passaria por diferenças (Matthews & Sprey, 1985), e, para outros ainda, não haveria necessariamente um distanciamento progressivo, mas fases de maior distanciamento e de maior proximidade se tratando de netos adolescentes. Para estes últimos, o início da puberdade dos jovens, por exemplo, seria uma das fases de distanciamento (Dellman-Jenkins, Papalia & Lopez, 1987).

O fato de diversos fatores influenciarem na qualidade do vínculo entre avós e netos poderia indicar talvez que se trate de um tipo de relação mais flexível do que a que ocorre entre pais/cuidadores diretos e filhos, podendo estar aberta a possibilidades mais variadas de vinculação. Considerando os avós que não exercem seu papel e que não têm contato com seus netos, podemos pensar também que o vínculo entre avós e netos talvez não tenha um caráter

indispensável. Em outras palavras, desde que os avós não sejam aqueles que assumem o papel de principais cuidadores dos netos, sua presença não seria imprescindível. Entretanto, se considerarmos avós ausentes, por exemplo, isso não significa que essa ausência não afetará os netos de alguma forma.

A influência dos pais se mostra como fator muito relevante para a qualidade da relação entre avós e netos (Dias & D. V. da Silva, 2001). Segundo estudo qualitativo a partir de entrevistas com netos adolescentes, Dias e D. V. da Silva (2001) constataram que houve alguns jovens, ainda que minoria, que julgavam que seus pais não incentivavam o seu relacionamento com os avós, fosse por excesso de mimos por parte destes, fosse pela dificuldade de relacionamento entre os pais e seus pais. Em outra pesquisa, sobre avós que criam os netos, os resultados indicaram a possibilidade de haver rivalidade na relação entre algumas avós e as mães de seus netos (Dias, et al., 2009). Dessen (2017) ainda mostra que em casos de divórcio dos pais, há uma probabilidade de os netos perderem contato com os avós paternos enquanto conservam contato com os avós maternos.

Assim, se os pais mantêm bom relacionamento com seus pais, é mais provável que a relação entre avós e netos também seja favorável. Desta forma, nos casos em que a relação entre avós e netos é de qualidade precária, geralmente observa-se o mesmo entre os pais e seus pais, os avós dos netos (Dias & D. V. da Silva, 2001). Com o amadurecimento do neto e aumento da sua autonomia e responsabilidade, diminui a necessidade de mediação dos pais (dos netos), que no início é necessária para que haja a interação com os avós; logo, a relação entre avós e netos adolescentes se caracteriza pelo aumento contínuo do desejo do neto de querer ou precisar ou não de seus avós, já que a procura por eles cada vez mais partirá de sua iniciativa (Gladstone, 1988).

Alguns estudos se voltaram a entender a função que os avós podem exercer em relação ao neto, de modo que os avós podem ser encarados como boas ou más influências sobre os netos, dependendo da perspectiva considerada (Dias, 2002).

Para Langer (1990), os avós poderiam exercer dois tipos de auxílio com relação aos seus netos: suporte instrumental, ou de serviços, e suporte expressivo, ou emocional. Eles podem dar suporte financeiro aos netos (A. R. V. Oliveira & Karnikowski, 2012), bem como se prestar a ajudar na sua educação formal, com os deveres escolares, por exemplo (Dias, 2017).

Com netos pequenos, os avós costumam assumir uma função mais associada aos cuidados; já quando os netos são maiores, eles se prestam à confidência e intermediação. Os avós são as principais figuras de socialização da criança depois dos pais e nos casos em que há um neto com alguma deficiência, costumam oferecer especial apoio à família. Eles também

seriam os transmissores do legado familiar e social por meio de suas histórias e experiência de vida (Dias, 2002). Então, vemos que, mesmo fora da perspectiva da psicanálise vincular, os avós também são concebidos como importantes núcleos de transmissão psíquica para as gerações seguintes (Goldfarb & R. G. da C. Lopes, 2006).

Segundo A. L. Oliveira (2017), os jovens hoje, por exemplo, experimentam cada vez mais intimidade com um sentimento de vazio, dado pelos valores associados ao consumo e ao individualismo, o que gera dificuldade em consolidarem um senso de pertencimento. Os avós, assim, teriam uma atuação bastante importante em auxiliar os netos quanto a essas questões.

Se por um lado há uma escassez de estudos sobre os avós (Harper, 2006), por outro as avós do gênero feminino parecem ser indicadas como tendo maior influência sobre os netos (Marcondes, 2009), especialmente a materna (Arrais et al., 2012). Para Lachmann (2011), tornar-se avó pode ser uma segunda oportunidade de vivenciar a maternidade. É provável que essa maior participação ocorra em função da maior aproximação entre a mãe da criança com seus pais e primeiros auxílios quanto aos cuidados do bebê oferecidos pela avó materna deste (Dias & D. V. da Silva, 2001).

Com as transformações nos papéis de gênero, os avós estariam sofrendo, já há alguns anos, uma significativa mudança em seu papel, uma vez que a mudança no papel dos avós, de mais rígidos e autoritários para mais indulgentes e doces, exigiria um esforço maior por parte deles. Assim, para exercer esse papel afetivo, quase maternal, os avós precisariam romper com o paradigma de masculinidade que estavam habituados a exercer como homens jovens e também como pais. A sociedade, entretanto, forneceria o suporte necessário para essa passagem (Nye & Berardo, 1973). Como resultado desse processo, tem-se observado atualmente não só pais mais ligados às funções de cuidado, como avós também (Dias, 2016).

Então, enquanto o papel de avó pareceria mais fácil de ser exercido, visto que é uma experiência mais próxima do que viveram como mães, incluindo cuidados básicos com a rotina dos netos, brincadeiras e conselhos, aos avós pareceria ser necessário fazer um movimento a mais, tendo eles que aprender uma nova forma de se relacionar com seus netos.

O estudo de Arrais et al. (2012) mostra que a visão dos netos adolescentes sobre os avós varia em função do fato de residirem com eles ou não. No primeiro caso, veem-nos como mais “nervosos”, pois têm de lidar com o embate de gerações, o convívio diário e a função de pais assumida pelos avós, esvaziando a imagem de avós “doces”, que são lenientes e que apenas mimam.

Ainda segundo as autoras, os avós não interfeririam na autoimagem dos netos adolescentes, uma vez que eles, diferentemente da criança, já se encontram em uma fase de

desenvolvimento em que passam a buscar referências nos pares, ou seja, fora do círculo familiar, como afirma Aberastury (1988). Se é verdade que a família, incluindo os avós, perde influência sobre os jovens, podemos pensar se as TIC não estariam afetando esse fato e, em caso afirmativo, como elas poderiam estar afetando. No próximo capítulo, veremos como a TIC vem contribuindo para reforçar essa busca pelos pares.

Os avós sempre tiveram participação nos cuidados diários da criança, mas uma das diferenças que se verificam na atualidade é a sua participação na criação dos netos, oferecendo não apenas afeto, conselhos e compreensão, como também disciplina e limites (I. E. Santos & Dias, 2008). Entretanto, enquanto os pais da criança se voltam mais aos aspectos formais da educação, os avós trariam outra dimensão dela, mais associada à cultura, à arte, à criatividade e à fantasia (Leite, 2004).

Tem aumentado o número de avós que exercem a função de pais de seus netos (Dias, et al., 2009). Entre os motivos para isso estão, segundo Jendrek (1994): pais com problemas emocionais ou uso de álcool e drogas, gravidez na adolescência, doenças ou morte dos pais e não-aceitação dos netos em instituições de acolhimento.

Nos casos de avós que assumem os cuidados dos netos, total ou parcialmente, encontram-se duas modalidades de configuração familiar: a primeira seriam os lares multigeracionais, em que convivem as três gerações e que tiveram aumento considerável na década de 1980, e a segunda, mais comum a partir da década de 1990, seriam os casos em que os pais dos netos estão ausentes e os avós se incumbem de todo o cuidado pelo neto (Goodman & Silverstein, 2002).

Na pesquisa de Shore (1991), a assunção do papel de pais pelos avós teve certo impacto negativo, principalmente ao relatarem isolamento e confusão de papéis. Entretanto, para Dias et al. (2009), haveria também prazer e satisfação nessa função, ainda que esses avós cuidadores apresentem forte ambivalência de sentimentos em relação aos seus netos. Ao assumirem funções parentais, os avós normalmente experienciam sentimentos ambivalentes, pois há tanto a satisfação de poder cuidar dos netos como o desgaste que isso gera (Lachmann, 2011). Logo, reflete-se que se se preserva a função apenas de avô(ó), talvez se possa também preservar o vínculo da dupla dessa ambivalência, inclusive pelo fato de não haver tanta convivência entre as partes.

Na pesquisa de Dias et al. (2009) sobre avós que dividem o cuidado dos netos com seus filhos, constatou-se que os avós entrevistados tinham preferência pelo neto que criavam, em relação aos outros com quem não tinham esse mesmo tipo de envolvimento. Para os

entrevistados, isso se daria pelo maior tempo de convívio. Percebe-se assim que a convivência é um fator que pode estreitar o laço entre avós e netos.

Vale ressaltar que mesmo quando os avós assumem o lugar *de* pais em relação aos netos, isso não significa que assumam o lugar *dos* pais dos netos, o que é diferente de quando os pais são completamente ausentes e os avós acabam tomando totalmente essa função. Ainda assim, no primeiro caso, sempre há riscos de confusões de papéis (Goldfarb & R. G. da C. Lopes, 2006), de forma que principalmente em casos de gravidez na adolescência, as mães fiquem posicionadas como irmãs do próprio filho, para citar um exemplo (Dias, 2017).

Do lado dos netos que se encontram na fase da infância e da adolescência, essa sobreposição de papéis pelos avós, que também passam a exercer funções parentais sobre eles, pode ser motivo de conflito e resultar em desestabilidade emocional (E. S. L. Lopes et al., 2005), o que revela que a relação entre avós e netos nem sempre é positiva, podendo ser disfuncional também, como apontam Arrais et al. (2012).

Entretanto, para Goldfarb e R. G. da C. Lopes (2006), os avós deveriam permitir que seus filhos exercessem a paternidade, encarregando-se apenas da função estrita de ser avô(ó), que, segundo as autoras, é a de garantir que não se rompa o elo entre as gerações. Em concordância com isso, Arrais et al. (2012) argumentam que especialmente com a entrada na adolescência pelos netos, os avós se coloquem como intermediadores entre estes e seus pais.

Há casos ainda em que tanto filhos como netos voltam a morar com o idoso – ou nunca saíram de sua casa –, o que acaba por configurar um lar multigeracional e geralmente ocorre devido à estabilidade financeira e emocional desses avós (Gladstone, 1988). Em outros casos ainda, são os avós que vão morar com seus filhos e às vezes netos (R. G. da C. Lopes, 2009). Poderia isso indicar um retorno à família estendida?

A esse respeito, Paula et al. (2011) afirmam que

Esse dado é relevante já que a família é a fonte de apoio informal mais direta para a população idosa. Em muitos países, aparece como a única alternativa de apoio. Isso tem se verificado tanto pela co-residência como pela transferência de bens e recursos financeiros. Os seus membros se ajudam na busca do alcance do bem-estar coletivo, constituindo um espaço de “conflito cooperativo” onde se cruzam as diferenças por gênero e intergeracionais. Daí surge uma gama variada de arranjos familiares (Paula et al., 2011, p. 915).

Alguns estudos destacam que há uma complementaridade entre idosos e crianças, uma vez que aqueles se aproveitam da vitalidade destas, dando-lhes um senso de renovação, e estas se beneficiam da experiência e maturidade daqueles, podendo ter contato com realidades distintas das suas (E. S. L. Lopes et al., 2005). Para Marques (2012), sem o contato com as gerações mais velhas, o jovem corre o risco de perder a dimensão da memória e da história,

além de ficar inábil para lidar com a finitude. Já os mais velhos, se se alienam dos mais jovens, ficam amarrados a uma nostalgia com relação ao passado e põem a perder a possibilidade de viver transformações.

Reforçando essa ideia, de acordo com P. S. Oliveira (1993), em pesquisa realizada com avós que cuidavam dos netos, a troca de aprendizado não é unilateral, partindo daqueles para estes apenas, mas também os avós aprenderiam com seus netos. Sendo levados a aprender coisas novas e reviver lembranças, os avós podem experienciar uma reeducação de hábitos e comportamentos, e renovação pessoal. Na acepção de Rocha-Coutinho (2006), com a inserção dos novos recursos tecnológicos, não apenas os mais velhos podem ensinar os mais jovens, pois o contrário seria tão verdadeiro quanto.

No tocante às novas tecnologias que vêm surgindo, enquanto diversos autores têm argumentado que os idosos seriam prejudicados pelo seu analfabetismo digital e dificuldade para aprender coisas novas, levando-os à exclusão social (Loges & Jung, 2001; Sourbati, 2004; Olphert et al., 2006), outros têm mostrado que cada vez mais essa população vem se informatizando, contrariando essa prerrogativa (Torres & Dias, 2016). Entretanto, Azevedo (2017) alerta para o fato de que embora as sociedades hoje caminhem para se tornar cada vez mais tecnológicas e envelhecidas, o acesso dos idosos às TICs não acompanha as inovações que surgem.

Na concepção de Marques (2012), não apenas os idosos seriam as figuras relegadas socialmente, pois como a sociedade apenas valorizaria os adultos, pela produtividade, e as crianças, pela sua pureza, também os adolescentes enfrentariam certa rejeição social, pelo fato de se encontrarem em um limbo, em que nem são produtivos ainda e nem mais são crianças. Isso poderia favorecer uma espécie de identificação e aliança entre adolescentes e idosos (Marques, 2012). As TICs poderiam então estreitar a cumplicidade entre ambos, uma vez que para os jovens representam um domínio conhecido, e para os mais velhos, uma oportunidade de se conectarem aos jovens.

De fato, alguns avós buscam incrementar seus conhecimentos, desde a alfabetização, até cursos de informática, para poder melhor interagir com os netos ou poder ajudá-los com as tarefas escolares, por exemplo (Dias, 2017).

Se os estudos sobre a relação entre avós e netos vem progredindo (Dias, 2002), nota-se também que começam a aparecer estudos relacionados à influência das novas tecnologias digitais na relação entre avós e netos, naturalmente mais recentes, e que se aproximam da presente pesquisa.

Investigando sobre a vivência urbana de crianças em relação ao convívio com seus avós, A. C. Ramos (2014) pôde perceber que, como consequência da distância entre as partes, os meios tecnológicos eram amplamente utilizados para debelá-la. Além disso, essa via de interação criava novas percepções nos netos quanto a seus avós, à cidade, às ruas e à casa deles, de forma que podiam habitar esses espaços mesmo não estando presentes neles. Assim, a TIC não serviria meramente para encurtar distâncias, mas também para permitir novas formas de interação na atualidade.

Um estudo que objetivou compreender como se dava a interação entre avós e netos via “*Skype*” teve como resultado que, apesar de essa ferramenta não permitir uma troca tão satisfatória quanto à dada presencialmente, uma vez que retirava as dimensões do toque, do carinho e do abraço, por exemplo, ainda assim era capaz de intensificar seus laços (Rocha, 2013).

Em trabalho realizado por S. M. D. do A. Guimarães (2014), com 15 netos adolescentes e 18 de seus avôs (do gênero masculino) sobre sua comunicação por meio das TIC, concluiu-se que no grupo pesquisado tais tecnologias, embora não fossem utilizadas com frequência entre eles, possibilitaram a interação como forma de compartilhar a herança cultural e assegurar a aquisição e continuação da cultura. A autora ainda constatou desvantagem por parte dos avôs em relação aos seus netos quanto ao domínio das TICs, ainda que ambas as partes as buscassem pelo mesmo motivo, que era o de amplificar sua possibilidade de interação interpessoal.

Em outro trabalho, de Torres e Dias (2016), envolvendo a participação de 12 avós e 6 netos, constatou-se que os primeiros, tanto quanto os segundos, cada vez mais têm buscado as redes sociais como forma de se aproximarem e que as novas tecnologias de comunicação têm sido bem-vindas por esse tipo de dupla, de um modo geral. Além disso, enquanto presume-se que os jovens ainda são o que detêm maior habilidade quanto aos recursos tecnológicos, observa-se, por outro lado, que tem cada vez mais aumentado a quantidade de idosos que estão se informatizando e se tornando ativos virtualmente, apesar das limitações físicas, psíquicas e sociais. Para as autoras, a internet e o mundo virtual representariam novas possibilidades de os idosos ressignificarem o sentido da velhice e alcançarem protagonismo no século XXI (Torres & Dias, 2016). Em outra publicação, ainda constataram que são principalmente os netos aqueles que encorajam os avós a se apropriarem das TICs (Torres & Dias, 2017).

Já o estudo de Marques (2012), muito embora não envolvesse uma relação de parentesco, tratou do encontro intergeracional entre adolescentes e idosos por meio de um programa de ensino e aprendizagem de recursos de informática. Ao propor esse projeto, esperava-se facilitar a troca entre gerações que normalmente têm pouco contato e, então,

investigou-se a que resultados essa experiência poderia levar. Basicamente, essa proposta traz uma inversão das gerações, em que os jovens seriam professores e os idosos seus alunos, e disso foi possível depreender resultados interessantes a respeito.

Por meio dessa inversão, Marques (2012) verificou que os jovens passavam a assumir posturas maternas ou paternas com relação aos idosos, tanto que atribuiu o interesse dos primeiros em participar de programas como esses como uma forma de poder exercer um papel diferente do que é habitual no âmbito familiar e social e vivenciar uma posição invertida. Ela ainda alerta que às vezes a inversão também tem uma conotação de “acerto de contas” e não só de cuidado, de forma que os jovens esperavam descontar nos idosos a repressão que sentiam advinda dos adultos. Por parte dos mais velhos, observou-se que a inversão de gerações por vezes se manifestava sob a forma de um movimento regressivo e uma infantilização, por meio de birras, teimosias, competitividade e mesmo *bullying* entre eles (Marques, 2012).

Embora a maior parte dos idosos recebesse bem a ideia de ser ensinado por um jovem, alguns apresentavam resistência, dada por um senso de humilhação ou de rebaixamento. Assim, para que ocorra a inversão de gerações, é preciso que o idoso se permita “ser invertido” (Marques, 2012). É possível que essa inversão seja menos provável de acontecer entre aqueles avós que ainda estão presos ao modelo mais antigo dessa função, ou seja, de autoridade máxima da família.

É preciso destacar, entretanto, que, na pesquisa de Marques (2012), a interação via virtual foi utilizada como uma espécie de justificativa para que o encontro geracional pudesse ocorrer e não teve exatamente o objetivo de depreender os efeitos da comunicação e da realidade virtuais sobre os participantes ou entre eles. Ainda assim, a autora aposta que iniciativas como essas possam contribuir para atenuar as diferenças entre gerações, propiciando a pura experiência do encontro humano (Marques, 2012).

Contudo, observa-se que esse tipo de proposta intergeracional já vem sendo questionada por alguns autores por considerarem que às vezes um idoso pode ter maior domínio dos recursos de informática do que um jovem, por exemplo (Sánchez, M. S. Kaplan & Bradley, 2015). Corroborando essa ideia, a inabilidade da população idosa quanto a tais recursos não estaria depositada na falta de capacidade física ou cognitiva propriamente, mas sim na insegurança e descrença em conseguir assimilá-los (Mitzner et al., 2010), o que vem desmistificar a ideia de que o idoso não seria capaz de aprendê-los.

Em uma revisão de literatura sobre as novas tecnologias e o envelhecimento da sociedade, Azevedo (2017) concluiu que, de uma forma geral, a maioria dos estudos têm mostrado que as TICs têm favorecido os idosos no que se refere ao estreitamento dos vínculos

familiares, em especial os intergeracionais. Pôde-se perceber também que ainda assim há bastante exclusão digital, sobretudo para aqueles com 60 anos ou mais, e que o modo como as pessoas mais velhas lidam com as tecnologias varia em função de diversos fatores, como sua história de vida, gênero, região geográfica, nível educacional, profissão, nível socioeconômico, entre outros.

Ora, se os estudos têm mostrado até o momento que de uma forma geral as TICs têm favorecido não apenas idosos, mas também a troca entre gerações, especialmente entre as mais jovens e as mais velhas, então o que pensar a respeito do fenômeno da inversão de gerações que ela parece proporcionar? Considerando a noção de vínculos familiares, inserida no referencial da psicanálise vincular, como pensar as consequências dessa inversão? A investigação desse fenômeno, a saber, a influência da tecnologia sobre o vínculo de avós e netos, a partir do referencial teórico elegido pode contribuir para a área oferecendo outras perspectivas e novos achados.

4 O QUE OS NOVOS TEMPOS TRAZEM? AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA, GERAÇÃO E OS EFEITOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS SOBRE A SUBJETIVIDADE, SOBRE OS VÍNCULOS E SOBRE AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

4.1 Transformações na família ao longo do tempo e o conceito de geração

Ao longo de sua existência, a humanidade sempre encontrou formas de organização que viabilizassem o cuidado e o desenvolvimento de seus indivíduos para que ingressassem na cultura. A família é uma instituição dinâmica que nem sempre se apresentou da forma como a conhecemos hoje; as mudanças em sua estrutura ocorridas nas últimas décadas já a fizeram assumir mais de um tipo de modelo legitimado socialmente. Pelo fato de este trabalho contemplar o estudo de duas gerações distantes no tempo o bastante para compreender algumas dessas mudanças, julga-se pertinente uma breve revisão das transformações por que passou a família e seus determinantes.

Fatores sócio-históricos, bem como avanços tecnológicos e científicos, levaram às suas diversas transformações. De acordo com Roudinesco (2003), a família institucional surge com a queda do rei ou da monarquia, o que leva ao enfraquecimento da figura do patriarca e à diluição de seu poder no contexto doméstico, o qual, entretanto, ele ainda chefiava inicialmente. Neste momento, ela ainda era estendida.

Segundo Toffler (2001), a família nuclear propriamente surge com a Revolução Industrial, quando os indivíduos que eram “úteis” à produção e à promoção daquela estrutura industrial passaram a compor um núcleo residencial, que transformou inclusive a organização habitacional das residências no formato de casas operárias, favorecendo a criação de um núcleo familiar. Assim, membros excedentes, como os idosos, passaram a morar em asilos, apartados da família, enquanto outros membros, como tios, por exemplo, formaram o seu próprio núcleo familiar, fragmentando a família extensa. Embora esse cenário tenha se desenrolado sobretudo na Inglaterra, palco da Revolução Industrial, conforme outros países foram se industrializando, também sofreram processos semelhantes, incluindo o Brasil.

A família nuclear viria a ser inicialmente o modelo regente, tradicional e normativo. Ela se caracterizava por se restringir ao casal parental e seus filhos, morando na mesma habitação. Não só o número de integrantes que a compunha era restrito, como também as suas

características. Assim, a família nuclear deveria ser heterossexual, monogâmica, de laços biológicos e hierárquica (Vitale, 1997).

Entretanto, o modelo tradicional passou por mudanças, não sendo mais o único. Desta forma, Roudinesco (2003) identifica três períodos na evolução da família nuclear: o primeiro seria o “tradicional”, que priorizava o casamento combinado e a transmissão de um patrimônio, sem a preocupação com a vida sexual ou afetiva do casal. No segundo modelo, a família “moderna”, fundada no amor romântico, valorizam-se as dimensões afetiva e sexual, viabilizados por meio do casamento. A partir dos anos de 1960, surge, então, a família “contemporânea” ou “pós-moderna”, que ainda tem como premissa a valorização das dimensões afetivas e sexuais, mas agora com duração apenas relativa entre o casal, e o esvanecimento do poder patriarcal, o que levou ao aumento significativo dos divórcios, separações e recomposições familiares.

Esses três modelos se refletem tanto na organização familiar quanto no casamento, cujas características são correlatas. Assim, de acordo com Paiva e Gomes (2006), também o casamento pode ser distinguido em “tradicional”, “moderno” e “pós-moderno”, conforme a relação entre homem e mulher foi se alterando ao longo do tempo.

Roudinesco (2003) demonstra como os movimentos feminista e LGBT e, mais recentemente, o movimento Queer, foram fatores importantes para as mudanças que ocorreram no modelo tradicional referido.

Desde o século XIX, a mulher se resumia a ser mãe, de forma que o casamento e a maternidade eram o seu destino, como explorado por Badinter (1985). Mas com sua entrada no mercado de trabalho e a consolidação do sistema industrial, a mulher moderna passa a assumir mais possibilidades de existência, não mais marcada por opções tão restritivas (Scavone, 2001).

As duas Grandes Guerras foram dois dos marcos determinantes para a emancipação feminina, quando a mulher se viu obrigada a trabalhar por necessidade (Roudinesco, 2003). Outros marcos importantes foram a invenção da pílula anticoncepcional, em que ela assume o controle sobre sua sexualidade, a possibilidade do divórcio (Gomes, 2011) e, enfim, a sua entrada no mercado de trabalho (Roudinesco, 2003).

Embora a família tenha passado por mudanças, é preciso lembrar que os três modelos, na verdade, coexistem ainda atualmente, o que leva à maior dificuldade na definição de família no cenário contemporâneo (Rodriguez & Gomes, 2012), ainda mais em um país heterogêneo como o Brasil, que comporta diversas realidades. O que é possível deduzir, entretanto, é que a família atual, inclusive pelo fato de conter os três modelos vigentes e por eles poderem se

misturar, apresenta maior flexibilidade de configurações e de possibilidades em relação à família estritamente tradicional.

A contemporaneidade, ou pós-modernidade, trouxe uma ruptura com a modernidade, sobretudo no tocante à esperança no progresso humano que essa época anterior representou. Há naquela um desencanto e uma desilusão no projeto de evolução humana ininterrupta e uma aparente falta de organização ou ordem (Moguillansky & Nussbaum, 2011).

Dentre as características da contemporaneidade enumeradas por Moguillansky & Nussbaum (2011), destaca-se: o esvaziamento do conteúdo em detrimento da imagem e das aparências; o excesso de subjetivismo e relativismo; a flexibilidade e inúmeras possibilidades de expressão do indivíduo, que enaltecem a liberação própria e a busca do prazer; a primazia do presente e do imediatismo; a diminuição da fé na ciência e na razão, mas a reverência à tecnologia; o aumento do poder dos meios de comunicação de massa e marketing, que supostamente apresentariam a verdade, de modo que tem-se a impressão de que o que não é publicado não existe simplesmente, além do efeito de transformar a informação em mero entretenimento. Essencialmente, o século XX inaugurou novos enunciados e valores que traziam consigo a promessa de um mundo com menos repressões e mais liberdade, criatividade e felicidade (Moguillansky & Nussbaum, 2011).

Entretanto, de acordo com Moguillansky e Nussbaum (2011), embora a modernidade e a mentalidade moderna datem já desde o fim do século XVIII e início do XIX, seus efeitos sobre a família só se fizeram sentir mais recentemente, a partir do século XX. Ainda hoje, o paradigma da família moderna seria o dominante, apesar de coexistir com as configurações familiares pós-modernas.

Na transição para a família moderna, a mudança central foi o fato de seus membros se autogerirem, o que só teria sido possível devido à instituição da crença no amor puro (Moguillansky & Nussbaum, 2011). Reciprocamente, a tentativa de intervenção por parte de terceiros, de fora da família, é mal recebida e percebida como invasão (Portugal, 2007). Outra consequência foi a nuclearização da família, ou seja, cada vez mais ela foi se concentrando em uma célula constituída pelo casal mais os filhos apenas e se afastando dos outros parentes, apesar de ainda manter trocas importantes com eles e com sua precedência. Essa nova forma de configuração gerou uma nova racionalidade também, que basicamente pode ser condensada na ideia de que a felicidade será alcançada por meio do amor. É preciso lembrar que nem sempre a felicidade foi a aspiração de uma época, mas hoje a busca por ela se faz patente (Moguillansky & Nussbaum, 2011).

A partir do século XX, o casal passa a se constituir com o objetivo de alcançar a felicidade em conjunto por meio do amor puro. A crença no amor como fim em si mesmo passou a edificar não apenas o casal, como a família também (Moguillansky & Nussbaum, 2011). De acordo com Foucault (2009), esse deslocamento do objetivo do matrimônio e da família para o amor puro só teria sido possível no capitalismo, graças à liquidez do dinheiro, que por sua vez teria permitido a fluidez das reações afetivas por conseguinte.

Se na família está embutido o princípio da intromissão e do gerenciamento de seus membros uns em relação aos outros (Martin, 1996), então Portugal (2007) coloca que o desafio para as famílias da contemporaneidade é o de encontrar um equilíbrio entre individualidade ou autonomia, de um lado, e obrigação e dependência, de outro. Quer dizer, pensando em tempos de individualismo (Passos, 2007), como ficaria esse delicado equilíbrio?

O doador deve tomar cuidado para não ameaçar a autonomia do destinatário e não o transformar em alguém na sua dependência. Do lado de quem o recebe, é necessário assegurar a independência sem colocar em causa o apoio dos parentes (Portugal, 2007, p. 51).

A família atual passaria por um conflito dado por uma nova homeostase entre a autonomia dos indivíduos e sua dependência em relação a ela. Essa dependência não seria apenas unilateral, partida de uma geração em relação à outra apenas, mas constituinte do grupo e, por isso, presente em todos. Pelo fato de ser o berço da constituição subjetiva e de promover a afetividade, a família acaba atraindo seus membros para seu centro, dado por um desejo não apenas de estar com alguém simplesmente, mas estar com alguém de forma livre ou espontânea (Singly, 2004).

Assim, a família contemporânea é atraente, por um lado, pois representa o espaço privado em que é seguro ser espontâneo, mas instável por outro, justamente por dar vazão aos afetos (Singly, 2001b). Em síntese, os indivíduos das gerações mais novas parecem não querer abrir mão dos benefícios que encontram nas gerações mais velhas, ao mesmo tempo em que buscam autonomia em relação a elas, o que parece gerar uma tensão. Nas palavras de Singly (2001b), é “na tensão entre o relacional e a autonomia que se constroem, desconstroem e reconstroem as famílias contemporâneas” (p. 8). Portugal (2007) ainda adverte que cabe diferenciar autonomia de independência, já que a primeira estaria mais ligada a aspectos subjetivos relativos às normas ou regras familiares e sociais, enquanto a segunda diria respeito mais especificamente à capacidade do indivíduo em ser autossuficiente, principalmente em termos financeiros. Essa última seria a mais valorizada no contexto capitalista, uma vez que é o que permitiria estabelecer e romper os vínculos interpessoais livremente.

Na atualidade, a passagem para a vida adulta não apenas é cada vez mais tardia, como também fica mais complexa, diversa e diluída no tempo (Cicchelli & Martin, 2004). A juventude se estende (Portugal, 2007) o que se coaduna com a assertiva de que cada vez mais os indivíduos passam mais tempo em uma dada função ou posição familiar (Harper, 2006). Com a crescente dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, as famílias têm recorrido a estratégias de apoio intergeracional, o que dificulta o processo de autonomia de uma geração em relação à geração precedente (Portugal, 2007). Deste modo, percebe-se que não apenas os idosos têm passado mais tempo na função de avós, mas os jovens também têm prolongado a permanência no lugar de filhos, ou seja, de dependência.

Ao contrário do que afirmam alguns autores, que veem a dependência entre gerações e indivíduos dentro da esfera familiar de forma negativa, para Portugal (2007), não só ela seria frequente, ocorrendo de diversas formas e níveis, como também traria aspectos positivos. Embora possa dar margem para a emergência de conflitos, a dependência propiciaria conciliar obrigação e liberdade entre os envolvidos.

Na concepção de Sennet (2001), as instituições atuais priorizam a lógica do curto prazo, de forma que relações de cooperação superficiais e o distanciamento são preferidos em detrimento do compromisso e da lealdade, o que tem por consequência a incapacidade de formar laços sociais fortes. Por outro lado, a família seria o seio dos laços fortes por excelência. Portanto, o que se verifica é um conflito entre as esferas do trabalho e da família. Indo além, o autor ainda questiona como seria possível ao indivíduo construir uma história própria e, logo, uma identidade, em uma sociedade de fragmentos e episódios.

Entretanto, Portugal (2007) entende que a família, por garantir uma perenidade das relações, seria capaz de fornecer ao indivíduo as condições instrumentais e afetivas para que possa integrar a sociedade. A família teria “propriedades alquímicas” (p. 53), equalizando diversos aspectos entre seus membros, o que permitiria delinear as estruturas sociais.

De todo modo, com todas as transformações ocorridas, bem como com as recentes mudanças nos papéis de gênero, grande tem sido a importância dirigida a questões concernentes à família nuclear e também à inserção das crianças na família, possivelmente por causa da excessiva valorização que a criança passou a ter (Ariés, 1981) – um exemplo disso pode ser observado no enfoque que se tem dado às famílias homoafetivas e sobre como o casal homoafetivo poderia influenciar seus filhos (Rodriguez & Gomes, 2012). Mas questiona-se agora: como ficariam os avós em meio a essas mudanças no plano familiar?

Dentre as transformações ocorridas na família ao longo do século XX, está a migração da figura dos avós do centro para uma posição periférica em relação ao grupo familiar.

Concomitantemente, em um contexto social em que não mais a experiência, mas sim a inovação é cultuada, o idoso perdeu ou teve subtraída sua representação social como portador de um saber e, logo, teve sua importância social diminuída. Juntos, esses fatores teriam levado a mudanças no papel dos avós. Ao ocuparem funções mais periféricas, é verdade também que os avós ganharam mais independência e autonomia, o que, entretanto, representou um possível afastamento entre as gerações (Paula et al., 2011). Note-se, todavia, que tais tendências, por um lado, não somente não são de consenso geral na literatura, vide Torres e Dias (2016; 2017), como também algumas delas vêm se alterando mais recentemente.

Na sociedade atual, as gerações ficam apartadas, cada uma em seu espaço vivencial e pertença de grupo. Apenas na família é que se verifica maior encontro entre gerações (Ferrigno, 2005). Em outras palavras, parece haver uma maior convivência entre gerações no espaço intrafamiliar quando comparado com o relacionamento social entre jovens e idosos. Para Ferrigno (2013) hoje há bem pouca troca entre diferentes gerações e, quando há contato entre elas, ele é mormente demarcado por relações assimétricas e autoritárias, geralmente dadas pela necessidade de cuidados destinados, seja a crianças e jovens ainda em condição de dependência, seja para idosos carecidos de tais cuidados.

O conceito de geração pode ser entendido de diferentes formas. Aber e Attias-Donfut (2000) circunscrevem pelo menos cinco acepções possíveis para ele. Na primeira, geração pode ser entendida como uma classe de pessoas que nasceram e viveram uma mesma época ou momento histórico; na segunda, um sentido relativo às diferentes posições em uma família pode ser depreendido; já em uma terceira concepção, seria como a medida de anos demarcatória entre pais e filhos, que, entretanto, é bastante relativa; a quarta, mais próxima das políticas sociais, se basearia na divisão de classes conforme os papéis sociais, como estudante, trabalhador, aposentado, etc; finalmente, o quinto sentido de geração, em que as autoras se baseiam na ideias de Mannheim (1952), pode ser entendido como um determinado grupo de pessoas, que, por terem nascido na mesma época e vivenciado os mesmos eventos históricos, como uma guerra, por exemplo, constroem pensamentos e comportamentos semelhantes, referentes a essas vivências. Aber e Attias-Donfut (2000) ainda lembram que o envolvimento entre as gerações não se dá apenas de forma horizontal, mas também vertical, por meio da família. É um processo contínuo e dinâmico de enlaçamento ao longo do tempo.

Além das diferentes concepções em torno das gerações, esse conceito também passou por transformações, isto é, ele nem sempre foi tal como é entendido atualmente. Na Idade Média, por exemplo, não havia o conceito de geração e tampouco a estratificação de idades. Isso foi uma invenção da modernidade (Ferrigno, 2013). Nas palavras de Ferrigno (2013, p.

45): “em diferentes etapas da história, a construção social das gerações concretiza-se pelo estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada fase da vida. Como um dos sintomas da Modernidade as gerações foram ‘descobertas’”. Logo, anteriormente não havia um sentimento de infância, de adolescência ou de velhice, por exemplo.

De acordo com Ferrigno (2013), a compartimentalização entre diferentes gerações foi resultado da lógica racionalista e de sua necessidade de definição, seriação e categorização do mundo. Ter isso em mente significa compreender que esse é um conceito construído, como já demonstrara Philippe Ariès (1981).

Primeiramente, a infância foi inventada com o estabelecimento da escola. Em seguida, veio a designação da adolescência, em meados do século XIX, motivada em parte pelas proposições de Stanley Hall (1904). Finalmente, a velhice é criada no século XX, sobretudo devido ao desenvolvimento da gerontologia e de centros de convivência, bem como de faculdades específicas a esse público e políticas públicas próprias. Parte dessa categoria ainda passou a ser denominada por “terceira idade”, inaugurada com a concepção de uma condição mais ativa, saudável e prolongada de vida (Ferrigno, 2013) – note-se que já há alguns anos começa a se falar em uma quarta idade (Baltes & Smith, 2006).

A velhice seria uma das fases mais desafiadoras para o indivíduo enfrentar devido à crescente diminuição de papéis sociais, bem como ao esvaziamento de contatos sociais, motivados por diversos fatores culturais da atualidade. A aposentadoria levaria alguns idosos à perda de sentido e haveria uma tendência ao enclausuramento no espaço doméstico. A saída dos filhos do lar também seria sentida sob a “síndrome do ninho vazio”, deixando outra lacuna de sentido na sua função social, fenômeno cujas principais vítimas seriam as mulheres, enquanto mães e avós (Ferrigno, 2013).

Especificamente a esse respeito, ou seja, da “síndrome do ninho vazio”, Ferrigno (2013) destaca que hoje está havendo uma tendência oposta, no sentido de os filhos protelarem cada vez mais sua saída de casa ou mesmo de retornarem a ela depois de certa altura. Novamente, diversos fatores estariam contribuindo para esse novo quadro, como a alta taxa de desemprego, o prolongamento da educação, a criminalidade, que leva os pais a superprotegerem sua prole, e o aumento das separações ou divórcios no plano do casamento. Ele também destaca o quanto a maior liberdade sexual concedida aos jovens não seria, quiçá, uma estratégia dos pais em fazerem com que os filhos fiquem por mais tempo em suas casas. Podemos refletir o quanto essa tendência não estaria sendo motivada também por parte dos pais, que, por razões diversas talvez, hoje prefiram ter seus filhos por mais tempo ao alcance de seus cuidados. De todo modo, hoje já sealaria em uma nova síndrome: a do “ninho cheio” (Ferrigno, 2013).

Se anteriormente os idosos sofriam por solidão e isolamento, hoje uma de suas queixas se dá justamente por causa dessa nova configuração familiar ou “síndrome”, e começam a ver suas liberdades e tranquilidade perdidas diante do excesso de convívio com seus filhos e netos. Já do lado das gerações mais novas, esse fenômeno seria sentido de forma ambivalente, pois ao mesmo tempo em que almejam os benefícios da autonomia, não estão tão dispostos a abrir mão das vantagens de serem ainda dependentes de seus pais e/ou avós (Ferrigno, 2013). Entretanto, E. Ramos (2006) ressalta que é comum que sejam feitas negociações entre as gerações a fim de favorecer e melhorar esse convívio.

A demarcação entre gerações hoje é bem menos definida, pois da mesma forma que alguém muito jovem pode já estar trabalhando, um idoso pode estar estudando (Ferrigno, 2013). Isso parece acompanhar as transformações da contemporaneidade no que se refere à fluidez ou maior flexibilidade permitida nos papéis sociais, familiares, subjetivos e relacionais. Ainda de acordo com o autor, o distanciamento entre as gerações mostraria a dificuldade em assimilar o diferente. Refletimos, tendo isso em vista, que o próprio fato de estarmos precisando de políticas de incentivo de convivência entre gerações já possa ser indicativo de um sintoma desse afastamento geracional. Com base em Ferrigno (2013), entendemos também que há um preconceito e conflitos entre gerações, ou seja, não simplesmente entre indivíduos jovens para com indivíduos idosos, por exemplo, e vice-versa, mas sim de toda uma classe geracional com relação à outra.

Diversos fatores teriam levado a esse afastamento geracional, cuja principal consequência é a perda de trocas ou transmissões entre elas. Como principais fatores, estariam o enorme crescimento dos centros urbanos, a concentração das famílias, que tende a afastar os avós, por exemplo, a disseminação da televisão e de outros recursos tecnológicos ou virtuais, e as transformações dos valores sociais. Além disso, o desligamento afetivo e o pouco convívio entre as gerações também seriam causas de conflitos entre elas (Ferrigno, 2013). Nessa linha de raciocínio, segundo Goldani (2004), o fato de a distribuição de recursos governamentais ser maior para a classe de idosos poderia levar a conflitos entre as diferentes classes geracionais. Entretanto, embora eles se manifestem na escala macrosocial, na esfera familiar prevaleceria uma lógica de troca e cooperação entre gerações.

Não apenas as dinâmicas entre jovens e idosos têm passado por mudanças, como também aquelas envolvidas entre avós e netos, alinhadas às transformações por que vem passando a família e a sociedade, como o aumento da expectativa de vida e da população idosa, a queda da taxa de natalidade e a maior longevidade da mulher (Dias et al., 2009). Assim, uma ampla gama de possibilidades de configurações se apresenta para os avós, de forma que se faz

necessário uma investigação sobre os possíveis papéis que eles podem vir a ocupar na família e os tipos de relação que podem estabelecer com seus netos na atualidade.

4.2 As novas tecnologias de informação e de comunicação, sua influência sobre a subjetividade e a intersubjetividade humanas e os desdobramentos para as relações intergeracionais

Como já referido, a tecnologia, com especial destaque para a da informação e da comunicação (TIC) e para as redes sociais, tem constituído elemento importante da contemporaneidade, seja como fator cultural em si mesmo (Rüdger, 2013), seja como provocador de transformações (Maldonado, 2012). Possivelmente por se tratar de uma implementação relativamente nova, seu surgimento e desenvolvimento ainda dividem opiniões, que vão desde a crença de que ela teria sido a causadora de uma verdadeira revolução (Maldonado, 2012) até o posicionamento de que ela teria apenas alguma participação em todas as transformações sociais, familiares e subjetivas que desembocaram no atual estado de coisas em que nos encontramos (Alves & Mancebo, 2006). Os posicionamentos a seu respeito costumam divergir entre os que sustentam uma concepção mais afirmativa sobre ela (Lévy, 1996; Castells, 2003; Nicolaci-da-Costa, 2002; 2003), aqueles que apostam em uma visão negativa (Sadala, 2009), um terceiro grupo que tenta analisar a questão de forma neutra (Alves & Mancebo, 2006).

Esforçar-se-á em manter uma concepção neutra dos efeitos da tecnologia, pois acreditamos que tomar um partido seria precoce ainda, já que alguns desses efeitos só serão inteligíveis futuramente (J. Jerusalinsky, 2017b). Também observamos que a pesquisa envolvendo as TICs não se esgota, uma vez que esse objeto sempre está à frente do sujeito (Castells, 2003).

Será estabelecido um diálogo especialmente com determinados autores, como Julieta Jerusalinsky (2014; 2017a; 2017b), Alfredo Jerusalinsky (2015), Gueller (2015), Dunker (2017), Lerude (2017), Bernardino (2017), Ornellas (2017), John (2017) e Mena (2017), todos responsáveis por textos pertencentes a uma coletânea recentemente publicada (Baptista & J. Jerusalinsky, 2017), dada a pertinência e atualidade desses trabalhos – ainda que o referencial teórico seja da psicanálise francesa. Eventualmente, será lançado mão de outras referências de áreas afins. Neste item, intenta-se mostrar alguns dos efeitos gerais causados pela TIC à subjetividade humana, sobretudo a partir de um viés psicanalítico, assim como destaca-se tais

efeitos relativamente aos vínculos humanos e às gerações, bem como aos processos de transmissão. Apresenta-se também como o surgimento das redes têm contribuído para alterar toda uma lógica de identificações, basicamente levando à dissolução das hierarquias, fato que entendemos levar a mudanças no vínculo de parentesco entre avós e netos na contemporaneidade.

Desde os primórdios de sua existência, o ser humano é marcado pela técnica, que o define enquanto tal (Alves & Mancebo, 2006). Ao longo dos séculos, vários foram os progressos técnicos e tecnológicos até que, mais recentemente, culminou-se na invenção das tecnologias midiáticas e digitais. Para Dufour (2005), como veremos adiante, a criação da televisão já teria gerado grande revolução. Em seguida, o surgimento e disseminação do computador e, então, dos celulares e *smartphones*, propiciou uma nova onda de revoluções (Maldonado, 2012). Damos destaque, dentre esses novos recursos digitais, as redes sociais, que são os meios pelos quais a comunicação e a interação, ou seja, os vínculos, acontecem virtualmente, pois é a temática sobre a qual se debruça esta pesquisa. A recentidade de tais tecnologias faz com que as gerações mais novas sejam mais familiarizadas com elas (Anjos, Campos, Gontijo & Vieira, 2014), ao passo que o segmento dos mais idosos inicialmente sofreu e ainda sofre certa exclusão digital (Azevedo, 2017), quadro que vem se revertendo, entretanto (Torres & Dias, 2017). Isso faz pensar em como avós e netos, que compartilham o presente ao mesmo tempo em que se separam pela distância temporal, sentiriam o peso da TIC e em como ela poderia estar afetando o seu vínculo atualmente.

De acordo com J. Jerusalinsky (2017b), a tecnologia sempre causou sentimentos ambíguos de fascínio, por um lado, em função de suas inovações cada vez mais avançadas e da esperança de um futuro melhor, e de horror, por outro, uma vez que ela gera um senso de imprevisibilidade do futuro. O fato, entretanto, é que ela tem contribuído, pelo menos em parte, para levar a uma série de mudanças na subjetividade e na forma de nos relacionarmos com o outro, como diversos autores têm discutido (J. Jerusalinsky, 2017b; Dunker, 2017; Haraway, 2009; Maldonado, 2012; Nicolaci-da-Costa, 2002; Puget, 2015; Nobre, 2010).

Em “*O mal-estar na civilização*”, Freud (1930[1929]/2006) já tratara desse dilema a que a tecnologia leva, pois, segundo ele, graças a ela seria possível se comunicar com seu neto que morava distante, mas se não fosse ela, talvez esse neto nem teria chegado a se distanciar. Na mesma obra Freud ainda disserta sobre os três grandes males que ameaçam o ser humano, quais sejam: as forças da natureza, o desgaste e envelhecimento do corpo e as relações interpessoais. De acordo com Simonetti (2017), se a TIC tem causado tantos efeitos sobre o ser humano, é apenas porque ela permite conseguir maior controle sobre o outro, algo muito valioso para o

eu. A partir disso, entendemos que, se até então havia sido possível controlar, em alguma medida, os dois primeiros desses males, hoje, com as tecnologias da informação e da comunicação, nos vemos capazes de controlar também o terceiro deles, ainda que parcialmente também. Nisso talvez esteja depositado o valor revolucionário das TICs.

Sibilia, antropóloga dedicada ao tema das novas tecnologias de informação e de comunicação, denuncia as extravagâncias que, não simplesmente as redes em si mesmas, mas todo um contexto sócio-histórico atual que inclui as redes como paradigma da expressão humana, convida os sujeitos. Seria uma nova lógica, agora caracterizada pela exposição excessiva, pelo espetáculo e pela performance (Sibilia, 2012). Os efeitos sobre a linha divisória entre as dimensões do público e do privado teriam levado a mudanças importantes, uma vez que, se antes alguns autores já discorreram sobre como as instituições e seus muros serviam para conduzir a conformações subjetivas específicas, como vemos em Goffman (1961) ou em Foucault (1987), hoje os muros perderam sua eficácia nessa tarefa, pois as redes conseguem se infiltrar por eles e ultrapassá-los (Sibilia, 2017).

O avanço tecnológico causa uma aceleração ou velocidade que altera a forma como percebemos nosso entorno. A noção de espaço-tempo é alterada, o que significa que a tecnologia afeta o modo de representação da psique sobre o mundo. Na era digital, há uma saturação do sistema perceptivo dada pelo excesso de estimulação sensorial, o que modifica o balanço entre os tempos de esquecimento e memória, pois um aparelho psíquico constantemente estimulado não tem oportunidade de esquecer, e tampouco a necessidade de rememorar (J. Jerusalinsky, 2017b).

Para J. Jerusalinsky (2017b), dentre as mudanças que a era digital trouxe, uma delas teria sido a descontinuidade nas formas de interação social atuais, bem como na forma de vivenciar uma experiência própria. Não apenas os limites entre os espaços público e privado passam a ficar borrados, como também ficam mais fracos esses limiares entre trabalho e lazer ou entre realidade e ficção. As margens entre a realidade e o imaginário ficam esmaecidas e o excesso da virtualidade faz com que o plano imaginário insuffle, o que passa a prejudicar o plano simbólico por sua vez, ao desconectá-lo da realidade. O aumento de atuações que verificamos hoje, ou ações fora de contexto, seriam a principal consequência disso.

Há um receio por parte de especialistas e da população em geral de que o contato excessivo com as telas possa levar à desconexão com o “mundo real” (Mena, 2017). Baseados em Mena (2017), refletimos que: se hoje as redes virtuais ganham cada vez mais proporção, elas não seriam parte desse mundo “real” também? Ou qual seria o real problema de se estar mais no mundo virtual do que no “real”? Seja como for, o fato é que parece haver uma tendência

crescente de as relações se darem cada vez mais no espaço virtual (Mena, 2017). O que cabe refletir então não é se isso é evitável ou não e tampouco talvez se é melhor ou não, uma vez que pode ser irrefreável, mas quais as implicações disso e qual o melhor modo de lidar com esse novo fenômeno.

Há a questão do controle que a tecnologia permite, como citado acima. Frequentemente os pais pensam que podem controlar melhor seus filhos por meio dela, mas ignoram o quanto também perdem o controle sobre eles (Gueller, 2015), deixando-os transitar livres demais por “sítios” (*sites*) pouco conhecidos.

A oferta de *gadgets* para crianças pequenas seria perigosa, pois criaria uma necessidade a mais, da qual se tornarão dependentes no futuro. Seria uma “neonecessidade” (p. 66) que apenas aparenta conferir maior liberdade para crianças e adultos (Gueller, 2015). Para Gueller (2015), a tecnologia leva à objetificação da subjetividade.

Apesar de ressaltar a utilidade da tecnologia, John (2017) também lembra o quanto podem ser problemáticas e causadoras de mal-estar situações como ser excluído ou bloqueado por alguém, visualizar uma foto em que não se está presente, não ser incluído em um grupo de “WhatsApp”, o sentimento de desperdício de tempo gasto com as telas e a constante sensação de que apenas os outros são sempre felizes.

Já Dunker (2017) compara a virtualidade a uma droga, falando do “uso da ‘substância’ digital” (p. 119), e chega a propor uma semiologia da intoxicação digital na infância, por entender que a virtualidade vem causando efeitos patológicos precoces. Como alguns exemplos desses efeitos o autor destaca: o maior imediatismo nas demandas, a maior superficialidade nas relações, a redução do espaço para a fantasia e inflação do imaginário e a esquiva de conflitos internos por meio de recursos digitais. Embora o autor aponte que temos hoje formas de sofrimento novas inauguradas pela introdução das novas tecnologias, ainda assim ele alerta que a elas não *causam* o sofrimento, mas apenas *contribuem* para inibir ou exacerbar disposições já constitutivas do ser humano. Apenas a título de observação, complementarmente a essa concepção, Castells (2003) entende que

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar as tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade (Castells, 2003, p. 11).

Se pensarmos no *insight* de Freud (1920/2006) ao observar seu neto brincar com um carretel enquanto pronunciava “*fort-da*”, então entende-se que o excesso de exposição à tecnologia não permite à criança elaborar os próprios recursos psíquicos que substituam a ausência da mãe, assim como o neto de Freud fizera com seu carretel. Quer dizer, esse excesso

de presença do outro por meio das redes prejudica a simbolização, na medida em que, embora a tecnologia possa se oferecer como substituta do sentimento de ausência da mãe, assim como o carretel, dificulta que a linguagem posteriormente possa vir a ocupar esse lugar simbólico, que poderia dar sentido a essa experiência de vazio. Mais do que isso, a introdução de “chupetas” eletrônicas faz com que o tempo de espera, de outra feita criativo, torne-se tempo de ocupação (Dunker, 2017). Na concepção de Dunker (2017), esse tempo de espera é importante não apenas para construirmos recursos próprios, como concorda Gueller (2015), como também para aprendermos a despertar o interesse pelo outro, que se torna precioso conforme não está a todo momento presente e disponível. Esse modo de formação dos filhos tenderia a gerar uma espécie de “consumidor exigente” (p. 125).

Nessa linha de raciocínio, Gueller (2015) entende que a tentativa de preenchimento da falta e do aplacamento da angústia a qualquer preço, por meios de “chupetas” virtuais, por exemplo, bloqueia a capacidade imaginativa, que necessita de um tempo e de um espaço para ocorrer e que de outro modo poderia ser usada para enfrentar conflitos. Também constitui um problema da atualidade o fato de estarmos mais interessados por aparelhos eletrônicos do que pelas outras pessoas.

É verdade que a tecnologia nos ajuda a nos aproximarmos de pessoas distantes, mas será que nos aproxima das que estão perto? Podemos reencontrar amigos que não vemos há décadas e nem sabemos ao certo onde estão, mas conseguimos fazer novos amigos? O que acontece quando faltam o corpo, a carícia e o aperto de mãos, o encontro de um olhar furtivo, a percepção do rubor ou a mudança sutil do tom da voz do interlocutor? (Gueller, 2015, p. 64).

Dunker (2017) também trata dessa diminuição do interesse pelo outro – talvez o efeito mais drástico causado pela TIC –, a partir do momento em que se percebe que o outro do plano físico não é tão disponível quanto o do virtual. Por reciprocidade, isso leva a que o sujeito perca também o reconhecimento de si mesmo, e a apatia é o resultado mais provável (Dunker, 2017). Para Dunker (2017), constitui um problema o fato de pais se servirem da tecnologia narcisicamente para ganhar o amor de seus filhos, sob a promessa de uma presença constante. É um pacto perigoso, cujas consequências serão lamentadas posteriormente, sem que percebam a conexão dos fatos.

Ainda na interpretação desse autor, como no mundo virtual há muito mais oferta do que exigências, ou demanda do outro, o sujeito se acostuma com um regime em que não há o risco da recusa. Baseado na ideia de retribuição, de Marcel Mauss (1923[1924]/1974), Dunker (2017) entende que isso faz com que haja um curto-circuito nas relações sociais, que perdem seu equilíbrio uma vez que, se eu recuso o que vem do outro, não gero uma dívida para com ele com a qual me comprometo e garanto um vínculo mais duradouro, e vice-versa.

A dificuldade de estabelecer laços mais profundos ou íntimos e de conseguir viver experiências diversificadas, em que se possam experimentar papéis variados que levariam a um enriquecimento subjetivo, são outro efeito intensificado pela “substância digital” (Dunker, 2017, p. 119). Ou seja, gera-se indiferença que tende a anular a diferença e fomenta a busca pelo igual.

O ambiente virtual favorece a criação de múltiplas tribos de identificação que servem como sustentáculo das fontes de reconhecimento narcísico, hoje hipertrofiadas. O sujeito acaba desenvolvendo uma necessidade maior por reconhecimento e, da mesma forma em que está disposto a pagar cada vez mais caro por ele, encontra cada vez mais outros indivíduos que estejam dispostos a apreciar sua exposição. O excesso de exposição, de apenas momentos maravilhosos e felizes dos quais sempre o outro é protagonista, também tem como consequência um crescente sentimento de fracasso, impaciência e ansiedade (Dunker, 2017).

A sociedade do espetáculo (Debord, 1967) nunca pareceu tão atual quanto hoje. Os padrões de sociabilização passaram a se dar com base na lógica do espetáculo. A teatralidade e o exibicionismo seriam desde então os meios pelos quais ocorre a sociabilização hoje (Passos, 2007).

Na era digital, não só a informação pode ser mascarada, mas também as pessoas. Segundo Gueller (2015), as redes permitem o anonimato e facilitam a falsidade. O maior problema disso é a emersão do ódio, que já não encontra barreiras no plano digital, uma vez que a pessoa da qual ele parte não pode ser identificada. Se por um lado há benefícios nessa maior liberdade de expressão, por outro é preciso pensar em meios de amenizar os efeitos negativos dela e restituir valores como amor e respeito, necessários para a convivência com o outro. Nessa linha de raciocínio, J. Jerusalinsky (2017b) pondera que atualmente o parecer é mais importante do que o ser e até mesmo do que o ter.

Dufour (2005) parte da premissa de que a televisão teria sido uma das grandes instituições responsáveis pela produção do sujeito pós-moderno, na sua concepção, introduzindo o que ele denomina por “desarranjos semióticos provocados pela imagem televisiva” (p. 118). Esse sujeito pós-moderno seria marcado já pela disponibilidade, e também pela incerteza, pela abertura para o mercado e comunicação ampla e pelo consumismo como forma de preencher sua carência. Com efeito, J. Jerusalinsky (2017b) destaca o quanto hoje temos uma urgência em responder ao outro.

O primeiro desses desarranjos causado pela televisão inicialmente, e recentemente também pelas novas tecnologias, teria sido a prevalência da imagem sobre o texto. Anteriormente, com a primazia do texto, o sujeito era compelido a formar imagens mentais a

partir dele. Agora, a predominância da imagem obliteraria a capacidade de fantasia, uma vez que aquela, por si mesma já preencheria o espaço mental do sujeito, aderindo ou “colando” no psiquismo. Se por um lado a imagem não pode ser perfeitamente traduzida por um texto, por outro ela independe dele, enquanto a recíproca não é verdadeira. Essa alteração teria incidido diretamente sobre os processos de simbolização na contemporaneidade (Dufour, 2005). Retomando o que falara Kaës (2001a) anteriormente, esse pode ter sido um fenômeno bastante ligado à crise da transmissão de que ele trata, uma vez que a transmissão está intimamente relacionada à simbolização. Logo, pensa-se haver aqui um primeiro indício para considerar que as tecnologias estariam afetando, mesmo que indiretamente, a transmissão psíquica.

De fato, os prejuízos na transmissão do processo simbólico já são denunciados pelo próprio Dufour (2005), para o qual esse constituiria o segundo desarranjo causado pelas telas. Quer dizer, em acordo com Tisseron (2008), o autor acredita que a exposição excessiva de crianças muito novas à imagem levaria ao empobrecimento de uma experiência de tempo, espaço e de pessoas, pois ela se intrometeria entre sua psique e a realidade, afetando sua capacidade de interpretação do entorno. Ao mesmo tempo, ele também aposta que essa exposição, se ocorrida em idade já mais avançada, quando a criança já tem bases interpretativas suficientes, pode ser benéfica, fornecendo elementos a mais para a geração de fantasias (Dufour, 2005). Ao tema da transmissão, retornaremos adiante.

J. Jerusalinsky (2017b), assim como Mena (2017) e Bernardino (2017), discute um aspecto da tecnologia que nos parece relevante e talvez constitua a principal diferença entre o contato físico e o virtual: a questão da ausência do corpo neste último tipo de comunicação. Segundo a autora, o plano virtual causa uma dissociação do eu em relação ao próprio corpo, donde o ato ou a ação perdem o seu valor, o que pode ser sinônimo de grande prazer, pois permite a exponenciação da fantasia (J. Jerusalinsky, 2017b), mas também de consequências graves, como aponta Mena (2017). A partir disso, refletimos o quanto não estaríamos reeditando a já velha dicotomia mente-corpo, reestabelecida por Descartes (1637/2000) no século XVII, devido a essa dissociação que a virtualidade propicia.

Com efeito, ao discorrer sobre o conceito de vínculo, Puget (2015) afirma que o corpo, com toda a sua dimensão física e biológica, se impõe como presença irresistível, presença esta que não pode deixar de provocar efeitos. Sendo assim, um contato via virtual, por não permitir toda a expressão corporal, poderia significar uma presença menos impregnante?

Para Mena (2017), a retirada do corpo no mundo virtual teria peso maior ainda na adolescência:

O que chama a atenção no uso dos *gadgets* é exatamente esse apagamento do corpo, em uma tentativa de calar o gozo ruidoso que insiste em perturbar esse corpo, principalmente na adolescência. Os *gadgets*, a partir desse ponto de vista, parecem proporcionar uma defesa contra o gozo ruidoso do corpo, ao possibilitarem o apagamento do corpo durante o uso. Porque o corpo e o seu gozo angustiam, uma saída possível revela-se no *gadget* (Mena, 2017, p. 214).

Destarte, a interação virtual se restringiria a um relacionamento mental, reduzindo o protagonismo do corpo, e exigindo dele não mais do que o movimento fino da ponta dos dedos. O mergulho na dimensão virtual oferece menos riscos e também requisita menos o uso do corpo e do movimento, que vão ficando de lado. O autor chega a considerar esse um fenômeno de forclusão do corpo e para ele essa questão se torna ainda mais acirrada com a irrupção da sexualidade e da força física no período da adolescência, quando sua omissão pelas telas pode ser crítica. A banalização do sexo e o *cyberbullying* seriam algumas das consequências de não poder sentir o peso das próprias ações. Dizendo em outros termos, é como se no plano virtual não houvesse sanções, pois tudo parece se encerrar em palavras, mas no mundo concreto, um soco sentido na própria pele ou dirigido a outrem pode causar mais efeitos. Também o “abuso” do corpo, como a adição por drogas, esportes extremos, tentativas de suicídio, anorexia, bulimia, obesidade, suspensão corporal e automutilações, constituiria resultado de processos atuais, talvez como resposta a esse apagamento do corpo (Mena, 2017).

Se por um lado o corpo é retirado de cena no mundo virtual, por outro os dispositivos virtuais cada vez mais tendem a integrar parte do corpo. Na concepção de John (2017), para o jovem especialmente, o celular passa realmente a ser uma extensão de seu corpo – ou de seu ego, se considerarmos que o ego é um ego corporal (Freud, 1923/2006). Na medida em que os aparelhos são cada vez mais portáteis, o que vemos hoje é que não é mais o mundo que vai para o interior do adolescente, mas é o mundo interior do adolescente que vai para o exterior. Além disso, há a questão de o celular se tornar um objeto-fetice, incentivado pelo consumismo, que o coloca como símbolo de *status* social entre os jovens, fazendo-os desejar sempre um modelo mais atual (John, 2017).

A questão dos jogos, ou “joguinhos”, virtuais e de rede constitui todo um tema à parte no que diz respeito aos novos dispositivos eletrônicos, especialmente entre as crianças e adolescentes (Lerude, 2017). Tanto Gueller (2015) quanto Dunker (2017) entendem que os jogos servem muito bem aos adolescentes na medida em que são fortemente eficazes em afastar sentimentos negativos ou conflitivos, poupando o sujeito de enfrentar a realidade.

Com uma visão mais positiva, a partir da ideia de que os jogos podem oferecer um espaço protegido de sustentação simbólica e imaginária para a elaboração das contingências da realidade pelo sujeito, se coloca Mena (2017). Ademais, para este autor, estar conectado, por

meio dos jogos de rede, por exemplo, é praticamente a regra entre os jovens atualmente. Isso significa que abolir essa forma de expressão implicaria em abolir também o convívio social por consequência, que hoje necessariamente passa pela via virtual, seja por meio de jogos ou não (Mena, 2017).

Já Lerude (2017) trabalha com a questão das múltiplas identificações, por meio da criação de avatares que os jogos digitais permitem e o que isso pode dizer a respeito do mundo interno de seu usuário. A invenção de um personagem novo para si permitiria oferecer a ilusão de uma certa “geração espontânea”, livre do peso da transmissão e do passado familiar. Além disso, os avatares se aproximariam do eu ideal do sujeito, embora não sejam mais do que meras projeções identificatórias, na prática. Entretanto, retomando Winnicott (1975), a autora lembra o quanto o jogo pode ser edificante para a subjetividade também, como um espaço potencial de criatividade.

Cada avatar criado tem um nome, e os avatares que representam o jogador possuem variadas versões, tentativas de representação dele mesmo. É nosso postulado. Cada um assume uma autonomação que suporta um fantasma de autoengendramento: “Fazer-se sozinho, criar-se sozinho”, como se o sujeito estivesse, enfim, livre da história familiar e da dívida fundadora dos Outros reais (que foram os pais). Este fantasma de autofundação pode ser lido como um recurso, como uma defesa contra uma mãe muito intrusiva por exemplo, ou de uma patologia familiar (Lerude, 2017, p. 195-196).

Assim, as várias personalidades que o jogador pode assumir em um jogo dizem respeito aos seus rastros identificatórios. A criação de avatares virtuais permite múltiplas expressões do eu que, de outra forma, não seriam possíveis. Essa multiplicidade identificatória denunciada pelos jogos não seria apenas um detalhe sem importância. Ela tanto poderia indicar, talvez, uma decorrência da crise da simbolização que verificamos na atualidade, donde também uma crise nas identificações, como simplesmente evidenciar a complexidade própria dos processos identificatórios (Lerude, 2017).

Em *“Psicologia das massas e análise do ego”*, Freud (1921/2006) discorre sobre o fenômeno das massas e das identificações, e sobre como um objetivo em comum é o fator que dá coesão a um grupo. A grande quantidade de pessoas que as redes permitem ligar atualmente faz repensar essas noções.

De acordo com Castells (2003), uma grande mudança introduzida pelas redes é a possibilidade, pela primeira vez, de muitas pessoas poderem se comunicar com muitas pessoas, e simultaneamente. A despeito disso, para ele, não se trataria apenas de um fenômeno de quantidades, mas também de qualidades, já que vem transformando diversas áreas da vida humana globalmente, como a economia, política, organização social, educação, área empresarial e do trabalho, etc.

Já em 1984, quando o *personal computer* ainda não tinha sido massificado e menos ainda se esperaria surgir algo como um *smartphone*, Haraway conjecturou sobre como as redes já estariam transformando a estrutura social, ao propiciar ligações horizontais em detrimento das verticais, o que, em outros termos, significa a dissolução de hierarquias (Haraway, 1984/2009). Se pensarmos nas gerações, em especial as de avós e netos, que comportam um intervalo maior de tempo entre si, como essa mudança poderia incidir?

Ainda na concepção da autora, a identificação seria problemática, pois pressupõe que só é possível se identificar com aquele que é igual, excluindo o diferente. Ou seja, na identificação, não há uma real aceitação do outro, mas apenas uma aceitação condicional dele, desde que ele apresente algum ponto em comum. A solução, para ela, seria a promoção de relações de coalizão, um conceito em que a convivência se daria sem a necessidade de haver pontos de identificação. As redes, nesse sentido, facilitariam a emergência desse tipo de relação (Haraway, 1984/2009).

Já há alguns anos, diversos autores vêm discorrendo sobre o fato de vivermos em uma era do vazio (Lipovetsky, 1995) ou de “tempos líquidos”, cuja característica é a dissolução de valores e princípios comuns e que acaba por culminar no excesso de individualismo (Bauman, 1998) e de narcisismo, bem como na preponderância da exterioridade, das aparências e dos interesses privados (Lasch, 1991). Outras premissas correlacionadas a esse tema dizem respeito à crítica ao capitalismo e ao consumismo exagerado e o consequente surgimento de laços pautados no utilitarismo, em que o outro é objetificado. A tecnologia, neste sentido, contribuiria para essa objetificação do humano (Zanetti & Gomes, 2012). De fato, dentro da perspectiva da cibercultura⁴, entendendo que a tecnologia é um dos principais elementos que oferecem os parâmetros e valores culturais atuais (Rüdiger, 2013), é comum associar as noções de eficiência, rapidez e precisão como antagônicas a características consideradas humanas, como afetuosidade, ritmo biológico e imperfeição, por exemplo. Não apenas o organismo individual sofreria os efeitos deste antagonismo, mas também as relações interpessoais, que seriam agora mais frias e impessoais, teoricamente.

Para Passos (2007), o cenário contemporâneo levaria a um paradoxo fundamental vivido pelos indivíduos que é o fortalecimento encontrado na exaltação do si mesmo em detrimento

---

⁴ A cibercultura é um campo de conhecimento que tomou forma na década de 1960 diante da necessidade de compreender os efeitos da tecnologia sobre a subjetividade humana. Alguns de seus representantes são: Lévy (1996), Haraway (1984/2009), Rüdiger (2013), A. V. Pinto (2005), Dupuy (2007), entre outros. Embora nos baseemos em alguns desses autores, não teremos uma leitura restrita a esse referencial, já que isso fugiria dos objetivos aqui propostos.

do outro, mas que está fadado à insuficiência devido ao esvaziamento dos vínculos humanos. A busca ou a identificação com outros “idênticos” passa a ser a regra.

Conforme Ornellas (2017), os tempos de hoje trariam um imperativo de apagamento das diferenças individuais, somado à inflação do imaginário e à descontinuidade. A autora também aposta em uma crise da função paterna na atualidade, o que significa uma crise no senso de alteridade e consequentemente da transmissão da herança e de valores simbólicos. A objetificação do outro, além de um sentido de não fidelidade e não-tradição, seriam consequências desse não reconhecimento do diferente. Estamos vivendo em uma sociedade de extremo culto ao eu, um eu-infantil primitivo e centrado em si mesmo apenas, que vai cada vez mais se ensimesmando em meio a suas próprias ilusões que, por sua vez, encontram eco no consumismo e na premissa capitalista. Diante do atual estado de coisas, Ornellas (2017) aposta na psicanálise como garantidora da subjetividade humana, em meio a uma crise do sujeito e império dos objetos.

Levando em conta o que já foi apresentado até aqui, aventa-se a possibilidade de pensar que, se antes, quando havia mais hierarquia, estaríamos falando em uma organização social mais edípica, hoje, com a redução dela e diminuição da função paterna (Ornellas, 2017), nos encontraríamos em uma sociedade mais narcísica, uma vez que ela se estrutura em função dessa busca pelo igual, como entendido por Passos (2007), tal qual Narciso, que busca pela própria imagem no lago em que mira. Ainda assim, é importante ter em mente que, como Dunker (2017) e Castells (2003) colocam, a tecnologia não causa determinadas disposições humanas, mas apenas as reforça ou inibe, ou seja, essa nova forma de estruturação relacional não seria causada pela tecnologia, mas apenas facilitada por ela.

Entretanto, é interessante perceber que, se inicialmente o surgimento da internet, aliado à lógica globalizante, deu a ilusão de que as pessoas cada vez mais poderiam se habituar às diferenças individuais (Haraway, 1984/2006), o que ocorreu foi justamente o oposto, pois há um ensimesmamento cada vez maior, já que cada um busca pela via virtual aquilo com que mais se identifica, o que torna mais fácil ignorar as diferenças. O surgimento de *haters* e depreciações ou linchamentos virtuais (J. Jerusalinsky, 2017b) seria uma mostra de como passamos a cada vez menos aceitar as diferenças intersubjetivas.

Retomando o conceito de vínculo (Berenstein, 2011; Puget, 2001), considera-se que pensar a questão da influência da TIC na subjetividade e nas relações humanas pode ser pensar em como ela influi sobre os vínculos, sobre as relações de identificação e de triangulação entre as pessoas, por meio da instituição de novas vias de interação e uma realidade outra além da já existente até então. Retomando Berenstein (2011), o vínculo é um encontro que difere da

identificação e da identificação projetiva. Sendo assim, e considerando a premissa de que hoje as relações se dão prioritariamente em termos da busca pelo idêntico, isso poderia ajudar a explicar a crise atual dos vínculos intersubjetivos, uma vez que o vínculo é justamente um trabalho de ligação e permanência dessa ligação com o outro apesar do diferente (Berenstein, 2011).

Mas, afinal, que relação teria isso com a questão do vínculo de avós e netos? Se considerarmos a coexistência dos dois paradigmas, o edípico e o narcísico, e que o primeiro estaria mais próximo da geração dos avós e o segundo da geração dos netos, então estaria havendo um conflito geracional? Ou a própria troca entre eles poderia ser um encontro enriquecedor? Se Ferrigno (2013) fala em uma época de conflitos geracionais, seria precisamente devido a esse choque de paradigmas?

Na contemporaneidade, a informação passa a ganhar centralidade (Toffler, 2001; Alves & Mancebo, 2006), o que poderia implicar uma nova lógica em que não simplesmente a informação seria o objeto de valor atualmente, como também levaria a uma nova estruturação em função dela. Uma das diferenças observadas entre avós e netos atualmente seria quanto à forma de cada um se posicionar diante do conhecimento ou do saber e como isso afeta a própria relação entre as gerações.

A liberdade e o incentivo de acesso às redes pelas crianças teriam como um de seus efeitos a criação de uma ilusão de genialidade por parte delas, ilusão esta que é reforçada por pais embaçados com as surpreendentes habilidades de seus filhos em relação às TICs. A criança passa então a acreditar saber mais do que os adultos ou os mais velhos e a sentir desprezo pela ignorância deles (A. Jerusalinsky, 2015). Nesse sentido, também está de acordo Lerude (2017), para quem os jovens hoje passam a ser mestres dos mais velhos.

Ao se debruçar sobre as mudanças ocorridas nas últimas gerações, Prensky (2001) cunhou dois termos para se referir a diferentes classes inauguradas pela era tecnológica: os “nativos digitais” e os “imigrantes digitais”, aqueles nascidos em um contexto já habitado pela tecnologia e estes anteriores a ele. Segundo seu entendimento, a despeito de cada geração sempre trazer mudanças em relação à anterior no que diz respeito aos hábitos, costumes e valores, neste caso haveria tido uma ruptura ou grande descontinuidade entre tais classes. Desde então, outros estudos surgiram na tentativa de verificar essa proposição e recentemente alguns autores desmistificam a ideia de que haveria diferenças de aprendizado e de capacidade entre

as gerações e que a exposição precoce à tecnologia não necessariamente levaria ao incremento de habilidades, como, por exemplo, o *multitasking*⁵ (Kirschner & Bruyckere, 2017).

Em recente entrevista, Prensky (2017) já apresenta um posicionamento distinto do que tinha anteriormente, declarando que a diferença entre uma geração nativa digital e uma não nativa residiria na *concepção* que cada uma tem sobre os novos recursos tecnológicos, bem como sobre os valores culturais que conservam, e não no processo de aprendizagem em si dos novos recursos, uma vez que, para poder utilizá-los, todas teriam que passar pelos mesmos processos de aprendizagem deles. Assim, para um jovem de hoje, as noções de privacidade, do que é concebível compartilhar ou não, de relacionamento amoroso, etc, é que vão ser diferentes em relação a alguém mais velho.

É interessante a diferenciação tecida por A. Jerusalinsky (2015) entre informação e compreensão ou experiência, ainda que ambas sejam formas de saber:

Nesses tempos pós-modernos, o compreender tem sido substituído pela informação como centro do saber. É por isso que ter experiência passou a ter menos valor do que estar informado. As crianças, por lógica consequência, deixaram de ver os adultos como portadores do saber. Produziu-se, então, uma transformação radical nas relações transgeracionais: os mais jovens – mais bem informados das transformações mais recentes – não percebem o saber dos adultos (fundamentado na sua experiência) como fonte de qualquer autoridade ou orientação para a escolha de seus atos e seus destinos (A. Jerusalinsky, 2015, p. 61).

Ainda para o autor, o adulto hoje fica sem espaço e sem destinatário para o qual endereçar sua vivência e poder transmiti-la, já que cada vez mais os jovens confiam nas informações que obtêm de fontes outras (A. Jerusalinsky, 2015). O maior problema dessa inversão geracional seria a falta da diferença e da variabilidade, o que leva à estereotipia e à repetição mortificantes, incapazes de produzir um sujeito (A. Jerusalinsky, 2015; J. Jerusalinsky, 2017b).

Destaca-se que enquanto para alguns autores estaria ocorrendo uma inversão geracional (A. Jerusalinsky, 2015; Lerude, 2017), para outros há também uma maior segregação intergeracional, como apontado por Ferrigno (2013), acima. Reflexo disso parece ser o fato de essas divisões geracionais também começarem a ocorrer no espaço virtual, vide a “emigração” de jovens da rede social “Facebook”, que tem passado a ser considerada por eles como um lugar para os mais velhos, como mostra J. Jerusalinsky (2017b). Ainda assim, é curioso pensar que haveria maior distanciamento entre as gerações justamente quando outros autores defendem que haveria menos hierarquia entre elas (Paula et al., 2011).

---

⁵ O termo inglês “*multitasking*” se refere à suposta capacidade de poder executar mais de uma tarefa simultaneamente, suposição contestada por determinadas fontes, uma vez que admitem que o que ocorre, em realidade, é uma rápida alternância entre tarefas, à exceção de atividades automáticas, como a marcha, por exemplo (Kirschner & Bruyckere, 2017).

Entretanto, mais do que uma *inversão* da lógica, em que os mais novos ensinam os mais velhos, considera-se a possibilidade de pensar talvez em uma *igualação*, devido a essa tendência à horizontalização. Nesse sentido, se os mais velhos ainda são considerados por alguns como prejudicados por esse processo ou excluídos digitais (Azevedo, 2017), seria apenas porque o surgimento recente das TICs ainda não teria oferecido o tempo suficiente para sua adaptação, que, todavia, poderia ser alcançada, como pode ser verificado pelo aumento cada vez maior de pessoas mais velhas aderindo à tecnologia (Torres & Dias, 2017).

Apesar de a literatura normalmente colocar os jovens como mais próximos das tecnologias (Anjos et al., 2014; Lerude, 2017), John (2017) destaca o quanto essa maior proximidade pode ser enganosa, pois ela faria com que o jovem não conseguisse analisar a situação com tanto apuro quanto alguém que a veja com maior distanciamento. Frente ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos na atualidade, verifica-se uma tendência contrária partida dos próprios jovens, de revalorização da vida *off-line*.

Finalmente, J. Jerusalinsky (2017b) entende que a tecnologia incidiria sobre a questão da transmissão⁶:

Se a criança da virada do século XIX ao XX padecia de ter destituído seu desejo de saber, como bem soube escutar Freud, legitimando as investigações infantis e considerando-as como teorias, a de hoje em dia se vê lançada a um conhecimento infinito, mas padece de ter com quem singularizar os seus percursos de investigação. A transmissão a crianças passa a ocorrer de um modo não mediado e anônimo, esvaziando a importância de contar e dar conta do vivido na narrativa entre gerações do registro do tempo implicado nisso. Que um avô possa dizer para um neto como foi a sua infância importa, não por uma idealização do passado ou do futuro, mas pelo próprio registro da diferença que se produz ali. Se já foi diferente é porque o mundo pode também ser mudado em consequência de nossos atos, atos simbólicos que custam em nossa carne e osso para serem sustentados (J. Jerusalinsky, 2017b, p. 32).

Os jovens vêm “seguindo” *youtubers*, geralmente também jovens, e fiam-lhes toda a confiança. Quer dizer, não há uma reciprocidade, pois ao mesmo tempo em que cada vez mais esses adolescentes estão se baseando na experiência desses ídolos, estes, por sua vez, não têm nenhum tipo de envolvimento ou sequer conhecimento de seus “seguidores” (J. Jerusalinsky, 2017b). É possível que novamente se verifique aqui cada vez mais uma busca pelo somente igual, ou seja, um narcisismo que vai se autorreforçando. Vê-se que a tendência à horizontalização também poderia estar afetando os processos de transmissão.

---

⁶ Salienta-se que não é intenção desta pesquisa articular o conceito de “transmissão” a partir de diferentes referenciais teóricos, como o compreendido pela psicanálise tradicional e pela vincular, por exemplo. Ao mesmo tempo em que se considera importante deixar claro que a “transmissão” de que tratam alguns autores aqui apresentados, como J. Jerusalinsky (2017a; 2017b), não coincide exatamente com o conceito de “transmissão psíquica” do referencial da psicanálise vincular, entende-se que seria tão importante quanto abordar essa temática também a partir desses autores, por trabalharem essa noção correlativamente ao tema da virtualidade, e porque, afinal, seriam concepções não totalmente estranhas.

Há algum tempo, uma menina estava tendo dificuldades para andar de patins, então lhe sugeri que fizesse algumas aulas com quem sabia disso. Ao que ela me respondeu que não era preciso, bastava a internet para aprender! Demonstra-se aí a ilusão de que seria possível ter acesso a um saber pela virtualidade, desconsiderando a importância que tem para apreender a transmissão de um saber de alguém que, estando de corpo presente, compartilha o gozo de tal realização corporal e que é justamente por gostar disso que pode se tornar um bom professor. Desconsidera-se também que, para poder vir a saber disso, é inevitável, em certa medida, ralar o joelho (J. Jerusalinsky, 2017b, p. 33-34).

Assim, vemos que a transmissão de conteúdos psíquicos na era digital é cada vez mais dada por meio de um outro “desencarnado”, segundo J. Jerusalinsky (2017a), ou uma transmissão sem corpo, para Bernardino (2017).

Gueller (2015), em consonância com as ideias de J. Jerusalinsky (2017b), também aponta o quanto os meios digitais vêm alterando a forma como aprendem as crianças hoje, segundo ela, predominantemente por tentativa e erro. As informações são buscadas no “Google” ou em vídeos do “Youtube”, por exemplo, antes do que em livros, manuais ou simplesmente consultando os adultos. Com isso, perde-se nas gerações mais novas o sentido de deferência ou respeito à autoridade, uma vez que as redes favorecem uma “expansão rizomática” (p. 71) das relações, mais informais agora.

De acordo com Puget (2015), hoje em dia os pais percebem que seus filhos sabem de coisas que eles próprios, os pais, não chegaram a aprender e se dão conta de que apreenderam tais conteúdos fora do seio familiar.

J. Jerusalinsky (2014) questiona como se daria a passagem de saberes na era virtual, em que os dispositivos possuem uma “memória sem recalque” (p. 51) e em que tudo fica gravado? Se a vivência é congelada, não há reedição ou reinvenção sua, o que significa que não há elaboração. Implícito nisso está o fato de que a criança necessita do contato com alguém de carne e osso, ou seja, que se faz tão mais real não apenas pelo que ele quer transmitir, mas também pelo que ele não gostaria de transmitir, mas que mesmo assim lhe escapa pelos seus equívocos e falhas (J. Jerusalinsky, 2014).

Além dos efeitos prejudiciais em si mesmos da exposição excessiva à tecnologia por crianças em tenra idade, os adultos com quem elas têm contato também estão cada vez mais abduzidos e afetados pela tecnologia, o que gera pais ou cuidadores cada vez menos disponíveis para seus filhos (J. Jerusalinsky, 2017b).

Embora às vezes o paradigma tecnológico seja visto como um fator que causa ou leva ao distanciamento das relações humanas (Sá, Mattar & Rodrigues, 2006), diversos estudos apontam que a TIC pode ajudar a amenizar a depressão, o sentimento de solidão ou isolamento social, bem como melhorar a qualidade da relação entre amigos ou familiares, uma vez que

permite aumentar a frequência do contato entre eles (Cotten, G. Ford, S. Ford & Hale, 2012; Cotten, Anderson & McCullough, 2013; Xie, 2003; Pereira & Neves, 2011; González, Ramírez & Viadel, 2012; Hernández-Encuentra, Pousada & Gómez-Zúñiga, 2009; Roberto et al., 2014; Orlandi & Pedro, 2014; Páscoa & Gil, 2015).

Apesar de a maior parte das concepções apresentadas acima destacar os efeitos danosos da TIC sobre a subjetividade humana, há visões mais otimistas, por assim dizer, que apostam no quanto as redes também podem ser um espaço de grande potencial e permitirem novas possibilidades ao ser humano. Como um desses representantes, Castells (2003), por exemplo, coloca que a tecnologia não é prejudicial necessariamente e pode ser de grande valia, caso seja feito bom emprego dela. S. M. D. do A. Guimarães (2014) compartilha de concepção semelhante, ao acreditar que o espaço virtual amplia as possibilidades de conexões humanas.

Também Mena (2017) lembra que boa parte da preocupação que os adultos têm com relação ao uso que as crianças e jovens fazem hoje dos dispositivos eletrônicos, por exemplo, diz mais respeito à quebra da ilusão daqueles sobre um certo ideal de infância, em que as crianças supostamente deveriam brincar na rua, andar de bicicleta e jogar bola, do que a um problema em si mesmo (Mena, 2017). Em outros termos, a tecnologia e sua influência sobre a subjetividade e intersubjetividade humanas não levariam necessariamente a formas disruptivas de ser ou de se relacionar, mas talvez apenas a uma forma diferente de fazê-los.

Por fim, é importante destacar que a sociedade ocidental atual se situa em um momento de grande potencial para mudanças. A revolução que a tecnologia apenas iniciou ainda poderá trazer muitas transformações e o ciberespaço se mostra como uma ferramenta muito poderosa para isso (Nicolaci-da-Costa, 2003). Passamos por um momento em que o velho e o novo ainda se misturam, de forma que ainda estamos muito presos ao que estamos perdendo, mas pouco atentos para o que podemos ganhar no futuro. Um distanciamento no tempo será necessário para que seja possível vislumbrar essas possibilidades (Nicolaci-da-Costa, 2002).

Assim, embora a transmissão psíquica e os vínculos intergeracionais familiares possam estar sendo afetados pela tecnologia, entendemos que ainda não seria possível depreender a totalidade desses efeitos, que só se revelarão ao longo do tempo. Esta pesquisa é uma tentativa de lançar alguma luz sobre como tais consequências estariam incidindo sobre o vínculo de avós e netos, atualmente.

5 MÉTODO

5.1 Objetivos

Geral

Investigar de que modo a tecnologia da informação e da comunicação influi sobre os vínculos entre avós idosos e netos adolescentes, na contemporaneidade.

Específicos

1. Discutir se as tecnologias da informação e da comunicação poderiam promover o estreitamento do vínculo entre avós e netos ou seu afastamento, ou, ainda, se inserirem de forma neutra.
2. Compreender, a partir do ponto de vista da dupla, os papéis e funções que os avós podem ocupar atualmente na família, à luz da psicanálise vincular.

5.2 Hipótese

As reminiscências, lembranças e memórias dos avós são uma importante via de transmissão geracional da herança psíquica entre as gerações, assegurando-lhes uma função de portador e transmissor de um saber sobre a família. Ao mesmo tempo, passamos por um período histórico-cultural caracterizado pelos desenvolvimentos industrial e tecnológico, pelo consumismo, individualismo e não aceitação da diferença. Nesta perspectiva, pelo fato de as gerações mais velhas serem menos familiarizadas com as tecnologias da informação e da comunicação, argumenta-se com certa frequência que tais recursos causariam a segregação do idoso na família e na sociedade, subtraindo a função de suas reminiscências e memórias e prejudicando seu papel como portador e transmissor de um saber. Esta seria uma das causas da atual desvalorização do velho, ao lado, por exemplo, de uma cultura capitalista que desvaloriza a pessoa improdutiva. Por outro lado, estudos recentes relativos ao assunto, como o de Marques (2012), vêm rebatendo essa assertiva e mostrando quanto tais recursos tecnológicos atuais podem ser bem aproveitados para a aproximação de idosos e jovens adolescentes, por exemplo.

Desta forma, assim como as tecnologias da informação e da comunicação podem afetar o vínculo entre desconhecidos – no caso do estudo citado, idosos e jovens adolescentes – isto

é, um vínculo que nem sequer existia e que não foi concebido *a priori*, trabalharemos com a hipótese de que elas podem também afetar vínculos já preestabelecidos por uma genealogia, na pesquisa em questão, o vínculo avós-netos.

5.3 Justificativa

Como referido, os aumentos da expectativa de vida e da população idosa no Brasil têm provocado diversas consequências e problemas que emergem associados a este fenômeno. Dentre eles, destaca-se a dificuldade de inserção no mercado de trabalho por parte dessa faixa etária, que leva à sua dependência financeira (R. P. de Barros, Mendonça & D. Santos, 1999), o que, por sua vez, pode levar ao aumento de lares multigeracionais, dado por motivo de necessidade, e não cultural (L. R. Ramos, Rosa, Z. M. Oliveira, Medina & F. R. G. Santos, 1993). O contrário também pode ser observado, ou seja, os lares multigeracionais também podem ocorrer devido a idosos que reagrupam filhos e netos em função de seu salário ou aposentadoria (R. G. da C. Lopes, 2009).

Desta forma, se a Psicologia sempre deu maior ênfase para as fases iniciais do desenvolvimento humano, bem como para o indivíduo maduro, hoje ela vê a necessidade de se debruçar sobre a categoria etária em questão.

Assim, além das problemáticas citadas concernentes ao envelhecimento populacional, optou-se por focar a classe dos idosos por se entender que, diferentemente da dos adolescentes, que foi uma categoria social produzida (Ariès, 1973) e, portanto, já bem estabelecida socialmente, o idoso no cenário atual, ao contrário, não se apresenta mais como uma figura fixa, pois ele pode ser avô ou não, pode morar sozinho, com os filhos, com os netos ou com ambos, pode ser cuidado pela família ou por um cuidador, ou pode ser o provedor da família, pode estar trabalhando ou não, entre outras possibilidades (R. G. da C. Lopes, 2009). Isso mostra a diversidade de papéis ou funções que os avós podem ocupar na família atual (Harper, 2006).

Ao lado do envelhecimento populacional, a emergência de novas tecnologias e seu impacto sobre o homem e suas relações têm gerado uma série de questionamentos, principalmente quando se trata de gerações mais velhas e sua possível exclusão digital.

Diversos artigos (Alves & Mancebo, 2006; Sadala, 2009) se preocupam em compreender os efeitos da tecnologia sobre a subjetividade individual. No entanto, poucos têm estudado tais efeitos no que tange ao campo intersubjetivo, ou seja, a partir dos vínculos.

Sustentamos a necessidade de explorar esta dimensão, ou seja, a do “*entre*”, pois entendemos que a TIC, por ser o próprio canal pelo qual se interage e se fazem “transações” subjetivas atualmente, estaria levando a mudanças não apenas individuais, como relacionais também.

Enfim, o aporte teórico da psicanálise vincular foi escolhido como norteador desta pesquisa, por julgá-lo como o mais apropriado para o estudo do objeto em questão, já que dá especial enfoque a essa dimensão do “*entre*”, tendo em vista a presença de dois sujeitos, avô e neto, pertencentes à mesma família e ligados por relações geracionais.

5.4 Fundamentação metodológica

Esta pesquisa adotou o método clínico e o psicanalítico (Turato, 2003), dentro de uma abordagem qualitativa. O tratamento dos dados se referendou no aporte teórico psicanalítico vincular e das configurações vinculares.

O método psicanalítico subtende o fenômeno da transferência e da contratransferência na interpretação dos dados, enquanto o método qualitativo apreende o fenômeno humano de forma compreensivo-interpretativa (Turato, 2003).

Freud (1912/2006) já afirmava que, na psicanálise, teoria e clínica se desenvolvem juntas. Mais recentemente, Turato (2003) descreve a psicanálise como um parâmetro atual de métodos clínicos. O autor denomina o método clínico-qualitativo como um método qualitativo especificado para as áreas da Saúde, incluindo a Psicologia. Nas palavras do autor, ele se caracteriza pelo

estudo e a construção dos limites epistemológicos de certo método qualitativo particularizado em *settings* da Saúde, bem como abarca a discussão sobre um conjunto de técnicas e procedimentos adequados para descrever e compreender as relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos referidos neste campo (Turato, 2003, p. 240).

De acordo com E. B. Pinto (2004), o método qualitativo em Psicologia envolve a investigação dinâmica e personalizada do objeto de estudo, a partir de um processo essencialmente construtivo-interpretativo. Entre outras técnicas, a interpretação e a transferência podem ser instrumentos utilizados na análise dos dados.

Para mais do que um conjunto de técnicas, Turato (2000) ressalta que no método clínico-qualitativo o pesquisador deve manter uma postura de acolhimento com relação ao sofrimento da pessoa que está sendo estudada, primando por um contato face a face e valorizando as trocas

afetivas que ocorrem durante a coleta de dados. Além disso, a investigação deve acontecer no ambiente natural da pessoa estudada, de forma a preservar as características subjetivas desta.

Enquanto os métodos quantitativos têm por foco fatos, os métodos qualitativos visam a fenômenos, buscando sua observação, descrição e compreensão. Sua força está contida na validade dos dados analisados e seu objetivo não é testar e verificar determinado objeto, como no primeiro tipo de método, mas, sim, ampliar, corrigir, reformular ou simplesmente clarificar um construto inicial. Nessa linha de raciocínio, permite apenas generalizações de conceitos, e não de resultados, que, por sua vez, não são propostas pelo próprio autor/pesquisador, mas apreendidas pelo leitor/consumidor da pesquisa, a partir de comparações com suas próprias vivências. Além disso, o desenho do projeto em pesquisa qualitativa é flexível e se mantém aberto no transcurso dela (Turato, 2005).

Os métodos qualitativos são amplamente utilizados no campo das Ciências Humanas, que têm como objeto de estudo o próprio ser humano, na verdade, sua subjetividade. Esse é um campo de conhecimento que visa compreender e interpretar os sentidos e significações dos fenômenos relatados pelos indivíduos, bem como observados em suas verdades, e quais outras coisas podem estar ocultas por trás do fenômeno em questão (Turato, 2003). É possível pensar que, em Ciências Humanas, sujeito e objeto se confundem, de forma que é quase como se pudéssemos falar em sujeito e sujeito e isso poderia implicar diferenças na concepção dos dados.

Dentro da perspectiva deste método, a ciência é entendida como uma construção da subjetividade humana e uma vez que a investigação interfere no objeto a ser investigado não é possível falar em neutralidade, pois a pesquisa sempre estará atrelada à realidade e à subjetividade do pesquisador. Há interferências diretas e indiretas, conscientes e inconscientes do pesquisador no seu trabalho, levando em consideração que o que produz sofre influência de sua história e de seu funcionamento psíquico (E. B. Pinto, 2004).

Nas palavras de Fontanella e Magdaleno (2012),

A inserção radical do pesquisador no campo (interagindo com ele e, desta forma, também *gerando* dados) é parte integrante do método. [...] sugere-se uma inserção *visceral* em seu campo de trabalho e se chega mesmo a propor um mecanismo de identificação com seu objeto de estudo, como parte do processo de procura da *verdade* (p. 66, grifos dos autores).

Desta forma, podemos entender que, sem abrir mão da busca por uma objetividade, tem-se consciência da presença e da influência da subjetividade do pesquisador no processo da pesquisa que, longe de prejudicar as análises e os resultados, é utilizada como um instrumento a seu favor.

Assim, podemos refletir também que, enquanto nos métodos quantitativos um fato é testado a partir da verificação (Turato, 2005), nos qualitativos, por causa da complexidade do objeto e porque há uma relação em jogo, haveria uma “produção” dos resultados, não dos fenômenos, mas de uma dada forma de compreendê-los.

Contudo, Fontanella e Magnaleno (2012) advertem que essa abordagem pode levar a um maior risco de cair em vieses. Em uma leitura psicanalítica do método qualitativo, os autores afirmam ser importante que o pesquisador identifique e consiga lidar com seus próprios pontos de angústia, para que possa interpretar adequadamente o material coletado, sob pena de gerar pontos cegos na sua análise. Ao mesmo tempo, ele deve contar com uma gama de recursos psíquicos suficiente para ser capaz de conter as angústias, as sobrecargas e as descargas afetivas do entrevistado, quando ocorrem, para poder transformá-las em dados.

5.5 Participantes

A pesquisa se deu a partir de entrevistas conjuntas com a dupla avô(ó)-neto(a), em um total de quatro duplas, além de um estudo-piloto inicial, que serviu como teste do roteiro de entrevista, não tendo sido aproveitada para as análises constantes na presente pesquisa. Lembramos que, em pesquisa qualitativa, interessa menos uma amostra numerosa do que uma análise profunda de casos individuais. Além disso, a preocupação na abordagem qualitativa não é tanto com a possibilidade de generalização dos resultados necessariamente, mas, sim, com a compreensão do fenômeno visado (Turato, 2003).

A amostra final selecionada⁷ pode ser assim caracterizada, de acordo com a ordem cronológica da coleta de dados: a primeira dupla consistiu de um avô materno, Carlos, de 83 anos, e de sua única neta, Carol, de 18 anos; a segunda dupla já era formada por um avô também materno, Ibrahim, de 89 anos, mais idoso do que aquele, com seu neto, Tobias, de 12 anos; da terceira entrevista, participaram Brenda, jovem de 15 anos, com sua avó materna Laura, contando com 69 anos; por fim, Sabrina, de 17 anos, e Estela, de 83 anos, formaram o último par, sendo esta a única avó paterna integrante. A apresentação detalhada dos casos é feita no próximo capítulo; adianta-se que todos os nomes escolhidos são fictícios.

O perfil do segmento dos avós participantes teve como condição: que não residissem nem exercessem a função de principais cuidadores dos netos, assegurando a exclusividade de

---

⁷ Além do estudo piloto e das quatro duplas aqui analisadas, foram realizadas entrevistas com mais três duplas, duas até o Exame de Qualificação e uma depois dele, que, muito embora não tenham sido aproveitadas para esta pesquisa, forneceram importantes pistas para uma melhor condução dos resultados e discussão, aqui apresentados.

seu lugar de avós com relação a estes, e que mantivessem contato com a família. Além disso, deveriam apresentar um mínimo interesse pelo tipo de tecnologia aqui especificado, especialmente quanto às redes sociais. A amostra dos avós ainda foi dividida por gênero, sendo dois de cada um.

A idade dos avós participantes deveria ser de no mínimo 60 anos, considerando que o indivíduo inserido a partir desta idade já é classificado oficialmente na categoria de “idoso” e que esta pesquisa se debruçou sobre avós idosos. Não houve limite superior de idade para esta pesquisa, com a condição de que a capacidade funcional (M. T. da R. Lima, R. de S. Silva & L. R. Ramos, 2009) do participante estivesse preservada, ou seja, desde que as capacidades cognitivas, emocionais, físicas e a autonomia estivessem mantidas.

A faixa etária dos netos deveria estar entre 12 a 18 anos (inclusive), conforme a delimitação estipulada para o período da adolescência pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, devendo eles serem usuários das TICs. A escolha pelo período da adolescência justifica-se pelo fato de esta ser a atual geração supostamente já familiarizada com a tecnologia (Carli, Fontoura, Cafarati & Kemmerich, 2011), somado à maior probabilidade de que seus avós ainda não se encontrassem em idade tão avançada, o que facilitaria sua participação na pesquisa. Os adolescentes que não tivessem 18 anos completados assinariam um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, enquanto seus pais, ou algum responsável, deveriam assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O gênero dos netos foi indiferente, devendo eles estarem ainda em uma condição de dependência, de forma a assegurar seu lugar de filhos (de seus pais) e de netos; isso implicou que ainda morassem com seus pais, não trabalhassem, nem fossem pais eles mesmos ainda.

Destaca-se também que a tecnologia a que se referiu este estudo não foi de qualquer tipo, mas sim àquelas denominadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) (Maldonado, 2012), como já referido, que envolvem algum tipo de comunicação direta, ou seja, por *e-mail* ou aplicativos de conversa, por exemplo, ou indireta, como em aplicativos de publicação de fotos ou troca de outros conteúdos pessoais. Esta delimitação se justifica pelo fato de se entender que este tipo de tecnologia rompeu com paradigmas anteriores, trazendo inovações sem precedentes (Maldonado, 2012), de modo a afetar a subjetividade individual e as relações interpessoais (Nicolaci-da-Costa, 2002), além de ser um recurso ao qual os atuais idosos não foram habituados desde cedo (Anjos et al., 2014), enquanto os adolescentes de hoje representam uma geração bastante próxima dele, nativa digital.

5.6 Procedimento

O primeiro momento da investigação da pesquisa consistiu no contato com o campo, cujos participantes foram buscados por diferentes meios: redes sociais virtuais, indicações e em determinadas instituições voltadas para idosos, como grupos de igrejas e centros públicos de atenção a esta população. Em seguida, foi feita a apresentação da pesquisadora e da proposta da pesquisa por mensagem ou por telefone.

Após o contato preliminar, foi apresentada, agora pessoalmente, a proposta da pesquisa e possíveis dúvidas que surgiram, sanadas. Foram apresentados também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICES B e E) para ambas as partes, ou seja, para o(a) avô(ó) e para seu(ua) neto(a), bem como um outro Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) para os pais dos adolescentes com menos de 18 anos, para que fossem assinadas. Os adolescentes que já tivessem 18 anos completos poderiam assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D).

Em seguida, as entrevistas semidirigidas foram realizadas com os participantes conjuntamente, uma vez que essa estratégia permitiu observar a dupla em interação e detectar o tipo de vínculo que há entre avô e neto, que é o foco da pesquisa. Abordar os participantes em interação condiz com o referencial teórico da psicanálise vincular, que dá ênfase às formações intersubjetivas e pretende compreender o vínculo que se estabelece entre os indivíduos e as gerações.

Foi realizado um estudo-piloto com uma dupla de uma avó de 78 anos e seu neto de 13 anos que teve o intuito específico de testar o instrumento de pesquisa, como apontado acima. Após esta entrevista preliminar, o instrumento de pesquisa foi adaptado para as seguintes, tendo sofrido algumas alterações visando um melhor aproveitamento da coleta de dados. Dentre essas alterações, incluiu-se a mudança dos tópicos e de sua ordem, colocando o da tecnologia em primeiro lugar, por ser a prioridade da pesquisa, bem como a inserção de novas questões, a fim de aprofundar alguns temas, principalmente aqueles relacionados à construção do vínculo e a transmissão geracional. Com o roteiro de entrevista reelaborado, foram realizadas quatro novas entrevistas com as duplas de avós-netos.

Após a coleta de dados, as entrevistas realizadas, gravadas com o consentimento da dupla, foram transcritas e analisadas, levando em conta a teoria psicanalítica e mais especificamente a psicanálise vincular.

5.7 Materiais e instrumentos

A pesquisa foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semidirigida, feita com avós e netos concomitantemente.

O roteiro de entrevista foi dividido em duas grandes seções, além dos dados pessoais dos participantes: “*A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo da dupla*” e “*História familiar, dinâmica vincular da dupla e a função dos avós na família*”.

Na primeira seção, visou-se identificar como a tecnologia afetava o vínculo entre avô(ó)-neto(a) propriamente, buscando analisar o tipo e a frequência de uso que cada um fazia da tecnologia da informação e da comunicação individualmente e como interagiam entre si por meio dela.

Já na segunda seção, pretendeu-se compreender a história e a dinâmica familiar, de modo a apreender, principalmente, como era o vínculo da dupla, qual a função dos avós na família e se as memórias e reminiscências destes apareciam como elemento importante de transmissão na família.

Outros materiais utilizados foram aparelhos gravadores de voz e programas específicos de computador, como Word®, para transcrição e redação.

5.8 Forma de análise dos resultados

A proposta de realizar a entrevista com a dupla em conjunto, teve como objetivo a compreensão do vínculo estabelecido entre eles. Esperava-se encontrar elementos que demonstrassem como se construíam os laços entre avós e netos na família contemporânea, levando-se em conta a influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre eles. Ao mesmo tempo, observar se apareceriam conteúdos que demonstrassem se há segregação ou não do(a) avô(ó) no meio familiar, dado pelo fato de ser considerado “analfabeto digital”, e a diminuição ou mesmo perda de sua função na família, também dado pela influência da tecnologia nos vínculos.

A forma de análise de resultados adotada foi o método de estudo de caso (Yin, 2015). Como a pesquisa se deu a partir de casos múltiplos, a forma de análise do material foi feita por meio de uma exploração profunda de cada caso individualmente. Porque partimos da premissa de que a amostra de avós, especialmente, abrange uma diversidade demasiadamente grande (R. G. da C. Lopes, 2009), compreendemos que seria provável que os resultados encontrados

comportariam diferenças discrepantes o bastante para justificar a escolha de um método de análise que pudesse dar conta da riqueza e da singularidade de cada caso. Além disso, essa forma vai ao encontro do método clínico-qualitativo e do referencial teórico aqui definido, ou seja, o aporte da psicanálise vincular e das configurações vinculares, que permeou a pesquisa.

De forma bastante geral, o método de estudo de caso pode ser caracterizado essencialmente por uma preocupação com a profundidade da análise de um dado objeto e com seu aspecto unitário. Entretanto, apesar de ser um método antigo, ainda não há consenso entre os autores a respeito de certos pontos de sua utilização. Enquanto para alguns ele não visaria à generalização, justamente por priorizar a profundidade e singularidade de cada caso, para outros ele possibilitaria, sim, generalizações, e para outros, ainda, seria possível conceber ambas as finalidades (Peres & M. A. dos Santos, 2005).

Em uma leitura psicanalítica, R. M. Guimarães e Bento (2008) entendem que, embora busque por uma objetividade, à diferença do modelo positivista, o método de estudo de caso não pressupõe uma distância entre sujeito e objeto, mas entende que as interferências ocorridas no momento do encontro fazem parte dos dados e constituem o que chamaríamos de transferência.

Corroborando este ponto, de acordo com Safra (1993), quanto maior a capacidade de autoanálise e autoconhecimento por parte do pesquisador, maior será a objetividade alcançada em uma pesquisa. Isso significa que, se o pesquisador tem pouco contato com seus próprios elementos internos, corre maior risco de incorrer em pontos cegos ou vieses nas suas análises, tornando seus achados mais subjetivos, como já indicado acima.

Também partindo de um olhar psicanalítico, ao discorrer sobre o relato de casos clínicos, Avellar (2009) pontua que sempre haverá uma seleção das partes que serão incluídas na análise enquanto outras serão perdidas, consciente ou inconscientemente. A “montagem” de um caso, por assim dizer, seria como um trabalho de bricolagem, na visão da autora. Apenas lembramos que, apesar de esta pesquisa não se inserir em um contexto clínico, pois não pressupõe a presença de patologia *a priori*, entendemos que algo análogo ao que a autora propõe ocorra aqui.

5.9 Análise dos aspectos éticos

Em conformidade com as determinações éticas estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para pesquisas com seres humanos, na Resolução nº 466/12, o projeto de

pesquisa foi devidamente encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP), conforme o Parecer Consubstanciado anexo (ANEXO A).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO⁸

A seguir, serão apresentados os casos das quatro duplas de avós-netos entrevistadas, cuja sequência segue a ordem cronológica da coleta de dados, que se deu toda na cidade de São Paulo. Ressalta-se que, em pesquisa qualitativa, é preciso ter em mente que os dados expostos constituem apenas um fragmento da vida dos respectivos participantes que, por sua vez, passam também pela interpretação do pesquisador. Assim, apesar de a pesquisa científica buscar por uma objetividade, entendemos que a subjetividade começa já no momento da escolha (e do esquecimento) dos dados que serão exibidos, como apontado por Avellar (2009).

Nesta análise, intentou-se fazer uma articulação entre o vínculo dos avós e netos, o modo como interagem por meio da TIC e a psicanálise vincular com os seus conceitos pertinentes. Posto isto, deu-se também ênfase aos aspectos da dinâmica familiar das duplas, pois entendemos que não apenas revelaram dados significativos dentro do campo da psicanálise vincular, no que se refere ao vínculo específico de avós e netos, como também, como exporemos adiante, em todas as duplas encontramos paralelos entre o seu funcionamento subjetivo e o tipo de uso ou concepção que tinham da TIC, donde a necessidade de expor tais aspectos subjetivos e familiares.

Antes de iniciar a discussão, gostaríamos apenas de fazer algumas ressalvas. Em primeiro lugar, explicitar que, quando for o caso, usaremos “primeira geração” para a categoria dos avós, enquanto “terceira geração” se aplicará a dos netos, sendo a “segunda geração” a intermediária, ou seja, a dos pais destes últimos. Em segundo lugar, como o conceito de “virtual” não se opõe simplesmente ao que é “real”, como explorado por Pierre Lévy (1996), adotaremos então conceitos tais como “contato presencial”, “contato físico”, “pessoalmente”, etc, sempre que precisarmos nos contrapor ao “virtual”.

6.1 Carlos e Carol: medo de *hackers*

Esta primeira dupla era formada por Carol, de 18 anos, e por seu avô materno, Carlos, de 83 anos de idade. Eles eram vizinhos há até três anos atrás, quando moravam no mesmo

---

⁸ Destacamos que, para todas as duplas, apesar de uma única entrevista talvez não se mostrar suficiente para uma análise psicanalítica em profundidade, assumimos a postura de trabalhar com os dados que estavam à disposição, de forma que tais análises e interpretações aqui realizadas se aproximam mais de hipóteses do que de certezas e não pretendem encerrar toda a realidade sobre cada participante, dupla ou suas famílias.

prédio, e apresentavam uma ligação muito forte, algo que a neta, principalmente, fazia questão de explicitar e que pôde ser observado pela forma carinhosa, admirada e respeitosa com que se tratavam.

O contato inicial foi obtido por meio de Wanessa, filha de Carlos, que sugeriu que este e sua filha participassem. Em seguida, acertaram-se os detalhes por telefone diretamente com Carol e a entrevista foi realizada no apartamento de seus avós. Nesse momento estavam presentes não apenas a dupla, como também a avó, a mãe e o namorado de Carol, que ficaram assistindo à televisão em uma sala contígua ao ambiente onde foi feita a coleta de dados. Apesar de se preocuparem em não interromper ou causar incômodo, em alguns poucos momentos conversavam mais alto ou chegavam a intervir, quando o avô errava ou não se lembrava de alguma informação, por exemplo, o que sugeria que estavam, em alguma medida, “participando” da entrevista também.

Constituíam uma família pequena e bastante unida, se resumindo ao casal de avós, suas duas filhas e respectivos cônjuges, e Carol, única neta dos primeiros. A filha mais velha do avô não teve filhos e até hoje mora no mesmo prédio dos pais em um apartamento juntamente com seu marido. Esse reduzido núcleo de sete pessoas se reúne todos os fins de semana regularmente.

Moguillansky e Nussbaum (2011), ao propor uma classificação nosográfica de família, dissertam sobre um tipo específico, em que já se teria alcançado uma base narcísica, mas que não se conseguiria ainda conceber uma ordem diferente da sua, dividindo o mundo entre o que lhe é familiar e o que lhe faz oposição. Essas famílias vão se fechando em um núcleo restrito, que serve de limite entre seus elementos bons e ruins, estes últimos os quais, por sua vez, são expulsos para fora. Esse parecia ser o caso aqui, que além de se resumir a alguns poucos familiares, também pôde ser observado no fato de excluírem de seu convívio aqueles vistos com alguma reprovação, como os avós paternos de Carol, por exemplo, enquanto permaneciam incluídos aqueles vistos de forma positiva.

O avô trabalhava na área do comércio, tendo se aposentado precocemente por invalidez, muito embora tenha optado por continuar trabalhando até há alguns anos atrás em casa, como autônomo. Ele, especialmente, teve grande participação nos cuidados da neta quando ela era criança, desde seu nascimento, pois os seus pais, assim como sua avó, trabalhavam fora de casa. Hoje em dia, em seu apartamento, ele mora apenas com a esposa. Já a neta mora com os pais, não no mesmo bairro do avô, e cursa o primeiro ano de graduação em Administração, além de ter iniciado estágio nessa área recentemente. Atualmente, ela namora um rapaz, Vinicius, há cerca de 5 meses. As personalidades do avô e da neta pareciam se complementar, pois enquanto

o primeiro tinha um jeito de ser que convidava a conquistá-lo, a segunda se portava de modo a querer agradar, ser gentil, como se quisesse conquistar os outros.

Durante a entrevista, chamou a atenção um ponto de identificação entre ambos que, ao ser explorado, foi revelando um dado bastante interessante e que, por isso, nos deteremos com maiores pormenores. Contando sobre o fato de serem uma família pequena – note-se que é como se não considerassem o restante dos parentes, como os avós paternos de Carol ou os parentes por parte da avó, por exemplo, como extensão desse núcleo –, Carlos comenta sobre ser filho único, pois sua mãe tivera problemas para engravidar posteriormente. Ele diz que também teve poucos filhos, só duas, e a neta termina falando que não só ela era filha única também, como neta única, autodenominando-se em tom de brincadeira como “*mimada*” (Carol) por causa disso. Longe de ser mimada, entretanto, ela transparecia um forte senso de responsabilidade e de cuidado para com os outros, a tal ponto que era apelidada pelos amigos como “*a mãe da turma*” (Carol).

Observamos, assim, que esse padrão de ter poucos filhos se repetia na família, de uma forma que o avô parecia se orgulhar disso. Ao mesmo tempo, ele assumia o lugar de patriarca. Seria como construir um pequeno domínio sob seu reinado. Observamos aqui que esta família apresentava um modelo misto de referenciais de família, pois ao mesmo tempo em que tinha características mais tradicionais, como o fato de o avô ser a autoridade máxima, também guardava outras mais contemporâneas, uma vez que esse mesmo avô não tinha um modo de ser autoritário ou distante, mas sim afetivo, por exemplo (Paula et al., 2011; Dias et al., 2009).

Conforme a entrevista foi transcorrendo e se foi perguntando sobre a família deles, o avô foi contando o quanto também era muito próximo de sua avó, paterna no caso. Ele descreve o quanto era “*tão bom aquilo*” (Carlos) e o quanto quis transmitir essa experiência para sua neta. Ele chega a expressar o apelido pelo qual sua avó o chamava, “Carlito”, ao que a neta complementa falando que não só o avô também a chamava por um apelido, “Carorol”, como ela inventou um apelido próprio para o avô, diferente do da avó deste: “Carlolos”. Vemos que a reprodução de um apelido carinhoso com a neta parece ser uma das formas de tentar reviver essa experiência boa que sentiu que teve enquanto neto, agora com sua neta, e que esta, ao inventar um novo apelido para aquele, dá um toque pessoal para o vínculo entre eles, trazendo algo novo para ele. Retomando as contribuições de Gaujelac (1987) a respeito do nome e sobrenome, refletimos que, enquanto o primeiro representa o desejo dos pais e o segundo a inscrição em uma linhagem familiar, o apelido seria uma forma de conferir uma intimidade a mais para o vínculo, dar um tom particular que é acionado por esse novo cognome, acessível

apenas aos seus autores que são assim autorizados a acessar esse grau de proximidade do vínculo por meio dele.

Constatamos que, por detrás dessa outra repetição familiar, isto é, da forte ligação entre avós e netos, encobria-se algo além de uma mera ligação forte simplesmente, mas refletia uma configuração edípica atípica: um complexo de Édipo envolvendo avós, filhos e netos. Em outras palavras, seria um complexo edípico entre três gerações, diferentemente do que ocorre em outros casos, que envolvem duas gerações apenas, a dos pais ou cuidadores e a criança. Com efeito, a neta cita que até começar a se envolver com os rapazes, chamava o avô de “*seu namorado*” (Carol). Ela diz, por exemplo, que “[...] *eu gosto muito de dar atenção [para os avós], às vezes é diferente do que, sei lá, quando meu namorado fala alguma coisa, eu dou menos atenção do que quando meu vô fala alguma coisa*” (Carol).

A partir de Berenstein (2011), entendemos que, ao enlaçar as três gerações, fazendo um vínculo forte com a neta, o avô poderia evitar ser o terceiro excluído em relação à nova família que a filha constitui com seu marido, podendo permanecer incluído e soberano. Carlos também comenta que via os dois genros como filhos e então poderíamos entender que, ao assim tratá-los, mantém-nos em uma posição subalterna, reforçando seu lugar de patriarca da família. A propósito, não só o avô falava que seu genro era como se fosse um filho, como Carol afirmou que, para ela, seu pai era como se fosse seu “irmãozinho” (Carol) e que brincava e brigava com ele como tal. Isso é bastante representativo e vai ao encontro da ideia de um complexo de Édipo de três gerações, como estamos inferindo, pois, se o avô fala que seu genro é como seu filho e a neta diz que seu pai é como se fosse seu irmão, é como se segunda e terceira gerações se confundissem, condensadas como uma única, por sua vez filiada à primeira. Isso também tem relação com a teoria de K. Abraham (1913/1961) e de Ferenczi (1913/1992), sobre o fato de a presença do avô relativizar o poder dos pais, tornando-os figuras mais enfraquecidas e às vezes fazendo-os equivaler a uma imagem de irmãos mais velhos.

Aqui há também um paralelo com a teoria de Battistelle e Farnetti (1991) sobre o complexo de Édipo envolvendo avós: vemos que Carol ficou sob influência maior deles entre os 3 e os 5 anos de idade, época em que mais recebeu seus cuidados até começar a frequentar a escola, ou seja, a fase mais sensível para o desenvolvimento e dissolução do complexo, segundo os autores.

Embora não seja novidade que o complexo de Édipo não se dê necessariamente entre pai, mãe e criança (Laplanche, 2015), como queria Freud (1924/2006), o que se observa neste caso é uma estratégia de resolução edípica bastante particular, com uma lógica própria. Essa conformação de um complexo de Édipo “trigeracional” seria conveniente não só para a geração

dos avós, mas também para a dos netos, configurando uma aliança inconsciente entre avô e neta que beneficiava ambas as partes, se prestando a driblar a questão de ser o terceiro excluído, aquele em relação à família da filha, genro e neta e esta em relação aos adultos.

No entendimento de Battistelle e Farneti (1991), os avós são figuras importantes para a resolução do complexo de Édipo pelos netos, como apresentamos anteriormente. Nessa família, no entanto, os avós parecem não simplesmente auxiliar nessa tarefa, mas sim fazer parte dela. Uma possível interpretação seria conceber que, da mesma forma que o Pequeno Hans (Freud, 1909/2006) sugere ao seu pai que fique com sua mãe enquanto ele poderia ficar com a dele, como forma de elaboração do complexo edípico, Carlos parece encontrar uma solução às avessas: se não pode ficar com sua mãe, que pertence a seu pai, fica então com a própria mãe do pai, atravessando-o. Seria como superar o próprio pai, realizando um feito do qual ele não foi capaz: conquistar a mãe para si. Um detalhe que parece dar força a esse argumento é o fato de essa repetição acontecer de forma espelhada, quer dizer, enquanto o avô, que é do gênero masculino, tinha uma ligação forte com a sua avó por parte de pai, Carol, que é do gênero feminino, faz uma ligação com esse avô, que por sua vez é por parte de mãe, como se o rival fosse sempre o genitor do outro sexo. Resumidamente, a repetição parece ser a eleição daquele avô ou avó por parte do genitor do sexo oposto como objeto de amor, desembocando sempre em um mesmo padrão: neto e seu genitor de um mesmo gênero e avô de gênero diferente, alternando a cada nova geração em que isso ocorre.

Algo interessante que percebemos por meio desse caso é o fato de a transmissão dos padrões se darem entre três gerações, o que seria diferente de se repetirem entre duas apenas. Esse padrão observado, por exemplo, ocorrido com Carlos enquanto neto, parece se repetir apenas quando ele se torna avô, mas não necessariamente quando está situado na geração intermediária. Logo, supondo que essa lógica se mantenha, esse mesmo padrão não se repetirá quando (e se) Carol se tornar mãe, mas apenas quando se tornar avó, assim como seu avô. Dizendo em outros termos, não significa que essa dinâmica se repita *a cada* geração, mas talvez a cada duas, quando o neto se torna avô(ó), momento a partir do qual o ciclo passa a se repetir. Neste sentido, é possível que uma dinâmica diversa tenha ocorrido entre as gerações dos pais de Carlos, ele próprio e suas filhas. Em termos do conceito de transmissão psíquica, seria conceber a existência, em cada família, de diferentes séries, que podem se repetir, por exemplo, a cada turno de duas, ou de três, ou de quatro gerações ou mais; os lugares de parentesco (avô(ó), pai/mãe, filho(a), neto(a)), aqui, seriam um marco definidor do início e do fim de um dado padrão. Esta família em questão ilustra bem o caso da transmissão circular e intermitente, de

que trata Kaës (2001a), para além da transmissão linear apenas, em que um dado conteúdo psíquico passa de uma geração à outra simplesmente, de forma sempre contínua.

Assim, nessa família, ficar na posição intermediária, de pai ou mãe, seria um desafio, o que encontra eco nas asserções de Ferenczi (1913/1992), K. Abraham (1913/1961) e, mais recentemente, Marques (2012), sobre a aliança entre a primeira e terceira gerações, que deixa a segunda em meio a um “fogo cruzado” daquelas. De fato, Carlos relata o quanto sente que teve uma má conduta quando se tornou pai, dando a entender que costumava beber e trair a esposa e deixando transparecer que não conseguiu se encontrar nesse lugar. Ao tornar-se avô, que avalia como um evento maravilhoso em sua vida, fez questão de se retratar a fim de ser um exemplo para a neta. Mas o que fica subentendido é que, para além de dar um bom exemplo apenas, o fato de ter se tornado avô trouxe um sentido novo para a sua vida, que pôde novamente ser preenchido por aquela experiência “*tão boa*” (Carlos) que já sentira na qualidade de neto, cuja esperança de poder revivê-la pareceria ter transformado o vínculo entre ele e Carol nesse algo “tão bom” também. Ele diz:

Ah, foi uma, uma das grandes coisas que a vida me deu, primeiramente: neta [pausa]. Aquele carinho que eu devia ter dado pelas minhas filhas, que, um pouco a cabeça e um pouco o tempo que me consumia tanto no trabalho, eu não pude dar. Então eu tinha que dar pra neta. Eu achei tão BOM, nossa, coisa rica, eu chamo até hoje de “coisa rica” [risos da neta e da pesquisadora] (Carlos, ênfase dele na fala).

Para ele, tornar-se avô teve essa conotação de poder dar algo que não pôde no passado com as filhas. Ele fala que “*tinha que dar pra ela*” (Carlos, grifos nossos), como se sentisse uma obrigação em fazer diferente, talvez para reparar uma culpa sentida anteriormente com relação às filhas. Isso reforça a ideia de que, como pai, Carlos teve dificuldade para se realizar, talvez devido à frustração que carregava por sentir que não podia exercer essa função de forma plena, o que o levava a procurar válvulas de escape fora do círculo familiar. Como avô, entretanto, pôde encontrar novo sentido, e pôde reparar essa culpa interna. Esses dados encontram respaldo em Aratangy e Posternack (2005) e em Dias e D. V. da Silva (1999).

Sobre as más condutas que Carlos comenta na entrevista, nota-se outra repetição na família: dele em relação ao seu avô materno, que também tinha seus vícios, como a bebida. Observamos que aqui ocorre outro espelhamento, pois, assim como Carol quase não tinha contato com seus avós paternos, o avô também parece romper com seus avós maternos (no caso, só com o avô, pois não chegou a conhecer a avó materna), devido a julgamentos de valor. É possível que esse funcionamento se desse como mecanismo de defesa, para se livrar dos próprios objetos internos sentidos como maus, projetando-os em uma parte da família e cindindo com ela, que passa a ficar “estragada”. Levando em conta a tendência à repetição,

inferimos que, ao cindirem com os avós paternos de Carol, também estejam se defendendo de certos elementos que percebem em si mesmos como maus, presentes de forma inconsciente.

Essa dinâmica também está em conformidade com o modelo de família comentado acima (Moguillansky & Nussbaum, 2011) que, devido ao esforço de se manter apenas com os elementos bons, vai se restringindo, pois vai excluindo coisas e pessoas que considera ruins. A partir disso, talvez seja possível conjecturar que, quanto mais fechada em si mesma uma família, como podemos observar ser o caso aqui em questão, mais ela tenda a ficar restrita aos mesmos modelos de identificação presentes no seu reduzido círculo de convívio e, conseqüentemente, mais tenda à repetição desses poucos modelos, ainda que não seja necessariamente repetição patológica e ainda que haja exceções.

Vemos que a estratégia edípica adotada aqui não era algo novo na família, mas parece ser um padrão dela, ou seja, uma repetição entre gerações. Assim, da mesma forma que essa solução encontrada por Carlos remontava aos substratos infantis seus, e a neta a repetia, é possível conceber que ela não tenha sido inaugurada pelo avô. Ou seja, há aqui uma transmissão psíquica inconsciente na família. O que especificamente motivou a “escolha” por esse tipo de resolução não fica explicitado, mas uma interpretação possível é a de que poderia ser alguma dificuldade em lidar com a exclusão sentida pela criança em relação ao casal parental, de forma que ela se vê compelida a formar uma aliança forte com o avô ou avó, impulso que encontra eco na impossibilidade de os avós aceitarem também o lugar de exclusão em relação à família dos filhos e netos.

De uma certa forma, Carol não apenas seria filha de um incesto simbólico – da mãe com o avô –, como também é a única herdeira da família, carregando a responsabilidade de decidir pelo seu destino, se se perpetuará ou não.

Além dessas constatações sobre a dinâmica familiar, pudemos perceber que nessa família a figura do idoso era vista como aquele que é portador de um saber, dado pela sua vasta experiência, acumulada ao longo dos vários anos vividos. Note-se que alguns autores, como Baltes e Smith (2006), apostam em uma diferença entre sabedoria e experiência de vida, de forma que apenas esta última seria atributo inerente da velhice enquanto o outro pode não ser necessariamente.

A moral e o conhecimento pareciam ser égides desta família e representavam importantes pontos em comum entre a dupla, fornecendo bases fortes para o vínculo entre eles. Não apenas a neta tinha os avós como referência de moral, como costumava sempre se questionar se seu avô a aprovaria em suas atitudes. Por meio desta fala sua, a neta mostra que ainda parece ligada superegoicamente ao seu avô.

Do modo como falava, percebemos que, para a neta, seus avós ocupavam um lugar de ideal do ego, um lugar transcendental, ou uma posição que se buscava alcançar. Na opinião de Carol, os avós seriam superiores aos pais, que ainda estão em processo de aprendizagem, enquanto os avós, por sua vez, já teriam alcançado a plenitude. Essa fala mostra o quanto ela idealizava os avós, quase como se eles fossem perfeitos. Aqui também ficam evidentes as teorias de Ferenczi (1913/1992) e de K. Abraham (1913/1961), sobre a relativização do poder dos pais perante a presença dos avós. Os pais ainda seriam aprendizes, estariam mais próximos de serem irmãos mais velhos, mais próximos dos netos do que dos avós. Assim, é como se, nesta família, pertencer às gerações mais novas fosse sinônimo de estar incompleto ainda.

Na visão da neta, o avô não apenas era muito bom, como também era o melhor de todos, ele sempre “*dá um banho em todo mundo*” (Carol), o que parece reforçar sua posição como figura máxima da família. Pelas falas de Carol, observamos que para ela realmente se aplicaria a proposição de K. Abraham (1913/2006), segundo a qual os pais estariam para um rei assim como os avós estariam para um deus (K. Abraham, 1913/1961).

Apesar de estar na fase da adolescência, quando costumeiramente caem as idealizações dos próprios pais (Battistelle & Farnetti, 1991), por meio desses e outros exemplos, tivemos a impressão de que a idealização de seus avós ainda se mantinha. Também o avô parecia manter sua neta em uma imagem idealizada. De fato, esse fechamento da família em si mesma parecia se retroalimentar e reforçar que seus membros continuassem voltados para ela, em vez de se voltar para o mundo externo. Desta forma, se por um lado a condenação de alguns membros se mostrava necessária para manter a coesão grupal, por outro o mecanismo de idealização de outros, daqueles considerados incluídos, pareceria reforçar essa união.

A essa altura, o leitor poderá estar se perguntando qual a relação de toda essa análise com a tecnologia. Exporemos agora, então, os aspectos relacionados à TIC e tentaremos demonstrar o quanto o uso que faziam dela tinha relação com seu perfil ou suas características vinculares ou familiares. Com efeito, isso foi verificado em todas as quatro duplas e acreditamos que essa seja uma das principais conclusões que obtivemos deste estudo.

A princípio, avô e neta tinham uma visão divergente sobre a tecnologia, o primeiro mais entusiástico e a segunda mais criteriosa. O posicionamento deles era contraditório, pois enquanto Carlos apreciava tais recursos, mas fazia pouquíssimo uso, Carol apresentava resistência, mas fazia extenso uso deles.

De uma forma geral, o avô parecia apenas ver as vantagens da TIC e a principal delas julgava ser a praticidade e a proximidade que ela permitia, apesar do distanciamento geográfico. No entanto, apensar de ter uma visão bastante otimista, fazia bem pouco uso dela, como dito.

Ele apresentava alguma dificuldade no seu uso e parecia não sentir necessidade dela, já que a família já era bastante unida. O primeiro contato que teve com o computador foi quando ele surgiu e tinha como finalidade o trabalho. Atualmente, por não trabalhar mais, usa-o apenas para ver notícias e às vezes o aplicativo “*WhatsApp*” no *smartphone*, para mandar mensagens em algumas ocasiões, como nos aniversários dos familiares, bem como receber mensagens dos parentes. A família tentou abrir uma conta na rede social “*Facebook*” para ele, o que não funcionou, já que ele não se lembrava da senha que, apesar de estar contida em um dos seus *e-mails*, também não se lembrava da senha desse *e-mail*.

Um detalhe interessante de se observar foi o fato de o avô cometer diversos “atos falhos virtuais”, como se esquecer de suas senhas, dos códigos de transações bancárias digitais, perder os manuais feitos por sua neta (Carol comentou que tinha feito alguns manuais para o avô, explicando certos comandos de utilização dos *gadgets*), deletar fotos da família, ou mandar conteúdos errados ou mandar conteúdos certos para o destinatário equivocado, a ponto de Carol brincar, falando que às vezes evita mandar algo para o avô com medo de que ele compartilhe no grupo da família em vez de responder apenas para ela. Dentre seus esquecimentos, observamos que as senhas e os códigos de transações bancárias, por exemplo, têm relação com confiança, com poder acessar certos aspectos de sua intimidade. É como se Carlos fosse tão fechado para certos aspectos de si que nem ele mesmo tivesse acesso a tais conteúdos. De fato, ao contar sobre a má conduta que julga ter tido no passado, fala apenas superficialmente, deixando os fatos subentendidos, como se devessem permanecer reprimidos. Ou seja, o acesso a si mesmo também pode ser perigoso e, logo, é melhor se desfazer das chaves ou senhas que dariam acesso a eles.

Assim como atos falhos representam a manifestação do inconsciente, possivelmente de aspectos reprimidos (Freud, 1901/2006), no plano virtual parece não ser diferente. O que se pretende dizer com isso é que, uma vez que sempre estaremos lidando com o subjetivo, relativo ao sujeito, e que o inconsciente é uma de suas manifestações, isso significa que também no meio virtual irá se expressar essa subjetividade, com a diferença que ela pode ser alterada pela virtualidade. Logo, o que tais esquecimentos e atrapalhamentos cometidos por Carlos poderiam querer dizer? Ao apagar equivocadamente uma foto de família, poderia ser o paralelo do alheamento de parte da família que fazem também no plano físico? Acreditamos que essa seja uma possibilidade. J. Jerusalinsky (2017b) discorre sobre como a máquina vai se sobrepondo ao sujeito, exemplificando como o “corretor” de digitação de aplicativos como o “*WhatsApp*” se justapõe à escrita espontânea, criando os seus próprios atos falhos, que, todavia, não diriam mais respeito aos do sujeito. Acreditamos, entretanto, que os atos falhos da máquina possam se

somar aos do ser humano e isso já poderia ser um sinal da tendência à hibridização de que tratam alguns autores (L. A. Oliveira, 2003).

Já a neta afirmou fazer extenso uso da tecnologia, principalmente para o estudo. Em quase tudo que era questionada, tinha uma opinião dividida, sempre vendo os aspectos positivos e negativos do que era perguntado – é possível que essa característica dela refletisse o modo de funcionamento familiar, de dividir o mundo entre os “bons” e “maus”. Assim, embora reconhecesse as vantagens que a TIC apresentava, como as já apontadas pelo avô, tinha algumas ressalvas quanto a ela – um indício disso pôde ser observado no fato de que ela não correspondeu ao primeiro contato realizado pela pesquisadora, feito por meio de mensagem pelo “*WhatsApp*”, respondendo apenas quando foi contatada por telefone. Para Carol, os principais problemas que via na TIC diziam respeito ao afastamento das pessoas ou o esfriamento das relações e ao fato de as pessoas poderem se mascarar por meio dela, criando fachadas falsas para suas personalidades. Isso lhe causava um sentimento de desconfiança em relação ao mundo virtual e até mesmo receio, como quando fala que tinha medo de *hackers*. Quanto a isso, o avô também tinha uma posição semelhante, afirmando que, no que se refere à comunicação digital, não gostava de “*externar nada*” (Carlos) e preferia apenas receber, como se, em consonância com o modelo de família proposto por Moguillansky e Nussbaum (2011) acima, revelar ou compartilhar conteúdos próprios seus com outros fosse algo perigoso, como se pudessem ser capturados ou usurpados pelo outro. Ou seja, acumular os conteúdos bons dentro de si ou dentro do núcleo familiar e excluir os ruins teria como consequência o sentimento persecutório constante de sentir que pode ser roubado pelo outro.

Consideramos essa uma fala significativa do avô, que mostra que o uso que faz é sempre “de fora para dentro” – quer dizer, ele não costumava enviar conteúdos ou mensagens, mas apenas recebê-los de outrem –, como se expor seus próprios elementos internos trouxesse o risco de algo ruim acontecer, e como se receber os conteúdos alheios tivesse um sentido de incorporar coisas boas para si (já que recebe mensagens dos familiares com conotação positiva). Já a neta, embora chegue a publicar conteúdos seus nas redes sociais, fá-lo apenas em meio a amigos e familiares, evitando exposição a desconhecidos. Vemos aqui uma divisão entre os outros, conhecidos, e o público em geral, ou seja, uma massa amorfa formada por estranhos.

Essa característica de Carol, de quase sempre ponderar os aspectos positivos e os negativos de cada questão, para além de demonstrar uma personalidade centrada ou moderada, talvez possa ser interpretada em uma linha kleiniana, ou seja, maniqueísta, que pode dizer respeito ao modo de funcionamento da família, em que os aspectos bons e maus são fortemente

separados, devendo assim permanecer (Klein, 1957/1985). Logo, a tecnologia também estaria nessa lógica, sendo dividida segundo essa ordem.

O primeiro contato da neta com a tecnologia se deu por meio de seu pai e de seu avô, quando era criança, e usava para jogos ou atividades lúdicas, como desenhos e pinturas digitais. Já na pré-adolescência ou adolescência, insistiu com os pais que lhe dessem um celular e o seu primeiro foi herdado de sua mãe. Com cerca de 11 anos, foi ganhando outros aparelhos mais sofisticados, que usava muito para conversar com os amigos. Aproximadamente nessa época, já tinha uma conta no “Facebook”, que, entretanto, era conjunta com a de sua mãe. Posteriormente, ela diz que esta lhe permitiu fazer uma própria, contanto que ela tivesse acesso à senha também, por “segurança” (Carol). Atualmente, Carol tem o próprio controle de todas as suas contas. Essa vinheta parece revelar algo interessante sobre a neta, evidenciando um processo gradual de fusão com sua mãe em direção a uma diferenciação subjetiva, o que mais uma vez indica que a vida psíquica pode se projetar também no plano virtual, ou, trocando em miúdos, que o espaço virtual também é um espaço potencial para as projeções psíquicas do ser humano se manifestarem.

Outro ponto de destaque na entrevista dessa dupla foi a vontade e a satisfação de Carol em poder ensinar seus avós, especialmente o avô. Desde criança, já brincava de “escolinha” com ele e afirmou sempre tê-lo ensinado sobre aquilo que ele não sabia, como a língua inglesa, que não era matéria obrigatória em sua época, bem como a própria tecnologia. A despeito de nem sempre ser bem-sucedida, já que o avô resistia em querer aprender sobre os novos recursos, sua insistência em ensiná-lo talvez possa ser entendida como uma forma não só de retribuir tudo o que recebeu e aprendeu com ele, mas também de poder manter o avô presente e incluído na atualidade. Mais do que isso, seria como uma tentativa de atualizá-lo, de trazê-lo para o mesmo tempo dela, assim como ele a trouxe um pouco para o seu tempo, como se assim se sincronizassem.

Assim, sob essa perspectiva, a TIC representa uma oportunidade de a neta poder se sentir útil ao ensinar seu avô. É também um pretexto para conectar gerações, recurso, aliás, que às vezes é empregado com essa finalidade em projetos ou programas intergeracionais, a exemplo do “Oldnet”⁹ (Marques, 2012). Apenas para comentar um detalhe relatado por Carol, sobre o fato de sua escola utilizar amplamente programas e plataformas digitais para o ensino, vemos

---

⁹ Esse projeto, denominado “Oldnet”, foi encabeçado por Gilberto Dimenstein em 1999 e tinha como objetivo promover o convívio e trocas geracionais entre jovens adolescentes e idosos por meio do ensino de informática daqueles para estes últimos. Essa iniciativa serviu de base para uma pesquisa de mestrado que veio a ser defendido sob o título “Adolescentes e idosos: uma leitura psicanalítica do encontro geracional no Oldnet”, por Izabel de Madureira Marques, em 2012, já mencionada anteriormente.

como a tecnologia traz uma certa obrigação, para não dizer uma imposição, de ceder a ela e de se manter atualizado.

A questão do conhecimento parecia importar nesta família. Esse item apareceu diversas vezes na entrevista, e víamos que o aprendizado entre avô e neta acontecia em mão dupla. Um objeto relíquia, como propõem Almeida Prado e Giovannini (2001), aparece na relação deles como símbolo dessas trocas que faziam. A garota descreve que certa vez recebeu do avô um texto sobre a Revolução de 1932 e então afirma enfaticamente que “*nunca*” (Carol) se desfaria dele. Por meio do conhecimento, eles encontravam uma via de vinculação forte e utilizavam-no como forma de retribuição, gratidão ou troca. O objeto dado pelo avô, no caso um texto referente à era Vargas, teria o poder de representar e conter uma parte importante que dá liga ao vínculo, como se pudesse aproximá-la historicamente do avô. Então, da mesma forma que Carol tenta trazer o avô para mais próximo de sua própria época, ensinando-o sobre a tecnologia, também parece tentar se aproximar da época dele ao conservar um objeto anacrônico, que é um texto em papel, ou seja, uma relíquia.

Entre Carlos e Carol há uma certa inversão geracional, de que fala Jones (1913/1938), nesse ato de ela ensinar o avô. Também poderíamos entender, talvez, como uma certa inversão o fato de Carlos, que não é familiar à TIC, ser mais favorável a ela do que a neta, nativa digital. Como afirma Marques (2012), sobre a necessidade de que o idoso se permita ser invertido para que possa ocorrer a inversão de gerações, o avô aqui em questão parece aceitar, e talvez desejar, ser invertido, agindo até mesmo como uma criança em alguns momentos, como quando contam que, certa vez, derrubaram leite achocolatado no sofá, deixando a avó de Carol irritada com os dois.

Entre eles, faziam pouco uso dos recursos mais atuais da TIC, usando prioritariamente o recurso de ligação, geralmente do celular da neta para o telefone fixo do avô. Já em 2004, mesmo quando o aparelho celular ainda servia somente para ligações e mensagens de texto, praticamente, Nicolaci-da-Costa (2004) discorrera em artigo a respeito dos seus impactos psicológicos sobre o ser humano. A autora mostra que, mesmo tendo a mesma finalidade, uma chamada por celular e por telefone fixo apresentam diferenças. As principais delas trazidas pelo primeiro seriam a privacidade que ela permite, livre dos ouvidos de outras pessoas residentes na casa, e a mobilidade, ou seja, o fato de as barreiras do tempo-espço poderem ser mais flexíveis. Assim, Carol comenta que considera muito útil a ligação pelo celular como forma de driblar sua rotina exaustiva e preencher as lacunas de saudade que sente dos avós durante a semana. E não é simplesmente poder saciar a saudade dos avós, mas fazer isso de forma otimizada, já que a neta fala que pode aproveitar brechas improdutivas de seu dia, por exemplo,

como quando está em trânsito de um local para outro, para fazer contato com eles, deixando outros momentos livres para outras atividades, como estudar.

Também é válido notar que o fato de a neta e os avós usarem diferentes dispositivos tecnológicos para se comunicar, apesar de a interação coincidir no mesmo momento, poderia ser interpretado como sendo uma dissintonia geracional, como se dois tempos diferentes se encontrassem em um só.

Além de ligação telefônica – ou seria mais correto chamar de ligação “celefônica”? –, chegavam a trocar mensagens de texto ou fotos por “*WhatsApp*”, mas raramente. Às vezes essas mensagens eram enviadas pelo avô, mas escritas por outrem, como suas filhas, diferença que a neta percebia pela ausência de erros gramaticais que o avô costumava cometer, devido à falta de habilidade com as teclas do aparelho celular. Para ela, o fato de saber que não era ele digitando tornava a mensagem menos valorosa, como se fosse falsa ou menos real.

Não só nesse relato acima, como em outras falas suas, vemos que a neta faz uma associação entre realidade e veracidade, de um lado, e virtualidade e falsidade, de outro, como se a comunicação virtual pudesse ser falsificada, pois não permitiria oferecer a garantia de que a mensagem adveio da pessoa esperada. Da mesma forma, a tecnologia tornaria mais fácil que a pessoa de quem se espera algo esconda determinados aspectos seus. Entretanto, parece profícuo pontuar que, assim como na vida presencial é possível ter máscaras ou manter fachadas, no mundo virtual também é possível haver realidade, autenticidade.

Embora a dupla trocasse poucas mensagens ou usasse pouco as redes sociais diretamente entre eles, por meio dos grupos de família do aplicativo “*WhatsApp*” esse contato era um pouco mais frequente. Isso mostra que a tecnologia permite expandir possibilidades de interação no que se refere a grupos, no caso a família, já que fazer coincidir em um mesmo tempo e espaço um número maior de pessoas pode ser mais raro ou difícil do que as reunir virtualmente. Entretanto, o fato de Carol afirmar ter medo que seu avô compartilhasse com a família conteúdos que ela lhe envia privativamente parece só reforçar a presença de uma forte intimidade entre a dupla.

Embora Carlos reconhecesse que o contato virtual não se igualava ao presencial, nas suas palavras, o primeiro deles “*satisfaz*” (Carlos) mesmo assim, ou seja, é suficiente, mas suficiente é somente o bastante, não é muito, não parece remeter à intensidade, como se faltasse um a mais, que é o que fala a neta em seguida, para quem esse tipo de contato não satisfaz. Para ela, tudo o que se faz por meio do computador, como escrever mensagens ou *e-mails* ou estudar, não tem tanta validade como quando se faz por meio do papel, por exemplo. Assim, também o contato presencial seria muito mais válido, pois permite o contato físico, a troca emocional e

poder perceber o que de fato o outro está sentindo, de acordo com sua opinião, dado que está em acordo com Gueller (2015). Notamos que nessa fala novamente aparece o medo da falsidade.

Uma reflexão que podemos depreender disso é que a comunicação virtual não permite *fazer* algo junto com o outro, a não ser comunicar-se com ele, seja por qual meio for. Atentamos para isso porque, de acordo com Berenstein (2011), o eu é aquilo que ele *faz* com o outro. Embora entendamos que essa definição diga mais respeito ao modo de se expressar e do tratamento dispendido ao outro do que às atividades feitas em comum, ainda assim vemos que a comunicação virtual se mostra mais restrita, pois quase não permite o campo da *ação conjunta*. Nessa linha de raciocínio, Dias e D. V. da Silva (2001) também advertem que fazer atividades conjuntamente é o meio pelo qual se dão os laços entre avós e netos, o que faz pensar que a tecnologia não teria tanto peso para estreitar o vínculo entre essas duas gerações.

Carol toca na questão da pós-verdade, hoje já debatida por alguns autores (J. Jerusalinsky, 2017a; 2017b), ao referir que a tecnologia nos faz ficar mais crédulos, além de mais dependentes dela também, dado o excesso de informação, advinda de fontes plurais. Embora alguns autores questionem a veracidade das informações conseguidas via virtual e destaquem a importância do contato pessoal na transmissão de determinados conteúdos (J. Jerusalinsky, 2017a; 2017b; Gueller, 2015), o próprio avô comenta que antes, sem a tecnologia, a neta precisava procurá-lo se quisesse obter alguma informação, mas admite que, mesmo que ela acreditasse nele, isso não significava que ele estava correto, desmistificando a ideia de que a experiência humana necessariamente carregaria mais sabedoria ou verossimilhança.

Não obstante, acreditamos que ainda assim a neta possa ter sua razão no que sustenta e talvez isso se explique pelo argumento de J. Jerusalinsky (2017b), sobre os prejuízos de uma transmissão “desencarnada”. Pensamos que o problema desse tipo de transmissão seja justamente por não haver um compromisso bilateral, pois, se por um lado um jovem, por exemplo, pode se sentir ligado a um blogueiro ou a um site da internet como fonte de saber, por outro esse blogueiro ou o administrador do site não terão ligação com aquele jovem em específico. Seria como um vínculo unilateral, ou seja, não haveria vínculo.

Ainda a esse respeito, vemos que a TIC favorece a horizontalização ou democratização do conhecimento, como indica J. Jerusalinsky (2017b), que se verifica em uma diminuição das hierarquias entre indivíduos, gerações ou papéis sociais, como no exemplo dado por Carol, em que a disponibilidade da informação permite contestar a afirmação do professor, invertendo a lógica da autoridade.

Ao longo da entrevista, Carol fala o quanto é ciumenta, especialmente em relação aos avós, mais até do que em relação aos seus pais, admitindo que não sabe dividir. Isso pode evidenciar também o porquê do seu distanciamento dos avós paternos: porque não era exclusiva deles, e, por não saber dividir, tampouco conseguiu sustentar um vínculo com alguém que dividiria sua atenção com os outros netos. É possível que fosse nesse sentido que ela se autodenominasse de mimada. Esse mecanismo, que aparenta não ser exclusivo da neta, parece se dar da seguinte forma: por não saber dividir com os outros, acaba dividindo os membros. Seria uma lógica de “distribuição” libidinal que privilegia poucos vínculos, mas intensos, já que assim é possível um alto investimento neles, em detrimento de muitos vínculos, cuja manutenção teria o custo de uma diluição do investimento e, logo, como consequência se receberia pouco investimento de volta. Assim, o superficial seria sentido como perigoso, como falso, pois é sinônimo de menos.

A neta apresentava uma identificação forte não apenas com os avós em si, mas também com alguns valores e princípios da geração deles, chegando a dizer que havia nascido na época errada, em tom de brincadeira. Isso confirma o quanto os avós podem ser figuras importantes para a construção subjetiva de seus netos, para além dos pais apenas (M. L. Barros, 1987). Segundo ela, os principais aspectos com que se identificava eram: a simplicidade, a discrição, a alegria no modo de ser, os valores e parâmetros de educação da época deles, como ser seletiva e gostar de menos laços, mas de mais qualidade, podendo se dedicar mais às pessoas. Carol ainda faz uma ressalva, admitindo que não se identifica, mas que se inspira nos avós, já que nem sempre consegue alcançar tais qualidades como eles.

Em contraposição a isso, mais de uma vez a neta conta o quanto não se sente confortável com certos aspectos da vida atual, como as “*baladas*” (Carol), a falta de tempo para a atividade do pensamento e o esfriamento das relações. As reservas que tinha para com a tecnologia se justificavam na medida em que ela seria a causa desses fenômenos atuais. Em certos momentos, tinha-se a impressão de que havia um desejo por parte dela de retornar para o passado, tanto que diz gostar de quando acaba a energia elétrica em sua casa, pois assim pode resgatar algo do antigo, além de ser um momento em que há espaço para a criatividade e para o pensamento. Aqui podemos pensar na questão do mecanismo de idealização de um tempo não vivido, que apenas pode ser alcançado pela imaginação: pois como ela poderia desejar algo que não conhece de fato?

Na concepção de Carol, falta hoje tempo para pensar, refletir, e acrescenta que falta tempo para pensar mais nas pessoas, inclusive. Isso parece revelar um paradoxo trazido pela tecnologia, pois, ao mesmo tempo em que por meio das redes sociais estamos constantemente

interconectados com os outros, nos comunicando e olhando para a imagem dos outros, essa ação parece ser diferente de estar com o outro *no pensamento*. É como se o outro fosse alvo apenas *da percepção* e da ação momentânea e instantânea, mas não da memória, da lembrança, ou seja, de algo que se prolonga através do tempo, que tem permanência. Na opinião da neta, isso prejudicaria as relações humanas e levaria a um esfriamento delas.

Nessa linha de raciocínio, ao relatar o quanto a TIC atrapalha sua relação com os avós quando está na casa deles e o quanto gostaria de dar mais atenção para eles nesses momentos, Carol também comenta sobre a necessidade que sente em atender à demanda alheia prontamente. A torrente de mensagens recebidas é sentida com urgência, o que desvia sua atenção dos avós, mesmo seu desejo sendo de estar com eles. A esse respeito, baseados nos conceitos de Heidegger, Sá et al. (2006) afirmam que “a disponibilidade tornou-se o modo de ser dos entes na era da técnica, em lugar da objetividade cartesiana que marca a modernidade. Ente deixou de ser objeto de conhecimento para tornar-se algo sempre disposto à exploração e utilização” (p. 116).

Essa forma de ser atual, ou seja, disponível, pressupõe que, da mesma forma que o eu deve estar disponível para o outro, o outro também estará para mim. Com efeito, Carol fala de um certo “uso” dos outros como forma de relaxar nos momentos em que se sente ansiosa, quando decide visitar as redes sociais a fim de “*ver o que os outros estão fazendo*” (Carol), como diz, e poder distrair a mente por meio dos outros. Esse é um aspecto que vem sendo discutido na literatura, sobre a tecnologização das relações, em que o outro seria reduzido a mero objeto a ser usado – e, logo, o eu também (Sá et al., 2006; Zanetti & Gomes, 2012). É como se os amigos fossem apenas um meio para aplacar o estresse, e não um fim em si mesmo, cujo encontro poderia proporcionar satisfação, pois aqui não há encontro, é uma relação unilateral quando ela vê as fotos ou publicações deles. Essa temática será melhor aprofundada na discussão sobre a terceira dupla.

O avô, por outro lado, mostra um tipo de posicionamento diferente ao afirmar que vê as mensagens do celular apenas quando quer. Nesse sentido, ele demonstra mais liberdade, não sendo regido pela demanda alheia, mas pela sua própria vontade. Aqui também vemos uma divergência no modo de lidar com as novas tecnologias que pode ser devida à uma diferença geracional.

Em concordância com o que afirma Simonetti (2017), sobre o maior controle do outro que a tecnologia permite, Carol também fala o quanto sente que uma vida sem a tecnologia possibilita mais controle da própria vida, querendo dizer implicitamente o quanto se sente controlada pelos outros por causa da tecnologia. Assim, ganha-se mais controle sobre os outros

por meio da TIC, mas também passamos a ser mais controlados pelo outro, ou seja, perde-se liberdade. É curioso e parece contraditório pensar que tenhamos mais liberdade quando, na verdade, estamos sendo tão controlados quanto controlamos.

Segundo Castells (2003), um dos princípios fundamentais da sociedade contemporânea é a liberdade individual. Para Singly (2001a), hoje se exige que se alcance independência e autonomia, que, como lembra Chaland (2001), são duas características que nem sempre coincidem, pois a primeira se relaciona com autossuficiência enquanto a segunda com a formação dos próprios valores e regras. Na visão de Carol, na época em que o avô era jovem, tudo era mais difícil, o que fazia com que as pessoas desenvolvessem autonomia e maturidade mais precocemente, em compensação. Vemos, assim, que isso não significa que no passado os indivíduos fossem necessariamente mais independentes, ideal que parece mais próximo das gerações atuais.

A contemporaneidade não só é marcada por um excesso de individualismo, como também há um incentivo pela busca de independência (Singly, 2001a). Supostamente, essa tendência levaria a um crescente individualismo a um ponto tal em que não se precisaria mais do outro. É como se, da *disponibilidade* do eu, passássemos para a *dispensabilidade* do outro. Logo, se a separação entre eu e outro é apenas uma questão de ponto de vista, então o eu também passa a ser dispensável. Em contrapartida, a neta também fala da vantagem que a TIC oferece em poder ajudar mais facilmente os outros em casos de necessidade, justamente devido ao seu dinamismo e praticidade, algo que vai na direção oposta à tendência à independência.

Ainda considerando os efeitos da TIC sobre a atividade do pensamento, destacamos uma fala específica de Carol para refletir a respeito de fantasia e realidade:

Ah! Uma coisa de, de, de experiência humana que eu lembro muito quando era pequenininha: meu avô ele trabalhava bastante, [...] e aí às vezes ele tinha que ficar em outra cidade, e eu ficava com muitas saudades, e eu falava: “eu queria muito poder mandar boa-noite pro vovô”, só que era uma época que ele ficava às vezes lá no interior e não pegava celular, [...] não pegava às vezes nem telefone muito bem, o fixo, então eu ficava com muita saudade; e eu falava pra minha mãe, assim: “ah, vou mandar boa-noite por pensamento pro vovô” [risos do avô], aí... E agora eu vejo que eu posso ligar, então é muito mais fácil, só que às vezes por outro lado perde um pouco também dessa... [pausa] não sei, dessa magia de ter mais tempo pra pensar nas coisas mesmo, porque às vezes a gente tá tão on-line que esquece de pensar um pouco... (Carol).

Embora essa resposta dê a entender que pensar no outro é melhor do que o contato virtual, em seguida ela complementa falando que poder contatar o outro, ainda que virtualmente, ainda é melhor do que só pensar no outro. Essa afirmação de Carol traz algo bastante interessante, pois mostra um crescente de possibilidade do vínculo: é como se a atividade do pensamento, ou da fantasia, fosse melhor do que não ter nada para aproximá-la do

avô, mas melhor do que isso é a TIC, que, por sua vez, não é capaz de superar o contato físico. A tecnologia parece seguir a mesma lógica do pensamento, segundo Freud (1911/2006): haveria um “ponto ótimo” para o seu uso, pois sem ela, o contato se restringiria à fantasia, ou seja, apenas à possibilidade de memória da pessoa, que se faz presente somente no plano intrapsíquico, mas se é usada demasiadamente, acaba também por anular a possibilidade de fantasia, de devaneio.

De acordo com o avô, ele sentia dificuldade em dominar a TIC porque seria “*antigo*” (Carlos). Ele generaliza isso para todos os idosos, avaliando que essa classe etária teria de fato mais limitação. Também Carol entendia que os mais velhos teriam mais dificuldade com as TICs, pois se trataria de uma realidade muito diferente, que não conseguiriam apreender tal qual alguém mais jovem. Para ela, não seria uma questão de inteligência, pois, como explica, a maior parte de sua geração também não compreende sobre os elementos teóricos que possibilitam a existência das redes, como circuitos e fibras óticas, mas sim de conseguir assimilar certas noções, como o envio de uma mensagem que chegará no outro lado do planeta instantaneamente. Haveria, assim, uma barreira que dividiria as gerações.

A opinião da neta reforça a ideia de que não falta capacidade por parte dos idosos para usar a TIC, como propõem Mitzner et al. (2010), mas aqui se evidencia uma questão de hábito, ou melhor, da falta dele. Observa-se que dominar a tecnologia não implica um conhecimento técnico, formal, mas sim tácito, do próprio uso que vai tornando natural o contato com o virtual. Seria um processo de naturalização. Embora o avô afirmasse sentir maior dificuldade, parecia não fazer grande esforço para se apropriar dessas ferramentas, o que também reforça a ideia de que o que falta aos mais idosos seria segurança ou vontade, ou ainda necessidade, em usar tais recursos.

Apenas para fazer um parêntese, um ponto relevante comentado por Carol foi quanto a um acidente doméstico sofrido pelo avô recentemente, reforçando a importância da TIC nesse momento, pois como estava longe ficou muito apreensiva, mas pôde ser tranquilizada pelas fotos do estado dele que sua tia lhe enviou. Também quando foi visitá-lo, pôde contar com a praticidade de chamar um “*Uber*”, uma espécie de táxi com taxas mais acessíveis que apenas pode ser solicitado por meio do celular, facilitando o encontro com ele. Pensando em idosos, principalmente naqueles mais velhos, realmente podemos considerar a utilidade e o dinamismo das redes de comunicação para favorecer essa população, em situações de acidente, de emergência, etc, seja para socorrer a vítima prontamente, seja para noticiar e atualizar os familiares ou amigos. Esse dado também foi constatado em outra entrevista realizada que não foi selecionada para análise, todavia.

É possível perceber que o avô ainda fazia diferença entre os planos real e virtual, o que fica evidenciado em uma fala sua: “*a gente faz com que a pessoa esteja perto [por meio da tecnologia], faz com que esteja, mas não está, né*” (Carlos, ênfase dele na fala). Já Carol avaliava que o contato virtual consegue emular a realidade de forma bastante fidedigna, embora ainda assim dê mais margem para a falsificação da personalidade, criação de fachadas ou de “*máscaras*”, como ela diz. Por isso, e pelo fato de o contato virtual não ser tão satisfatório, ela ainda preferia o contato físico, assim como o avô. Lévy (1996) desconstrói a dicotomia aparentemente simplista entre real e virtual, afirmando que eles não seriam opostos, e que seria mais válido considerar os polos real-possível, de um lado, e virtual-atual, de outro. Nesse sentido, o atual seria o já realizado e o virtual teria uma tendência à realização, ou concretização, sem, no entanto, alcançá-la, pois, uma vez alcançada, já não seria mais virtual, mas sim atual. A dimensão virtual não seria exclusividade da TIC, mas enquanto se estiver dentro das telas, se estará nessa dimensão. É possível que essa diferença de concepções entre Carlos e Carol se deva à diferença geracional entre eles. Nessa fala do avô apresentada, vemos que *quase* a pessoa pode estar ali de corpo presente, mas não está de fato, ou seja, a presença da pessoa, enquanto permanece virtual, não se atualiza.

Algo nessa linha também pode ser observado no envio de fotos próprias por parte de Carol para os avós, muitas vezes visualizada por eles com o auxílio de sua filha mais velha. A neta parece se satisfazer ao mandar uma foto sua e saber que será vista pelos avós. Note-se que a comunicação virtual se dá não apenas pela fala, seja de forma simultânea (ligação telefônica) ou consecutiva (mensagens de áudio ou mensagem escrita), mas também pela apresentação de imagens que, mesmo não sendo uma comunicação simultânea, pode presentificar a pessoa para o receptor, no caso, os avós.

É curioso observar que, quando se envia uma foto ou mesmo uma mensagem para alguém pela via virtual, não se pode ter a certeza se a pessoa realmente viu ou leu tal conteúdo, a não ser que ela responda. No contato físico ou telefônico já é possível saber que o outro está acompanhando a nossa emissão de estímulos.

O poder da TIC em aproximar as pessoas era o aspecto mais apreciado pelo avô. Ainda assim, fazia pouco uso dos atuais recursos e parecia só mostrar interesse por eles na medida em que o aproximassem da neta, mesmo que não fossem necessários para que o vínculo dos dois se fizesse e fosse estreito.

Segundo Carlos, para quem a união e a proximidade da família são tão caras, a TIC é muito útil para suprimir a distância nos poucos momentos em que estão longe. Quer dizer, hoje, longe da neta, sem a presença da TIC seria menor o contato entre eles, mesmo se vindo com

frequência, mas talvez se não existissem tais novos recursos a neta não teria ido para longe, tão unida que é a esta família. Recai-mos no dilema já proposto por Freud (1930[1929]/2006) e apontado acima: graças à tecnologia, podemos nos aproximar de entes distantes, mas por causa dela talvez esses entes tenham ido para longe. De outra feita, talvez se não houvesse possibilidade do contato presencial ou por meio de ligação telefônica com a neta, parece provável que o avô aderisse às redes sociais para manter um mínimo de contato.

Outro aspecto apontado pelo avô é sensação de aceleração do tempo, o que vai ao encontro da literatura (J. Jerusalinsky, 2017a). Se a TIC pode comprimir ou anular distâncias, a percepção do tempo passa a ser realmente afetada, já que tempo, espaço e velocidade e aceleração estão intimamente relacionados e, como uma relação, a alteração de um dos fatores altera consequentemente os outros. Com base nisso, tomemos também o exemplo dos meios de transporte, que foram se aprimorando e tornando os traslados cada vez mais rápidos, mesmo as distâncias sendo as mesmas. Isso também levaria a uma percepção acelerada do tempo, por exemplo.

A tecnologia parece servir para ganhar tempo, encurtá-lo e encontrar atalhos, quase como “buracos de minhoca” ou “dobras espaciais”. Isso parece estar associado ao sentimento de aceleração do tempo e percepção de falta de tempo que temos hoje, pois, se se tenta ganhar tempo a qualquer custo e a tecnologia é uma aliada para isso, isso acaba também por esvanecê-lo, dado pelo excesso de tarefas ou passatempos que usamos para preenchê-lo, atividades essas muitas vezes virtuais. E, se a tecnologia também é usada como passatempo, não deixa de ser uma forma de fazer perder tempo, como jogos, conversas superficiais, visualizações de fotos, conteúdos diversos em redes sociais, lojas virtuais, etc. Assim, embora Carol mostrasse alguma resistência em aderir às redes sociais, admitia que acabava fazendo uso delas como meio de espairar a mente.

Desta forma, a TIC traz outro paradoxo no que se refere ao tempo, pois enquanto ela contribui para ganharmos tempo, de um lado, também o faz encurtar, de outro, dando a sensação de que estamos sempre sem tempo ou perdendo tempo. Observamos que para o avô predominava a primeira percepção, enquanto a neta já destaca a segunda, reclamando do excesso de aceleração, a tal ponto em que passamos a dar pouca atenção às outras pessoas, por exemplo.

Em suma, pudemos perceber que a TIC favorecia a relação entre a dupla. O fato de a usarem pouco parece reforçar a ideia do quanto ela era dispensável, mesmo porque se viam regularmente. A tecnologia neste caso parecia servir como um complemento ao vínculo da dupla, fazendo pontes de contato ao longo da semana. Se não a utilizavam mais, talvez fosse só

porque seu contato físico era tão especial, que era como se o contato virtual se mostrasse demasiadamente precário em relação àquele.

Isso faz pensar que o vínculo seria o fator suficiente e determinante para garantir a existência de uma relação. Em outras palavras, isso significaria que a tecnologia não teria poder de construir ou destruir o vínculo entre o avô e a neta.

Entretanto, apesar de o vínculo parecer ser o fator essencial, Carol fala que se não houvesse a tecnologia, talvez não estivesse namorando Vinicius, como se esse vínculo não pudesse ter sido possível sem ela – note-se que neste caso trata-se de um vínculo diferente do que tem com o avô, já que não é baseado em uma genealogia, ou seja, não é dado de antemão. O que isso parece mostrar então é que certos tipos de vínculo podem, sim, ser promovidos pela tecnologia. Caberia questionar agora se um vínculo poderia se sustentar ao longo do tempo apenas por ela.

Vemos também que, com os avós paternos, com quem Carol não mantém um vínculo próximo, a tecnologia se coloca quase como a única ponte de contato entre as duas partes. Assim, a situação com o namorado pode ser o contrário do que ocorre com os avós paternos, pois, na primeira, sem a tecnologia esse vínculo não teria sido possível, e na segunda situação, ele só se mantém por causa da existência dos recursos digitais.

6.2 Ibrahim e Tobias: “*um paradoxo*”

Esta dupla consistiu de Ibrahim, de 89 anos, e de seu neto por parte de filha, Tobias, de 12 anos. Assim como o avô foi o participante mais idoso dentre esse segmento etário, seu neto foi o mais novo dos entrevistados, de forma que também a diferença etária foi a mais espaçada entre todos os colaboradores.

O contato foi conseguido por meio do círculo de conhecidos da pesquisadora e quem se manifestou foi o pai de Tobias, Marcos, que indicou seu filho e seu sogro para participarem. Ele foi bastante solícito e simpático no primeiro contato, quando foi combinado o dia e horário da entrevista, realizada no apartamento de Ibrahim. Nesse dia, os dois avós e o neto receberam a pesquisadora, tendo Marcos chegado em seguida e ficado presente durante toda a entrevista, enquanto a avó permaneceu em outro aposento.

O avô é médico, aposentado há cerca de quatro anos, enquanto seu neto cursa o 7º ano do Ensino Fundamental. O primeiro é casado e mora com sua esposa e o segundo mora com seus pais e sua irmã caçula, Luana, de 6 anos. Ibrahim tem três filhos, sendo um homem e duas

mulheres, cuja caçula é mãe de Tobias, que por sua vez é o quinto dos seis netos que aquele possui, sendo os cinco mais velhos meninos e a neta mais nova, a única menina.

Embora morassem em bairros diferentes, mas próximos, se viam diariamente durante a semana, pois Tobias, assim como a irmã, estudava em um colégio vizinho à moradia dos avós. Seu curso era integral, de forma que eles sempre almoçavam juntos e o neto voltava para a casa dos avós no fim da tarde, quando seus pais iam buscá-lo e a irmã. Também nos fins de semana costumavam se ver, ocasião em que a família toda se reunia. A família seguia uma tradição religiosa específica e eram praticantes dessa doutrina.

Ibrahim transparecia sobriedade e tinha uma personalidade mais formal, enquanto o neto, pelo contrário, era mais agitado e com um humor debochado e provocativo. A relação entre eles, segundo sua opinião, era boa, embora também apresentasse alguns conflitos. É possível que a grande diferença geracional entre ambos propiciasse as motivações para o desentendimento entre eles. Um exemplo disso pôde ser observado no fato de o avô dar enorme importância aos estudos, atividade que avaliava que o neto não era tão dedicado, e que por isso dava alguns sermões nele. A própria TIC era motivo de conflito, uma vez que Ibrahim julgava que o neto passava muito tempo no celular e que isso atrapalhava seus deveres. Também a formalidade e a autoridade do avô pareciam ser obstáculos ao vínculo deles, ainda mais em se tratando de um neto bastante jovem ainda. Parecia não haver muita interação entre eles, de modo que o avô se resguardava mais a uma função de protetor e cuidador da família, ou seja, um papel do masculino mais relativo à família tradicional. Na opinião de Ibrahim, jovem não *“gosta muito de falar com velho”* (Ibrahim), como se justificasse o fato de não interagirem tanto.

Na entrevista, avô e neto falavam pouco e eram objetivos em suas respostas e a uma certa altura Tobias pareceu ficar entediado. Eles pareciam ser uma família fechada, como se não quisessem se abrir para uma estranha, que era a pesquisadora. Enquanto a presença de Marcos durante a entrevista pareceu ter propósito tanto de acompanhar que tipo de entrevista a pesquisadora realizaria com seu filho, que de fato ainda era bastante novo, quanto para verificar se ele estaria respondendo adequadamente, a ausência da avó pareceu denotar um certo embotamento do feminino nesta família. Esse dado foi observado também no fato de as mulheres pouco aparecerem no relato da dupla, como se os homens tivessem maior participação e importância.

Dogmática é a denominação pela qual Moguillansky e Nussbaum (2011) definem aquelas famílias que se fundam a partir de um dogma regedor do tipo de vínculo que deve ocorrer. Nelas, a figura do pai é soberana e absoluta, de modo que os homens são centrais, isto

é, com organizações patriarcais. A partir do momento em que se institui um novo dogma, sua verdade é tomada como a única existente e tudo o que o contraria é encarado com resistência. Implícito nisso está o fato de que, diferentemente de outras famílias, o outro, ou o diferente, embora seja reconhecido, é encarado de forma polarizada. Assim, transferencialmente, uma vez que o mundo é estruturado em função de dogmas para este perfil familiar, ela se posiciona ou com aceitação total do “dogma” do outro, passando a ser sua seguidora, ou com oposição total a ele.

De acordo com os autores: “essas famílias entram em uma relação de submissão ou oposição que transforma o diálogo estabelecido entre analista e família, no fim, em uma discussão” (Moguillansky & Nussbaum, 2011, p. 190, Vol. 2). Embora um único contato seja insuficiente para depreender um diagnóstico adequado, e apesar de esse não ser o foco aqui e de nem estarmos em um contexto clínico, alguns elementos observados nos deram indícios para a inclusão desta família nesse tipo de dinâmica relacional descrita. Isso pôde ser constatado, por exemplo, na atitude do avô de esperar por um posicionamento por parte da pesquisadora, para saber se ele estava correto ou não em sua opinião, mesmo esse não sendo o objetivo da entrevista. Outros exemplos puderam ser tomados: certo clima de resistência na participação da dupla, como observada pela brevidade de suas respostas, pela dispersão do neto ou pela fala reiterada do avô de que eles talvez não se encaixassem no perfil desta pesquisa. Um último exemplo também percebido como oposição à pesquisadora foi o comentário de Ibrahim de haver vários psicólogos em sua família e que essa profissão estava na “*moda*” (Ibrahim). Por meio desse comentário, ele parecia querer reafirmar o quanto sua posição como médico era superior à dos psicólogos, aqui representada pela pesquisadora. Isso revelaria sua tendência a sempre se colocar de forma soberana, patriarcal.

Nas famílias dogmáticas, há pouca receptividade para o novo (Moguillansky & Nussbaum, 2011), algo que pôde ser constatado na forte objeção do avô com relação às TICs e com os novos valores da atualidade. Outra característica desse perfil familiar é a forte demarcação de hierarquias e, conseqüentemente, de gerações (Moguillansky & Nussbaum, 2011). Isso também pôde ser verificado na postura das três gerações ali presentes, avô, genro e neto, em que pareciam respeitar uma ordenação, bem como no fato de, mais sutilmente ou mais explicitamente, o avô falar bastante sobre as diferenças geracionais que observava entre ele e seu neto. Nas respostas, Tobias parecia se omitir ou responder com sarcasmo toda vez que Ibrahim fazia um comentário de menosprezo, ao passo que parecia responder com mais ênfase toda vez que sentia uma chance de provar seu valor, geralmente por meio do conhecimento,

como em uma situação em que corrige uma palavra pronunciada erroneamente pelo avô, mostrando que sabia mais do que este.

Assim como na dupla anterior, os estudos, ou o conhecimento, pareciam ser um elemento importante nesta família, talvez o seu dogma. Uma leitura possível seria conceber a informação como uma forma de afirmação nesta família, parâmetro definidor dos lugares subjetivos nela. Quando o avô comentava o quanto achava que seu neto não era tão aplicado nos estudos como deveria, parecia marcar uma hierarquia, como se ele, o avô, tivesse ido mais longe por ter tido mais disciplina nesse quesito; por meio do conhecimento, Ibrahim parecia se colocar no topo da hierarquia na família. Algumas vezes, a diferença entre eles parecia não ser considerada como uma diferença, mas sim como um desequilíbrio que deveria ser superado e anulado. Essa constatação remete à ideia de “estrangeiridade” do vínculo, que diz respeito à diferença existente em todo encontro com o outro e à tendência em querer transformar essa diferença em igual (Berenstein, 2011). Vemos que o fato de o avô não aceitar essa estrangeiridade existente no vínculo deles pode indicar que este vínculo não fosse tão forte, pois não conseguiam se aproximar apesar dessas diferenças.

Quando convidados a falar sobre sua história familiar, também foram sucintos. O avô contou que sua família tinha uma tradição religiosa específica e era refugiada, tendo que emigrar de seu país de origem devido à guerra. Vieram para o Brasil seus pais, que tiveram seus três filhos aqui – Ibrahim tem duas irmãs, uma mais nova e outra mais velha, já falecida –, e posteriormente duas tias suas por parte de mãe, criando um pequeno núcleo familiar, que foi se alargando. Também um irmão de seu pai conseguiu ir para a porção norte do continente americano, mas o restante dos familiares do avô não teve êxito em sair de seu país. Sendo assim, Ibrahim conheceu seus antecessores apenas por meio de fotografias e de cartas que sua mãe trocava em outra língua com esses parentes. Algum tempo depois, souberam que toda a família que havia permanecido no local de derivação tinha sido exterminada pelos soldados oponentes, tendo sobrevivido apenas dois netos de sua avó, os dois únicos membros que justamente tinham ido para a guerra, ironicamente.

Apesar de não ter vivido ele mesmo a guerra, o avô falou na entrevista o quanto foi horrível toda aquela destruição e dizimação. Atualmente, possui um cunhado residente em um país do Oriente Médio, o irmão gêmeo de sua esposa, com quem se comunicam por meio do “Skype”.

A partir desse relato, refletimos: como seria ser sujeito de uma história de destruição, de um passado de difícil elaboração e com o qual pouco se teve contato? Teriam sobrevivido à guerra elementos psíquicos suficientes para construir um presente criativo e vivo? E, uma vez

sobrevividos, como configurar uma noção de unidade familiar a partir de uma família, em parte dispersa ao redor do globo terrestre, em parte dizimada? Como superar o desafio de, não só se tornar avô sem um referencial próximo, mas de conseguir transmitir uma experiência palatável aos seus filhos e netos?

Mas transmissão não é escolha, e tudo é passível de ser transmitido, inclusive as lacunas, como lembra Kaës (2001a). Aparentemente, quando Ibrahim fala do horror da guerra, o que está falando implicitamente é do horror de uma transmissão que foi interrompida brutalmente e isolada por oceanos. Se é verdade que o avô não viveu as dificuldades da guerra por ele mesmo, também o é que ele pode ter sentido seus efeitos, como uma radiação, e pensamos que tais efeitos possam ser precisamente aqueles resultantes de uma transmissão psíquica traumatizante.

Na entrevista, foi-se percebendo que o modo de ser conservador, formal ou mais tradicional do avô poderia ter alguma relação com sua história e pré-história. O apego à sua doutrina religiosa original, mesmo ele sendo uma pessoa cética, parecia indicar um desejo de que algo do passado não se perdesse. Note-se que o contrário poderia ocorrer em outros casos, como uma negação total do passado e um ímpeto de apagá-lo para construir algo novo. Da mesma forma, ele insiste na importância de se ter uma formação erudita e de dominar a língua portuguesa. Ele fala, por exemplo, sobre como abomina o “internetês”, linguagem normalmente utilizada nas vias virtuais, e sobre como ela estaria corrompendo a língua portuguesa, o que representaria uma involução em direção aos hieróglifos egípcios, ironiza.

Uma interpretação possível seria entender que, enquanto o apego à cultura religiosa de origem representa o apego ao passado, aos seus ancestrais, a importância dada à língua portuguesa remeteria às suas próprias raízes aqui no Brasil e por isso a importância de manter isso intacto também. A resistência ao “internetês”, finalmente, seria o medo das mudanças e do apagamento de suas origens. Em outras palavras, cada aspecto mantido parece ter função na medida em que conserva algo importante, que é de sua família, mas que diz respeito a ele mesmo. Quando dá broncas no neto, parece querer forçar a transmissão de algo que valoriza, e a resistência que tem em relação ao uso que o neto faz das TICs poderia indicar um certo ressentimento de ele não seguir a mesma tradição. O medo da mudança, do novo, pode estar associado a um medo de um novo colapso, como já vivido por seus antepassados. Logo, melhor seria manter a ordem já estabelecida.

Nas falas de Ibrahim, a reverência a certos elementos culturais, como a língua portuguesa e a religião à qual era filiado, parecia estar relacionada a um senso de deferência a figuras de autoridade, como os professores, o que reforça a ideia de uma estrutura familiar mais

hierárquica e conservadora, novamente características típicas da família dogmática (Moguillansky & Nussbaum, 2011).

Apesar de sua característica mais formal e autoritária, ainda assim Ibrahim se considerava um avô “*liberal*” (Ibrahim), nas suas palavras. Dentre os avós entrevistados, que pareciam ter uma relação menos distanciada com seus netos, ele aparentou ser o menos liberal, entretanto. É possível que o excesso de trabalho – recordemos que ele se aposentou há apenas quatro anos e trabalhava muito enquanto era ativo –, bem como a grande diferença geracional entre eles, somado à falta de parâmetros próximos na família, tenham sido fatores que levaram a um modelo de avô mais retrógrado, como o modelo de avós anterior, mais hierárquico e formal (Paula et al., 2011; Dias et al., 2009). É preciso observar, contudo, que o fato de ter uma relação mais distante não significa que seu vínculo fosse menos forte, necessariamente, pois, dentro do que se esperava dele, Ibrahim parecia ser um avô bastante preocupado e presente, só que mais ligado a um cuidado prático ou instrumental.

Durante a entrevista, o avô falou algumas vezes que achava que o neto gostava mais da avó ou que gostava mais de seu pai do que dele, o que indicou a repetição de um certo ciúme frente ao amor do neto para com outros familiares. Isso mostraria uma tendência contrária ao que propõem K. Abraham (1913/1961) e Ferenczi (1913/1992), sobre casos em que avô e neto formam uma aliança forte contra a geração intermediária. Pensando no lugar de exclusão que os avós devem ocupar em relação à família dos filhos e netos, também seria uma forma de Ibrahim expressar como se sente excluído nesse triângulo. Ao mesmo tempo, é como se lograsse em aceitar o lugar de exclusão em relação à família da filha e genro e netos (Berenstein, 2011), diferentemente do que se observa em Carlos. A comparação entre esses dois avós serve para evidenciar a diversidade de possibilidades de arranjos vinculares que os avós podem estabelecer em uma família.

De todo modo, assim como Carlos, também Ibrahim comenta como, na qualidade de avô, pode desfrutar mais do convívio com os netos, diferentemente de quando era somente pai, pois trabalhava muito e tinha dias em que nem chegava a ver os filhos, por exemplo. A literatura demonstra, de fato, que a chegada da avosidade pode trazer um novo sentido para a vida e representar uma chance de reparar algo que não pôde ser feito quando se era mãe ou pai (Aratangy & Posternack, 2005; Dias & D. V. da Silva, 1999). Outro dado apontado pela literatura que encontra eco neste caso é o fato de este avô ser aquele que parecia apresentar mais conflitos com seu neto, justamente a dupla que mais convivia; ou seja, das duplas entrevistadas, havia presença de maior ambivalência entre eles (Lachmann, 2011).

Finalmente, ambos pensavam que a função dos avós na família seria a de uni-la, congregá-la. Também concordavam que eles são importantes para ajudar os netos, bem como os próprios filhos, já que têm mais tempo livre. Ibrahim ainda mencionou que eles podem ajudar também a influenciar os netos, mas ressaltou que muitos avós não têm nenhum contato com seus netos. Ou seja, essas considerações da dupla mostram que a atuação dos avós no âmbito familiar pode variar bastante, dado confirmado pela literatura (Marangoni & M. C. S. L. Oliveira, 2010).

No que diz respeito à tecnologia, embora fizesse uso, Ibrahim tinha bastante resistência para com as TICs. Sua principal crítica era quanto ao fato de ela prejudicar a convivência humana e distanciar as pessoas, tornando-as alienadas em relação ao seu entorno, o que aconteceria tanto no âmbito social quanto no familiar. Ele dá o exemplo de um amigo seu cujos filhos são chamados para o jantar pela mãe por meio de mensagens de “WhatsApp”, mesmo estando todos sob o mesmo teto, e avalia isso como um exagero. Em vários sentidos o avô pensava que a tecnologia prejudicava o ser humano e, mesmo falando que ela mais ajudava do que trazia malefícios, pareceu focar mais nestes últimos do que nos benefícios. Além da alienação, também recriminava a dependência e a distração que ela causa, o excesso no uso e a banalização da língua portuguesa, como apontado acima.

Os poucos momentos em que comentou de seus benefícios, ele deu ênfase para a sua facilidade de poder se comunicar com os outros, falando especialmente dos familiares e com a finalidade de controlar e poder noticiá-los e assim tranquiliza-los. Mas, ainda que lhe causasse estranhamento, por não ter sido habituado desde o início, o avô admite ficar impressionado com os novos recursos tecnológicos:

Olha, ele [Tobias] que vai saber melhor que eu, porque ele já nasceu nesse meio, então ele não estranha mais nada. Né, eu vejo esse, essa maquininha [o smartphone], o que faz, é meio, é meio estranho, né. Acho impressionante, né, o smartphone é impressionante, né, você manda mensagem, vê fotografia, manda fotografia, fico às vezes, às vezes eu fico é... estupefato! (Ibrahim).

O avô admite também que o celular se tornou indispensável nos dias de hoje e afirma que o principal tipo de uso que fazia era para ver notícias, *e-mails*, manter-se atualizado sobre os congressos da área médica e se comunicar; em suma, para ele, a principal utilidade das TICs era poder se “comunicar com o mundo” (Ibrahim), como diz. Ele abominava as redes sociais, embora possuísse uma conta no “Facebook”, a qual acessava pouco, geralmente para enviar felicitações de aniversário, receber mensagens dos outros ou ver fotos. Também fazia pouco uso do aplicativo “WhatsApp”, pois preferia ligação telefônica. Do modo como falava, para Ibrahim, parecia que a tecnologia era como um mal necessário, como se seu uso devesse se

limitar apenas ao estritamente necessário. Enfim, ele chega a um meio termo, afirmando que o problema não é a tecnologia em si mesma, mas o seu uso excessivo.

Tobias concordava com seu avô quanto aos problemas que a TIC implicava, como o distanciamento interpessoal, mas, além de ele se manifestar pouco durante toda a entrevista, às vezes parecia apenas estar repetindo o que Ibrahim expressava. É possível que essa postura se desse por ele ainda ser bastante jovem. Apesar de recriminar a TIC e dizer preferir o contato presencial, ele fazia bastante uso dela, ainda que não tanto das redes sociais especificamente. Destas, ele possuía somente o “WhatsApp” e o “Facebook”, de que fazia menos uso ainda. Os jogos virtuais eram o seu foco principal, dos quais fazia extenso uso, a propósito, tanto dos individuais quanto dos de rede, ou seja, conectados com outros jogadores em tempo real. Nesse neto, podemos observar todo o poder de atração que os tais jogos exercem sobre seus jogadores, principalmente por serem capazes de concentrar diversos benefícios de uma só vez, como poder afastar angústias (Gueller, 2015; Dunker, 2017), possivelmente próprias a essa fase de desenvolvimento em que se encontra, e poder *brincar* de ser outras personalidades além de si próprio de forma protegida (Lerude, 2017; Mena, 2017), por meio de avatares (Lerude, 2017).

Os meios digitais eram pouco usados entre Ibrahim e Tobias, de forma que este os utilizava mais com seu pai. Assim como a dupla anterior, avô e neto usavam a TIC mais para ligação, do celular de Tobias para o fixo do avô, pois aquele falava que não adiantava mandar mensagem para este, uma vez que já sabia que ele não iria visualizá-la. A chamada telefônica servia principalmente para comunicar recados ou informações pontuais, pois, como a interação presencial entre eles era frequente, não sentiam necessidade de interagirem longamente pela via virtual. Ainda assim, Ibrahim reconhecia que a comunicação entre eles aumentou devido à TIC. Entretanto, a interação presencial entre ambos era pequena, se restringindo a assistir à televisão juntos e raramente conversar sobre algum assunto, como futebol. De fato, a pesquisadora estava desde o início com a impressão de que eles não faziam muitas coisas juntos, como se tivessem poucos interesses em comum para compartilhar. Se a literatura refere sobre a importância de avós e netos *fazerem atividades juntos* a fim de fortalecer a relação (Dias & D. V. da Silva, 2001), pensamos que, longe de propor que eles *deveriam* interagir mais, a pouca interação entre eles poderia ser indicativa do tipo de vínculo que eles apresentavam, quer dizer, pouco próximo.

O fato de interagirem pouco, parece fazer com que os escassos momentos que dividiam juntos se tornassem mais valorosos, como conta Ibrahim:

É, aí ele fez outro dia, na escola mandaram fazer um vídeo, os alunos têm que fazer um vídeo com alguma história familiar, então aí nós batemos uns papos interessantes, ele queria saber o nome dos meus avós ou dos... meus pais, de onde vieram e tudo, então ele pegou tudo...

Cada aluno tinha um álbum com um... um álbum com as fotografias, sabe, foi, é, foi um negócio [...] (Ibrahim).

Da mesma forma que o avô parece se aborrecer com o fato de o neto não saber coisas que ele julga importante, como ele desconhecer quem é o atual presidente da França, por exemplo, ele também parecia mostrar certo menosprezo pelos conteúdos de interesse do neto, como os desenhos animados que este gosta de assistir, e se punha em uma postura fechada: “*eu não quero nem saber*” (Ibrahim). Quer dizer, Ibrahim atribui ao neto a falta de vontade em “*conversar com velho*” (Ibrahim), mas ele também parece não se esforçar em demonstrar apreço pelos assuntos de Tobias.

O avô dizia se incomodar com o excesso de tempo que o neto passava no celular, tanto que este expressou: “*ele fica me enchendo o saco pra eu sair do celular*” (Tobias). Mas embora Ibrahim desse como justificativa o fato de isso atrapalhar os estudos do menino, em um momento, como que por escape, pareceu admitir que o motivo era porque Tobias acabava dando pouca atenção para ele. Ou seja, o uso da TIC entre eles apresenta um caráter ambivalente, pois ao mesmo tempo em que eles falaram que a mesma ajudou a aproximá-los mais quando estavam distantes, também os afasta quando estão juntos; como fala Ibrahim, ela gera um efeito “*paradoxal*” (Ibrahim). É como se a inserção da TIC trouxesse transtornos, mas pior seria ficar sem ela. Esse efeito contraditório é um dos questionamentos trazidos por Gueller (2015) quanto à comunicação digital.

Ainda a respeito desse efeito paradoxal, outra observação plausível é que, se por um lado a tecnologia expõe o corpo no seu uso (Mena, 2017; Bernardino, 2017; J. Jerusalinsky, 2017b), por outro ausenta também a mente com relação a quem está presente. É como se ocorresse uma espécie de recaída à cisão mente e corpo, ao fazer com que a pessoa que está de corpo presente esteja de mente ausente, por assim dizer, e vice-versa quando está distante.

Pudemos constatar que nesta dupla a TIC aparecia de forma ambígua, pois ao mesmo tempo que facilitava a comunicação entre eles e que os aproximou, segundo eles, também era motivo de conflitos. Diferentemente de Carlos e de Carol, em que era a neta que se autorrecriminava por usar em demasia a TIC na presença dos avós, aqui era o avô que reclamava do uso excessivo feito pelo neto e da pouca atenção que ele lhe dava por isso. Destarte, a tecnologia traz uma certa contradição, pois ela permite se fazer presente quando não se está de corpo presente, mas faz também com que a pessoa fique ausente do vínculo mesmo quando está de corpo presente. Como o próprio Ibrahim fala, a tecnologia gera um efeito “*paradoxal*” (Ibrahim).

Boss (1976) já problematizara a questão da distância e proximidade ao afirmar que a relação entre ambas não seria tão simples quanto pareceria. Para o autor, essa relação teria sido invertida na modernidade, pois quanto mais próximos, mais voltados para si próprios estariam os indivíduos, tornando relativa essa relação espacial. Apoiados nesse autor, Sá et al. (2006) dispõem que:

A proximidade geográfica pode aproximar, mas não é suficiente, e pode mesmo distanciar. Podemos estar próximos fisicamente de alguém e experienciar ou não uma real aproximação, da mesma forma que, sozinhos, podemos ou não ter a experiência do isolamento. Porém, por esta redução, acabamos por nos sentir acompanhados apenas quando há a presença física de alguém e isolados quando ocorre o contrário (Sá et al., 2006, p. 118-119).

Para ambos, a comunicação ao vivo seria superior à virtual, pois naquela seria possível medir com maior precisão as reações da outra pessoa e saber se o que está sendo transmitido está sendo entendido por ela, opinião semelhante a de Carol, anteriormente.

Se os ascendentes desta família se separaram por uma questão da língua, ou seja, de comunicação, quiçá recursos tecnológicos novos, já disponíveis ou em fase de teste, como tradutores simultâneos de línguas, pudessem proporcionar um quadro diferente. Um detalhe curioso que observamos é o fato de eles terem dois grupos de “WhatsApp” da família, um para os membros que vivem no Brasil e outro para os que moram fora do país. Tobias, por exemplo, estava incluído apenas no primeiro deles. O que pensamos a partir disso é que, apesar de a tecnologia permitir conectar distâncias, vemos que mesmo havendo essa possibilidade a família mantém uma divisão.

Ferramentas como o “Skype” se mostrariam de grande valia para essa família, uma vez que possuem parentes morando em outros continentes, a princípio. Mas, o fato de Ibrahim dizer que não tem interesse nesses recursos, poderia indicar que não se sinta tão ligado a esses parentes a ponto de procurá-los por meio da tecnologia. Ou seja, novamente vemos que, em alguns casos, a tecnologia por si só não teria o potencial de criar um vínculo onde ainda ele não existe.

Enquanto Tobias já nasceu em uma era digital, de forma que ele diz que já tem contato com as TICs desde muito novo, o avô assistiu ao nascimento das TICs e faz uso delas desde então. Teoricamente, esse último teria até maior intimidade com esses recursos, mas vemos que mesmo assim não se apropria deles com tanto interesse quanto o faz seu neto.

Na opinião do avô, as gerações mais velhas sempre teriam mais dificuldade, em relação às mais novas, em se adaptar aos novos recursos tecnológicos. Ele afirma:

[...] É, eu tenho até medo do meu celular [risos da pesquisadora]. É, o velho é refratário, vocês ainda não entendem muito, o jovem ainda não entende muito, mas o velho é refratário, né, custa a assimilar, mas essa comunicação vem com o tempo (Ibrahim).

Mesmo desconhecendo a teoria psicanalítica, Ibrahim parece estar falando, de certa forma, sobre o conceito de inércia psíquica de Freud (1937/2006), que pressupõe que o avanço da idade levaria a um enrijecimento da libido e dos esquemas mentais, tornando menos provável a aceitação de mudanças ou de novos objetos, por exemplo. Ou seja, teoricamente, os mais velhos teriam mais dificuldade de assimilar as TICs devido a uma resistência em quebrar hábitos já arraigados, o que também vai ao encontro do que dispõem Mitzner et al. (2010), sobre os idosos não terem mais limitação, mas, sim, insegurança para aprender a mexer com as tecnologias. É possível observar isso não apenas nessa fala de Ibrahim, como também no seu relato sobre sua irmã caçula ter medo de lidar com as TICs, e por isso dispensar seu uso.

O avô dá a entender que as TICs só são utilizadas por ele enquanto forem úteis, não ultrapassando o nível do que é prático ou funcional. Assim, não entra em questão o uso por entretenimento, por exemplo, como já vemos em Tobias, que as utiliza basicamente para essa finalidade, por meio de jogos.

Outro aspecto que pode ser depreendido da fala de Ibrahim acima é o fato de ele estar denotando um desencontro geracional, como se o novo não fosse capaz de compreender o velho. A recíproca também seria verdadeira, pois em outra passagem ele diz como os mais velhos, antes ou hoje, sempre dirão “*que no meu tempo não era assim*” (Ibrahim), em tom recriminatório aos mais novos. Aqui, a TIC também faz com que avô e neto tenham conflitos entre si, mas a questão é: quem não compreende quem?

É interessante perceber as diferenças no tipo de relacionamento virtual entre avós e netos que ocorre em cada caso. Em um dos casos entrevistados, por exemplo, que não foi aqui selecionado, pudemos observar que, embora o avô parecesse se esforçar mais do que Ibrahim para se inserir no mundo virtual e se comunicar com seu neto, ele tinha dificuldade para dominar os códigos de uso utilizados pelos adolescentes, tornando essa via pouco proveitosa. Na dupla aqui em questão, vemos que, como a da que não foi selecionada, Ibrahim tampouco dominava esses códigos, mas à diferença daquele avô, parecia não se empenhar em aprendê-los. Sua exigência de mais disciplina por parte do neto, parecia mostrar, isso sim, uma exigência de que apenas este se amoldasse ao seu modo de ser e de lidar com a vida, isentando-se ele de fazer um movimento que o aproximaria de Tobias também. Pensando novamente em Berenstein (2011) e na ideia de “*estrangeiridade*” do vínculo, é como se houvesse uma área extensa de diferença que mantém uma barreira entre a dupla, cada qual resistindo em ceder.

Embora o avô apresentasse resistência para com as TICs, via-as como um “mal necessário”, de forma que se sentia compelido a se adaptar a elas, apesar de admitir que não

conseguiu acompanhar o ritmo de suas inovações. Como médico, ou seja, mesmo inserido em uma classe profissional que é imbuída de um suposto saber e de autoridade, Ibrahim se mostrou capaz de se permitir ser invertido, como fala Marques (2012), afirmando que Tobias era o seu “*orientador*” (Ibrahim) nessa área e denotando uma inversão de gerações (Jones, 1913/1938). Ainda assim, é possível que sua hesitação diante das TICs se desse porque elas vêm, justamente, apontar sua limitação e colocar em questão essa posição de quem tudo sabe ou conhece. Com efeito, durante a entrevista, o neto mostrava maior domínio do que seu avô e lhe “ensinou” certos fatos, como a existência de carros que prescindem de um piloto ou de celulares que já fazem ligação apenas com um comando de voz.

Desta forma, em uma família tão apegada à tradição e para a qual o novo representava a ameaça de uma nova disruptura, a tecnologia, ainda mais com seu ritmo acelerado, não apenas seria encarada com desconfiança, como representaria uma quebra na tradição. Por meio dela, todavia, Tobias parecia encontrar uma forma de se afirmar no grupo familiar, uma vez que o conhecimento era algo importante para ela. A TIC aqui relativizava o poder e o saber do avô, pois o neto falava sobre como nem sempre os avós sabem mais do que os pais, por exemplo, discordando da assertiva de Ferenczi (1913/1992) e de K. Abraham (1913/1961) a respeito de o avô deter maior poder do que seus filhos, na concepção dos netos. Neste caso, a aliança mais forte parecia ocorrer entre Tobias e seu pai, o que pode sugerir que os avós aqui ficassem em uma posição de terceiros excluídos em relação à família da filha e dos netos, diferentemente da dupla anterior.

Se a família tem como função demarcar três diferenças primordiais – dos sexos, das gerações e das culturas – (Kaës, 1993), a geração aqui parece ser uma questão. Mesmo quando não era questionado sobre esse assunto, insistidas vezes Ibrahim comentou sobre como sentia que hoje as gerações estão mais próximas, sejam as mais novas entre si, sejam as mais novas das mais velhas. Segundo ele, antes havia um certo menosprezo dos adultos em relação às crianças e jovens, bem como mais autoridade e distanciamento nas relações de uma forma geral, o que vai ao encontro da literatura (Paula et al., 2011; Dias et al., 2009). É possível que nessa insistência, o avô estivesse revelando algum conteúdo interno seu significativo, como um sentimento de inferioridade ou deferência perante os mais velhos quando mais jovem, que teria sido superado por meio da posição profissional e do apego aos estudos. A questão da diferença geracional aparecia no casamento de Ibrahim também, em que a escolha por uma parceira quatorze anos e meio mais nova parecia não ser inintencional, o que reforçaria a suposição da necessidade de assegurar uma posição de autoridade, inclusive com relação à esposa.

Na opinião do avô, essa maior afinidade entre as gerações mais novas teria se dado precisamente por causa da tecnologia, pois ela oferece mais oportunidades de se comunicarem. Ele já não deixa claro, entretanto, se o estreitamento entre os mais jovens e os mais velhos também teria sido devido ao mesmo motivo. Já na literatura, podemos observar duas tendências diferentes: uma que afirma que a tecnologia faria segregar os idosos das demais gerações (Loges & Jung, 2001; Sourbati, 2004; Olphert et al., 2006) e outra que mostraria que ela pode ser utilizada como meio para aproximar gerações (Marques, 2012; Ferrigno, 2013). Acreditamos que as duas situações possam ocorrer, dependendo de fatores diversos, em especial o tipo de aplicação que é feito da TIC.

Enquanto Tobias enaltecia a época da juventude de seu avô, este idealizava certos aspectos da atualidade, mostrando outra inversão geracional. Isso também está de acordo com o que já propusera Toffler (1970), sobre como a nostalgia, bem como a idealização do presente ou do futuro, podem servir de mecanismos de defesa frente ao excesso de informação e de estímulos sentido pelo indivíduo.

Outro aspecto que se destacou nesta dupla foi um tipo de uso específico encontrado pelo avô nas TICs, talvez sua principal ou até única motivação em utilizá-las. Ibrahim diz sobre como elas são úteis para poder “*controlar*” (Ibrahim) seus netos, especialmente Tobias, uma vez que assume parte dos cuidados dele e uma vez que os outros já são mais crescidos. O controle permitido pela TIC associa-se com a perda de privacidade e com as novas dinâmicas envolvidas entre as dimensões do público e do privado, temática já problematizada por Nicolaci-da-Costa (2002), e se relaciona com a assertiva de Simonetti (2017), sobre o controle do outro que ela possibilita, como já citado.

O avô parecia ser bastante ligado à sua família e aparentava um estilo de avô mais patriarcal-cuidador, como se tivesse o papel de assegurar que todos estivessem bem, função que exercia por meio do controle sobre seus membros. O controle aqui poderia ser associado à proteção, mas também à limitação e gerenciamento do outro, e, para isso, Ibrahim considera a tecnologia útil. Tobias não deixou explícito, mas pareceu demonstrar certo aborrecimento por meio de um murmúrio no momento em que seu avô comenta esse fato. É possível que, nesse sentido, a TIC cause mais um desentendimento geracional entre a dupla. Observe-se que a tecnologia em si pode não ser a “culpada” por esse desentendimento, uma vez que, se estamos defendendo que a TIC apenas permite ao sujeito reproduzir sua forma de ser e não causa essa forma, como veremos adiante, sua inexistência provavelmente não faria com que o avô se comportasse de modo diferente, apenas facilita que se comporte assim.

Ibrahim chegou a contar como, na sua mocidade, quando iam ele e seus amigos para o bar depois das aulas da faculdade, ficava aflito que seus pais ficassem preocupados com ele por não terem como se comunicar e, assim, não poder avisá-los que chegaria em casa só mais tarde. Assim, o surgimento da TIC teria representado um “*alívio*” (Ibrahim), pois facilitou consideravelmente a comunicação. O avô compara esse dinamismo atual com o telegrama, que, além de ser demorado, geralmente significava a chegada de notícias negativas – ainda mais para quem descende de uma família que viveu a guerra. Ou seja, a possibilidade de controle proporcionaria alívio, e se antes eram seus ascendentes que supostamente ficavam apreensivos com Ibrahim, hoje é ele quem fica preocupado com seus descendentes, preocupação esta que pode ser amenizada pelo uso dos novos recursos digitais, entretanto.

Apesar desse benefício propiciado pelas TICs, há também um porém: “[...] *a tecnologia ajuda, mas a gente tem que também controlar, não podemos ser controlados por ela*” (Ibrahim). O avô mostra, nessa fala, um receio de ser também controlado pela tecnologia – ou talvez de ser controlado pelo outro por meio da tecnologia –, o que pode ser mais um motivo para seu pouco envolvimento com os recursos digitais, isto é, o medo de ser capturado pelas teias (*web*) da rede.

Em síntese, de todos os avós entrevistados, incluindo aqueles das entrevistas desconsideradas, Ibrahim foi o único que enfatizou essa função de controle da TIC. Note-se que, assim como a dupla anterior, observamos que o tipo de uso da TIC feito pela dupla ou família novamente se mostrou relacionado com certos aspectos do funcionamento interno individual ou grupal, de forma que o controle reforça aqui as características de uma família dogmática ou conservadora, cujo bastião é situado na figura do patriarca todo-poderoso que (quase) tudo sabe e zela.

6.3 Laura e Brenda: quantidade ou qualidade?

A terceira dupla era formada pela avó materna Laura, 69 anos, e por sua neta Brenda, de 15 anos, ambas residentes no mesmo bairro. A primeira era casada e morava com seu marido, além de seus “*filhos de quatro patas*” (Laura), como denomina, brincando, seus cães. Já a segunda morava com seus pais e sua irmã mais nova, de 12 anos, Luana.

Enquanto a neta cursava o segundo ano do ensino médio e fazia curso técnico de Administração, Laura se formou professora de primeiro grau, conquanto não tenha chegado a lecionar; trabalhou por dois ou três anos em um banco antes de se casar, quando então passou

a ser dona de casa. Atualmente está aguardando o processo da aposentadoria, mas confecciona e vende empadas caseiramente há cerca de dez anos, o que considera um trabalho.

O contato inicial foi feito com Lena, uma das irmãs de Laura, alcançada por meio de indicações, que também estava presente no dia da entrevista. Além dela e da dupla, se encontravam também nesse dia: a irmã caçula de Laura e de Lena, a irmã de Brenda e a mãe delas. Ou seja, todas mulheres, reunidas na casa em que moravam Lena e a irmã caçula delas, Luma. No momento em que a pesquisadora chegou na casa, estavam presentes apenas estas duas últimas e somente em um segundo momento vieram Laura com sua filha e as duas netas, todas juntas.

A família foi bastante receptiva e afetiva, tecendo diversos elogios à pesquisadora e a recebendo com abraços e beijos, por exemplo. Enquanto não começava a entrevista e o ambiente estava sendo organizado para tanto, o clima era de alvoroço e um pouco confuso, uma vez que havia muita conversa, mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo e andando de um lado para o outro da casa. Ficou decidido, então, que a entrevista seria feita no quarto de Lena, tendo a pesquisadora se sentado em uma cama e a avó e a neta juntas em uma outra cama de frente para a primeira.

Pela transferência, o clima sentido diante daquela família podia ser bem traduzido pela denominação de “famílias sagradas”, de Moguillansky e Nussbaum (2011), para quem:

Nessas famílias, tudo costuma estar sob uma ordem regida por um olhar – geralmente o da mãe – que sabe tudo. Com elas, corre-se o risco de ver-se englobado em um discurso e um modo de pensar para o qual não há outro sentido nem pontos de vista possíveis (Moguillansky & Nussbaum, 2011, p. 186, Vol. 2).

E prosseguindo:

Em algumas oportunidades nos percebemos englobados no modo de pensar – e de ser – da família que vemos se mover em nosso consultório (e deveríamos dizer, também, em nosso espaço mental) como se fosse seu; não percebemos indícios de que se façam alguma pergunta a respeito de nossos hábitos e costumes. Diríamos que não parecem conceber diferenças nem um mundo diferente do deles (Moguillansky & Nussbaum, 2011, p. 186, Vol. 2).

Assim, tinha-se realmente esse sentimento de ser absorvida pela família, talvez dado por um excesso de intimidade e informalidade que era ofertado, como se a pesquisadora estivesse sendo convidada a fazer parte daquele grupo. Se a pesquisadora era tratada como parte da família tão imediatamente, pensamos que possa ser justamente pelo que afirmam Moguillansky e Nussbaum (2011), acima, ou seja, porque ela não era vista em sua individualidade e as diferenças existentes eram anuladas. Isso reforça outra impressão sentida, de como se o que era dito pouco importasse, pois uma forma de suprimir a diferença seria justamente ignorar a expressão alheia. Como parte desse perfil familiar, também se destacou a especificidade que

tinha o papel do feminino aqui (Moguillansky & Nussbaum, 2011), que será melhor discutido adiante.

Contando com ela mesma, a avó, eram dez irmãos, sete homens e três mulheres, dos quais cinco já haviam falecido à época da entrevista¹⁰. Eles vieram de uma família simples do interior paulista e se mudaram para a capital quando Laura era adolescente. A avó é a mais velha das filhas mulheres e, como tal, sente que teve maior dificuldade na sua mocidade, devido à inabilidade de sua mãe em lidar com certas questões. Ela exemplifica comentando sobre como se aterrorizou com a chegada de sua primeira menstruação, pensando que iria morrer, por desconhecer esse fato. Foi preciso que uma vizinha lhe explicasse e a orientasse para que, assim, pudesse entender o funcionamento do corpo feminino e se tranquilizar.

Segundo Almeida (2009), em análise sobre a produção literária dos mitos e contos de fadas, a figura da anciã está intimamente relacionada com aquela que guarda um saber e que pode transmiti-lo. Todavia, essa figura pode sempre carregar uma ambiguidade, podendo ser fada ou bruxa, cuidadosa ou indiferente, sábia ou egoísta, etc, percepção que coincide com as enunciações de Deutsch (1945) sobre as avós, acima. Levando isso em conta, vê-se que, enquanto a mãe de Laura, ao omitir da filha um fato que conhecia, guardando-o apenas para si, desempenha um papel que seria encarado pela via negativa, sem excluir as questões socioculturais da época. Entretanto, Laura adota uma posição oposta, pois não só se preocupa bastante em estar informada, como também em passar seu conhecimento para suas netas.

É curioso refletir também sobre como a internet, atualmente, provavelmente evitaria esse transtorno, não apenas porque uma jovem, como era Laura na época, poderia prontamente acessar inúmeras informações, como também não faria muito sentido um pai ou uma mãe, como a dela, manterem ocultos dados como esse, sabendo que estão tão facilmente disponíveis ao alcance de um clique. Não obstante, a atualidade traz outras preocupações, pois se antes o problema vinha da falta hoje vem do excesso, como Gueller (2015) demonstra ao relatar o caso de uma menina de 10 anos que ficou por demais estarecida com imagens obscenas que acessou inintencionalmente nas redes, sem conseguir dormir só ou tirá-las da mente depois. Se o trauma é justamente aquilo que é excessivo para o aparelho psíquico (Freud, 1926[1925]/2006), estaríamos passando então de um tempo em que a informação era proibida, e daí Freud desenvolver a ideia de uma pulsão de saber, para outro em que a informação pode ser traumática. Mas a coisa em si é apenas coisa, conteúdo vazio (Kaës, 2001a) e, desta forma, o seu poder sobre o psiquismo dependeria dos meios pelos quais ela acessa o sujeito. Portanto,

---

¹⁰ Cerca de dois meses após a realização da entrevista, a pesquisadora veio a saber da triste notícia da morte repentina de uma irmã, no caso a mais nova das mulheres, restando então quatro irmãos agora.

parece fazer sentido considerar que o problema não estaria no excesso de informação em si mesmo, mas sim em *como* ela tem sido transmitida, problemática que já vem sendo apontada pela literatura (Gueller, 2015; J. Jerusalinsky, 2017b).

Essa temática parece ser um exemplo que evidencia a fala de Kaës (2001a) a respeito da crise da própria transmissão psíquica, e que parece ligado também à precarização dos processos de simbolização, apontada por Ornellas (2017). Relacionando essas premissas com a asserção de Dufour (2005), que já assume uma crise nos processos de transmissão simbólicos, consideramos que então talvez seja plausível supor que a TIC estaria mesmo afetando a transmissão psíquica, ainda que indiretamente, por prejudicar os processos simbólicos.

Há ainda mais um item a considerar a respeito da transmissão. Para J. Jerusalinsky (2017b), seria problemática a presença das TICs como forma de identificação e transmissão de conteúdos. Segundo a autora, não seria possível ocorrer uma constituição subjetiva satisfatória a partir de uma transmissão que ela denomina “desencarnada”. A partir da psicanálise vincular, vemos que na época da juventude de Laura ela sofreu os efeitos de uma transmissão negativa, enquanto as TICs convocam a questionar os efeitos do que seria uma transmissão anônima. Embora possa haver diferenças no conceito de “transmissão” tratado por J. Jerusalinsky (2017b) em relação ao da psicanálise vincular, em ambos os casos é possível observar efeitos deletérios para o psiquismo, mas, apesar das possíveis diferenças teóricas existentes, haveria uma diferença também na forma como se dão, caso seja possível traçar algum paralelo entre os diferentes referenciais: no primeiro caso, na transmissão negativa, haveria uma falha no conteúdo transmitido, enquanto na transmissão anônima a falha estaria contida na fonte da transmissão ou no transmissor, fenômeno este que parece ser agora inédito com o surgimento das novas tecnologias. De todo modo, parece curioso que, no exemplo acima, uma transmissão negativa familiar poderia, talvez, ter sido reparada por uma informação obtida nas redes, caso a avó pudesse ter pesquisado sobre a menstruação na internet. Ainda assim, gostaríamos de destacar o quanto uma transmissão psíquica dada a partir de alguém “de carne e osso” também em nada garantiria a saúde mental do sujeito, como já bem explorado na psicanálise (Kaës; 2001a; Eiguer, 1998; Puget, 2001).

Laura referiu que, enquanto sua mãe era uma pessoa mais distante, pouco afetiva e que trabalhava muito, suas duas avós mulheres supriram a falta que sentiu de ter tido uma mãe mais calorosa. Ela tinha bastante contato com os seus avós, especialmente com os paternos e mais ainda com esta avó, que fazia diferença entre os netos e a tinha como preferida, talvez por ser a primeira mulher, segundo sua interpretação. Já a avó materna, bem como a mãe dela, sua bisavó, moravam em outra cidade e ocasionalmente vinham visitar ela e a família. Elas eram

sempre recepcionadas com grande entusiasmo pelos netos/bisnetos, e a chegada delas, dadas as dificuldades da época, era um verdadeiro evento, como conta Laura. A avó comenta como hoje, por causa da TIC, as pessoas se veem menos, fazem menos esforço para viajar e se encontrar porque tem pelo menos parte da saudade saciada por meio dela, tornando menos indispensável a aproximação física. Esse dilema coincide exatamente com o já proposto por Freud (1930[1929]/2006), segundo o qual a tecnologia teria permitido que as pessoas se aproximassem apesar da distância, mas que se não fosse sua existência, talvez elas nem tivessem se afastado. Perceber que as impressões desta avó são diferentes das de Carlos, da primeira dupla, pois este via esse aspecto de forma positiva, só mostra o quanto isso se liga à singularidade da história de cada um.

A avó desta dupla entrevistada foi a única das três irmãs mulheres que se casou e deu continuidade à sua família. Sarah, sua única filha, teve duas filhas por sua vez. À diferença da relação que Laura teve com sua mãe, a relação com sua neta era marcada por bastante intimidade e afetividade, como ela afirmou e como também pôde ser observado pela pesquisadora. Aqui já podemos verificar que é como se ela tivesse feito diferente de sua mãe, ao estabelecer um vínculo com a neta oposto em certos aspectos ao que ela teve com aquela. Note-se, no entanto, que parece mais se tratar da simples repetição de um padrão familiar do que da elaboração de uma determinada forma de se vincular que a passagem do tempo e o papel de avó poderiam ter lhe proporcionado, como se poderia pensar à primeira vista, repetição essa de um vínculo caloroso entre avós mulheres e netas, assim como ela mesma vivenciou com suas avós e bisavó, e de um vínculo conturbado entre mãe e filha.

A essa altura, o leitor já pode ter tido alguma suspeita de como a forte divisão entre gêneros constatada nesta família repercutia na sua própria dinâmica familiar.

Aquele excesso de feminino na casa, por assim dizer, primeiramente conduziu a pesquisadora à hipótese de que aquela família era bastante matriarcal. Em um segundo momento, entretanto, essa hipótese foi reconsiderada e se cogitou a possibilidade de se tratar de uma família patriarcal com uma demarcada divisão e separação entre os gêneros masculino e feminino – em outras palavras, um modelo mais tradicional de família (Roudinesco, 2003). Como já assinalado acima, um único encontro nem sempre é suficiente para uma identificação segura, mas alguns indícios levaram a essa consideração, como a repetida fala a respeito de os homens serem diferentes das mulheres e de que não era possível compreendê-los, bem como a observação de haver uma atribuição de funções específicas e estereotipadas para cada gênero, o próprio fato de não haver nenhum homem presente no dia da entrevista e de eles aparecerem pouco também no discurso das entrevistadas, dando até a impressão de que não existiriam.

Um aspecto que chamou a atenção, decorrente dessa forte divisão de gêneros, foi a atribuição da função de cuidado às mulheres, como se elas se resumissem a isso, característica intimamente ligada ao modelo tradicional e ao “mito do amor materno”, aliás (Badinter, 1985). Nesta família, os papéis pareciam bastante engessados, ao ponto em que um membro poderia adoecer caso não conseguisse se manter no papel a ele atribuído, como veremos em Laura, por exemplo.

A avó conta sobre como viveu um período de depressão entre a saída de sua filha de sua casa e o nascimento de sua primeira neta, isto é, durante o período em que ninguém precisou de seus cuidados – podemos identificar aqui a “síndrome do ninho vazio” (Ferrigno, 2013), sentida por parte de Laura. Como um antídoto, a chegada de Brenda foi capaz de oferecer novo sentido para sua vida, assim como Luana posteriormente, tirando Laura desse estado de mal-estar. Antes de se tornar avó, ela não conseguia se sentir realizada sendo apenas dona de casa, ou com o casamento, pois sentia seu marido distante. Está em acordo com a literatura o fato de Laura ter encontrado novo sentido quando se tornou avó (Lachamann, 2011), bem como seu papel bastante ligado ao cuidado das netas (A. C. Ramos, 2011).

Essa atribuição de um papel fixo às mulheres incidia sobre os membros desta família de diferentes maneiras. Em Sarah, por exemplo, já pudemos constatar um posicionamento subjetivo oposto ao de sua mãe: ela trabalhava muito, talvez como uma reação a esse papel tão restrito de cuidado, e por receio de ficar refém dele. Antes de ser uma exceção à regra, porém, esse mais parecia ser um caso da exceção que confirma a regra. Também nas duas irmãs de Laura vemos que o fato de não terem se casado e de não terem tido filhos pode ter relação com isso: seria um outro meio de fugir desse destino, evitando maridos ou filhos que as aprisionassem nesse papel? É curioso que justamente as duas tenham se juntado na mesma casa, tornando-se companheiras.

Finalmente, em Brenda também foi possível observar esses efeitos: embora durante a entrevista ela tenha dito que gostaria de cursar Marketing, findada a entrevista, sua mãe confidenciou sobre seu dilema diante da escolha profissional que se aproximava, no caso entre Psicologia e Marketing, bem como comentou que ela estava com problemas de baixa autoestima e insegurança e que, inclusive, estava considerando a possibilidade de procurar ajuda psicológica para a filha. Vemos que o dilema profissional da neta parecia refletir, na verdade, um dilema entre herdar esse legado feminino do cuidado, uma vez que a primeira dessas profissões está ligada à assistência ao outro, e trilhar um caminho diferente, como representado pela segunda profissão. É possível que a insegurança e a baixa autoestima pudessem, talvez,

ser consequência do conflito e da culpa de não querer ser herdeira desse legado e do medo de sentir que não seria aceita pelos seus parentes por causa disso.

Outra repetição na família pode ser constatada em Laura, em relação à sua avó paterna, que a tinha como preferida por ter sido a primeira neta mulher. É como se a filha ou neta do gênero feminino tivesse o poder de dar sentido para a mãe ou avó, também do gênero feminino, a partir do processo de identificação. Como se a filha mulher pudesse completar a falta de outra mulher¹¹, que só pode ser preenchida por meio do cuidado exercido sobre aquela. Se K. Abraham (1913/1961) e Ferenczi (1913/1992) se debruçaram sobre a temática envolvendo a linhagem masculina entre avô, filho e neto, esta família apresentava uma dinâmica interessante envolvendo a linhagem feminina, por sua vez.

Assim como a primeira dupla, aqui também parecia ocorrer uma espécie de triangulação envolvendo a avó, a mãe e a neta, ainda que com alguma distinção, uma vez que nesta família já era regra a participação ativa das avós no cuidado de suas netas. Como descreveu Brenda, ela via diferenças entre sua mãe e sua avó, diferenças estas bastante relacionadas às funções paternas e maternas tradicionalmente estudadas pela psicanálise¹², respectivamente. Ela disse, por exemplo, que sua avó era mais carinhosa e compreensiva, buscando ouvi-la mais, enquanto sua mãe era mais rígida, colocava limites e apresentavam mais conflitos. Ou seja, a mãe estaria mais ligada às regras e limites, uma função (tradicionalmente) paterna, enquanto a avó mais próxima de um lugar (também tradicionalmente) materno, tendo exercido boa parte dos cuidados iniciais sobre a neta quando ela nasceu. Os homens, na família, se manteriam mais afastados e teriam a função de provedores e de modelo libidinal para as filhas. Assim, vemos que essa triangulação se refere mais ao fato de as avós, pelo menos, não estarem em um lugar de exclusão em relação aos filhos e netos (Berenstein, 2011), do que a uma conformação edípica propriamente entre as três gerações, como já pudemos observar na primeira dupla.

---

¹¹ Apesar de alguns indícios poderem levar à suspeita da predominância de uma estrutura histérica nesta família, não exploraremos esse aspecto por entender que isso fugiria aos propósitos desta pesquisa. Mais do que isso, estamos partindo da noção mais geral da falta ou da incompletude como atributos inerentes a *todo* ser humano (Mena, 2017).

¹² Também não adentraremos no campo dos estudos de gênero, uma vez que igualmente extrapolaríamos os objetivos propostos nesta pesquisa, ainda mais por constituírem, por si só, uma problemática extensa e complexa demais para ser aqui compreendida, posto que seja de suma importância. Nos contentaremos em assumir que, até recentemente, a psicanálise, assim como outras áreas de estudo, se afezrou a um modelo tradicional de concepção dos gêneros, levando a vieses. Embora atualmente alguns autores já comecem a rever tais concepções, ora ou outra seremos levados à concepção mais tradicional pelo fato de estarmos analisando uma família também bastante tradicional em alguns aspectos. Caso haja interesse por parte do leitor em se aprofundar na problemática de gênero, apenas sugerimos a leitura de Judith Butler (2004; 2015) e de Laplanche (2015), como exemplos de estudos bastante atuais, pertencentes ou afins ao campo da psicanálise.

O vínculo entre Laura e Brenda era muito forte, principalmente por esta ter sido sua primeira neta. Ainda que isso pudesse ser observado pela pesquisadora e que ambas concordassem quanto a esse fato, ao longo da entrevista foi se revelando uma certa desarmonia entre a dupla, pois a avó parecia reclamar que sua neta não lhe dava tanta atenção quanto antes ou quanto gostaria, enquanto esta oferecia justificativas, na tentativa de explicar seu afastamento.

Quando nasceu, Brenda era cuidada por sua avó enquanto seus pais trabalhavam. Desde então, sempre tiveram muito contato e até cerca de um ano atrás, mesmo não sendo mais tão dependente como antes, ela passava na casa da avó diariamente depois da escola. A partir dessa época, entretanto, passou a frequentar menos a casa dos avós. Segundo ela, esse distanciamento seria devido à sobrecarga da rotina e à aproximação dela dos amigos, que a chamam constantemente para sair e fazerem algo juntos. Já sua avó creditava a causa desse afastamento à TIC, pois entendia que desde que sua neta ganhou o celular, começou a ficar muito entretida com as redes sociais, passando a lhe dar menos atenção do que antes. De forma um tanto implícita, Brenda acabou admitindo que sua avó tinha razão, pelo menos em parte. Laura também comentou, da mesma forma que Ibrahim anteriormente, que mesmo quando sua neta está presente acaba estando ausente por ficar muito imersa nas telas.

Embora avaliasse que sua mãe exagerava ao falar que ela estava viciada em tecnologia, a neta admitia que fazia um uso extenso das TICs, a um ponto que já chegara a prejudicá-la na sua rotina e nas suas tarefas, e na relação com sua avó, inclusive. Acreditava, no entanto, que hoje está usando menos e de forma mais controlada. Os principais dispositivos que utilizava eram o celular, o *tablet* e o computador, bem como os aplicativos “WhatsApp” e “Facebook”; também assistia a vídeos e a séries, lia livros e via notícias dos amigos e se comunicava com eles, mais do que com a família. Para os estudos, fazia pouco uso.

Destacou-se um pormenor relatado por Brenda, sobre como ela e suas amigas criavam mecanismos de autorregulação do uso dos *smartphones* quando estavam juntas, por exemplo, em um restaurante, algo que vai ao encontro do que coloca John (2017), sobre os próprios jovens estarem buscando meios de se aproximar de um estilo de vida mais *off-line*. De acordo com a neta, havia uma espécie de “pacto” segundo o qual: quem pegasse e olhasse para o aparelho primeiramente, deveria pagar a conta. É possível que isso diga respeito a quanto o uso da TIC alcançou um ponto tal em que começa a gerar mal-estar. Seria essa autorregulação equivalente a um *tabu*, cuja existência serve para lembrar a todos que não se deve desejar algo que na verdade todos desejam (Freud, 1913[1912]/2006)? Essa regulação por parte delas parece ter função na medida em que baliza tendências conflitantes entre os interesses do ego e do

coletivo, pois enquanto o primeiro tenderia a continuar a manipular o aparelho, o encontro com o outro pressupõe que se façam coisas juntos e não que fique, cada ego, envolvido consigo mesmo apenas. Parece irônico que, justamente em uma época de tanto avanço tecnocientífico, insurjam novamente mecanismos arcaicos como o do tabu.

Relacionar-se com o outro por meio da TIC, em especial quando se está presencialmente com outras pessoas, parece implicar em um empreendimento impossível: uma tentativa de *estar com* várias pessoas simultaneamente, seja as atrás da tela, seja as de corpo presente. Essa tentativa parece resultar em uma cisão, como se o eu tivesse que se desdobrar em várias partes para atender a diferentes outros de uma só vez e como se cada outro recebesse apenas uma parcela do investimento do eu.

Já a avó julgava que fazia uso moderado da TIC, embora comparado com os outros avós entrevistados ela parecia fazer bastante uso. Valia-se basicamente do celular apenas e as principais finalidades suas eram se comunicar com a família, com algumas amigas e fazer buscas na internet, como de receitas ou de informações em geral – talvez reflexo de uma compensação de uma pulsão de saber outrora reprimida. Os aplicativos “WhatsApp” e “Facebook” eram os mais acessados por ela, mas, apesar de achá-los úteis e se distrair por meio deles, também tinha algumas ressalvas, afirmando que “*enjoa*” (Laura), pois algumas pessoas se exporiam demais, na sua opinião, contanto sobre seus problemas emocionais, por exemplo. Ela relatou que passou a bloquear diversos contatos seus a partir de um dado momento por se aborrecer com isso.

A TIC era bastante utilizada entre avó e neta para se comunicarem durante a semana, especialmente para trocarem mensagens pontuais e notícias, para saberem como cada uma estava passando o dia ou mandar fotos. Seu principal canal de interação era sobretudo o “WhatsApp”, mas também o “Facebook” e um pouco o “Instagram”. Um dado interessante, comentado por Laura, é o fato de ela sentir que sua neta se abria mais com ela pela via virtual, especialmente nos momentos em que está namorando, por exemplo, quando lhe confia bastante coisas. Essa temática, a propósito, as aproximava e conferia intimidade ao seu vínculo, uma vez que a neta sentia que podia confiar em sua avó e que podia receber conselhos dela. Brenda concorda e explica que isso é devido à diferença no ritmo entre falar, quando se está pessoalmente, e digitar, quando se comunica pelo celular, o que facilita a ela se lembrar de mais detalhes. Sobre a digitação, também é válido comparar a opinião desta avó com a de Ibrahim, pois, embora ambos tivessem a preocupação de redigir todas as palavras corretamente, este entendia que os meios virtuais precarizavam a língua portuguesa, enquanto aquela já via como

um benefício poder digitar o pensamento, uma vez que assim seria possível praticar a escrita da língua.

A neta, especialmente, acreditava que a TIC favorecia bastante a relação entre elas, pois, assim como Carol, da primeira dupla, via que ela ajudava a entrar em contato com a avó em meio a uma rotina sobrecarregada; sem a TIC, pensava que não teria tempo ou estaria muito cansada à noite, quando chegava em casa, para ligar para sua avó e ficar conversando com ela, por exemplo. Já a avó, também entendia que a tecnologia ajudava, pois permitia deixá-la em contato com a neta por mais vezes ao longo de um mesmo dia ou da semana, noticiando-a sobre como ela passava e, logo, tranquilizando-a. Entretanto, tinha mais ressalvas do que sua neta, como já apontado acima, pois via que a comunicação virtual perdia em qualidade, já que o contato presencial era muito melhor e se “*divertia*” (Laura) muito com as conversas que tinha pessoalmente com Brenda. Laura tinha certo ciúme da tecnologia por entender que ela usurpava a atenção de sua neta em relação a ela. A neta assumia que a TIC também atrapalhava o contato presencial, pois ou a deixava distraída demais com sua tela ou fazia esgotar os assuntos, uma vez que já teria sido dito tudo o que se tinha para dizer por meio dela, quando se estava distante. Vemos no vínculo desta dupla o mesmo “efeito paradoxal” causado pela tecnologia de que fala Ibrahim: quando estão longe, podem interagir mais graças a ela, mas quando estão perto, acabam interagindo menos por causa dela.

Ora, mas se o que está aqui em questão é como a TIC pode estar interferindo sobre o vínculo entre avós e netos e se ela poderia beneficiá-lo ou prejudicá-lo, caberia investigar, agora, se é realmente a TIC que estaria *causando* esse afastamento entre avós e netos, como tanto Ibrahim quanto Laura a incriminam, ou se ela estaria sendo apenas utilizada como subterfúgio por eles para justificar um afastamento do vínculo que já aconteceria *apesar* dela, assim como quando um bode expiatório precisa ser eleito para explicar algo ou concentrar toda a responsabilidade sobre si. Pois, como vemos na primeira dupla, embora a própria neta julgasse que deveria usar menos a tecnologia para poder dar mais atenção ao seu avô, este não reclamava de a tecnologia atrapalhar a relação deles, porque já era muito forte. Afinal, não seria plausível também supor que a entrada na adolescência por parte dos netos, por exemplo, não seria fator suficiente para causar um certo distanciamento, como apontam Battistelle e Farneti (1991), sobre as fases de desenvolvimento dos netos e o grau de proximidade com os avós? Ou seja, sem significar que o vínculo dessa ou da dupla anterior fossem menos intensos, é possível que um afastamento menor ou maior ao longo do tempo seja algo inevitável e, inclusive, faça parte do ciclo natural da vida, sendo levado por fatores diversos. Isso, todavia, não quer dizer que a

TIC não possa ser um desses fatores, mas apenas que não parece arrazoado atribuir toda a culpa a ela.

O fato de a avó parecer tratar esse distanciamento como se fosse algo errado, que deveria voltar a um estado anterior de coisas, e não como algo natural, que faria parte do curso das fases da vida de sua neta, poderia indicar uma certa negação da “estrangeiridade” do vínculo entre elas (Berenstein, 2011).

Podemos também verificar aqui uma questão interessante sobre a temporalidade, relativa à TIC. Quando Brenda afirma que a TIC ajuda porque pode ir contatando a avó ao longo do dia, nos intervalos que tem entre uma atividade e outra, vemos que esse é um tipo de relacionamento diferente do que se tinha antes. Na comunicação virtual, a resposta ou a reação do outro não é necessariamente subsequente à mensagem emitida (J. Jerusalinsky, 2017b), podendo vir depois de minutos, horas, dias, ou mesmo nunca vir. Há uma quebra na temporalidade habitual da interação eu-outro. Assim, estaríamos tratando de uma nova forma de relação entre pessoas na atualidade, que seria marcada por um tipo de *vínculo entrecortado* por outras atividades, que se dá então de forma picada e dividida em parcelas. Isso significa que cada eu pode atender ao outro eu no seu próprio ritmo, o que dá mais espaço para as individualidades de cada um e, mais uma vez, contribui para insuflar o narcisismo.

Se a comunicação virtual é fragmentada no tempo, ela também o é quanto à nossa gnosis. No contato físico, o outro é captado em sua totalidade, quer dizer, o som de sua voz, a imagem de seu corpo e movimento, o seu cheiro e o tato podem ser sentidos. Já a comunicação virtual, não permite (ainda) sentir estes dois últimos atributos alheios, mas permite ouvir e ver o outro, ou ler o que ele escreveu. Mas o que ocorre é que, na via virtual, tais conteúdos podem chegar de forma separada, como quando se envia uma foto, por exemplo, e somente um tempo depois se envia também uma mensagem, ou vice-versa – mesmo na comunicação por aplicativos como o “Skype”, que pressupõem a simultaneidade do som e da imagem, pode haver um *delay* entre um e outro, motivo, aliás, pelo qual Carol não gostava desse tipo de recurso, por lhe soar falso. Caberia refletir se, caso a tecnologia alcançasse um nível de avanço em que fosse possível captar todos os estímulos advindos do outro, ainda assim haveria uma diferença entre esse contato virtual e o presencial, algo que ainda não é possível saber.

Nesta terceira dupla, pudemos observar que a avó e a neta se comunicavam bastante por fotos, além das mensagens de texto, não só as enviando uma para a outra, mas também “marcando” e “curtindo” uma à outra por meio do “Facebook” e do “Instagram”. É possível que a escolha por uma ou outra forma de comunicação possa dizer algo do tipo de vínculo de cada dupla.

A possibilidade de tirar fotos e visualizar as de outrem foi o principal aspecto descoberto por Laura que a motivou a continuar usando a TIC. Ela afirmou que apreciava muito esse recurso, sendo o único que chegou a ensinar para sua neta, exceção à regra, uma vez que normalmente era sempre ela ensinada pelas suas irmãs ou por Brenda desde que começou a fazer uso da TIC.

Enquanto a avó custou a iniciar seu contato com as TICs, apenas após ganhar um celular de uma de suas irmãs como incentivo, a neta teve que “*implorar*” (Brenda) para sua mãe até que a convencesse a lhe dar um, há cerca de dois anos atrás. Segundo ela refere, seus pais não queriam lhe dar o aparelho por receio de que ficasse viciada e deixasse os estudos de lado. Já a avó, no começo, tinha resistência a entrar em contato com o mundo virtual, pois não sentia falta, mas conforme foi percebendo que várias pessoas do seu círculo de convívio estavam nessa dimensão, cedeu e passou a fazer parte dela também, o que ocorreu há mais ou menos três anos.

Apesar de a motivação inicial em relação à TIC ter sido diferente para cada uma, pudemos perceber que tanto a avó quanto a neta tiveram um percurso semelhante com a TIC a partir do contato com ela, pois quando passaram a usá-la, ambas tiveram um momento inicial de encantamento com todas as possibilidades que ela oferecia e depois foram se cansando de todo aquele excesso, especialmente Laura, como já citado.

Embora isso não tenha sido explicitado por elas durante a entrevista, chamou muito a atenção o fato de elas terem começado a utilizar a TIC mais ou menos na mesma época, pois acreditamos que isso não tenha se dado por acaso. Para cada uma, a TIC parece ter representado um lado diferente da mesma moeda, pois enquanto a ânsia de Brenda por um celular tinha relação com o desejo de ingresso no círculo social e nas relações amorosas – ela contou que na época tinha interesse por um menino, com quem, entretanto, não pôde se comunicar devido a morarem longe e por não ter celular ainda, um dos motivos por que queria um celular também –, a resignação em começar a usar a tecnologia, por Laura, parece ter tido a ver com essa saída, ainda que gradual, de sua neta da família e, logo, com uma tentativa de encontrar outro meio de preencher um vazio que já estivera escancarado, que já fora tamponado por meio do cuidado das netas e que, com sua saída em direção ao mundo fora da família, encontrava-se aberto novamente. A TIC, então, teria representado movimentos contrários em cada geração: para uma a saída da família e a entrada no mundo social e para a outra a aceitação dessa perda e o deslocamento de um certo modo de dar sentido à própria vida. O que haveria em comum em ambas, entretanto, é que o seu principal objetivo por meio da TIC era alcançar contatos com outras pessoas.

Se nessa família o sentido da vida das mulheres era dado por meio do cuidado do outro, parece plausível supor que possa haver uma tendência a fazer perpetuar uma posição infantil para aqueles membros que são os cuidados, a fim de poder manter esse sentido. Embora não haja tantos elementos explícitos que amparem essa hipótese, em Brenda pudemos constatar alguns indícios, como um excesso de proteção por parte de sua mãe, por exemplo, como ela mesma relatou, e no próprio fato de seus pais não quererem lhe dar o celular, talvez por medo de perder o controle sobre a filha – mas que talvez tenha sido dado justamente por perceberem que também poderiam controlá-la por meio dele.

Se essa suposição for válida, pensamos que a TIC para Laura teria significado exatamente uma tentativa de preencher esse vazio, agora não pelo cuidado especificamente, mas por meio de contatos virtuais. Neste sentido, a avó falava que gostava muito das redes sociais, pois as usava para se distrair e se divertir. Há claramente diferenças nessa troca do *cuidado* pelos *contatos* e talvez uma das principais delas seja a passagem de uma lógica da qualidade para outra da quantidade (de contatos), quantidade esta que satura. Acreditamos ser possível também que o “vício” inicial da neta pelas TICs diga respeito à presença de uma certa voracidade (Klein, 1957/1985) nas mulheres desta família por preencher um vazio por meio do outro, que se traduzia em uma ânsia descontrolada ou aditiva em consumir esse outro, buscando a quantidade como meio de alcançar esse fim.

Se nesta família o outro era tido como um objeto precioso, capaz de preencher um vazio e dar sentido para a vida, questionamos quais particularidades poderiam estar contidas nesse tipo de vínculo que estabeleciam. Em outras palavras, seria possível ainda falar em vínculo, uma vez que o outro parecia mais ser tomado como objeto? Por exemplo: fazer um vínculo com alguém com ainda tão pouca ou quase nenhuma subjetividade, como um bebê, parece ter sentido na medida em que permite ao eu se expandir pelo espaço do vínculo; quanto menos “outro” existir, mais existirá “eu”. Nessa mesma linha de raciocínio, pensamos não ser sem importância o chiste cometido por Laura ao tratar seus cães como filhos, o que poderia revelar um conteúdo inconsciente. Ele poderia indicar uma tendência a querer transformar os objetos, tanto quanto possível, em seres dependentes dela, ou seja, em filhos – inclusive a pesquisadora também teve a sensação de ter sido posicionada nesse lugar –, pois assim poderiam ser objetificados e serem assim utilizados pelo eu. Retomando uma vez mais Berenstein (2011), pensamos na disposição do eu em querer transformar o outro em próprio, derramando sobre ele seu investimento. Ainda nesse sentido, acrescentamos que, de acordo com Dunker (2016), o amor dirigido a animais, como os de estimação, seria uma forma de expressão do eu que não encontra objeção, uma vez que não seria possível atribuir ao animal o mesmo tipo de subjetividade que a de um ser

humano. A partir do conceito de vínculo (Berenstein, 2011; Puget, 2015), seria conceber uma forma de vinculação em que predomina a projeção, já que o “eu” do animal não se oporia com tanto vigor como o faria o de um ser humano. Logo, haveria uma prevalência do domínio intrapsíquico, quando não há vínculo, mas apenas *eu*.

Essa digressão, entretanto, não é sem razão: a partir desse ponto de vista, intentamos apresentar a seguir uma linha de raciocínio a fim de trabalhar uma questão que o uso da TIC nos leva a considerar, que nos parece central nesta discussão.

Mena (2017) adverte que a exposição demasiada de bebês e crianças pequenas à tecnologia preocupa, não tanto pelo fato de *não atenderem* à demanda alheia por estarem muito entretidos com os *gadgets* – também motivo do descontento de Laura com relação à sua neta –, mas sim porque eles passam a *não demandar* nada do outro. É como se, uma vez em contato com uma tela, o sujeito estivesse pleno ou completo. Com efeito, o mesmo autor discorre que, se o ser humano sempre esteve em busca do objeto ideal, que pudesse preencher sua falta, então a tecnologia teria servido muito bem, uma vez que oferece uma gama tão grande de possibilidades de atividades e de preenchimento do tempo. Podemos observar isso no fato de ela ter vindo em boa hora para Laura e ter sido útil para suprir sua falta. Ora, mas se um sujeito se encontra pleno, logo, não precisará de mais nada e de mais ninguém. Novamente caímos na ideia de que o outro se torna dispensável e talvez por isso precise se colocar de forma tão disponível, sob pena de cair na obsolescência. Isso significa que o forte apelo que a tecnologia apresenta parece residir então, pelo menos em parte, no fato de ela oferecer a ilusão de independência (do outro) ou de autossuficiência. Mas, se à primeira vista isso indica um prejuízo para o vínculo na contemporaneidade, também vale considerar o quanto ela pode agregar a ele quando usada em seu proveito.

Ao mesmo tempo, percebemos como a TIC, afinal, não seria um objeto perfeito, pois, lembremos, ela “*enjoa*” (Laura), fazendo permanecer a incompletude. Apoiando-nos em Mena (2017), o que pretendemos demonstrar com isso é que a tecnologia vem descompensar o equilíbrio entre o desejo do eu e a demanda do outro, tema de que trata Dunker (2017) também, o que acreditamos comprometer aspectos cruciais da existência humana e talvez disso parta o grande fascínio e ao mesmo tempo o temor que ela tem causado. Ora, se eu me torno dispensável ao outro – note-se que já se fala em uma sociedade do pós-trabalho ou de indivíduos denominados “*inúteis*” (Época Negócios [*on-line*], 2018) –, então qual o sentido para a minha existência? A tecnologia provoca um curto-circuito no ser humano na medida em que o deixa encurralado, donde outro paradoxo: ninguém quer ser apenas *usado* pelo outro, mas tampouco se quer perder a *utilidade* para o outro. Perder a utilidade para o outro é perder o sentido de ser,

pois como abrir mão de ser alvo do investimento alheio, que também me alimenta? Mesmo em uma sociedade de narcisos, como sustentar o narcisismo próprio sem o combustível desse investimento alheio? É possível que, em vista do risco de perder o sentido para o outro, o eu se contente em ser apenas objeto dele e prefira pagar esse preço com a condição de poder depender menos dele também. Assim, é como se ser objeto para o outro fosse melhor do que ser nada para ele. Nesse sentido, procede considerar a existência de uma tendência à objetificação das relações (Zanetti & Gomes, 2012), o que talvez não implique necessariamente em uma perda da subjetividade, já que o eu pode ter mais liberdade também. Mas não pareceria contraditório conceber uma organização social que comporta mais objetificação e mais subjetividade ao mesmo tempo? De fato, a contradição parece ser uma marca da contemporaneidade.

Mas quando falamos em “usar” o outro, o que exatamente se quereria dizer com isso, afinal, e qual a diferença de um tipo de vínculo dessa qualidade em relação àquele em que o outro não é “usado” pelo eu? E, antes do surgimento da tecnologia, já não existiria esse “uso” do outro? Tendo em vista o que estamos aqui discutindo, entendemos que, quanto mais distante o vínculo, mais se estará no domínio da projeção e do apenas eu ou do apenas intrapsíquico. Se hoje as relações humanas são mais frias, logo, haveria mais narcisismo, mais eu, mais projeção e menos realidade, e o contrário seria verdadeiro. Dizendo de outra forma, quanto mais distante o outro se colocar, mais dará margem para a projeção e para ser apenas objeto do outro, já quanto mais próximo o vínculo, mais haverá outro também, não só eu – equivaleria à distinção entre os planos intrapsíquico, explorado pela psicanálise tradicional, e vincular, pertinente à psicanálise vincular, respectivamente. Assim, quando se fala em uso do outro, é porque esse outro está sendo objetificado, como já apontado pela literatura (Sá et al., 2006). Mas o que queremos destacar aqui é que haveria uma questão de grau: não significa que antes as relações ou pessoas não fossem objetificadas, em última análise, todo objeto de investimento é narcísico e visa suprir uma necessidade ou desejo do eu (Freud, 1914/2006), mas que talvez hoje, se é verdade que a TIC causa maior afastamento do vínculo e aumenta a tendência à projeção, então ela contribuiria, sim, para a objetificação do outro e das relações.

Entendemos que um outro objetificado seja o equivalente a um outro sem desejo e, a partir do vínculo desta dupla, vemos que quanto maior for o vazio de alguém, mais este alguém tenderá a desejar um outro sem desejo. Por isso, quando era mais nova, quanto mais dependente era de sua avó, mais a neta pôde suprir essa falta. Mas hoje, com a entrada na adolescência, começam a aparecer conflitos entre as duas, aparentemente porque Brenda já não corresponde a todos os desejos da avó, basicamente por sua presença e por seu investimento nela – em outras palavras, amor –, investimento este que começa a ser dirigido para o mundo externo.

Novamente, pudemos observar como o uso da TIC feito pela avó e pela neta tinha relação com determinados modos de funcionamento psíquico específicos, coerentes com a organização subjetiva da dupla. Entre outros aspectos, destacou-se a repetição, também no plano virtual, de uma tendência a preencher um vazio por meio do outro. Vemos, entretanto, que quando essa tendência passa para o plano virtual, ela parece assumir características um pouco diferentes, apelando mais para a quantidade em detrimento da qualidade, pelo menos nesta dupla.

Neste caso, pudemos observar também uma propensão contrária à da primeira dupla, por exemplo, em que a organização subjetiva se dava por meio do alto investimento em algumas poucas pessoas (família).

Ainda assim, vimos que, dos participantes entrevistados, esta parecia ser a dupla que mais fazia uso da tecnologia entre si. Entendemos também que, apesar de elas acharem que a TIC prejudicava a relação delas, é possível que um distanciamento se desse inevitavelmente. De todo modo, elas mesmas julgavam que a TIC acabava contribuindo mais do que gerando transtorno.

6.4 Estela e Sabrina: “A hora da estrela”¹³

Em entrevista sobre a obra “*A hora da estrela*”, Clarice Lispector afirma ter querido contar a história de uma mulher muito pobre e miserável, que, na narrativa, potencialmente teria tido um fim muito grandioso, mas não teve. Além de todas as diferenças já existentes entre a protagonista Macabéa e a vivência dos sujeitos que estamos prestes a apresentar, entendemos que aqui, sim, tenha havido um desfecho interessante para uma história, no caso da avó em questão, e por isso o paralelo com o título desse livro.

A avó paterna Estela, de 83 anos, e sua neta Sabrina, de 17 anos, constituíram a quarta e última dupla deste estudo. Este foi um contato obtido por meio de divulgação da pesquisa em mídia virtual, à qual se manifestou Anastácia, filha primogênita da avó e psicóloga. É curioso perceber que em todos os casos nunca foi o próprio participante a se oferecer, mas sempre um terceiro, geralmente da geração intermediária. No entanto, é possível que isso tenha se devido simplesmente à faixa etária em questão não coincidir com o meio de conhecidos da pesquisadora.

---

¹³ Em referência ao livro homônimo, de Clarice Lispector, de 1977.

Esse primeiro contato com Anastácia se deu via *e-mail*, em que ela foi bastante disponível e logo de início comentou, despretensiosamente, que sua mãe estava participando da gravação de um comercial televisivo, o que já chamou a atenção da pesquisadora, todavia, detalhe que será aprofundado adiante. Ela recomendou então que esta falasse diretamente com sua mãe para melhor acordar todos os detalhes. No contato com Estela, agora por telefone, ela se mostrou gentil e receptiva à ideia de participar da pesquisa, era prestativa e havia alguma formalidade no seu tom, denotando um perfil mais antigo de avó. Ficou combinado que a pesquisadora a buscaria em sua residência e iriam as duas para o apartamento da neta, localizado em outro bairro, onde seria feita a entrevista.

Nesse dia, então, a pesquisadora se encontrou com Estela, que estava com Anastácia, pois moravam na mesma residência, que logo se despediu das primeiras para ir trabalhar. Foram juntas, a pesquisadora e a avó, por um percurso de mais de uma hora até chegarem na casa onde moravam Sabrina, seus pais e sua irmã caçula, Stephanie, de quase 11 anos à época. Uma coincidência constatada entre as duplas é que os três últimos netos dos casos apresentados tinham sempre uma irmã mais nova do que eles. Outra constatação válida é que esta avó era a única paterna dos quatro entrevistados.

Durante o trajeto, cabe citar que a avó já foi contando diversos fatos, em especial sobre sua família. Ela também chegou a telefonar para seu filho caçula, a fim de conferir qual o caminho correto para a residência da neta, bem como mandar mensagens de “*WhatsApp*” para esta por meio de seu *tablet*, o que já foi uma oportunidade para observar a interação dela com os demais familiares pela via virtual.

Chegando ao local da entrevista, Sabrina recepcionou ambas. Sua mãe, Raquel, também estava presente e permaneceu próxima da dupla durante todo o tempo. Stephanie chegou mais tarde no ambiente, junto com uma amiga, e ficaram de um lado para o outro do apartamento, às vezes saíam e desciam para a área comum do prédio. Um detalhe curioso é o fato de a avó, já desde o primeiro contato, ter pedido que sua neta mais nova também participasse da entrevista, pois senão ficaria com ciúme. Entretanto, no dia do encontro ela mal esteve presente sequer no apartamento. A temática do ciúme, a propósito, parecia ser uma questão aqui, já que mais de uma vez apareceu na fala da avó, sempre com o sentido de que um determinado neto ficaria com ciúme do outro caso ela desse mais atenção para este, dando a impressão de como se todos disputassem entre si por sua atenção.

A avó já era viúva há cerca de 21 anos, tendo seu marido falecido por causa de um câncer. Depois disso, nunca chegou a se casar ou a se envolver com outra pessoa novamente. Embora falasse do marido de forma afirmativa, deu a entender que não quis se casar de novo

porque para ela o casamento tinha sido sinônimo de opressão também. Fruto dessa união, ela possuía três filhos, sendo as duas mais velhas mulheres e o menor, homem.

Um detalhe relatado por Estela chama a atenção. Ela contou que assim que seu marido faleceu, sua primeira atitude foi comprar uma televisão nova, uma “*decente*”, segundo ela, já que a anterior não tinha boa qualidade. Essa atitude parece revelar a importância da tecnologia para algumas pessoas ou em algumas situações. Também parece ser possível tecer uma interpretação em um sentido semelhante ao que ocorre com a dupla anterior: a tecnologia com a função de preencher um vazio deixado pela falta de alguém. Outro detalhe relatado pela avó foi o fato de que a primeira reação de sua mãe, ao perder o marido, foi abrir o próprio negócio. Quer dizer, talvez despretensiosamente, é como se a avó comentasse das reações sua e de sua mãe frente a um mesmo evento, a morte dos respectivos cônjuges, que se diferenciam bastante, a primeira mais passiva e a segunda mais ativa.

Segundo Puget (2015), a perda concreta de alguém provoca o início de um processo de representação sobre aquela pessoa cuja presença pudera ser sentida outrora, donde resulta uma nova memória sobre ela. A partir disso, reflete-se que para Estela foi importante sobrepor esse vazio deixado pela morte do marido por meio de um objeto, mas que não era qualquer objeto simplesmente, mas um que justamente é capaz de oferecer diversas representações prontas. É possível que a tecnologia sirva bem em situações como essas devido à sua capacidade de “preencher a mente”, como exploram Gueller (2015) e Dunker (2017), que se daria precisamente em função dessa grande oferta de representações já prontas, como se nos poupasse o trabalho de ter que produzi-las e elaborá-las.

Estela possuía seis netos: os quatro primeiros eram do gênero masculino, filhos das duas filhas mulheres, enquanto as duas netas mais novas eram, justamente, filhas do seu filho homem. Assim, Sabrina era a sua quinta neta, porém a primeira mulher dentre eles. Anastácia era divorciada e, por isso, passaram a morar juntos ela, seu único filho e sua mãe. A filha do meio havia se divorciado e recasado, sendo mãe de três meninos, enquanto o caçula era casado e pai de Sabrina e Stephanie. Seja no momento anterior ao início da entrevista, seja durante ela, a avó passou a impressão de ter um forte vínculo com seu primeiro neto, Pablo, pois, segundo ela, foi com quem teve mais convívio e maior participação nos cuidados, o que encontra apoio em Dias et al. (2009), sobre a intensidade dos cuidados dispensados ao neto aumentarem as chances de estreitarem seu vínculo. Recentemente, ele havia se mudado para o exterior, visando desenvolver um projeto profissional como cineasta. Por outro lado, a relação entre ela e a neta entrevistada parecia não tão próxima, ainda que a avó fizesse questão de afirmar que gostava de todos os netos igualmente – o que só parecia endossar mais o fato de que, talvez, fizesse

diferença entre eles, a propósito. Elas se viam com pouca frequência, apenas nos fins de ano e ocasionalmente em alguma data comemorativa, como aniversários. Estela parecia se justificar dizendo que moravam longe e que também por não dirigir mais tinha dificuldade em visitar a família de seu filho.

Sabrina cursava o segundo ano do ensino médio. Ela tinha um jeito bastante tímido e introspectivo, mas ainda assim foi cordial todo o tempo e se mostrou disposta a contribuir. Ela era sucinta em suas respostas, falava em tom baixo e transmitia uma sensação como se mantivesse uma espécie de barreira a qual não deveria ser ultrapassada. Já a avó tinha uma personalidade diferente, mais expressiva nas suas falas, ria mais e parecia querer cativar, embora não fosse tão expansiva também. Ela despertava um sentimento de ternura e passava a impressão de ser uma “senhorinha” muito amável.

Quando se casou, Estela passou a ser dona de casa inicialmente, mas após algum tempo chegou a ter alguns empregos. Primeiramente, ela trabalhou como vendedora em uma loja de confecções e em seguida em uma loja de eletroeletrônicos; posteriormente, como gerente de um departamento de um laboratório de análises clínicas; finalmente, exerceu a função de instrutora de autoescola. Como seu marido se opunha a que ela tivesse uma profissão, todos esses trabalhos duraram pouco tempo e desde que ele faleceu, parou de trabalhar. Depois de uma grande lacuna de inatividade, entretanto, recentemente essa avó começou a atuar como modelo para comerciais de televisão, bem como para videocliques de música, o que entendemos como um grande revés em sua vida e uma transformação subjetiva, como analisaremos a seguir.

Enquanto a avó contava a história de sua família, foi-se revelando a marca sobre ela de uma transmissão psíquica transgeracional (Kaës, 2005) por parte da sua linhagem materna, mas que parece ter alcançado êxito por meio de uma elaboração na velhice. Ela relatou que seu avô materno era vendedor de carvão e que fez fortuna com esse empreendimento, por ter vocação e ser muito competente nesse ramo. A filha dele, mãe de Estela, também seguiu os passos do pai e se tornou dona de um negócio em que comercializava tecidos. Ao que parece, os empregos que Estela teve como vendedora de loja, quer dizer, na área do comércio, não foram mera coincidência, donde podemos observar uma continuidade dessa herança familiar. Há, não obstante, uma diferença que talvez possa ser significativa e indicar algo, pois, enquanto sua mãe e seu avô eram os donos de seus negócios, ela era apenas empregada nos negócios de outrem. Sem com isso querer menosprezar essas escolhas profissionais que a avó teve, o que pretendemos demonstrar é que parece haver uma ligação entre essas escolhas profissionais, um dado modo de posicionamento subjetivo seu afinado com uma certa submissão (a um marido,

a um patrão, etc) e, enfim, um desfecho e uma mudança desse certo modo de posicionamento, digna de um *grand finale*.

Juntando algumas falas de Estela, vemos como ela sentiu o peso de uma educação machista e repressiva, o que teria sido uma herança negativa. Damos alguns exemplos. Ela disse que sentia que era mais espontânea e livre antes do casamento, quando passou a se sentir oprimida. Contou o caso, certa vez, enquanto estava trabalhando, que queria muito comprar um determinado fogão e seu marido não lhe permitiu, mas eis que ela comprou mesmo assim, o que o deixou enfurecido, segundo interpretação dela, por ser muito orgulhoso e não admitir que não fosse ele sempre o provedor. Entendemos que, embora esse tenha sido um momento em que ela não cedeu a ele, em outros ela se mostrava submissa, como o próprio fato de não ter sustentado seus empregos por muito tempo, devido à influência dele. Em outro exemplo, quando perguntada se aprendia algo com sua neta, ela respondeu que o que mais aprendia com Sabrina era sobre a liberdade sexual que as mulheres têm hoje em dia, em comparação com sua época, o que via de forma muito positiva. Afirmações como essas reforçam a ideia de que tenha sofrido com uma formação restritiva, não só sexual como também subjetiva, ainda que Estela não tenha entrado em tantos detalhes. Essa influência sobre ela teria desembocado em uma tendência à passividade e à submissão, associadas ao papel feminino segundo o modelo tradicional de família (Roudinesco, 2003).

Observe-se que a transmissão psíquica, neste caso, parece ter desembocado no oposto, uma vez que, enquanto sua mãe apresentava um caráter forte, dona da própria vida, Estela já tinha uma característica contrária, de subserviência e docilidade. Essa característica, todavia, condiria com o modelo de comportamentos e atitudes esperados da mulher da geração dela. É possível que encontremos a explicação para essa inversão da transmissão já em Freud (1914/2006), a respeito do narcisismo dos pais em relação à criança, ao considerar a possibilidade, por exemplo, de a mãe de Estela ter querido privá-la, talvez, de uma vida dura, sonhando em seu nome uma vida com mais regalias, sustentada por outros, como um marido provedor.

No entanto, quando Estela passa a trabalhar como atriz de comerciais e vídeos, interpretamos, a partir da perspectiva do conceito de herança psíquica familiar, que tenha havido um salto elaborativo e desembocado em uma reviravolta subjetiva. As suas escolhas profissionais parecem revelar uma espécie de evolução. Quer dizer, se a princípio trabalhava como comerciante e depois passou a professora de condução, isso já poderia ser analisado como uma tentativa de alcançar a “direção” de sua própria vida e um pouco mais de independência. Em seguida, se por um lado ela não conseguiu ser dona de seu negócio, como seus antecessores,

talvez por se sentir presa a um papel do feminino demasiadamente marcado pela passividade, por outro conseguiu passar de *comerciante* à *estrela de comercial* e brilhar nas telas das televisões, computadores e *smartphones* (esses comerciais estavam disponíveis também nas mídias virtuais) para milhares ou, quem sabe, milhões de pessoas a assistirem. Essa teria sido a sua “hora da estrela”, ou o seu *grand finale*.

Com efeito, ela contou o quanto sentia que sua vida tinha ganhado outro sentido a partir disso, bem como de outras atividades que vinha realizando, como teatro, teclado e ginástica rítmica. Apesar de sua aparição nas propagandas não ultrapassar mais do que alguns poucos segundos, o que parece importar aqui é que, para Estela, isso foi muito importante. Do modo como falava, parecia transparecer muita alegria e orgulho dessa proeza, inclusive por ter encarnado o papel da rainha da Inglaterra em um dos comerciais – isto é, justamente uma *rainha*, uma mulher com muito poder, o contrário de alguém submisso. A avó comentou, por exemplo, que usava o “Facebook” e o “WhatsApp” para divulgar esses trabalhos e que recebia diversas mensagens de amigos e familiares devido a isso, o que nos faz pensar que, pelo menos em parte, a fonte desse sentimento de importância na verdade estivesse contida na valorização que sentia receber das outras pessoas ao contar sobre o que havia feito, agradada pelos seus olhares, elogios e expressões de surpresa alheios. Poder *ser vista* pelos outros, assim, parecia ser um elemento importante de sustentação da sua subjetividade.

A questão de ser o centro das atenções e de ser ou estar incluído ou excluído são dinâmicas revisitadas pela era tecnológica. Ora, ser o centro das atenções é a garantia de se estar incluído, enquanto sentir ciúme, sentimento repetidas vezes citado por Estela, é justamente o oposto: é precisamente o sentimento despertado quando se é o terceiro que sobra em uma triangulação, ou seja, o terceiro excluído. Um paralelo se verifica no funcionamento familiar, por exemplo, quando Estela contou que sentia que seu marido dava mais atenção aos filhos, especialmente às mulheres, do que para ela, relato em que pareceu transparecer certo ressentimento. Seja isso um fato ou uma percepção pessoal sua, a questão é que, para ela, é como se ela fosse a terceira excluída dessa relação – neste sentido também talvez o casamento tenha lhe significado um peso. É como se, para ela, sentir ciúme fosse algo muito negativo, ao passo que provocar ciúme, algo positivo, pois a fazia se sentir amada. O engrandecimento subjetivo de Estela parece ter tido estreita ligação com o fato de ela sentir que está no centro das atenções, e não mais excluída, como se sentira no casamento. Com efeito, ela se regozijava de aparecer nas propagandas e vídeos, bem como parecia querer estar sempre incluída em todos os grupos, como os de “WhatsApp”, por exemplo.

Na era digital, a exibição ou a autoexposição são hoje naturalizadas. É curioso observar que, se antes, dada a maior repressão da sexualidade, a manifestação do exibicionismo era vista como sinônimo de fetiche ou perversão, e o que preocupava era esse excesso de repressão, cujos efeitos também foram sentidos por Estela, atualmente essa característica parece ser a regra e começamos a questionar justamente os seus excessos.

Entre a avó e Sabrina, também podemos observar algo nessa direção. Estela contou sobre como mostrou e incentivou sua neta a atuar em comerciais da mesma forma que ela. Embora esta tenha chegado a procurar uma possibilidade, no momento ainda não havia sido convocada. Por meio desse incentivo de que seguisse seus passos, a avó parecia querer transmitir à neta algo com isso, que acreditamos embutir um sentido de libertação, como ela mesma vivenciou.

Sobre a questão da transmissão psíquica, outro aspecto se destacou a partir de um exemplo oferecido pela neta, ao se descrever mais parecida com seu pai do que com qualquer outro familiar seu, principalmente no que se refere à timidez e à quietude, segundo sua interpretação. De fato, Estela conta o quanto seu marido também era muito calado e sério, ou seja, o pai do pai de Sabrina. No momento anterior à entrevista, quando a avó fez uma ligação para o filho, se teve a impressão de este também ser sóbrio, ou seja, uma transmissão advinda de seu pai. O que se pretende mostrar com isso é não só o fato de um certo traço identificatório ser passado através das gerações, ainda que esta neta não tenha conhecido seu avô, mas também como ele pode se manifestar de diferentes modos, a depender do gênero – algo análogo à genética, em que certas características interpolam gerações de acordo com o sexo biológico. Então vemos que tal traço, nos homens, era traduzido por elas como uma personalidade “séria”, enquanto nas mulheres, no caso, em Sabrina, desembocava em uma personalidade “tímida”, como ela denominou – talvez mais tendente à passividade, como sua avó?

A polarização entre atividade e passividade parecia ser uma marca desta família. Enquanto a dupla falava durante a entrevista, foram se destacando dois lugares de oposição na família: o daqueles “*bravos*” (Estela) e o dos “*bonzinhos*” (Estela), como se seus membros se dividissem entre um e outro. A avó conta, por exemplo, sobre como sua mãe, assim como sua filha primogênita e sua nora eram mulheres “*bravas*” (Estela), e já seu pai, sua outra filha e sua sogra eram pessoas “*boas*” (Estela). Neste último grupo parecia se encaixar também Sabrina.

Transferencialmente, interpretamos que, em Estela, a característica sentida como um desejo de querer cativar fazia com que ela se mostrasse como uma pessoa muito encantadora, como se quisesse passar uma *imagem* de alguém bom. Seria talvez um padrão familiar de mulheres presas a uma aparência de “boa moça”, o que pode ser em si repressor, dado o desafio

de sempre se manter nesse *papel*. Em termos winnicottianos, seria algo próximo ao conceito de falso *self* (Winnicott, 1965/1982). Também Sabrina transparecia algo nessa linha, de um falso *self*, pois parecia ter pouco espaço para a espontaneidade, se escondendo por trás de uma “máscara”.

Agora, se não é possível mudar a aparência, por que então não a usar em proveito próprio, como ser atriz de comercial, que pressupõe a divisão entre uma essência e uma aparência? Se pusemos em destaque acima as palavras “imagem” e “papel”, por exemplo, é apenas porque pensamos que estejam relacionadas com a terceira das dimensões entre o ser, o ter e o parecer. Se o trabalho como atriz de comercial representou para a avó uma mudança em sua vida, levantamos a possibilidade de que tenha sido porque ela conseguiu encontrar uma saída subjetiva para algo que antes era sentido como uma opressão, quer dizer, ao se tornar atriz, consegue dar sentido à necessidade de manter as *aparências*, tornando menos penosa essa tarefa. Mais do que isso, ela poderia brincar, em uma acepção também winnicottiana de criatividade (Winnicott, 1989), de ser outras coisas além da “boa moça”, como pudemos constatar em um dos vídeos de que participou, em que mais parecia uma “senhora ranzinza”, oposto de sua imagem habitual. Essa possibilidade de não só poder ser outras coisas, como também poder ser outras coisas sem ameaçar sua autoimagem, poderia ser algo bastante libertador.

A avó contou que a motivação inicial dela em começar a usar a TIC foi para mostrar para os seus netos que ela tinha capacidade para tanto e que ela não era uma “vovó burrinha” (Estela). Ela chegou a fazer um curso de computação e depois adquiriu um celular e em seguida um *tablet*. Ela referiu que usava bastante a tecnologia e que pretendia dispensar seu celular em breve e ficar apenas com o *tablet*, que já possuía todas as funções de que necessitava, incluindo ligação telefônica. Os seus recursos preferidos eram o “WhatsApp” e o “Messenger”, embora também utilizasse o “Facebook” e o “Instagram”, assim como o “Skype” para falar com os parentes que atualmente moram fora do país. Quer dizer, pela escolha de seus aplicativos, vemos que, à diferença de Laura, esta avó parecia preferir a comunicação textual em detrimento da visual.

Além de lhe permitir novas conexões e oportunidades, o uso da TIC parece ter sido uma forma de a avó mostrar que é capaz de se manter atualizada, que é capaz de falar a mesma linguagem que a dos netos. A literatura confirma que é crescente o número de avós que vem buscando os recursos digitais *por causa* dos netos (Dias, 2017). A possibilidade de maior acesso aos netos, inclusive aos que moram longe, pode ter sido uma motivação significativa que a tecnologia também propiciou à Estela, ao sentir que seria capaz de ser uma avó presente para

eles. Diferentemente dos outros avós entrevistados, que não tinham netos morando no exterior, talvez o fato de alguns dos netos desta avó morarem longe tenha sido uma motivação mais forte para impulsioná-la a buscar a TIC, apesar de ela não ter citado isso quando questionada sobre o assunto.

Foi uma constante em todas as duplas participantes a inversão geracional motivada pela tecnologia. Nessa última também verificamos que a neta ensinava a avó quanto a esses recursos, embora Estela também se valesse da ajuda da filha primogênita, com quem morava junto. Entretanto, a avó disse que pelo fato de a filha ser mais ocupada, nem sempre com tempo para auxiliá-la, o que indica que frequentemente a aliança entre avós e netos adolescentes pode ser mais proveitosa em situações como essa, por exemplo.

A principal finalidade de Estela ao usar a TIC era para se comunicar, igualmente com familiares e amigos. Mais do que isso, a TIC para ela representou uma abertura para o mundo e o acesso a grandes oportunidades. Por meio dela, pôde expandir o seu contato com amigos, atividades e trabalho. Um detalhe interessante que a avó comentou é que tinha acabado de comprar seu novo *tablet* com o dinheiro que recebera do trabalho no comercial, como se fechasse um ciclo e uma conquista levasse à outra; esse detalhe também reforça a sua conquista de independência. Ela mantinha uma concepção muito favorável em relação à tecnologia e praticamente não via nenhum aspecto negativo nela, diferentemente dos outros avós entrevistados, que sempre tinham alguma ressalva. Estela parecia ter um encantamento pela TIC, como alguém que acaba de descobrir algo novo e permanece em um estado de fascinação. De fato, a tecnologia parece ter lhe trazido muitos benefícios, além de representar uma possibilidade de autoafirmação de sua potência, quando diz que queria provar que era capaz de dominar esse recurso, por exemplo. Podemos observar que é como se os eletrodomésticos, as máquinas e os aparelhos eletrônicos acompanhassem a trajetória dessa avó e cada um significasse um marco ou um símbolo em sua vida, como se a guiassem sempre em direção ao ganho de uma maior independência: primeiramente o fogão que comprou com o dinheiro próprio, depois o carro, quando foi professora de condução, seguido da televisão que comprou logo após o falecimento do marido, e atualmente os *gadgets* e novamente a televisão, mas agora “atrás” das telas, como expectada e não apenas telespectadora, tornando os outros seus expectadores.

Dentre todos os participantes, Estela parecia ser aquela mais entusiástica com relação às novas tecnologias, quase não identificando aspectos negativos nela, diferentemente dos outros; ela parecia estar encantada com a descoberta desse “mundo novo”, que é o virtual. Além disso, também se teve a impressão de como se essa avó realmente tivesse conquistado uma

mudança subjetiva em sua vida recentemente, e como se sentisse realizada no atual momento de sua vida.

Sabrina também utilizava bastante a TIC, essencialmente o computador e o seu *smartphone*. Os aplicativos mais acessados por ela eram o “WhatsApp”, assim como sua avó, mas diferentemente dela gostava do “Instagram” também. Do “Facebook” fazia uso, mas não com tanta frequência quanto os outros dois. Ela costumava se comunicar mais com os amigos do que com os familiares e para os estudos fazia pouco uso. A neta relatou que “o celular está sempre comigo” (Sabrina), o que reforça a ideia de que o celular cada vez mais tem passado a ser uma extensão do corpo (John, 2017). A neta afirma:

Mas também acho que, é... tipo [...], às vezes minha mãe fala: “ah, você tá muito no celular, muito não sei quê, tem que deixar o celular...” , é que se, se eu sair eu acabo, tipo, meio que me desconectando do mundo, sabe, porque tudo acont, tudo da minha, das minhas amigas acontece ali, então, n, tipo, não tenho como eu ficar muito tempo, assim, longe do celular. Se fosse antigamente acho que ia ser melhor, assim. Pra elas, pras, pras [...], pras pessoas (Sabrina).

É interessante perceber esse outro paradoxo que a tecnologia causa: pois por meio dela é que se mantém conectado com o mundo, mas fora dela perde-se a conexão com o mundo, dado que concorda com as asserções de Mena (2017). Quer dizer, seria realmente como uma realidade paralela que se cria, sem que isso signifique falsidade, mas apenas um outro “ambiente” de existência subjetiva.

Apesar de Sabrina declarar que não há outra opção senão manter-se conectado, admite também que antes era melhor, quando as pessoas não ficavam tão presas às telas e faziam atividades mais diversificadas, bem como tinham mais contato pessoal entre si. Algo semelhante à primeira dupla também aparece aqui, pois enquanto a neta dizia preferir a época de sua avó, esta referiu achar o presente muito melhor, essencialmente devido à maior liberdade que há para as mulheres. Mas se trataria de uma situação assimétrica, já que só os avós puderam vivenciar ambas as épocas, enquanto as netas da primeira e desta dupla apenas a atual.

Também é interessante pensar sobre sua preferência pelo uso do “Instagram”, um aplicativo cuja proposta é a comunicação por meio de fotos. Comunicar-se por meio de imagens em vez de palavras, para alguém tímido como esta neta, como ela mesma se descreve, tornar-se-ia uma alternativa para lidar com a própria inibição, pois ao mesmo tempo em que a foto ou imagem possibilitam já transmitir uma mensagem, permitem também não ter que se expor totalmente, ou seja, é uma exposição mais protegida. Neste sentido, a TIC permitiria novas formas de comunicação, pois embora as fotos não tenham sido um advento inaugurado por ela, o que a TIC propiciou mais recentemente foi uma comunicação massiva ou pública por meio

delas. Além disso, vemos um paralelo entre Sabrina e Estela nessa preferência em se comunicar pela própria imagem, talvez fruto de uma transmissão psíquica familiar, uma vez que esta também parecia se sentir muito à vontade em ter sua imagem publicada nas mídias.

Ambas mostravam interesse pela tecnologia, mas a neta parecia ter uma postura mais cautelosa em relação a ela do que sua avó, falando, por exemplo, das armadilhas que ela apresenta, como permitir mais facilmente a dissimulação de alguma característica, algo semelhante à percepção de Carol, especialmente, e também presente nos demais participantes. Embora Estela tenha concordado com Sabrina quanto a esse aspecto, parecia estar mais em favor dos ganhos que a tecnologia proporciona. Essa impressão sobre a falsidade e dissimulação, compartilhada por todos os participantes, parece apontar para o quanto o contato virtual se mostra fragmentado, dividindo a subjetividade em essência e aparência.

Sobre a questão das dimensões público e privado é possível observar diferenças geracionais. Estela descreve um episódio, em que um de seus netos, que vive na Austrália, lhe telefonou via “*Skype*” em um momento em que ela ainda se encontrava na cama, pela manhã, desarrumada e com cabelo desalinhado. Enquanto para ela foi um tanto embaraçoso ser encontrada desta forma, para os mais jovens isso provavelmente seria visto com naturalidade, e, às vezes, há até mesmo uma intenção em revelar a própria intimidade. O conceito de intimidade se altera hoje (Sibilia, 2017) e praticamente tudo pode ser mostrado. Haveria algo que ainda não seria permitido publicar? Ainda seria possível falar em intimidade? Observamos, não obstante, que expressar algo para uma massa é diferente de expressar algo para um outro. Se não fosse por meio das vias virtuais, teriam coragem as pessoas de tornar públicos os mesmos conteúdos que o fazem por essas vias?

As duas também entendiam que a TIC facilitava a relação delas e ajudava a torná-las mais próximas. Elas afirmaram que trocavam frequentemente mensagens via “*WhatsApp*”, mais partidas da avó, que as enviava praticamente todas as manhãs para Sabrina e às vezes também à noite. O conteúdo das mensagens trocadas entre elas era geralmente motivacional ou para saberem como cada uma estava; algumas das mensagens que a avó enviava eram automáticas, como orações, que mandava também para outros contatos seus. Ocasionalmente usavam o “*Facebook*” e um pouco o “*Instagram*”, meios em que a avó costumava “curtir” e comentar as fotos da neta. Assim como a dupla anterior, aqui também é possível observar que elas se comunicavam visualmente, embora podemos ver também que o fato de a avó não usar tanto os aplicativos, cuja linguagem é predominantemente visual, pode indicar que não havia um encontro virtual tão proveitoso entre elas quanto entre Brenda e Laura, por exemplo, que passavam a impressão de estarem mais sincronizadas nas redes. Refletimos também sobre a

diferença entre enviar uma mensagem automática e uma mensagem personalizada, pois no primeiro caso é como se não houvesse uma personalidade ou uma espontaneidade. Notamos que esta era a única avó que relatou fazer uso desse tipo de comunicação, o que parece coerente com o tipo de vínculo desta dupla, mais distanciado¹⁴.

A impressão que se tinha desse disparo de mensagens diárias pela avó para a neta era de como se prestasse mais para cumprir uma obrigação do que realmente se aproximar ou interagir com ela. É possível que a comunicação virtual neste caso servisse mais para aplacar um sentimento de culpa da avó por não ser mais presente na vida de sua neta do que realmente para se comunicar com ela. Nesse sentido, as mensagens em si já seriam carregadas de uma conotação negativa, marcada por uma culpa e não por um prazer do estar junto. Caberia investigar o quanto dessa carga subliminar pode ser captada pelo receptor por meio dessa outra via de comunicação, a digital.

Estela parecia fazer questão de mostrar que estava incluída em diversos grupos de conversa do “*WhatsApp*”, como o das colegas da ginástica e outro das do teatro, por exemplo, além de dois grupos da família, um da dela própria e outro da família de sua nora, mãe de Sabrina. A neta, pelo contrário, não estava incluída em nenhum deles. Queria ela ficar de fora da família? A tecnologia parece tornar mais explícita a inclusão ou a exclusão, quando ocorrem, contanto tais dinâmicas existam independentemente dela.

Enquanto estavam sendo interrogadas sobre esse tema do grupo da família no “*WhatsApp*”, surgiu um mal-entendido que naquele momento não encontrou resolução. Ao saber que a neta não estava inserida em nenhum dos dois grupos, a avó reagiu pedindo para Raquel que a incluísse, ao que esta retrucou explicando que a própria Sabrina tinha saído do grupo. A neta, entretanto, afirmou que não saíra, pois nem chegara a ser incluída, em um tom ligeiramente ressentido. Elas discutiram isso por um momento, mas não conseguiram chegar a uma conclusão de quem estava com a razão. Todavia, sem muita dificuldade elas poderiam acessar os dados do grupo armazenados e tirar a prova. É interessante como a máquina possibilita uma “*memória sem recalque*”, como afirma J. Jerusalinsky (2014, p. 51), uma vez que tudo arquiva com rigor e ordem, diferentemente do aparelho psíquico humano, que peca em precisão e deixa margem para desentendidos como esse.

---

¹⁴ Não obstante, em uma entrevista realizada, não incluída nesta análise, entre um avô de 78 anos e um neto de 15 à época, também se verificou extenso uso de mensagens automáticas por parte daquele sem que isso implicasse um vínculo distante e ainda que tais mensagens enfadassem o neto. De todo modo, essa prática parece ser mais corrente entre as pessoas mais velhas, tanto que não foi observada em nenhum dos participantes mais jovens, seja os das entrevistas selecionadas, seja os das não selecionadas para a pesquisa.

Na opinião delas, apesar de dizerem preferir o contato presencial, consideravam que a TIC facilitava a relação, pois permitia aumentar o contato entre elas, isso de acordo com a dupla. Sabrina complementou dizendo que a tecnologia tinha sua importância elevada na medida em que a avó a visitava pouco, ajudando a suprir a sua falta. Vale observar que Sabrina não chegou a conhecer nenhum dos seus outros três avós e que o maior afastamento entre esta dupla vai ao encontro da literatura, no tocante à avó paterna ser mais distante do que a materna, de uma forma geral (A. C. Ramos, 2011). Também lembramos que um avô, ou avó, pode ser materno para alguns netos, como Estela era para Pablo, e paterno para outros.

Sobre a função dos avós na família, cada uma tinha uma visão divergente, Estela considerando que seria mais próxima de educar os netos e Sabrina avaliando que seria a de agradá-los, embora também fale da importância da transmissão de conhecimento que os mais velhos têm a oferecer. Ainda para esta última, a tecnologia não teria interferido no papel dos avós no seio familiar, a não ser no fato de poder aproximar mais as gerações. Já sua avó entendia que a tecnologia tinha interferido, sim, sobre essa função, de forma positiva, ajudando a dar mais visibilidade aos mais velhos, por exemplo. Sabrina ainda referiu que a diferença entre ser filha e ser neta é que sua avó não briga com ela e nem lhe exige que faça coisas, ao contrário, busca apenas mimá-la.

Um dado relevante citado por Estela foi quanto ao fato de ter sido muito “*bajulada*” (Estela) pelos seus avós:

É... eu brincava muito com ela [a avó paterna]. E era assim, era, os avós eram muito, eu era apaixonada por eles. Tava sempre, né, na casa deles. Na época meu avô tinha uma chacarazinha, na, antigamente, naonde é São Miguel Paulista, hoje não é mais aquilo lá [...], tinha muitas chácaras, né, então... e era muito gostoso (Estela).

Ela conheceu e teve contato com seus quatro avós, dos quais sentia muita afinidade pela paterna. Tanto aqui como nas primeira e terceira duplas verificamos que, apesar de os avós de antigamente serem considerados mais autoritários ou formais (Paula et al., 2011), pelo menos para esses três avós participantes – Ibrahim não chegou a ter contato mais estreito com seus avós –, eles eram figuras bastante importantes no que se refere a suporte afetivo, por exemplo. Note-se que no caso de Estela ambos os seus pais trabalhavam fora de casa, enquanto no caso de Laura, embora a mãe ficasse em casa, possuía dez filhos, o que supostamente a tornaria bastante ocupada, o que reforça a relevância desse tipo de suporte. Quer dizer, embora essa reduzida amostra não permita amplas generalizações para as relações de avós e netos de antigamente, essa constatação contribui para desmistificar a concepção de que os avós de antes eram mais frios, pois mesmo que tais relações fossem diferentes, talvez mais marcadas pela rigidez, o que parece importar é que, para esses avós entrevistados, esse contato foi muito

significativo e amoroso. Por exemplo, Estela relata que, embora tenha chegado a apanhar da avó, ainda assim se sentia muito amada e próxima dela. Isso vai ao encontro dos achados do estudo de Paula et al. (2011), a respeito de o fato de os avós de antes terem mais autoridade não excluir a existência de afetividade na relação com seus netos.

A interação entre esta quarta dupla se dava prioritariamente pela TIC, pois, como relatou Estela, conversavam mais por meio de mensagens virtuais do que quando estavam juntas presencialmente. Por que razão interagiam mais pela via virtual do que ao vivo? A tecnologia seria “culpada” por afastar avós e netos, ou muito pelo contrário? O contraste entre as três duplas anteriores e esta parece indicar que a tecnologia não estaria prejudicando o vínculo desse tipo de relação, pelo menos não em um nível crítico. Quer dizer, não parece ser o caso que a ausência da TIC faria com que Estela e Sabrina interagissem mais, embora também não seja uma certeza, claramente.

Desta dupla, particularmente, ficou-se com a impressão de que, se não existisse a TIC, iriam interagir menos ainda, diferentemente das duplas anteriores. É curioso que, durante a entrevista, mais de uma vez a neta falou de uma forma que transparecia um certo ressentimento de a avó não a procurar tanto quanto gostaria, ao passo que a avó, quando estava só com a pesquisadora, comentou que sentia que sua neta não se abria muito com ela. Parece que ambas se ressentiam de um certo distanciamento entre elas, atribuindo sempre uma justificativa à outra. Ou seja, é como se só não fossem mais próximas porque cada uma parecia julgar, no seu íntimo, que a outra não estava tão envolvida como se esperaria e por isso uma aguardasse a outra se manifestar primeiro para então dar o segundo passo em direção à aproximação da relação. Um detalhe relatado por Estela dá apoio a essa percepção, pois ela falou que gostava de se comunicar com sua neta pela via virtual porque era uma forma de entrar em contato com ela sem sentir que estava invadindo seu espaço. Embora essa possa parecer mais uma desculpa para justificar sua não aproximação da neta, é possível que realmente pudesse haver um distanciamento por parte desta também, algo que pode ser típico da fase da adolescência. Em termos do vínculo (Berenstein, 2011; Puget, 2015), seria conceber a ideia de uma barreira que é erigida a fim de bloquear a permeabilidade das trocas e da presença do outro.

Ao mesmo tempo em que esse exemplo comentado por Estela vai ao encontro da concepção de que a tecnologia leva ao esfriamento das relações (Zanetti & Gomes, 2012), pois revela um tipo de vínculo mais distanciado, mostra também que isso não necessariamente é um atributo negativo e pode ser entendido como uma forma de aproximação delicada e respeitosa em relação ao outro. A ideia que parece estar contida nisso é a de que a comunicação virtual levaria a um tipo de vinculação atravessado sempre por um mediador, que pode ser entendido

como o próprio dispositivo eletrônico, as telas ou a dimensão virtual. Neste sentido, a comunicação virtual implicaria uma barreira.

Um conceito trabalhado por Puget (2015) que nos parece de valia aqui é o jogo que ela traça entre o princípio da incerteza e a previsibilidade. Se por um lado a tecnologia tenderia à incerteza, pois seu desenvolvimento acelerado acentuaria uma sensação de descontrole, também parece remeter a um estado de coisas cada vez mais previsível, controlado e estereotipado, inclusive em se tratando dos vínculos. Desta forma, não sabemos até onde a TIC nos levará, mas se isso faz parte da angústia humana, a angústia também faz parte da vida. Como fala J. Jerusalinsky (2017b), cada momento histórico traz as suas formas de mal-estar.

Concluimos a análise deste caso constatando uma vez mais como determinados aspectos subjetivos podem se manifestar na dimensão virtual também, ou ainda, como o plano virtual pode revelar certos elementos ou conteúdos psíquicos, inclusive inconscientes. Nesta dupla, destacou-se a questão do desejo de ser vista e de não ser vista. Quiçá a aceitação em participar da pesquisa por parte de Estela tenha relação com esse desejo de ser vista, pois seria uma forma de ser vista pela pesquisadora e de ser “lida” por quem quer que tenha contato com esta pesquisa. Talvez tenha sido um “sintoma” da análise desta dupla a maior atenção dedicada à avó em detrimento da neta, e pensamos que isso pode indicar, justamente, o quanto aquela tinha maior desejo em aparecer e ser notada e o quanto o embotamento de Sabrina fazia com que ela ficasse apagada, revelando pouco de si mesma e tornando difícil o acesso a ela. Todavia, cremos não ser o caso de “corrigir” essa desproporção, tentando nos aprofundar mais sobre a neta, por exemplo, pois entendemos isso como um dado que diz respeito à dinâmica do caso e ao vínculo da dupla.

A tecnologia pôde favorecer a dupla, mas reforçou a ideia de que é o vínculo que vai realmente ditar o quão sua relação pode ser estreita ou não, pelo menos enquanto se estiver tratando de avós e netos, uma vez que ela não pareceu ser capaz de provocar uma aproximação maior entre Estela e Sabrina, mas apenas aliviar um pouco o sentimento de ausência de uma na vida da outra, como um paliativo.

Embora a cultura das *selfies*, da autoexposição e da “publicação” de si esteja mais associada às gerações jovens, verificamos que aqui foi a avó justamente que se destacou por essa prática e que parecia mais ligada a essa cultura do ser visto do que sua neta. Assim, a tecnologia realmente teria lhe servido muito bem, sendo um instrumento de potencialização do seu ser, uma vez que permitiu o acesso a inúmeras aberturas, como a atuação nas propagandas, o acesso a círculos de amizade, bem como a facilidade de acesso a cursos e atividades diversas. Aparentemente, o mundo virtual, para Estela, seria sinônimo de um lugar de liberdade e de

possibilidades, um espaço de liberação do próprio ser, oposto à repressão que sentira no passado. Isso confirma a opinião de Torres e Dias (2016; 2017) sobre o uso da TIC poder cada vez mais propiciar o protagonismo do idoso nos dias de hoje.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se as duplas, em cada uma delas sobressaíram-se determinados aspectos relativos à tecnologia já debatidos pela literatura da área. Na primeira, vimos a questão da inversão de gerações, do temor à invasão da privacidade e da falsidade na comunicação virtual; na segunda, destacou-se a possibilidade de controle e o efeito paradoxal do contato que a TIC gera; na terceira, prevaleceu a tentativa de preencher um vazio interior por meio da quantidade de contatos, além da questão de como o excesso de informação hoje altera a lógica da pulsão de saber; e na última dupla, pôde ser observada a exposição que a TIC permite, bem como as potencialidades para a população idosa propiciadas por ela. Ainda que em cada uma tenha se pronunciado um tema diferente, em alguns momentos eles se repetiam em mais de uma ou até em todos os participantes. A inversão geracional, por exemplo, foi uma constante, em maior ou menor grau, uma vez que todos os netos ajudavam seus avós a melhorar suas habilidades com a tecnologia.

É importante enfatizar de antemão que houve bastante variação na forma com que cada dupla utilizava a TIC entre si, indicando que, pelo menos atualmente, a TIC ainda pode influir sobre esse tipo de vínculo de diferentes modos, a depender de vários fatores. Dentre esses fatores, pareceram pesar: a idade dos avós, o grau de domínio que tinham com a tecnologia, a distância geográfica ou a frequência com que se viam, a qualidade do vínculo e, finalmente, a organização e dinâmica psíquica e vincular de cada um. Vemos como, no meio virtual, podem se manifestar tendências até mesmo opostas, à exemplo da primeira dupla, que mostra uma dinâmica contrária à da última no tocante à autoexposição, aquela parecendo se “esconder” do público enquanto nesta se buscava ser notada por ele, pelo menos no caso da avó. Esse dado apenas reforça a singularidade existente na subjetividade humana e em cada vínculo estabelecido. Isso poderia indicar que a tecnologia e o paradigma que vem acompanhado dela não estariam prejudicando a subjetividade humana, mas justamente pondo em evidência sua riqueza.

Uma das principais conclusões desta pesquisa foi a constatação de que a visão sobre a tecnologia, bem como o tipo de uso que dela era feito por cada um, estavam correlacionados com aspectos do funcionamento psíquico, seja do sujeito, seja do vínculo da dupla, ou mesmo da dinâmica familiar dos participantes. Esse resultado foi verificado em todos os participantes. Se é mesmo válido considerar que há um paralelo entre a dinâmica de funcionamento subjetivo e o tipo de uso que é feito da TIC e se a TIC tem cada vez mais aparecido na clínica, sobretudo no público jovem (John, 2017), então não seria descabido considerá-la como uma ferramenta

de análise na clínica. Serão precisas, todavia, pesquisas específicas nesse campo a fim de aprofundar a temática, já que essa é uma constatação preliminar. Lembramos também que não é novidade pensar que os aspectos subjetivos do sujeito sejam projetados na TIC, afinal, é um movimento natural que os conteúdos internos se projetem sobre o mundo externo e a tecnologia, como constituinte desse mundo externo, não seria exceção. Da mesma forma, outros elementos, como o indumentário ou a arte, por exemplo, também são reflexos de uma dada forma de existência subjetiva e podem ser utilizados como meio de compreendê-la. Então o que destacamos aqui é, justamente pensar como o uso que se faz da tecnologia também pode ser utilizado como instrumento de entendimento do ser humano, inclusive a partir do viés psicanalítico, por exemplo.

Ainda assim, entende-se que a manifestação da subjetividade humana no mundo virtual poderia conter algumas diferenças em relação a outros objetos da realidade externa, especialmente pelo fato de ela ser um elemento de rápida aceleração e mudança e de comportar, de alguma forma, alguma autonomia e atividade própria – observe-se que já são desenvolvidas tecnologias de inteligência artificial. O exemplo visto na primeira dupla, sobre como o corretor gramatical e os erros de digitação do avô se confundem, é uma boa amostra desse fenômeno, ou seja, de como, talvez, a máquina também começa a se projetar sobre o comportamento humano e essa seria uma diferença significativa.

Formas de agir, pensar e sentir estariam sendo afetadas pela tecnologia. As pulsões e desejos de cada um seriam amoldados segundo as novas possibilidades que a TIC oferece, vide o preenchimento compulsivo de um vazio por meio de contatos, como em Laura, ou a possibilidade de aplacar uma ansiedade por meio do controle sobre o outro, em Ibrahim. Em outras palavras, a tecnologia forneceria novos caminhos para a satisfação dos impulsos humanos.

Outra observação relevante foi o fato de que o contato virtual pareceu apresentar algum tipo de função com a qualidade do vínculo da dupla e com a frequência com que cada parte se encontrava presencialmente. A qualidade do vínculo pareceu aumentar a tendência a usar a TIC entre avô(ó) e neto(a), como na primeira e na terceira duplas, mas se essa qualidade for muito alta, como na primeira delas, diminui a tendência, possivelmente porque a TIC se mostra insuficiente e os indivíduos se esforçam mais para se verem pessoalmente. Mesmo a frequência dos encontros presenciais sendo grande, praticamente diária, como no segundo caso, ainda assim a TIC era utilizada, embora pouco, o que indica sua praticidade e utilidade em termos de agilizar a comunicação em situações mais práticas ou pontuais. Na terceira dupla, vemos que a frequência com que se viam também era alta, assim como o uso que faziam da comunicação

virtual, embora a avó entendesse que esse recurso havia usurpado parte da atenção dispensada a ela pela neta, pois, segundo Laura, a TIC faria acomodarem-se os indivíduos, que então se mobilizam menos para encontrarem os outros pessoalmente, como se ela ajudasse a suprir a saudade paliativamente. Entretanto, entendemos que ainda que a tecnologia seja um fator concorrente para o afastamento nessa dupla, parece provável que outros fatores tenham tido maior peso para tanto, como a entrada na fase da adolescência por Brenda e a própria dinâmica desta família. Enfim, a última dupla foi a única das quatro em que a convivência entre avó e neta era pequena. O uso dos meios digitais era mais frequente do que o contato físico, sendo a única dupla em que esse contato parecia mais impessoal, pois parte das mensagens trocadas eram automáticas, quer dizer, enviadas pela avó a uma massa de contatos virtuais e não especificamente endereçadas à neta. Pesquisas futuras sobre o tema poderiam incluir uma amostra de avós e netos morando em cidades diferentes, por exemplo, o que, supõe-se, poderia revelar dados diferentes.

Chamou a atenção que, embora todos os participantes vissem mais vantagens na comunicação virtual do que desvantagens, não houve nenhum deles que preferisse esse meio de comunicação à presencial. Podemos perceber que, pelo menos nessas duplas entrevistadas, o uso da tecnologia servia mais para uma funcionalidade prática – verificar como cada um estava passando ou mandar mensagens avisando algo específico –, do que para uma atividade prazerosa ou para o entretenimento entre a dupla; diferenciando-se do comportamento específico dos mais jovens, por exemplo, como vemos em Tobias com relação a seus amigos de jogo digital. Isso pode ser uma característica da comunicação virtual intergeracional entre pessoas mais velhas com outras bem mais jovens, ainda que haja exceções¹⁵.

Apesar de não ser uma amostra significativa em termos estatísticos, dos quatro netos entrevistados, observa-se que os dois mais novos, ou seja, Tobias e Brenda, faziam maior uso da TIC do que as outras duas netas, mais velhas. Embora a diferença de idades entre esses dois mais novos e as duas mais velhas não fosse tão grande, é possível que, devido à aceleração da tecnologia, tal diferença já seja suficiente para levar a modos e intensidades diversos de uso, mesmo em se tratando de gerações tão próximas.

Outra constatação significativa foi perceber que as duas avós participantes utilizavam mais a tecnologia do que os avôs, e inclusive mostravam maior interesse por ela, bem como se

---

¹⁵ Em uma outra entrevista não selecionada para esta análise, realizada com uma dupla de avó materna, de 60 anos, e neta, de 12 anos, pôde-se verificar um uso intenso da tecnologia, inclusive como meio lúdico de interação entre elas. Note-se, todavia, que essa avó era relativamente mais nova do que os quatro avós das entrevistas aqui consideradas, fator que pode ter contribuído para gerar essa exceção.

beneficiavam mais dela. Isso pode ter relação com o fenômeno de feminização da velhice, que diz respeito à maior participação do segmento feminino de idosos na vida social, e, por contraste, à retração da população idosa masculina dos espaços de sociabilização (Ferrigno, 2013).

As netas da primeira e da quarta duplas falaram do problema da dissimulação presente no meio virtual. Os outros dois netos também consideraram que o contato presencial permite compreender e saber com maior precisão o que está se passando com a outra pessoa, o que reforça a ideia da existência de um problema de falta de veracidade no contato virtual. Os avós também citaram algo nesse sentido, mas o fato de os netos terem dado maior ênfase a esse ponto pode indicar o quanto essa é uma problemática concernente às gerações mais novas.

Assim, o tema da falsidade ou da criação de “máscaras” por meio da TIC foi outra constante. No entanto, pensamos também no porquê da necessidade de separar a realidade entre real e falso, já que, uma vez existentes, ambas as dimensões seriam reais. Quer dizer, segundo essa lógica, também a falsidade comporia parte de um todo, real. Se uma pessoa é considerada falsa, essa falsidade não seria parte de sua personalidade, e daí ela ser tão real quanto a sua “realidade”? Essas reflexões apontam para a possibilidade de que os tempos atuais comportem dimensões que, se anteriormente já foram consideradas separadas e contraditórias, hoje podem coexistir de forma natural.

Os achados desta pesquisa endossam a existência de uma tendência de inversão de gerações, como já vem sendo apontado pela literatura (A. Jerusalinsky, 2015). Se anteriormente isso era apenas uma fantasia, como decorrera Jones (1913/1938), hoje assistimos à sua realização. É possível, entretanto, que essa tendência não seja uma constante e que as gerações possam ir se igualando conforme a população idosa for se inserindo no mundo virtual cada vez mais. Também parece válido considerar a possibilidade de que o contínuo e rápido avanço tecnológico nunca permita fazer as gerações mais antigas alcançarem as mais novas, mesmo futuramente, demarcando sempre essa inversão de gerações. Esse é um aspecto central o qual ainda não é possível saber com mais exatidão.

Se em uma era da informação o saber é central, este estudo mostra também o quanto é importante e ao mesmo tempo angustiante suportar a impossibilidade de saber tudo. A tecnologia, particularmente, convoca esse tema fortemente e mostra outra faceta paradoxal, uma vez que fornece uma quantidade enorme de informação, de um lado, e de outro nos deixa cada vez mais desorientados quanto ao devir, em consequência de sua imprevisibilidade, como já discutido por J. Jerusalinsky (2017b). Em certa medida as gerações mais velhas vêm sendo destituídas de seu lugar de saber, então, talvez, sua contribuição hoje seja a de auxiliar as

gerações mais novas a suportar o não saber, uma vez que atualmente são as primeiras que se encontrariam mais próximas dessa posição.

A análise do material da dupla Carol e Carlos põe essa questão em evidência, pois, enquanto a neta tinha um ritmo frenético de busca por atualização e urgência em responder à demanda alheia, seu avô ajudava a contrabalancear essa ânsia, falando que olhava para o celular apenas quando queria, respeitando seu próprio ritmo. Apesar de essa poder ser uma tendência atual, claro está que ela não reflete uma generalização absoluta, de modo que se deve ter em mente que cada geração sempre conserva a(s) sua(s) própria(s) forma(s) de saber. Em concordância com Ornellas (2017), pensamos também que a psicanálise possa ser um instrumento útil nesse sentido, como mantenedora da possibilidade de reflexão, para além de um saber sólido e fechado ao novo, simplesmente.

A tendência à inversão, ou talvez à igualação, intergeracional também faz pensar sobre os processos de transmissão psíquica que se dão no seio familiar, entre as gerações, pois como considerar esses processos a partir de uma lógica invertida? Por ora, tivemos algumas pistas de como a tecnologia poderia estar, sim, afetando os processos da transmissão, ainda que indiretamente, por estar influenciando sobre os processos de identificação e de simbolização por sua vez, fundamentais para aqueles.

Como pensar em uma experiência compartilhada apenas pela dimensão do tempo, mas não do espaço? Ou mais, uma experiência compartilhada por meio do espaço, mas não do tempo? Seria um vínculo pela metade ou sequer seria possível falar em um vínculo ainda? Se um encontro pressupõe justamente que tempo e espaço coincidam, como pensar em um vínculo que se passa apenas na dimensão do tempo, algo impossível até então? A princípio, se poderia argumentar que uma relação que se passa no plano virtual ainda assim preservaria ambas as dimensões, com a diferença de que ela se passaria no espaço das telas, ou virtual, por exemplo. Embora isso possa ser verdadeiro, entendemos que ainda assim haja diferenças e que tais diferenças incidam sobre a forma de os indivíduos se vincularem uns com os outros na contemporaneidade, um tema central aqui.

Constatou-se também que a comunicação virtual pode oferecer novas possibilidades de comunicação ou expressão, como vemos em Sabrina, por meio da publicação de fotos, e em Brenda, ao conseguir se abrir mais pela via virtual. Daí a complexidade desse tipo de comunicação ir além de alguns pareamentos conhecidos: plenitude-falta, desejo-demanda, necessidade-desejo, dependência-autossuficiência, eu-outro, sujeito-objeto, exigindo novas rearticulações na contemporaneidade, pelo menos em parte devido à influência das TICs.

Enfim, entendemos ser uma questão central aqui também depreender, afinal, se a TIC facilitou, prejudicou ou foi neutra no vínculo das duplas. Por tudo o quanto foi possível observar, considera-se que houve discrepâncias de seus efeitos entre elas. Na primeira dupla, ela complementava a relação entre avô e neta, muito embora não tivesse uma importância maior do que um complemento apenas, já que o contato presencial era muito mais satisfatório; na segunda e terceira, ela gerava um efeito paradoxal ou ambíguo, implicando tanto em aproximação quanto em afastamento; e, na quarta dupla, a tecnologia parecia ser praticamente o único elemento de ligação entre avó e neta, o que leva a avaliar sua influência de forma positiva para o vínculo.

Nas três primeiras duplas, embora todos os participantes entendessem que a TIC mais ajudava a relação, na visão deles ela também sempre trazia algum porém. A quarta dupla foi a única para a qual a tecnologia apenas acrescentou, talvez por não terem um vínculo tão próximo, o que fazia com que julgassem que o pouco que tinham, por meio do contato virtual, já fosse de grande valia. Apesar disso, vemos que a TIC também não pareceu ser capaz de fazer emergir um vínculo onde ali não havia. Ou seja, no entendimento de todos os participantes, a TIC mais facilitava a relação do que a prejudicava, mesmo eles tendo algumas ressalvas – inclusive para Ibrahim, o participante com maior resistência a elas e o mais idoso.

Com exceção de Tobias, que não se manifestou quanto a isso, todos os outros participantes entendiam que os mais idosos têm mais dificuldade em lidar com a TIC. Os motivos que apresentaram variaram um pouco, mas essencialmente poderiam ser resumidos na falta de habituação ou “preguiça mental” (Laura) que essa população teria, o que vai ao encontro do conceito de inércia psíquica de Freud (1937/2006), sobre essa mesma população. Apenas Brenda chegou a pronunciar que haveria exceções.

Sobre o papel dos avós na família, os três primeiros avós tiveram novo sentido ao alcançarem essa função. Também na quarta avó vemos um sentido de renovação, mas mais ligado ao seu primeiro neto e não tanto com a neta que foi seu par na entrevista realizada. Todos os avós colaboradores tiveram participação importante nos cuidados dispendidos aos netos, e o fato de a quarta avó ter exercido essa função mormente com relação ao seu primeiro neto, filho de sua filha, e não tanto com as netas filhas de seu filho, encontra respaldo na literatura, quanto à avó materna especialmente ser mais próxima de seus netos (Arrais et al., 2012).

Pudemos constatar nas duas avós uma forte identificação com o papel de cuidadoras, típico do modelo feminino dessa geração. Ainda nelas percebeu-se que, em alguns aspectos importantes, suas atitudes se davam em oposição às de suas próprias mães – Laura fazendo

questão de passar seu conhecimento às netas e Estela apresentando uma postura submissa. Isso denotaria uma espécie de reversão sofrida pelo conteúdo transmitido entre mãe e filha.

Já nos avôs, para além de um sentido de renovação, tornar-se avô teve uma conotação de uma segunda chance ou de reparação, de poder fazer diferente do que fizeram enquanto pais. Em ambos havia um sentimento de insuficiência neste último papel, devido ao excesso de trabalho, somado a problemas pessoais no caso de Carlos. Se para este foi natural assumir uma postura mais afável com relação à sua neta, para Ibrahim parece ter sido mais difícil fazer uma mudança em direção a uma atuação mais ligada ao cuidado, mudança esta que vem ocorrendo com os avôs ultimamente devido às transformações nos papéis de gênero (Dias, 2016). De todo modo, para todos os avós a avosidade foi sentida com prazer e satisfação e como uma renovação em suas vidas.

Viu-se que os três avós maternos entrevistados tiveram importante participação no cuidado dos netos, contribuindo com seus filhos e genros ou noras; também Estela apresentou grande contribuição, conquanto com relação ao seu neto mais velho. Isso mostra a atuação significativa dos avós como principal retaguarda na família quanto a esses cuidados (Dessen & Braz, 2000).

Coincidentemente ou não, para as três netas entrevistadas, os avós ainda conservariam um lugar de saber e de superioridade. O neto do gênero masculino, assim como Brenda, deu ênfase à função dos avós como sendo a de unir a família. Os avós tinham uma concepção ligeiramente diferente da dos netos, contanto apresentassem pontos em comum com eles. Para Carlos, a atuação dos avós estaria ligada à sinceridade e respeito, enquanto Ibrahim fala de poder influenciar os netos, além de unir a família também. A avó da terceira dupla acreditava na importância dos avós na sustentação, segurança e proteção da família, como se fossem o seu “porto-seguro” (Laura); e a última avó entrevistada apostava em uma linha semelhante à anterior, no sentido do cuidado dos netos e no suporte emocional e educacional deles.

Também foi significativa a observação de que os avós participantes referiram, à exceção de Ibrahim, relações muito estreitas e afetivas com seus próprios avós, contribuindo para amenizar a ideia de que os avós de antigamente eram apenas rígidos, autoritários, distantes ou formais, como mencionado acima.

Foi relevante a percepção de que Ibrahim, o avô que mais parecia ter dificuldade em se aproximar de seu neto, era justamente aquele que não teve uma vivência próxima com os seus avós, denunciando como a falta dessas referências ou desse contato talvez possa ter afetado sua capacidade em exercer sua avosidade.

Os resultados aqui encontrados igualmente apresentaram interessantes contribuições dentro do campo da psicanálise vincular, no que se refere ao vínculo avós-netos, especialmente verificadas na primeira dupla. Talvez seja plausível considerar a possibilidade de que um complexo de Édipo “trigeracional” seja uma dinâmica não exclusiva dessa dupla entrevistada, o que significa que essa organização poderia ser encontrada em outras famílias, o que levaria, por sua vez, à possibilidade da proposição de um modelo de funcionamento familiar específico, ainda que com algumas variações, dado a partir desse tipo de configuração.

Lembramos ainda que os achados aqui se referem especificamente às dinâmicas envolvendo a influência da tecnologia no vínculo avós-netos, de forma que não quer dizer que se apliquem a outros tipos de vínculo, ainda que alguns deles possam, talvez, ser extrapolados para outros tipos de casos. Cremos, por exemplo, que a influência da TIC sobre os vínculos amorosos, em especial aqueles que têm seu primeiro contato por meio dela – ou seja, situações em que a tecnologia provocou o vínculo –, revelaria dados diversos dos aqui apresentados.

Se a tecnologia causa fascínio e horror e se esse horror está ligado à imprevisibilidade que ela gera (J. Jerusalinsky, 2017b), então pensamos, a partir de Puget (2015), em como podemos começar a suportar melhor essa imprevisibilidade, pois, como lembra J. Jerusalinsky (2017b), chegamos em um ponto sem volta e a tecnologia não parece regredir.

Ao longo desta pesquisa, embora em alguns momentos tenham se destacado mais os problemas associados à TIC na atualidade do que as qualidades positivas que esse recurso poderia acrescentar à vida humana e aos vínculos, salientamos, finalmente, o quanto isso pode ser reflexo de uma reação inicial frente a um fenômeno relativamente novo e daí a importância de começar a considerar suas potencialidades, como já destacadas por alguns autores, como Castells (2013) e Nicolaci-da-Costa (2002; 2003). Afinal, não poderia haver vantagens na influência digital sobre a subjetividade e sobre os vínculos? A tendência à horizontalização e à diminuição das hierarquias entre as gerações não poderia implicar em benefícios também? E no futuro, será que a TIC poderá aproximar ou afastar avós e netos? Como serão os netos de hoje, quando se tornarem eles avós, dado o seu contato com a tecnologia?

O que parece possível depreender no momento é que, possivelmente, a própria tecnologia passará, cada vez mais, a constituir um conteúdo de transmissão psíquica e, se hoje se questiona o quanto os mais velhos perdem seu posto de saber para a internet, fonte de infundável informação, com o decorrer dos anos é possível que esse elemento cultural vá sendo embutido no seio familiar e transmitido pelas gerações.

Se a tecnologia eventualmente é associada ao esfriamento dos vínculos humanos e a prejuízos para os mais idosos, como expusemos no decorrer desta pesquisa, seria possível

afirmar que a TIC estaria afetando o papel dos avós na família contemporânea, ou que poderia fazê-lo futuramente? Os resultados aqui analisados não parecem apontar para essa direção, uma vez que os netos conservavam uma relação de respeito e/ou proximidade para com seus avós e vice-versa, e, mesmo quando havia conflitos ou um distanciamento do laço, aparentemente se davam por outros motivos, que não pela tecnologia, ou pelo menos não prioritariamente por ela.

Em suma, observa-se que a tecnologia favorecia a relação entre avós e netos em algumas situações e em outras a obstaculizava. Entretanto, ainda assim em nenhum dos casos ela teve o poder de fazer emergir ou de comprometer o vínculo entre eles. Ou seja, o vínculo seria fator suficiente e determinante para ordenar a qualidade da relação entre avós e netos, pelo menos nas quatro duplas aqui investigadas.

REFERÊNCIAS¹⁶

- Aber, S. & Attias-Donfut, C. (2000). *The Myth of generational conflict: the family and state in ageing societies*. New York: Routledge.
- Aberastury, A. (1988). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abraham, K. (1961). Algunas observeciones sobre el papel de los abuelos en la psicología de la neuroses. In K. Abraham, *Estudios sobre psicoanálisis y psiquiatría* (pp. 42-45). Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1913).
- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Aguilhar, L. (2017, 3 de março). Receita para um detox digital. *Estadão*, versão on-line. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/blogs/ligia-aguilhar/receita-para-um-detox-digital/>>. Acesso em 6 mar. 2018.
- Almeida, L. (2009). As mães e as filhas e as avós e as netas nas narrativas genealógicas. *Destiempos*, 4(19), 605-628.
- Almeida Prado, M. do C. C. de & Giovannini, N. F. R. (2001). Histórias de fantasmas: Quando a herança assombra. In T. Féres-Carneiro. *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 96-111). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Alves, P. P. & Mancebo, D. (2006). Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 45-52.
- Anjos, T. P. dos, Campos, J. V., Gontijo, L. A. & Vieira, M. L. H. (2014). Usabilidade e Acessibilidade de Moodle: Recomendações para o Uso do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem pelo Público Idoso. *Human Factors Design*, 3(5), 4-20.
- Aratangy, L. R. & Posternack, L. (2005). *Livro dos avós: Na casa dos avós é sempre domingo?* São Paulo: Artemeios.
- Ariès, P. (1973). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa, Portugal: Relógio D'água.

---

¹⁶ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Arrais, A. da R., Brasil, K. C. T. R., Cárdenas, C. J. de & Lara, L. (2012). O Lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. *Rev. Kairós Gerontologia*, 15(2), 159-176.
- Aulagnier, P. C. (1975). *La violencia de la interpretación: Del pictograma al enunciado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Avellar, L. Z. (2009). A pesquisa em psicologia clínica: reflexões a partir da leitura da obra de Winnicott. *Contextos Clínicos*, 2(1), 11-17.
- Azevedo, C. (2017). TIC e sociedades cada vez mais envelhecidas: uma contextualização de estudos no Brasil, em Portugal e em outros países. *Verso e Reverso*, 31(76), 14-25.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baltes, P. & Smith, J. (2006). Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. *Revista A terceira idade*, 17(36), 7-31.
- Baptista, A. & Jerusalinsky, J. (2017). *Intoxicações eletrônicas – O sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Barros, R. P de, Mendonça, R. & Santos, D. (1999). Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil. *Texto para Discussão – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)*, 686, 1-26.
- Battistelle, P. & Constantini, L. (1984). L'immagine dei nonni nei contenuti onirici manifesti. *Studi Urbinati*, número especial, 159-184.
- Battistelle, P. & Farneti, A. (1991). Grandchildren's images of their grandparents: a psychodynamic perspective. In P. K. Smith (Org.), *The psychology of grandparenthood: an international perspective* (pp. 143-156). Londres: Routledge.

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benghozi, P. & Féres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 112-118). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Bengtson, V., Rosenthal, C. & Burton, L. (1990). Families and Aging. In R. Binstock & L. George (Eds.), *Handbook of Aging and the Social Sciences*. San Diego: Academic Press.
- Berenstein, I. (2011). *Do ser ao fazer: curso sobre vincularidade*. São Paulo: Via Lettera Editora.
- Bernardino, L. M. F. (2017). Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos “outros” da infância contemporânea. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 146-165). Salvador: Ágalma.
- Boss, M. (1976). Solidão e comunidade. *Revista da Associação Brasileira de Daseinanalyse*, São Paulo, 2, 25-45.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Londres: Routledge.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carey, J. R. & Gruenfelder, C. (1997). Population biology of the elderly. In K. W. Wachter & C. E. Finch (Eds.), *Between Zeus and the Salmon: The biodemography of longevity* (pp. 127-160). Washington D. C.: National Academy Press.
- Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. de (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, 19(3), 433-441.
- Carli, D. M. de, Fontoura, L. M., Cafarate, L. S. & Kemmerich, G. C. (2011). Geração Y e a indústria de software do Brasil. In *Anais do VII Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação*, Salvador, BA, Brasil.
- Carreiro, T. C. (2001). Vinculações entre romance familiar e trajetória social. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 112-118). Rio de Janeiro: NAU Editora.

- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chaffin, C., Marchall, F., Kennedy, K. (Produtores) & Fincher, D. (Diretor). (2012). *O curioso caso de Benjamin Button* [Filme-DVD]. EUA: Warner Bros./Paramount Pictures.
- Chaland, K. (2001). Pour une usage sociologique de la double généalogie philosophique de l'individualisme. In F. de Singly (Org.), *Être soi d'un âge à l'autre* (pp. 31-43). Paris: L'Harmattan.
- Cicchelli, V. & Martin, C. (2004). Young adults in France: Becoming adult in the context of increased autonomy and dependency. *Journal of Comparative Family Studies*, 35(4), 615-626.
- Ciriaco, D. (2017, 3 de novembro). 70% do tempo gasto na internet acontece a partir de telefones celulares. *TecMundo*, versão on-line. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/123696-70-tempo-internet-celulares.htm>>. Acesso em 4 nov. 2017.
- Correa, O. B. R. (2002). A instituição família na tecelagem vincular. In O. B. R. Correa (Org.), *Vínculos e instituições: uma escuta psicanalítica* (pp. 67-84). São Paulo: Escuta.
- Correio 24 Horas. (2017, 26 de outubro). Arábia Saudita é o primeiro país do mundo a dar cidadania a robô. *Correio 24 Horas*, versão online. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/arabia-saudita-e-primeiro-pais-do-mundo-a-dar-cidadania-a-robo/>>. Acesso em 4 nov. 2017.
- Cotten, S. R., Anderson, W. A. & McCullough, B. M. (2013). Impact of internet use on loneliness and contact with others among older adults: cross-sectional analysis. *Journal of Medical Internet Research*, 15(2), 39-59.
- Cotten, S. R., Ford, G., Ford, S. & Hale, T. M. (2012). Internet use and depression among older adults. *Computers in Human Behavior*, 28(2), 496-499.
- Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Deleuze, G. & Gattari, F. (2011). *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34.

- Dellman-Jenkins, M., Papalia, D., Lopez, M. (1987). Teenagers reported interaction with grandparents: exploring the extent of alienation. *Lifestyles: a Journal of Changing Patterns*, 8, 35-46.
- Descartes, R. (1637/2000). *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus.
- Dessen, M. A. (2017). O apoio dos avós à família de seus filhos: uma perspectiva intergeracional. In *V Congresso Internacional A Voz dos Avós: Família e Sociedade*. Salvador, BA.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Deutsch, H. (1945). *The psychology of women*. Nova Iorque: Grune & Stratton.
- Dias, C. M. de S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*, 6(1/2), 34-38.
- Dias, C. M. de S. B. (2016). Avôs e bisavôs: percepções e vivências desses papéis. In L. V. de C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. do V. Zucoloto (Orgs.), *Paternidade na sociedade contemporânea: O envolvimento paterno as mudanças na família* (pp. 287-301). Curitiba: Juruá Editora.
- Dias, C. M. de S. B. (2017). Um panorama da produção científica sobre avós e netos no Brasil. In *V Congresso Internacional A Voz dos Avós: Família e Sociedade*. Salvador, BA.
- Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. da (1999). Papel dos avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família, entre a tradição e a transformação* (pp. 118-149). Rio de Janeiro: Nau.
- Dias, C. M. de S. B. & Silva, D. V. da (2001). Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Dias, C. M. S. B. & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicol. Estud.*, 8(n. especial), 55-62.

- Dias, C. M. de S. B., Costa, J. M. da & Rangel, V. A. (2009). Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 158-176). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Dufour, D-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Dunker, C. I. L. (2016). Teoria psicanalítica do amor pelos animais. *Revista Diversitas*, 5, 161-178.
- Dunker, C. I. L. (2017). Intoxicação digital infantil. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 117-145). Salvador: Ágalma.
- Dupuy, J. P. (2007). Fabricação do homem e da natureza. In A. Novaes (Org.), *Mutações: Ensaio sobre as novas configurações do mundo* (pp. 25-44). São Paulo: Edições Sesc SP-Agir.
- Eiguer, A. (1995). *O parentesco fantasmático: Transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Eiguer, A. (1998). A parte maldita da herança. In A. Eiguer (Org.), *A transmissão psíquica entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica* (pp. 21-84). São Paulo: Unimarco.
- Eisenberg, A. P. (1988). Grandchildren's perspectives on relationships with grandparents: the influence of gender across generations. *Sex Roles*, 19(2/4), 205-217.
- El País. (2017, 13 de dezembro). "As redes sociais estão dilacerando a sociedade", diz um executivo do Facebook. *El País*, versão on-line. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/tecnologia/1513075489_563661.html>. Acesso em 5 mar. 2018.
- Época. (2011, 19 de janeiro). Brasil tem mais celulares que pessoas. *Época*, versão on-line. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI203626-15224,00.html>>. Acesso em 5 mar. 2018.
- Época Negócios (2018, 16 de janeiro). Uma nova classe de pessoas deve surgir até 2050: a dos inúteis. *Época Negócios*, versão on-line. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2018/01/uma-nova-classe-de-pessoas-deve->

surgir-ate-2050-dos-inuteis.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compartilhar Desktop >. Acesso em 23 jan. 2018.

Fábio, A. C. (2016, 16 de novembro). O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. *Nexo Jornal*, on-line. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em 4 nov. 2017.

Fábio, A. C. (2017, 17 de agosto). Por que o valor do bitcoin explodiu. E por que há temor de uma bolha. *Nexo Jornal*, on-line. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/18/Por-que-o-valor-da-bitcoin-explodiu.-E-por-que-h%C3%A1-temor-de-uma-bolha>>. Acesso em 4 mar. 2018.

Faimberg, H. (2001a). A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In R. Kaës et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 71-93). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Faimberg, H. (2001b). *Gerações: mal-entendido e verdades históricas*. Porto Alegre: Criação Humana.

Farneti, A. & Battistelle, P. (1985). La rappresentazione dei nonni in età prescolare e scolare. In *II Congresso Nazionale della Divisione Psicologia dello Sviluppo*, Urbino, Itália.

Ferenczi, S. (1992). O complexo do avô. In *Obras completas de Sándor Ferenczi – Psicanálise II* (pp. 59-60). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913).

Ferrigno, J. C. (2005). A co-educação entre as gerações: um desafio da longevidade. *Mundo Saúde*, 29(4), 484-490.

Ferrigno, J. C. (2013). *Conflito e cooperação entre gerações*. São Paulo: Edições Sesc SP.

Fontanella, B. J. B. & Magdaleno Júnior, R. (2012). Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 63-71.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2009). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

- Freud, S. (2006). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6, pp. 13-272). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901]).
- Freud, S. (2006). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 11-133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2006). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 233-246). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 123-136). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2006). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 137-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2006). Totem e tabu. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-168). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912]).
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 75-113). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 13-78). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

- Freud, S. (2006). Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2006). O ego e o id. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 15-82). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2006). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 189-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2006). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 81-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 225-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Gaujelac, V. (1987). *La névrose de classe*. Paris: Hommes et Groupe.
- Gaujelac, V. (1999). *L'Histoire en héritage*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Gladstone, J. (1988). Perceived changes in grandmother-grandchild relations following a child's separation or divorce. *The Gerontologist*, 28, 66-72.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Goldani, A. M. (2004). Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In A. A. Camarano (Org.), *Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60?* (pp. 211-250). Rio de Janeiro: Ipea.

- Goldfarb, D. C. & Lopes, R. G. da C. (2006). Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In E. V. Freitas et al. (Orgs), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 1374-1382). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- González, A., Ramírez, M. P. & Viadel, V. (2012). Attitudes of the Elderly Toward Information and Communications Technologies. *Educational Gerontology*, 38(9), 585-594.
- Goodman, C. & Silverstein, M. (2002). Grandmother raising grandchildren: Family structure and well-being in culturally diverse families. *Gerontologist*, 42(5), 676-689.
- Granjon, E. (2001). A Elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 17-43). São Paulo: Escuta.
- Gueller, A. S. de (2015). Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 63-77). Salvador: Ágalma.
- Guimarães, R. M. & Bento, V. E. S. (2008). O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, 39(1), 91-99.
- Guimarães, S. M. D. do A. (2014). *De geração para geração: as relações entre avôs e netos em face do avanço tecnológico*. Dissertação de Mestrado, Ciências Humanas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- Hagestad, G. O. (1988). Demographic change and the life course: some emerging trends in the family realm. *Family relations*, 37(4), 405-410.
- Hall, C. S. & Van de Castle, R. L. (1966). *The content analysis of dreams*. Nova Iorque: Appleton Century Crofts.
- Hall, G. S. (1904). *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education* (Vols. 1 e 2). Nova Iorque: Appleton.
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue. In D. Haraway, H. Kunzru & T. Tadeu (Orgs.), *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* (pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1984).

- Harper, S. (2003). Changing european families as populations age. *European Journal of Sociology*.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Povos e Culturas*, 10, 25-38.
- Hernández-Encuentra, E., Pousada, M. & Gómez-Zúñiga, B. (2009). ICT and Older People: Beyond Usability. *Educational Gerontology*, 35(3), 226-245.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3.
- Hurstel, F. (2015). “O anúncio feito ao marido” ou os três tempos do acesso à paternidade. In M. D. Moura (Org.), *Psicanálise e hospital 4 – novas versões do pai: reprodução assistida e UTI*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC.
- Huxley, A. (2014). *Admirável mundo novo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul. (Trabalho original publicado em 1932).
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Esperança de vida*. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2010/notastecnicas.pdf>>. Acesso em 16 out. 2014.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). *Aumento da população de idosos*. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/voce-sabia/calendario-7a12/event/44-dia-nacional-do-idoso>>. Acesso em 16 out. 2014.
- Jendrek, M. P. (1994). Grandparents who parent their grandchildren: circumstances and decisions. *The Gerontologist*, 34(2), 206-216.
- Jerrrome, D. (1993). Intimate relationships. In J. Bond, P. Coleman & S. Peace (Eds.), *Ageing in society* (pp. 226-254). London: Sage.
- Jerusalinsky, A. (2015). Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 56-62). Salvador: Ágalma.

- Jerusalinsky, J. (2014). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017a). Intoxicações eletrônicas na primeira infância. São Paulo: Instituto CPFL. Palestra ministrada no programa Café Filosófico, do canal *TV Cultura* em 02/06/2017.
- Jerusalinsky, J. (2017b). Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 13-38). Salvador: Ágalma.
- John, D. (2017). Celulares na sessão de análise: manejo na clínica com púberes e adolescentes. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 180-192). Salvador: Ágalma.
- Johnson, C. L. (1983). A cultural analysis of the grandmother. *Research on Aging*, 5(4), 547-567.
- Jones, E. (1938). The phantasy of the reversal of generations. In E. Jones, *Papers on psychoanalysis* (pp. 525-530). London: Baillière, Tindall & Cox. (Trabalho original publicado em 1913).
- Jornal do Commercio On-line (2017, 27 de janeiro). Entenda os motivos do déficit na previdência social. *Jornal do Commercio On-line*. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/nacional/noticia/2017/01/27/entenda-os-motivos-do-deficit-na-previdencia-social-268346.php>>. Acesso em 12 jul. 2017.
- Kaës, R. (1989). *Le Négatif – Figures et modalités*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (1993). *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer et al. (Orgs.), *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo: Unimarco.
- Kaës, R. (2001a). Introdução: O sujeito da herança. In R. Kaës et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kaës, R. (2001b). Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In R. Kaës et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 27-69). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). *Espaços Psíquicos Compartilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Kahana, B. & Kahana, E. (1970). Grandparenthood from the perspective of the developing grandchild. *Developmental Psychology*, 3, 98-105.
- Kaplan, H. (1997). The evolution of the human life course. In K. W. Wachter & C. E. Finch (Eds.), *Between Zeus and the Salmon: The biodemography of longevity* (pp. 175-211). Washington D. C.: National Academy Press.
- King, A. L. S., Valença, A. M., Silva, A. C., Sancassiani, F., Machado, S. & Nardi, A. E. (2014). “Nomophobia”: Impact of cell phone use interfering with symptoms and emotions of individuals with panic disorder compared with a control group. *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 10, 28-35.
- Kirschner, P. A. & Bruyckere, P. de (2017). The myths of the digital native and the multitasker. *Teaching and Teacher Education*, 67, 135-142.
- Klein, M. (1985). Inveja e gratidão. In *Obras Completas de Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 205-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self*. Londres: Hogarth Press.
- Lacan, J. (1980). La tercera. In J. Lacan, *Actas de la Escuela Freudiana de Paris* (pp. 159-186). Barcelona: Ediciones Petrel. (Trabalho original publicado em 1974).
- Langer, N. (1990). Grandparents and adult grandchildren: what do they do for one another? *International Journal of Aging and Human Development*, 31(2), 101-110.
- Lachmann, P. J. (2011). The Grandmother effect. *Gerontology*, 57(4), 375-377.

- Laplanche, J. (2015). *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense.
- Lasch, C. (1991). *Refúgio num mundo sem coração*. São Paulo: Paz e Terra.
- Legendre, P. (1985). *L'inestimable objet de la transmission – Etude sur le principe généalogique en occident*. Paris: Fayard, Leçon IV.
- Leite, I. (2004). *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel.
- Lerude, M. (2017). Como se coloca a questão das identificações na era da internet generalizada? In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 193-210). Salvador: Ágalma.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lima, M. T. da R., Silva, R. de S. e & Ramos, L. R. (2009). Fatores associados à sintomatologia depressiva numa coorte urbana de idosos. *J. Bras. Psiquiatr.*, 58(1), 1-7.
- Lima, P. M. R. de, Viana, T de C. & Lazzarini, E. R. (2011). “Velhice? Acho ótima, considerando a alternativa”: reflexões sobre velhice e humor. *Rev. Mal-Estar Subj.*, 11(4), 1597-1618.
- Lipovetsky, G. (1995). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'água.
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Loges, W. & Jung, J. (2001). Exploring the digital divide internet connectedness and age. *Communication Research*, 28(4), 536-562.
- Lopes, E. S. L., Neri, A. L. & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos Envelhecimento*, 8(2), 239-253.
- Lopes, R. G. da C. (2009). Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In A. L. Neri (Org.), *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (pp. 141-152). São Paulo: Edições SESC/SP.

- Maldonado, T. (2012). *Cultura, sociedade e técnica*. São Paulo: Blucher.
- Mannheim, K. (1952). The problems of generations. In P. Kecskemeti (Ed.), *Essays on the Sociology of Knowledge* (pp. 276-320). London: Routledge & Kegan Paul.
- Maragoni, J. & Oliveira, M. C. S. L. (2010). Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In D. V. Falcão (Org.), *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade* (pp. 37-56). Campinas: Papirus.
- Marcondes, G. S. (2009). Continuidades e rupturas: relações entre avós, pais e netos em contextos de separação e recasamentos. In *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia: Sociologia: Consensos e Controvérsias*. Rio de Janeiro, RJ.
- Marques, I. de M. (2012). *Adolescentes e idosos: uma leitura psicanalítica do encontro intergeracional no Oldnet*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Martin, C. (1996). Solidarités familiales: débat scientifique, enjeu politique. In J.-C. Kaufmann (Org.), *Faire ou faire-faire? Familles et services* (pp. 55-73). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Matthews, S. & Sprey, J. (1985). Adolescents' relationships with grandparents: an empirical contribution to conceptual clarification. *Journal of Gerontology*, 40(5), 621-626.
- Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In M. Mauss, *Sociologia e Antropologia* (Vol. 2). São Paulo: Edusp. (Trabalho original publicado em 1923[1924]).
- Mena, L. (2017). O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 211-226). Salvador: Ágalma.
- Mitzner, T. L., Boron, J. B., Fausset, C. B., Adams, A. E., Czaja, S. J., Dijkstra, K. & Sharit, J. (2010). Older adults talk technology: Technology usage and attitudes. *Comput. Human Behav.*, 26(6), 1710-1721.
- Moguillansky, R. & Nussbaum, S. L. (2011). *Psicanálise vincular: teoria e clínica – Fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família* (Vols. 1-2). São Paulo: Zagdoni Editora Ltda.

- Muxel, A. (1996). *Individu et mémoire familiale*. Paris: Hachette.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2003). Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(2), 66-75.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 165-174.
- Nobre, M. R. (2010). *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: Um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço*. Dissertação de Mestrado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais.
- Nye, I. & Berardo, F. (1973). *The Family its structure and interaction*. New York: Macmilan Publishing Co.
- Oliveira, A. L. de (2017). Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais. In V *Congresso Internacional A Voz dos Avós: Família e Sociedade*. Salvador, BA.
- Oliveira, L. A. (2003). Biontes, bióides e borgues. In A. Novaes (Org.), *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo* (pp. 139-174). São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, P. S. (1993). *Vidas compartilhadas: o universo cultural das relações avós e netos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, A. R. V. & Karnikowski, M. G. de O. (2012). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(2), 145-158.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. C. & Cárdenas, C. J. de (2010). Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 13(3), 461-474.
- Olphert, C., Damodaran, L. & May, A. (2006). Towards digital inclusion – engaging older people in the “digital world”. In *Anais de Accessible Desing in the Digital World Conference* (pp. 1-7). Dundee, Escócia.

- Orenstein, J. (2017, 26 de abril). Como Elon Musk pretende fundir inteligência artificial com a consciência humana. *Nexo Jornal*, on-line. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/04/26/Como-Elon-Musk-pretende-fundir-intelig%C3%A2ncia-artificial-com-a-consci%C3%A2ncia-humana>>. Acesso em 6 mar. 2018.
- Orlandi, B. & Pedro, W. (2014). Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(2), 279-293.
- Ornellas, L. (2017). Singularidade e Diferença: como a psicanálise nos convida a pensar na contramão da lógica contemporânea global. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 166-179). Salvador: Ágalma.
- Orwell, G. (2009). 1984. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949).
- Paiva, M. L. de S. C. & Gomes, I. C. (2006). Casamentos duradouros: o uso de entrevistas e o TAT na análise psicanalítica da relação conjugal. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2), 151-159.
- Páscoa, G. & Gil, H. (2012). O desafio do facebook na promoção do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional. In *Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria, III. Anais... Escola Superior de Educação João de Deus* (pp. 36-54). Lisboa, Portugal.
- Passos, M. C. (2001). Família e sintoma: pequeno ensaio para desvelar sentidos. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 134-143). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Passos, M. C. (2007). A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. *Mental*, 5(9), 117-130.
- Paula, F. V. de, Silva, M. J. da, Bessa, M. E. P., Morais, G. L. A. de, Marques, M. B. (2011). Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. *Rev. Rene*, 12(n. especial), 913-921.
- Pedrosa, A. da S. (2006). *Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano*. Dissertação de Mestrado, Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

- Pereira, C. & Neves, R. (2011). Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. *Revista Kairós de Gerontologia*, 14(1), 5-26.
- Peres, R. S. & Santos, M. A. dos (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*, 10(20), 109-126.
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, A. V. (2005). *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. *Psicologia USP*, 15(1/2), 71-80.
- Piva, A. (2009). A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 7, 74-85.
- Portugal, S. (2007). O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. *Rev. Crítica de Ciências Sociais*, 79(n. não temático), 35-56.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Prensky, M. (2017). Milênio entrevista Marc Prensky, criador do termo ‘nativo digital’. Entrevista realizada pelo programa Milênio, do canal *Globo News* em 16/10/2017.
- Puget, J. (2001). Disso não se fala... Transmissão e memória. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 73-87). São Paulo: Escuta.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Ramos, A. C. (2011). *Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ramos, A. C. (2014). Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Revista Educação*. (Soc. Campinas), 35(128), 629-982.

- Ramos, E. (2006). As negociações no espaço doméstico: construir a 'boa distância' entre pais e jovens adultos 'coabitantes'. In M. L. de Barros (Org.), *Família e gerações* (pp. 39-65). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ramos, M. (2006). *Introdução à terapia familiar*. São Paulo: Claridade.
- Ramos, L. R., Rosa, T. E. C., Oliveira, Z. M., Medina, M. C. G. & Santos, F. R. G. (1993). Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. *Rev. Saúde Pública*, 27(2), 87-94.
- Rapaport, E. A. (1957). The grandparent syndrome. *Psychoanalytic Quarterly*, 27, 518-537.
- Redler, P. (1986). *Abuelidad. Más allá de la paternidade*. Argentina: Legasa.
- Reis, I. M. L. dos (2012). A construção discursiva do abuso sexual contra adolescentes nas esferas jurídicas: Valores morais e significados negociados sobre gênero e violência. *Rev. Minist. Públ. Fed. Territ.*, 1(6), 303-327.
- Richter, H. E. (1963). *Eltern, kind und neurose*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag.
- Roberto, M. S., Fidalgo, A. & Buckingham, D. (2014). O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(2), 9-25.
- Rocha, S. M. C. (2013). Laços afetivos-virtuais entre avós e netos. In *II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In M. Lins de Barros (Org.), *Família e gerações* (pp. 91-106). Rio de Janeiro: FGV.
- Rodriguez, B. C. & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 29-36.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rozenbaum de Schwartzman, A. (1998). Mas allá de la historia. La violencia a través de la metapsicología transgeracional. *Rev. Latinoamericana de Psicoanálisis*, 2(1), 199-208.

- Rüdiger, F. (2013). *As teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Meridional.
- Sá, R. N. de, Mattar, C. M. & Rodrigues, J. T. (2006). Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 18(2), 111-124.
- Sadala, G. (2009). Comunicação e tecnologia: uma visão psicanalítica. *Rev. Inter. Interdisc. INTERthesis*, 6(1), 138-150.
- Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In M. E. L. da Silva (Coord.), *Investigação e psicanálise* (pp. 119-132). Campinas, SP: Papirus.
- Sánchez, M., Kaplan, M. S. & Bradley, L. (2015). Usando la tecnología para conectar las generaciones: consideraciones sobre forma y función. *Comunicar*, 23(45), 95-104.
- Santos, I. E. & Dias, C. M. S. B. (2008). Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. *Aletheia*, 27, 98-110.
- Santos, S. S. dos & Carlos, S. A. (2011). Observações clínicas sobre o valor das reminiscências no processo de envelhecimento. *Barbarói*, 35.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47-60.
- Sei, M. B. (2001). *Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sennet, R. (2001). *A corrosão do caráter*. Lisboa: Terramar.
- Shore, R. J. (1991). Grandparents raising grandchildren: a model of psychological functioning. *Dissertation Abstracts International*, 51(9-A), 31-83.
- Sibilia, P. (2012). A construção de si como um personagem real: Autenticidade intimista e declínio da ficção na cultura contemporânea. *Revista Eco Pós*, 15(3), 22-46.

- Sibilia, P. (2017). A era digital e seu impacto na subjetivação. In *Interlocuções – Espaço Pontencial Winnicott – Sedes Sapientiae*. São Paulo, SP.
- Simonetti, A. (2017). Excesso de informação. Brasília. Entrevista realizada pelo programa Ponto de Vista, do canal TV Câmara em 20/02/2017.
- Singly, F. de (2001a). *Libres ensembles. L'individualisme dans l'avie commune*. Paris: Nathan.
- Singly, F. de (2001b). La naissance de l'individu individualisé et ses effets sur l'avie conjugale et familiale. In F. de Singly (Org.), *Être soi parmi les autres* (pp. 5-14). Paris: L'Harmattan.
- Singly, F. de (2004). *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Armand Colin.
- Sourbati, M. (2004). *Internet use in sheltered housing: Older people's access to new media and on-line service delivery*. York, Joseph Rowntree Foundation, 44 p.
- Stierlin, H. (1977). *Psychoanalysis and family therapy: Selected papers*. Nova Iorque: Aronson.
- Szinovacz, M. (1998). Grandparents today: A demographic profile. *The Gerontologist*, 38, 37-52.
- Taylor, C. (2018, 17 de janeiro). "Facebook" e seu novo algoritmo: a distopia total. *Outras palavras*, on-line. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/comunicacao-2/facebook-e-seu-novo-algoritmo-a-distopia-total/>>. Acesso em 4 mar. 2018.
- Tisseron, S. (2008). *Le danger de la télé pour les bébés*. Toulouse: Érès.
- Toffler, A. (1970). *Choque do futuro*. São Paulo: Record.
- Toffler, A. (2001). *A terceira onda*. São Paulo: Record. (Trabalho original publicado em 1980).
- Torres, K. de A. & Dias, C. M. de S. B. (2016). A relação entre avós idosos e netos através das novas tecnologias da informação e da comunicação. In *Anais do Congresso Nacional de Envelhecimento Humano*. Natal, RN.
- Torres, K. de A. & Dias, C. M. de S. B. (2017). A relação entre avós idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. In L. V. de C. Moreira, E. P.

- Rabinovich & C. M. de S. B. Dias (Orgs.), *A voz dos avós: Família e sociedade* (pp. 133-144). Curitiba: Editora CRV.
- Trachtenberg, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. de, *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Mattos, M. I. P. de, Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. de (2005). Vicissitudes do conceito de identificação e transmissão entre gerações. In Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. de, *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. *Rev. Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construções teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, 39(3), 507-514.
- Veen, W. & Vrakking, B. (2009). *Homo Zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed.
- Vianna, F. P. da F. (2006). Transgeracionalidade: “des-encontro” de gerações. *Epistemossomática*, 3(2), 231-236.
- Vitale, M. A. F. (1997). Socialização e família: uma análise intergeracional. In M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez, pp. 89-96.
- Winnicott, D. W. (1965/1982). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1975). *Jouer, l'activité créatrice et la quête du soi. Jeu et Réalité*. Paris: Gallimard.

- Winnicott, D. W. (1989). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 31-42). São Paulo: Martins Fontes.
- Xie, B. (2003). Older adults, computers, and the Internet: Future directions. *Gerontechnology*, 2(4), 289-305.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso – Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da sociedade contemporânea na subjetividade: solteiros por opção. *Revista da Universidade Ibirapuera*, 3, 20-25.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com a dupla

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A DUPLA

Dados pessoais

- Nomes
- Datas de nascimento
- Sexos
- Escolaridades
- Profissões/aposentado(a) há quanto tempo; outras atividades que fazem ou de que participam
- Cidade natal e proveniência (meio urbano/rural)
- Estados civis e com quem moram
- Avô(ó) materno(a) ou paterno(a)?
- Número de irmãos, de filhos e de netos (avós); número de irmãos (neto)
- Endereços
- Data da entrevista (___/___/___) e horários de início (___h___) e término (___h___)

A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo da dupla

1. O que pensam a respeito da tecnologia, de uma forma geral? Como acham que a tecnologia afeta as relações?
2. Que tipo de uso cada um faz da tecnologia?
3. Como se deu o primeiro contato de cada um com a tecnologia? Qual foi sua motivação?
4. Poderiam contar como usam a tecnologia entre vocês? E como a tecnologia afeta a relação de vocês?
5. Como é o contato que vocês têm pessoalmente e o que têm pela tecnologia?
6. Acham que a relação entre vocês seria diferente sem a presença da tecnologia? Como?
7. Você (neto) sente que tem diferença na relação que você tem com seu(ua) avô(ó) pela tecnologia da que tem com outros familiares por meio dela? E o(a) senhor(a), o que acha? Qual(ais)?
8. Como vocês acham que as informações e respostas oferecidas pela internet podem afetar o saber e a experiência humanos?
9. Como você (neto) imagina que era a vida de seu(ua) avô(ó) na juventude, sem a tecnologia? Como o(a) senhor(a) imagina que seja nascer numa era tecnológica?

História familiar, dinâmica vincular da dupla e a função dos avós na família

1. Como é a família de vocês? Poderiam contar um pouco da história dela e a estrutura familiar?
2. Como é a relação de vocês? O que costumam fazer juntos?
3. Quais os temas que fazem parte das conversas entre vocês (contar suas histórias do passado, experiências, conselhos/coisas para seu(ua) neto(a))? Como é para você (neto) ouvir as histórias e experiências do(a) seu(ua) avô(ó)?
4. Como foi a experiência do(a) senhor(a) como neto(a)? O(A) senhor(a) acha que isso aparece na relação com seu(ua) neto(a)? Como? E você (neto), qual sua experiência de ser neto? Você se identifica com seu(ua) avô(ó)? Como?
5. O(A) senhor(a) poderia contar um pouco sobre como foi a experiência de se tornar avô(ó)? Acha que tem diferença entre ser pai/mãe e avô(ó)? Qual(ais)? E você (neto), vê diferença entre ser filho e neto? Qual(ais)?
6. Como ambos percebem o papel dos avós na família de hoje?
7. Há mais alguma consideração que achem importante ou queiram fazer?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos avós

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS AVÓS

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa do curso de mestrado do Programa em Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), intitulada “**A Influência da Tecnologia da Informação e da Comunicação sobre o Vínculo Avós e Netos, na Contemporaneidade**”.

A pesquisa se refere ao estudo do papel dos avós na família atual e à influência das tecnologias da informação e da comunicação nas relações familiares. Sua participação consistirá em uma entrevista conjunta com seu neto que abordará questões referentes ao tema. O(A) senhor(a) tem o direito de se recusar a responder as perguntas ou algumas delas se assim desejar. A participação do(a) senhor(a) na pesquisa não é obrigatória e depende do seu consentimento, podendo este ser retirado a qualquer momento, deixando de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Sua participação é voluntária e não implicará em nenhum custo para o(a) senhor(a), e também não incluirá nenhum tipo de pagamento.

Toda pesquisa pode envolver riscos, como por exemplo, algum tipo de desconforto psicológico, bem como envolver benefícios, de forma que as informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia. Caso seja necessário, o(a) senhor(a) terá direito à assistência e/ou acompanhamento, a ser indicado pela pesquisadora.

Este termo apresenta duas vias de igual teor, de modo que uma delas ficará com o(a) senhor(a) e a outra com a pesquisadora devidamente arquivada, depois de assinada. Ao assiná-lo, está consentindo em participar e autorizando a divulgação das informações coletadas com finalidade científica, que preservarão o sigilo absoluto sobre a sua identidade, de acordo com as normas da CONEP. Caso ocorra qualquer tipo de dano decorrente da pesquisa, o(a) senhor(a) terá direito à indenização.

O(A) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Beatriz Rall Daró, que está sob orientação da Prof^ª Titular Isabel Cristina Gomes, a qualquer momento para o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa, pelo telefone (11) 95959-9919, ou pelo contato eletrônico beatrizralldaro@gmail.com; ou ainda por meio do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no IPUSP - Av. Professor Mello de Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030 – Cidade Universitária, São Paulo – SP, endereço eletrônico: ceph.ip@usp.br -Telefone: (11) 3091-4182, para questões éticas.

Eu, _____ declaro que estou ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes, e consinto em participar, com a condição de poder desistir a qualquer momento, assim como autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas na entrevista, que serão mantidas sob sigilo absoluto.

São Paulo, ____ de _____ de _____

_____
Assinatura do participante

_____
Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais do adolescente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS DO ADOLESCENTE

O(A) filho(a) do(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa do curso de mestrado do Programa em Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), intitulada **“A Influência da Tecnologia da Informação e da Comunicação sobre o Vínculo Avós e Netos, na Contemporaneidade”**.

A pesquisa se refere ao estudo do papel dos avós na família atual e à influência das tecnologias da informação e da comunicação nas relações familiares. A participação de seu(ua) filho(a) consistirá em uma entrevista conjunta com o(a) avô(ó) dele(a) que abordará questões referentes ao tema. Ele(a) tem o direito de se recusar a responder as perguntas ou algumas delas se assim desejar. A participação do(a) filho(a) do(a) senhor(a) na pesquisa não é obrigatória e depende do seu consentimento, podendo este ser retirado a qualquer momento sem prejuízo. A participação dele(a) é voluntária e não implicará em nenhum custo para ele(a) ou para o(a) senhor(a), e também não incluirá nenhum tipo de pagamento. As informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia.

Toda pesquisa pode envolver riscos, como por exemplo, algum tipo de desconforto psicológico, bem como envolver benefícios, de forma que as informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia. Caso seja necessário, seu(ua) filho(a) terá direito à assistência e/ou acompanhamento, a ser indicado pela pesquisadora.

Este termo apresenta duas vias de igual teor, de modo que uma delas ficará com o(a) senhor(a) e a outra com a pesquisadora devidamente arquivada, depois de assinada. Ao assiná-lo, está consentindo que seu(ua) filho(a) participe e autorizando a divulgação das informações coletadas com finalidade científica, que preservarão o sigilo absoluto sobre a identidade dele(a), de acordo com as normas da CONEP. Caso ocorra qualquer tipo de dano decorrente da pesquisa, o(a) participante terá direito à indenização.

O(A) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Beatriz Rall Daró, que está sob orientação da Prof^ª Titular Isabel Cristina Gomes, a qualquer momento para o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa, pelo telefone (11) 95959-9919, ou pelo contato eletrônico beatrizrallldaro@gmail.com; ou ainda por meio do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no IPUSP - Av. Professor Mello de Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030 – Cidade Universitária, São Paulo – SP, endereço eletrônico: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182, para questões éticas.

Eu, _____ declaro que estou ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes, e consinto que meu(inha) filho(a) participe dela, com a condição de ele(a) poder desistir a qualquer momento, assim como autorizo a divulgação das informações por ele(a) fornecidas na entrevista, que serão mantidas sob sigilo absoluto.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do/a pai/mãe

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos adolescentes (com 18 anos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS ADOLESCENTES

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa do curso de mestrado do Programa em Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), intitulada **“A Influência da Tecnologia da Informação e da Comunicação sobre o Vínculo Avós e Netos, na Contemporaneidade”**.

A pesquisa se refere ao estudo do papel dos avós na família atual e à influência das tecnologias da informação e da comunicação nas relações familiares. Sua participação consistirá em uma entrevista conjunta com seu(ua) avô(ó) que abordará questões referentes ao tema. Você tem o direito de se recusar a responder as perguntas ou algumas delas se assim desejar. A sua participação na pesquisa não é obrigatória e depende do seu consentimento, podendo este ser retirado a qualquer momento, deixando de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Sua participação é voluntária e não implicará em nenhum custo para você, e também não incluirá nenhum tipo de pagamento. As informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia.

Toda pesquisa pode envolver riscos, como por exemplo, algum tipo de desconforto psicológico, bem como envolver benefícios, de forma que as informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia. Caso seja necessário, você terá direito à assistência e/ou acompanhamento, a ser indicado pela pesquisadora.

Este termo apresenta duas vias de igual teor, de modo que uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora devidamente arquivada, depois de assinada. Ao assiná-lo, está consentindo em participar e autorizando a divulgação das informações coletadas com finalidade científica, que preservarão o sigilo absoluto sobre a sua identidade, de acordo com as normas da CONEP. Caso ocorra qualquer tipo de dano decorrente da pesquisa, você terá direito à indenização.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Beatriz Rall Daró, que está sob orientação da Profª Titular Isabel Cristina Gomes, a qualquer momento para o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa, pelo telefone (11) 95959-9919, ou pelo contato eletrônico beatrizralldaro@gmail.com; ou ainda por meio do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no IPUSP - Av. Professor Mello de Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030 – Cidade Universitária, São Paulo – SP, endereço eletrônico: ceph.ip@usp.br -Telefone: (11) 3091-4182, para questões éticas.

Eu, _____ declaro que estou ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes, e consinto em participar dela, com a condição de poder desistir a qualquer momento, assim como autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas na entrevista, que serão mantidas sob sigilo absoluto.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aos adolescentes (com menos de 18 anos)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS ADOLESCENTES

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa do curso de mestrado do Programa em Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), intitulada “**A Influência da Tecnologia da Informação e da Comunicação sobre o Vínculo Avós e Netos, na Contemporaneidade**”.

A pesquisa se refere ao estudo do papel dos avós na família atual e à influência das tecnologias da informação e da comunicação nas relações familiares. Sua participação consistirá em uma entrevista conjunta com seu(ua) avô(ó) que abordará questões referentes ao tema. Você tem o direito de se recusar a responder as perguntas ou algumas delas se assim desejar. A sua participação na pesquisa não é obrigatória e depende do seu assentimento, bem como do consentimento concedido por seus pais ou responsáveis, podendo este ser retirado a qualquer momento, deixando de participar da pesquisa sem qualquer prejuízo. Sua participação é voluntária e não implicará em nenhum custo para você, e também não incluirá nenhum tipo de pagamento. As informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia.

Toda pesquisa pode envolver riscos, como por exemplo, algum tipo de desconforto psicológico, bem como envolver benefícios, de forma que as informações fornecidas contribuirão com a ampliação do conhecimento científico a respeito do tema desta pesquisa, na área de Psicologia. Caso seja necessário, você terá direito à assistência e/ou acompanhamento, a ser indicado pela pesquisadora.

Este termo apresenta duas vias de igual teor, de modo que uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora devidamente arquivada, depois de assinada. Ao assiná-lo, está assentindo em participar e autorizando a divulgação das informações coletadas com finalidade científica, que preservarão o sigilo absoluto sobre a sua identidade, de acordo com as normas da CONEP. Caso ocorra qualquer tipo de dano decorrente da pesquisa, você terá direito à indenização.

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Beatriz Rall Daró, que está sob orientação da Profª Titular Isabel Cristina Gomes, a qualquer momento para o esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa, pelo telefone (11) 95959-9919, ou pelo contato eletrônico beatrizrallدارو@gmail.com ; ou ainda por meio do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no IPUSP - Av. Professor Mello de Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27, CEP 05508-030 – Cidade Universitária, São Paulo – SP, endereço eletrônico: ceph.ip@usp.br -Telefone: (11) 3091-4182, para questões éticas.

Eu, _____ declaro que estou ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos possíveis riscos e benefícios decorrentes, e consinto em participar dela, com a condição de poder desistir a qualquer momento, assim como autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas na entrevista, que serão mantidas sob sigilo absoluto.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A influência da tecnologia como mediadora dos vínculos entre avós e netos na contemporaneidade

Pesquisador: Beatriz Rall Daró

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56227016.8.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.779.857

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de dissertação de mestrado, na área de Psicologia Clínica, na USP, com o tema "A influência da tecnologia como mediadora dos vínculos entre avós e netos na contemporaneidade". Nas palavras da pesquisadora, o projeto "busca se debruçar sobre a função do idoso na família com suas reminiscências, lembranças e memórias como uma forma de transmissão da herança psíquica para as gerações seguintes, na contemporaneidade. A partir do referencial da psicanálise de casal e família é possível hipotetizar que a presença da tecnologia de informação e comunicação tem o potencial de intervir na construção e manutenção dos vínculos familiares, podendo causar interferências no modo de transmissão psíquica e afetar, por conseguinte, o lugar do idoso na família, e mesmo na sociedade."

Objetivo da Pesquisa:

O projeto aponta como objetivo da pesquisa "investigar de que modo se constrói a relação entre o idoso e seu neto, ou seja, primeira e terceira gerações, na contemporaneidade, levando em conta a inserção da tecnologia nos vínculos atuais. Isto porque o neto numa família é o elemento mais familiarizado com a tecnologia referida. O método adotado será o clínico e psicanalítico, dentro de uma abordagem qualitativa. Por meio de entrevista semiestruturada, serão investigados quatro idosos e seus respectivos netos, somando ao todo oito participantes. As entrevistas serão

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Continuação do Parecer: 1.779.857

realizadas com a dupla conjuntamente, de forma a investigar o vínculo entre eles."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos seriam aqueles decorrentes de qualquer entrevista, qual seja, a possibilidade de causar desconforto psicológico nos participantes. Os benefícios seriam a contribuição para a ampliação do conhecimento científico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem descrita no projeto. O tema é relevante e atual, a fundamentação teórica parece estar satisfatória e a metodologia adotada se revela adequada ao atingimento dos objetivos propostos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Trata-se de segundo parecer, após nova submissão. O primeiro parecer havia apontado, quanto aos termos, falta de explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação, bem como a necessidade de se esclarecer sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes, além de ser preciso incluir a garantia de indenização por eventuais danos. Esses aspectos foram todos contemplados nos termos, conforme inclusões feitas pela pesquisadora.

Recomendações:

Não há. As recomendações anteriores foram atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Além das alterações feitas nos termos de consentimento/assentimento, que foram realizadas, a pesquisadora também adequou seu cronograma de pesquisa, para iniciar as entrevistas apenas após a decisão final deste CEPH. Assim, atendidas todas as recomendações anteriormente realizadas pelo CEPH, deve o projeto ser aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Continuação do Parecer: 1.779.857

com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_691524.pdf	03/10/2016 17:33:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_idosos.docx	03/10/2016 17:33:25	Beatriz Rall Daró	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_aos_pais_dos_adolescentes.docx	03/10/2016 17:33:17	Beatriz Rall Daró	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_aos_adolescentes.docx	03/10/2016 17:33:06	Beatriz Rall Daró	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.docx	03/10/2016 17:32:14	Beatriz Rall Daró	Aceito
Folha de Rosto	Comite_etica_folha_de_rosto2.pdf	13/05/2016 10:55:28	Beatriz Rall Daró	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Comite_de_etica_Declaracaoassinada.docx	15/04/2016 19:01:50	Beatriz Rall Daró	Aceito
Outros	Comite_de_etica_Carta_de_anuenciadocx	15/04/2016 19:00:50	Beatriz Rall Daró	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Comite_de_etica_Demonstrativo_de_existencia_de_infraestrutura.docx	15/04/2016 19:00:09	Beatriz Rall Daró	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
 UF: SP Município: SÃO PAULO
 Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 1.779.857

SAO PAULO, 18 de Outubro de 2016

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 E-mail: ceph.ip@usp.br